



ROMANCE

Um Pouco Mais de Sol

ABEL MOTA

FICÇÃO • ROMANCE

Índice

10 de Maio de 1916	11
23 de Abril de 1916	16
CAPÍTULO 1	
<i>Quem me dera, meu amor, essa boca pequenina</i>	23
CAPÍTULO 2	
<i>Os teus cabelos esparsos</i>	30
CAPÍTULO 3	
<i>Pobre lisonja, a gaze que me encerra</i>	35
CAPÍTULO 4	
<i>Ai, como eu te queria toda de violetas</i>	47
CAPÍTULO 5	
<i>Listas de som avançam para mim a fustigar-me</i>	59
CAPÍTULO 6	
<i>Um vago tom de opala</i>	65
CAPÍTULO 7	
<i>Sabeis, tenho matado muita gente</i>	73
CAPÍTULO 8	
<i>É infinitamente desgraçada</i>	78
CAPÍTULO 9	
<i>A rosa para ser rosa deve ser muito cheirosa</i>	88
CAPÍTULO 10	
<i>Se eu tivera uma madeixa do teu cabelo sedoso</i>	98

CAPÍTULO 11	
<i>Se pra me queres é forçoso.</i>	114
CAPÍTULO 12	
<i>Nada me expira já, nada me vive</i>	124
CAPÍTULO 13	
<i>Minha presença de cetim.</i>	133
CAPÍTULO 14	
<i>A tómbola anda depressa.</i>	150
CAPÍTULO 15	
<i>Aonde irei neste sem-fim perdido.</i>	153
CAPÍTULO 16	
<i>As grandes Horas! – Vivê-las.</i>	159
CAPÍTULO 17	
<i>Meu alvoroço de oiro e lua</i>	168
CAPÍTULO 18	
<i>Um frenesi hialino arrepiou</i>	178
CAPÍTULO 19	
<i>Paris da minha ternura</i>	189
CAPÍTULO 20	
<i>É no ar que tudo ondeia</i>	199
CAPÍTULO 21	
<i>De repente, a minha vida sumiu-se pela valeta</i>	209
CAPÍTULO 22	
<i>Quando eu morrer, batam em latas.</i>	218
24 de Abril de 1916	225
26 de Abril de 1916	232
29 de Abril de 1916	237
Documentos consultados.	241

Aos meus colegas de escrita, Ana Rita, Bruna, Filipa, Ricardo e Sara.

Aos meus pais, Luís e Angelina.

Aos meus irmãos, Álvaro e Fernando, com Olga e Fernanda.

Aos meus netos, Eva, Duarte e Vera.

Aos meus filhos, José, Eduardo, Miguel e Abel,

com Teresa, Mara e Raquel.

À Zé.

Ao Carlos.

Quase

Um pouco mais de sol – eu era brasa,
Um pouco mais de azul – eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...
Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído
Num grande mar enganador de espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho – ó dor! – quase vivido...
Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim – quase a expansão...
Mas na minh'alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão!
De tudo houve um começo ... e tudo errou...
– Ai a dor de ser – quase, dor sem fim... –
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se enlaçou mas não voou...
Momentos de alma que, desbaratei...
Templos aonde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ânsias que foram mas que não fixei...
Se me vagueio, encontro só indícios...
Ogivas para o sol – vejo-as cerradas;
E mãos de herói, sem fé, acobardadas,
Puseram grades sobre os precipícios...
Num ímpeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje, de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...
.....
.....
Um pouco mais de sol – e fora brasa,
Um pouco mais de azul – e fora além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse alguém...

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

10 de Maio de 1916

Mimi sobe apressada a Rua do Carmo.

A reunião ficou marcada para as dez. Como justificar este atraso de meia hora? Ao entrar n'A Brasileira, o criado informa-a de que Fernando Pessoa já se encontra sentado na mesa de sempre, na companhia de três senhores. Mimi está à espera de ver cinco cavalheiros, não quatro; menos mal, não precisará de se desculpar.

É Maio soalheiro. Os homens estão em mangas de camisa, dir-se-ia que reunidos para uma tertúlia bem comida e bem regada, não fosse a banda negra que cada um exhibe num dos braços, acima do cotovelo, e os cálices dispersos. Fernando puxa uma cadeira *sheraton* para Mimi, convidando-a a sentar-se. É acolhida na mesa com acenos de cabeça, circunspectos.

Rogério Pérez, emotivo, ergue um *Águia Real*, à amizade. Acaba de regressar de Londres, num navio, e recebeu a notícia como um punhal trespassando-lhe o peito.

– O nosso amigo ficará em Pantin, no departamento de Seine-Saint-Denis – diz José d'Araújo, afrouxando a *lavallière* de seda em torno do pescoço. – É um cemitério novo, com muito espaço e rodeado de cedros. Consegui arranjar um lugar privilegiado. Trata-se de uma campa rasa no fundo do cemitério, mas com uma vista desafogada para a cidade. E Paris é sempre Paris.

– É de facto um lugar tranquilo e bonito – reitera Carlos Ferreira.

– Temos de fazer contas – interrompe Mimi, abrindo a mala de mão na direcção de José d'Araújo. – Para isso aqui vim.

Participaram nas exéquias Carlos Ferreira, Xavier de Carvalho, José d'Araújo, Jorge Fernandes, que não pôde vir, e uma rameira, Hélène. Mimi nunca ouviu falar de José nem de Hélène. Mas conheceu Carlos. Conheceu-o, aliás, em Lisboa: trajas demasiado escuros, por vezes negros, a augurar má sina. Lembra-se de que fala demais, é excessivamente seguro de si, fixa os outros nos olhos, como se lhes quisesse arrancar uma verdade inconveniente, um segredo de alcova. Diante dele, Mimi sente-se nua e não gosta disso.

Já Rogério, cruzou-se com ela no Grand Hôtel, em Paris. Tem rosto pálido, descendo para um queixo estreito, os dedos finos demais e os ombros inclinados para a frente. Exibia um sapato fino de cetim e uns tornozelos afilados, terminando as pernas esguias, embora curtas. Era, de certeza, um daqueles intelectuais com quem o Menino por hábito se encontrava em Lisboa.

A Xavier, ela conhece-o de cor; foi amigo de juventude dele. Por vezes, desaparecia. Noutras, não passava semana que não estivesse caído na Quinta da Victória, esticando o almoço até à ceia. Mimi dava-lhe pão de Bath, decadentemente doce, e enchia-lhe um copo com leite, cobrindo-o com um paninho antes de lho pôr à frente. O rapaz desfazia-se em amabilidades. Mas, em Lisboa, ela sabia que o farsolas se lhe referia como a «Maria do Cão», uma espécie de prostituta privada do pai do Menino, que ele encontrava sozinha tanto na Avenida da Liberdade como nas casas de meia-porta, junto à paragem dos *omnibuses*.

O relógio da torre abaixo da Praça do Comércio bate as onze horas. Rogério sugere, elevando de novo o cálice:

– Brindemos a um futuro branco, puro e imaculado! – e enxuga uma pequena lágrima.

Chega José Pacheco e senta-se ao lado de Mimi.

– O nosso amigo, e seu «Menino», haveria de estar aqui connosco – diz. – Ele mesmo me anunciou que estaria, em breve, de regresso a Lisboa. E não fora o fatídico acontecimento...

– Ora, viva!

Rogério enxuga as comissuras dos lábios na ponta branca do mantel de linho.

– Não o vi no cemitério – nota Carlos.

– Estive fora. Andava pela Biscaia, o José d’Araújo há de confirmar.

– É verdade – diz José d’Araújo, na sua voz chiante. – Eu próprio lhe telegrafei a notícia para o Colón.

– Não consegui ir até Paris – volve Pacheco, estreitando-se no assento, as mãos entre as pernas, os ombros contraídos. – Bilbao está um caos. Há soldados por toda a parte, nas praças, nas ruas, nas estações de comboio.

– Mas, diga-me uma coisa – Araújo esmera o tom de curiosidade inteligente –, ia a Bilbao a mando do falecido, não é? Não encontrou lá uma mala, uma carta, um folhetim, um soneto, algo que justificasse a tragédia?

– Só papéis velhos, rascunhos, bilhetinhos rasurados em pedaços de jornal, em papel timbrado, em senhas de racionamento. Estavam no cofre-forte da estação ferroviária. Li-os um a um.

– E então?

– Pareciam as personagens do nosso bom amigo: picuinhas, descontroladas.

Pacheco esmaga um charuto meio queimado num pires de porcelana azul e branca. E colhe uma margarida solitária de um cristal.

O criado traz uma bandeja de doces de coco.

– Estão deliciosos!

Fernando inclina-se para Rogério.

– *Superbes* – atesta o outro, ao prová-los.

– Isso era o que diria o nosso bom amigo.

Carlos, ao lado dele, esfria um sorriso.

Fernando Pessoa encomenda uma garrafa de vinho do Ribatejo para acompanhar os doces, embora prefira a pinga de Celorico, menos encorpada, menos frutada, mas mais fresca ao paladar.

Afiança que o vinho do Ribatejo traz o poeta de *Céu em Fogo* para a conversa. E refere as vinhas americanas da Quinta da Victória, que visitou há três Verões, ainda as parreiras se mantinham de pé e as cercas não davam de si. O defunto evitou gastos, não queria que Mimi lhe

chamasse estroina nem que o pai lhe exigisse contenção. Antecipou-se, pois. E por isso viveu com pouco dinheiro no último ano, usou as mesmas botas no Inverno e na Primavera, e só pediu um suplemento ao pai para comprar um *smoking* inadiável e receber, em Paris, um amigo a quem devia uns almoços, jantares e cafés. Quanto a luxos, não os teve; essas são, aliás, especulações maldosas. Fernando Pessoa lia as cartas do amigo, estava-lhe por dentro da alma, que era chama lenta, como a de um brasido.

Os seis à mesa evitam referir-se-lhe como a um morto. Mas também evitam trazê-lo à vida. Não querem remexer nos fantasmas dele.

– Mais três semanas e teria vinte e sete anos. Que destino trágico e que espírito torturado – diz, por fim, José Pacheco. – De todos, sou eu, talvez, quem melhor o conhece... Vejamos: Rogério é o seu companheiro de juventude, não é? – O visado confirma, meneando a cabeça. – Os dois cruzaram-se nos bancos do liceu. – E, dirigindo-se a Araújo: – Este senhor, por sua vez, se não erro, é o seu amigo parisiense.

José d'Araújo conheceu o finado há meio ano, em Paris, mas não se pronuncia. Aproximando o vinho do copo de Fernando, José Pacheco prossegue:

– Já o nosso Fernando Pessoa é uma amizade tardia, mas, ainda assim, não menos profunda. – E, reduzindo o tom de voz, conclui: – Eu e o Carlos encontrámo-lo em Paris. Do Carlos, sei os favores. Já quanto a mim, posso dizer que o encontrei quando ele andava já desnorteadado e, por isso, passei a ser o seu amigo confidente.

»O que importa é que cada um de nós era seu amigo, e ele, de todos, um amigo às direitas.

Carlos furta-se às considerações de Pacheco.

Os cinco homens evitam mencionar as «coisas muito complicadas» da vida do defunto, coisas que ele confidenciou oralmente a cada um deles, coisas que não será prudente trazer a público.

– Mas há a carta – adverte José Pacheco, dirigindo-se a Fernando Pessoa.

– Pedações de alma – esclarece este, voltando ao vinho. – Pedações de alma desconexas. E, ainda assim, um perigo.

Fernando Pessoa finge completamente.

– O que diz?

– ...

Pacheco quer as cartas em cima da mesa.

– Não as tenho – diz Fernando, entre dois tragos de vinho. – Mas asseguro-lhe que eram coisas feias.

A ninguém parecem interessar tanto aquelas cartas como a José Pacheco. Já ao rosto meditativo de Carlos, enfiado na sua camisa de colarinho alto, fendida por uma gravata certa ao coração, aflui a chama de uma contrariedade, uma desconfiança, um temor.

– Mandei rezar uma missa por alma do Mario e anunciei-a em três jornais, cuidando pessoalmente junto dos tipógrafos para que não lhe pusessem no nome o famigerado acento – comunica ele. – Proponho que me acompanhem à Igreja da Misericórdia. Chegou a hora de colocarmos as mais sujas verdades no Altar do Tempo e de, assim, deixá-lo descansar em paz.

Os seis erguem os copos, para encerrar o tema. Pacheco despede-se. Mimi, Carlos, Xavier e Araújo mudam de mesa, tratam de regularizar as contas do funeral. Rogério encomenda mais vinho. Fernando anota num guardanapo um verso de Mario:

Um pouco mais de sol – e fora brasa

23 de Abril de 1916

Está aqui há demasiado tempo para se recordar do que veio fazer. Recordar-se, sim, de se ter levantado à hora habitual: os *omnibuses* da Compagnie Générale des Omnibus (CGO) circulavam faz tempo pelas largas avenidas de Paris e, pelas frestas das venezianas, entrava um ventinho que beijava a orquídea-bambu de marfim, plantada no peitoral por mão de escultor.

Barrete grego sobre a orelha, ao peito um penhoar chinês de seda macia. Chinelos de liga, ao fundo das pernas nuas, flácidas. O rigor do vestuário contrasta com as olheiras e a lividez da face. Dir-se-á que não teve tempo para passar um creme fino no rosto, afeitar-se como de costume.

O canapé ressentido-se-lhe do peso. Mas acolhe-o nos seus braços de misericórdia. Braços mecânicos, braços vazios, o aconchego bastante. Afinal, só precisa de um par de braços e estes, por estarem à mão, são o mais próximo que tem dos de um amigo.

Cerra os olhos, as pestanas a abrirem-se. E ele teimando em mantê-las fechadas.

Talvez rememore a infância, a Quinta da Victória, o pai, o avô, a Ama.

O passado ronda-o amiúde, desencadeando as mesmas obsessões. Não sabe ainda para onde o levarão tais visitas, se para o reino da invisibilidade e dos fantasmas, se para o domínio das certezas dos factos, e dos demónios.

Dá um grito e abre os olhos.

Na mesa, alinham-se provas de página do número três de *Orpheu*, cartas, alfarrábios, estilógrafos e aparos. A um golpe de vento, folhas de bela narrativa esquizofrénica de Castello de Moraes voam para o soalho.

Levanta-se: o manuscrito é uma obra-prima do paulismo, não pode simplesmente desaparecer. Vai correr as cortinas e fechar a veneziana, mas tropeça em alguns sapatos alinhados junto ao móvel, e desperta da sonolência. Afasta-os e coloca na sapateira o par mais cotiado.

Espia a janela: um trabalhador da CGO, junto às pequenas rodas de um *ripert*. Segue o contorno da perna dele, imagina-lhe os ossos a subirem até à bacia, o tactear debaixo da carroçaria, o suor que se espalha pelo peito e desce às virilhas. Desvia o olhar para mulheres de lenços na cabeça, sobre os quais repousam gigas de legumes, e para os homens e as crianças. Prefere já só as pessoas comuns.

Fecha a veneziana – está melhor num mundo à parte.

Volta a afastar os sapatos, senta-se no soalho, as pernas em posição de lótus.

Regressou a Paris há menos de um ano, instalou-se no Hôtel Richmond, na Rue du Helder, junto à Opéra, o estabelecimento que mais condiz com o seu intelecto. Mas foi logo expulso por uma horda de soldados que aí instalaram o quartel-general. A segunda escolha, acertada, recaiu no Hôtel de Nice, quatro andares de cor azul na Rue Victor Massé, ao se lembrar que era lá que Carlos Franco se hospedava antes de se alistar no exército. Fica num centro de comércio, próximo dos teatros, tem sala de leitura e estaminé de banhos e oferece serviço de criados.

Mario dispensou o *valet de chambre* há pouco tempo e este não voltou aos aposentos senão para despejar a água dos banhos e lhe levar as refeições. Com efeito, apesar da origem saloia, o *valet* adoptou a capital francesa nos gestos, no modo de falar e na impertinência dos reparos, revelando cedo a má índole, ao divulgar à criada, com pormenores de sua invenção e má gramática, as conversas escutadas por detrás do reposteiro. De resto, pouco préstimo tem. Contudo, Mario sente-lhe a falta. Talvez lhe pedisse o ombro para apoiar nele a

cabeça. O criado observá-lo-ia com ar de enfado e, depois de colocar os sais no rebordo da tina, aproximá-lo-ia de si.

Oh! Como gostaria ele de lhe ocupar o ombro e pedir vermute, um *vermouth-cassis*, com um cubo de gelo e zesto de limão! Álcool para alívio da garganta. Mas, mais do que o álcool, talvez o ombro lhe trouxesse a placidez dos dias em que nada acontece. E, ainda assim, um nada que é tudo agora bastava-lhe.

Procura o boião de *Byrolin* no psiché de faia. Espalha o creme no dorso da mão direita, com movimentos circulares, insistindo no líquido frio e viscoso a penetrar na pele.

Não vê ninguém há muito tempo. Foge das pessoas. Não espera visitas. Por isso, quando a sineta de cornalina encontra o silêncio, é como se, num ápice, voltasse à vida. E é num sobressalto que larga o frasquinho da pomada na bandeja, junto à garrafa de ponche.

Nem vivalma do lado de fora. Há muito, aliás, que não escuta mais que o seu próprio sopro, imperceptível, como o das plantas.

O ascensor eléctrico deixou de roncar na parede, junto ao pátio. Não está avariado; todos os outros hóspedes partiram de uma só vez. Uma excelente hipótese, por sinal, apesar de absurda.

Para ser sincero, Mario não imagina os clientes do 302 a partilhar o *Cadillac Thirty* com a família por debaixo deles, entre os guinchos dos miúdos, as ordens de barítono do pai e as lamúrias da mãe.

Como detesta aquela gente!

A sineta não estourou ali. Talvez a mulher do andar de baixo apenas ronqueje, de guelras abertas; talvez as crianças se tenham evaporado. Talvez o Inverno esteja de regresso às varandas apertadas do edifício e todos mantenham os temperos da gente civilizada.

Dá um passo ao lado para junto da sapateira. Para manter o equilíbrio, apoia-se na bancada fria, desliza as pontas dos dedos sobre o que parecem raspas de lápis – supõe tocar numa superfície pegadiça –, aproxima-as do nariz e aspira-as. É borra de chá.

A luz da tarde espreita pelos estores. Agora, sentado no chão, de pernas cruzadas, tomam-no o esgotamento e a dor de existir.

A sineta chora baixinho, como se não o quisesse acordar.

Fixa-o nos olhos um prato junto a um talher. Na verdade, são dois pratos, três, quatro pratos cinza, com ourelo bordô, com pires da mesma série, *serviettes* sujas, amarrotadas, e um estilógrafo, com o qual começou um poema, sobre o tampo da mesa.

Quem o procura? Dizem que os amigos se revelam na dor. É lá que coexistem. A dor é uma adega especializada, um recanto onde amigos reúnem amigos para celebrarem a dor, experimentando os sabores mais absurdos.

Já senti essa senhora em várias línguas europeias. Na língua dos outros, a dor é sempre a mesma: inútil, enfadonha, inoportuna, dor. Se estivesse em Camarate, com a garrafeira ali mesmo, abriria um *Águia Real* e bebê-lo-ia sozinho, oferecendo-se à imaginação, a repetir a verdade: os amigos revelam-se nas dificuldades.

Mas, não, aquela dor não é igual à dos outros. Aquele corpo é, aliás, uma religião de um só altar, um só mártir, um só devoto. Ali padece e nutre o sofrimento e se deixa devorar por ele.

Do lado de lá da porta, não está, decerto, um amigo.

Mas, se estiver, bastarão uns passos, um gesto, para que o deixe entrar. Depois, vai fitá-lo como se nada se passasse, murmurar «boa-tarde», servir-lhe chá e biscoitos, no naperão de estopa. E tagarelar sobre Rimbaud, Verlaine, Baudelaire e Edgar Allan Poe... ler-lhe poemas, as imagens a cabriolarem pelos trançados dos versos.

Não dirá por que motivo duas semanas passaram, talvez mais, sem que se tenham aberto as janelas desta ampla suíte do Hôtel de Nice, em Montmartre.

Hoje não receberá ninguém. Esta dor é um monumento, uma catedral! Merece ser venerada na nave do coração.

Já ele, ficará com as pernas em lótus, ao lado da sapateira, mãos cravadas nos joelhos, o tronco erecto e a testa alta, como quando era criança e se escondia debaixo da mesa de póquer, na capoeira ou no curral.

No patamar, um homem e duas mulheres. Ou um homem e uma mulher.

– Ouvia-se uma navalha a raspar no lavatório.

– Será que partiu?

– ...

O homem tem uma voz metálica. Mario reconhece-o. Costuma gritar a um buldogue francês na Place de la Concorde, lançar-lhe biscoitos e brincar com ele. Às vezes, seguem pela Rue de Rivoli em direcção à Place Vendôme e depois ao Café de La Paix. O animal alça uma pata para as pilastras e muros, late aos vendedores de flores e jornalheiros, mete-se entre os bancos de jardim. Os dois admiram os melros e prosseguem, felizes.

Por vezes, ao fim da tarde, cruza-se na rua com este dono, já só. Mario disfarça um olhar para dentro de uma tabacaria ou para o escaparate de um quiosque, e, de esguelha, vê para onde ele segue.

Silêncio no patamar. Devem ter-se ido embora. Mas soa outro alguém.

– Boas tardes, como passam?

– ...

– Espere... Vai para o 402?

É José d'Araújo.

– Boa tarde, caro José! – saúda-o Mario, parado no vestíbulo, de pernas à mostra.

– Então?! – espanta-se José, ao encontrá-lo de chinelos de liga enfiados nos pés.

– Ah, não tenho calçado!

– Vejo aqui sapatos de couro, sapatos de cambraia, sapatos de algodão, sapatos de cetim, sapatos de... – José separa as peças, junto ao guarda-fatos, e coloca-as aos pares, nos ganchos, atrás da porta. – Íamos às Folies-Bergère...

– Comprei um *smoking* preto de seda muito pimpão.

– Vais casar? – O amigo pousa-lhe o braço no ombro. – Não me contaste nada!

Mario pendura num cabide a sobrecasaca escura, a bengala de pau-santo com castão em prata e o chapéu preto de pelúcia de José.

– Vai lá buscar o *smoking*! – José fecha a porta atrás de si.

– Que merda! – Mario espalma a mão sobre o abdómen. – Estou gordo, não entro nele!

– Estás elegantíssimo – replica José, ajeitando o penhoar pela gola –, tal como os teus aposentos. Desarrumados, mas com classe!

E observa uma colcha Arte Nova, com imagens de flores, aves e ninfas, sobre um canapé, perto da lareira. Um cesto tombado com revistas à volta. Um pires a servir de cinzeiro. Um par de pantufas num cestinho de vime. Meias de liga transparentes, por cima das pantufas.

– O criado não tem cá vindo. Uma estopada! – exclama o hóspede do Hôtel de Nice, batendo com o punho numa mesinha de xadrez. – Mas, confesso, ontem adormeci tarde... Esteve cá Hélène.

– Hélène?! – exclama José, franzindo o sobrolho. – Não te tinhas já livrado dessa? Foi ela quem te procurou? Que veio cá fazer? Que te mandou fazer, desta vez? Não achas que já devias ter juízo? Uma mulher que conhecestes numa viagem para San Sebastián, um mero acaso, e jogas assim a tua vida à conta dela.

– Jogámos à canasta...

– Mario de Sá-Carneiro!

O outro curva-se para recolher as meias de liga do chão.

– José Baptista d'Araújo...

O amigo recolhe um bilboqué do cestinho de vime.

– Conta lá.

– A rapariga é um ás no jogo – admite Mario, enfiando as meias de liga nas pernas.

– Pensei que já te tinhas livrado dela.

– Não... Não... Não...

– Mas não me tinhas dito que...

– Não há condições para me livrar dela. – Mario morde os lábios.

– Só me espanta tamanha falta de coragem.

– Espera por quarta-feira, logo verás a coragem... e o *smoking*.

– Olha lá. – O outro desinteressa-se da jovem coquete. – O que faz aqui a estricnina?!

Na penteadeira, sobre uma bandeja, ao lado do *Byrolin* e do bicarbonato de sódio, há seis ou sete frascos com os rótulos da Sociétés Chimique des Usines du Rhône e talões de despesa de várias farmácias.

Mario esfrega os olhos, com a mão aberta sobre o nariz.

– Vais explicar-me? – pergunta José, num tom mais sério.
– José Baptista d’Araújo... – Mario acompanha-o na mudança de humor.

– Vamos lá.

– Não sem antes me dizeres como entraste...

– Foste tu quem me abriu a porta. – José simula um breve momento de bom humor. – Ahahah! Tinhas a porta encostada. Tu já não estás bem do juízo.

José acomoda-se numa enorme poltrona coberta com um veludo de Utrecht. Desiste do interrogatório.

– Já que não vamos às Folies-Bergère...

Mario reclina-se numa *chaise longue*.

– Mas o que querias tu que eu explicasse?

– Isto!

José aponta para um dos frascos na penteadeira. Mario empalidece.

– Não sei. Não são meus. Talvez tenha sido o criado... Nunca se viu tamanha... por certo, era para os ratos...

José assume uma expressão de bonomia, misto de incredulidade e condescendência.

– Ratos?! – Senta-se ao lado do rapaz. – No Hôtel de Nice?!
Estás a brincar comigo!

CAPÍTULO 1

Quem me dera, meu amor, essa boca pequenina

A tarde morre, laranja e rosa, no peitoril da janela. José d'Araújo esmaga a beata de um cigarro no cinzeiro de safira. Tem uma tosse seca, que lhe arranha a garganta.

– Ratos, num hotel parisiense?! Só nos faltava essa.

– Tenho sede, sede – diz Mario, limpando o pescoço num guardanapo de linho florido. – Acompanhas-me num Porto?

Mario retira de um armário de cerejeira duas taças bojudas de aro estreito e enche-as com um *french port* de cor rubi, que guarda todas as características do ilustre néctar duriense.

– Ah, *la liberté!* – murmura, esboçando um sorriso. As taças na mão.

– ...

– Refiro-me a este... relógio – desvia o olhar do vinho para o relógio de pulso.

– Mas não é o teu *Lépine*?!

– Uma cópia do meu *Lépine*! – responde Mario, com amargura. – O verdadeiro está no prego. Eu próprio estou no prego.

– Era uma jóia! – José finge que o ignora.

– Cansei-me dele – explica-se Mario, enquanto puxa o punho da camisa, escondendo a imitação, e roda com os dedos o botão de ónix. – Cansei-me de mim. Finalmente, sou livre!

– Ser livre é a maldição dos pobres.

Junto à janela, José aprecia as nuvens a mudar de cor.

– E dos infelizes...

– Bebamos, então, à liberdade.

Mario volta a sentar-se. Tem a taça na mão e o guardanapo por baixo dela.

Conversaram, lado a lado, sobre o que os levava a viajar para Paris, o centro da guerra, naquele Verão de 1915. A mulher regressava à capital das Luzes vinda de Londres, onde estivera «em trabalho», com uma escala em Lisboa, para ver uma tia moribunda. Despediram-se em San Sebastián, ao fim de um dia e meio de viagem, depois de Mario a ajudar a carregar os seus pertences para um trem que vinha do Norte de Espanha.

– Encontramo-nos em Paris – disse ela, a acenar.

– Onde? – a voz de Mario confundia-se já com o silvo do trem.

– Vá ao Gaité-Montparnasse – gritou ela ao postigo. – Estou lá a partir de 17 de Julho.

Esperou pelo dia seguinte a fim de obter, no consulado português, o passaporte que o *ministro lepidóptero* de Lisboa negara. Só retomou viagem dois dias depois, no Expresso Internacional. Muitas vezes, o trem ia tão abarrotado de tropas que havia quem viajasse sentado na pequena plataforma do lado de dentro, em frente à porta de metal que dava para o estribo da locomotiva. Mario resignara-se a um lugar acaanhado de um vagão de segunda categoria – um banco de ferro preto, de apenas quarenta centímetros de largura por um metro e meio de comprimento, com vestígios de comida e de bebida. Ao lado, ressonava uma mulher de fronha rubicunda e nariz pequeno, num vestido de algodão com flores que preenchia os seus cerca de cento e cinquenta quilos, a ocupar dois terços da poltrona, estendendo, à esquerda e à direita, os pés calçados de couro preto.

Encolhido junto a ela, quase só conseguia mover a cabeça. E foi assim que viu, no exterior, um arsenal de lenços brancos agitados por pessoas que se despediam de filhos, netos e irmãos.

Que diferente era aquela carruagem da que o conduzira confortavelmente de Portugal à fronteira espanhola, e que diferentes os passageiros à sua volta. Homens e mulheres modestos, cobertos de mantas e chapéus, foram substituídos, na sua maioria, por elegantes jovens de uniforme azul e quépi vermelho, que viajavam armados de baionetas, rifles e facas.

Uma hora volvida, o comboio despediu-se das colinas, florestas e mar, e uniu-se, na Aquitânia, aos campos de trigo e vinhedos. Sem conseguir mover as pernas e com dores na cervical, Mario adormeceu. Não sentiu a gorda mexer-se nas mais de doze horas seguintes, e talvez até tenha tombado a cabeça sobre o seu ombro tão acolchoado. Em sonhos e quadros narrativos desgarrados, reviu os últimos meses.

*

Em Setembro de 1914, na sequência da Batalha do Marne, da qual resultou a vitória franco-britânica sobre a Alemanha, o conflito entrara num período mais lento, com a luta de trincheiras e os consequentes avanços territoriais mínimos. O quotidiano em Paris de um estrangeiro aliado, com licença formal para aí permanecer, diferia pouco do de um parisiense: presença constante das fardas nas ruas, restrições à circulação de pessoas, racionamento do arroz, açúcar e sal, e, para Mario, quase mais importante, o dos fósforos.

Naquele final de ano, foram muitos os comércios saqueados e as casas de particulares expostas ao abandono. A carestia e a escassez alastraram, o que levou à emissão de senhas de racionamento e a enormes filas à porta dos estabelecimentos, quase desertos de empregados. No entanto, Mario procurava ignorar a realidade da guerra e seguia uma rotina que o distraísse dos constrangimentos. Levantava-se tarde, deitava-se cedo e, sobretudo, frequentava os cafés, onde esbanjava os «miseros» francos da mesada do papá.

O papá, por sua vez, telegrafava a enviar vales e a transmitir preocupações, procurando convencê-lo a regressar a Portugal ou até a ir ter com ele a Lourenço Marques. O filho relatava-lhe a suposta divertidíssima vida que levava em Paris. Entre rodadas de champagne e absinto, caminhadas pelos grandes bulevares, loucas noites nas Folies-Bergère, passeatas ao longo do Sena e visitas ao Père-Lachaise, pedia-lhe mais dinheiro.

Só soube que o fornecimento de electricidade seria interrompido e o de água racionado quando entraram no hotel uns homens de

fato-macaco e bonés azuis, munidos de alicates, chaves de boca, martelos, corta-tubos, roscadores e soldas. Vinham corrigir uma fuga de água no primeiro piso. Mario saiu, como de hábito, a meio da tarde, e viu-os no átrio, a inspecionar o tecto. Regressou duas horas depois. Para seu espanto, concentravam-se agora num canto de onde haviam retirado os sofás e os pedestais com réplicas do Trípode de Delfos e da Estátua de Tântatos. Desconfiou. Na suíte, já não corria água – informaram-no de que os cortes seriam pontuais, uma vez por semana, no máximo duas, e nunca por mais de uma ou duas horas. As falhas na electricidade seriam também inevitáveis. Mario fez as malas e pagou a conta. No dia seguinte, comprou a viagem de regresso a Lisboa.

Partiu num comboio civil, com destino à fronteira.

Chegou num dia de sol em brasa. Depois, enquanto estava a preparar *Orpheu*, Mario dividiu-se entre os Restauradores e a Quinta da Victória, em Camarate, onde ingurgitou doses massivas do cabrito assado da Angelina e vagueou pelos carreiros, terminando as caminhadas no coreto, a abominar a quinta. Por fim, acabou por se instalar no Hotel Aliança. Não mudou o hábito de dormir até às duas da tarde, só então acordava sobressaltado com os sons da cidade: as boas-tardes que se diziam às varandas, os pregões das varinas, as buzinas e os motores. Depois, aproveitava para passear à beira-Tejo e ver os barcos, à hora em que os homens se afanavam nos escritórios e as mulheres em casa. Não se adaptou à rotina de Lisboa, tal como não se tinha adaptado à de Paris, mas o sotaque português parecia-lhe saloio e desejava ouvir França com a frequência do costume. Usava nas mercearias, tascas, boticas e casas de pasto, palavras que soavam mal aos ouvidos do povo. Dizia «déjeuner», «première», «parfum», esperando que o entendessem. Sempre que não o conseguia, completava a frase com gestos, por vezes com traços, esboços, desenhos. E, se não se fazia entender, então bocejava de tédio, como se Lisboa se afastasse tanto de Paris quanto de Hong Kong ou de Nova Iorque. De resto, a vida moderna chegava quase diariamente ao porto de Lisboa nos grandes transatlânticos. Vinha das metrópoles da indústria, cuja língua era a dos calafates, marceneiros, estivadores...

Num fim de tarde, ao pôr do Sol, encontrou-se com Fernando Pessoa para beber café com leite e comer *croissants*. «Está mais magro», disse o amigo. «Comecei a fumar uns cigarrinhos de segunda classe», desculpou-se Mario. «Meta pelo meio uns chocolates», sugeriu o poeta. «Não me hei de esquecer», respondeu ele. «Já agora, como vai a escrita?», perguntou o poeta. «De bem a melhor», celebrou Mario, «como, aliás, a vida. E a sua?» «Nada que valha a pena publicar», disse o poeta, num suspiro, acrescentando: «Ideias soltas, folhetos, coisas para os jornais. É necessário entusiasmar o povo.»

Se pudesse retroceder a Abril de 1915, Mario diria que foi talvez para se curar do bocejo que o sufocava na capital que cortejou Zulmira. Conhecida como Zoina, a fadista mais parecia uma lavradeira, de boleros curtos, jaquetas *zouaves* abertas à frente, mangas compridas até meio da mão, golas a descer ao pescoço, rendas e fitas de seda com folhos de tule. O que ele mais admirava nela eram os cabelos loiros, rodando-lhe os ombros, como as saias das nazarenas. E a pele? Mais branca que as pétalas da gardénia. E os belos olhos azuis? Mais azuis que o barro vidrado com lápis-lazúli. E o cheiro a azinheira e a rosmaninho. E a boca de romã.

– *Quem me dera, meu amor, essa boca pequenina.*

Exibiu-a, de braço dado, por Lisboa, mas, se contabilizasse os minutos que passaram juntos (dez à esquina da Igreja da Conceição Velha; cinco na mercearia; dez à entrada da casa de meia-porta; trinta no mezanino dela; vinte no Hotel Aliança, e mais uns tantos por aí), talvez não tenham sido mais do que duas horas e meia, ao longo de três meses. O suficiente para se lhe render por completo. Investiu em cada frase como numa declaração de amor – como poderia ser de outra forma? O resto não se diz, por decoro.

E foi assim que, aquando de um passeio pela Ajuda para observarem os americanos que iam para Campo de Ourique, Mario roçou sem querer um braço no dela, aspirando o seu perfume de água de rosas. Invadiu-o então uma dúvida atroz, como se tentasse encaixar uma gola alta numa cabeça demasiado grande: será amor? Permaneceu suspenso nesta ideia, em silêncio e agonia, por um longo minuto. Zoina

incitou-o: «Vamos embora.» Mas nem a rigidez das feições dela, quase desdenhosas, ou a frieza com que prosseguiu o passeio, uns passos diante dele, lhe pareceram feias. Nessa noite, Mario ponderou tudo: casarem-se, constituírem família, criarem descendência, serem fiéis um ao outro e envelhecerem juntos. Tudo isto lhe pareceu muito claro.

Amava-a.

Mas também muito vazio, como uma barraca de quinquilharias na trivialidade de uma feira.

Passada uma semana, enquanto saboreavam chá de passiflora, Zoina confidenciou-lhe que sofria às mãos dos homens que a fodiam. Lamentou que as pessoas fossem tão cruéis e mesquinhas para com as fadistas. Fugir à miséria, só cantando e prostituindo-se. Condenou os que a desprezavam em público e a procuravam em privado. Mario, revoltado com o que ouvia, perorou internamente sobre a hipocrisia da sociedade. A opinião pública crucifica a atracção pelas libertinas como uma inclinação perigosa, um ultraje à família, às pessoas de bem e a Deus. Há até quem, acreditando estar em inabalável sintonia com os desígnios do Altíssimo, proponha uma barreira sanitária entre as famílias e os pecados das mulheres fáceis. Iludem-se todos. A conclusão, pronunciou-a alto: «O afecto é o afecto. É a manifestação suprema da essência divina.» Zoina puxou-o para si e beijou-o, quebrando o constrangimento que, desde criança, o fazia abominar qualquer contacto físico. E ele, ainda que ansiando por limpar os lábios ao lenço de cambraia, garantiu-lhe que não se importava com o que os outros pensassem dela.

Mas, um dia, Zoina desapareceu. E ele, fora aquele beijo intempestivo, nem sequer lhe havia tocado num só fio de cabelo.

Escreveu-lhe então cartas intermináveis, a rogar que voltasse depressa, que lhe respondesse. Mandava-lhe os seus *pneumáticos*, recados encapsulados em tubos, para que lhos entregassem no Nicola, n'A Brasileira, no Tavares Rico, no Arcada. Pedia-lhe que lhe perdoasse a *insistência malcriada*, mas que não o deixasse sem notícias. Combinava encontros no Jansen ou n'A Brasileira. Enviava-lhe abraços e beijos, cheios de gratidão e esperança.

Andou atrás dela, na Mouraria, em Alfama e no Bairro Alto, todavia sem se atrever a procurá-la no mezanino que habitava, na Graça, acreditando que lhe dava tempo e espaço. A rapariga estaria com certeza, mas temporariamente, maluca. Ele tinha esperança de que recuperasse a razão.

Entretanto, um amigo, Alfredo Guisado, descobrira a posta-restante dela. Mario começou a mandar-lhe cartas dia sim, dia não. Contava que não tinha vontade de sair do hotel e que, por causa dela, abandonara as doses brutais de carnes vermelhas malpassadas, as gemadas e os fortificantes. Que estava magro, mal podia ir da cama à latrina e da latrina à cama. Que se enfiara no penhoar, nas pantufas e no barrete grego, raramente ia à janela, o ar não circulava, tinha calor e suave.

Reduziu ainda mais a correspondência. Para que ela sentisse a falta dele, o julgasse sem forças, atirado para a cama, sem vontade para comer, para fazer nada, ou a fazer disparates. Talvez assim o procurasse. Zoina deixou sem resposta vinte bilhetes-postais, doze telegramas e oito pneumáticos. Duas semanas após a última missiva, Mario resignou-se à falta de notícias.

De início, quando atravessava o Largo do Directório sem Zoina, nas passadas largas dos seus *derbies* de pele da Sapataria do Carmo, era como se nada tivesse mudado. Os conhecidos vinham falar com ele. Sorria um pouquinho. Dizia umas palavras em francês. Metia um verso de Walt Whitman pelo meio. Tinha muito trabalho, mas era uma maravilha; ninguém suspeitava do seu infortúnio.

Passou a escrever-lhe bilhetes – «Como estás?» «E as plantas? Rega as begónias, mas não as afogues.» «Para saber se andas bem.» Enfiava-os num envelope, mas não os entregava aos serviços postais. Em vez disso, despachava alguns através dos pombos-correios que lhe pousavam no peitoril da janela.

Guardou outros na gaveta, colou-os na parede do fogão de sala, lamentou-os, rasgou-os, transformou-os em aviões de papel, atirou-os pela varanda.

CAPÍTULO 2

Os teus cabelos esparsos

– Tu ainda a amas.

José d'Araújo move as taças de Porto sobre o tabuleiro, como se jogasse xadrez.

– A quem? – Mario finge não perceber.

– À outra, a Zoina, que raio!

– Não é verdade. – Leva um tempo a dobrar, meticulosamente, o guardanapo, antes de o colocar sobre o colo, e prosseguir, circunspecto: – Eu confiei nela e, afinal, nunca confiei nela... – E depois, ao ver um laivo de dúvida nos olhos de Araújo: – Não me venhas com tretas. – E depois, após engolir vários tragos de Porto: – Era uma puta...

– Uma grandessíssima... rematadíssima... puta – repete José.

– Pediu-me dinheiro... muito dinheiro... antes de eu vir embora. – Mario encosta o copo de Porto à boca. – Toda transtornada, a pobre.

– E que te disse?

– «Meu Deus, meu Deus!» E chorou. Muito.

– E tu?

– Eu, nada.

– Caso encerrado, portanto.

– Caso encerrado.

Tocam à porta. O *valet de chambre* entra com um carrinho de serviço onde se dispõem um candelabro de três velas, uma cloche, uma jarra de vinho, uma taça de cristal, um guardanapo de linho e talheres para dois comensais. A luz das velas segue-lhe o rosto, um rosto brutal de beleza e deslumbramento.

– Também janta?

Na véspera da partida para Paris, a 12 de Julho de 1915, enquanto massajava os mamilos, mirando-se no espelho Arte Nova do *boudoir* no Hotel Aliança, ocorreu-lhe de novo que talvez ainda pudesse ser feliz com Zoina. Longe dali, num outro hotel; no Plaza Athénée, no Meurice ou no Bristol, seria excelente. Nada comparável com o Richmond, para onde iam os desafortunados. Muito melhor.

Mas hesitou. Calçou as babuchas, vestiu o *robe de chambre* e enfiou o barrete grego para dormir. Faltavam os saís com que o criado lhe sofisticava o banho; todavia, em compensação, havia pilhas de botas esburacadas, camisas sem abotoaduras e calças que já não lhe serviam. Afinal, um banho perfumado não mudaria rigorosamente nada na sua vida e aligeirar o pensamento não só não o salvaria como, ainda por cima, chamaria mais depressa a desgraça.

Estava de partida. Era a sua última hipótese de alterar o destino. Iria procurar Zoina em casa dela. Isso, convidá-la-ia a viajar com ele. Pedir-lhe-ia dinheiro. Zoina haveria de ter, com certeza, um vasto currículo de conhecidos: artistas, boémios, chulos, ladrões e putas, anarquistas, republicanos, socialistas, talassas e maçons. O dinheiro circulava, no meio deles, como se fosse mercadoria barata, não haveria de ser difícil destiná-lo para a aventura a dois.

E foi assim que se encaminhou para a Victor Cordon. Andou cerca de um quilómetro e meio pela Rua do Alecrim, via Largo de Camões. Desviou na embocadura da Rua da Misericórdia, fechada para obras, pela Rua do Carmo. O percurso a pé demorou mais do que o habitual, dado o mau estado do pavimento, com muitos buracos e desníveis.

Chegou com as pernas a tremer e uma enorme vontade de se sentar.

Pela intersecção dos braços de acácias, cedros, freixos, carvalhos e sobreiros, apenas os candeeiros da iluminação pública atenuavam o negrume que pairava já sobre o telhado dos prédios. Não se lembrava bem de qual era o mezanino em que habitava Zoina ou do

prédio correspondente. Sabia que não eram nem as duas portas mais à esquerda, em frente das quais havia um banco de jardim com o assento partido aos pedaços e o encosto despregado, nem as duas portas mais à direita, ligadas por uma enorme fossa lá deixada pelos Serviços de Águas e Esgotos. Restavam, pois, as quatro ou cinco entradas centrais. Ainda procurou, no alto, os vasos com que a rapariga decorava os para-peitos, mas não os avistou.

Recortou-se numa das entradas a silhueta de uma velha de trajes sombrios: manto de lã e boina de feltro preta, corpete de linho da mesma cor, saia e avental de algodão cinza, sapatos de couro preto. A velha fitou-o, desconfiada, resmoneou um cumprimento a soar a insulto e sumiu-se. Mario passou pelo vão, deixado entreaberto.

O clarão da Lua, que descia verticalmente pela clarabóia, entre as escadas, sobre o patamar, denunciava o encardido das paredes e as enormes fendas no estuque. Estacou frente a uma porta por onde escapava uma mistura nauseabunda de bedum de fritos, urina, fezes e cadáver em decomposição. Não se recordava de o prédio ser tão decadente.

Mas, chegado ao patamar do mezanino, um cão sacudindo pulgas sobre um tapete de serapilheira, um vaso de cerâmica esbotonado com begónias secas, uma banca sem pernas segura por tijolos e uma pilha de jornais por cima confirmaram que havia acertado no edifício.

Fazia dois meses que ali estivera pela última vez, acompanhando Zoina de regresso a casa. Recordou-se da voz grave dela, e ele a dizer-lhe: *«Os teus cabelos esparsos serão o manto da noite.»* Após o beijar na testa, Zoina desapareceu para o interior do mezanino.

A porta estava no trinco. Mario abriu devagar, apurou o ouvido, à espreita; não estava ninguém, entrou.

Na divisão, mal iluminada pelo querosene de uma lanterna, jaziam sapatos de salto alto com biqueira pontiaguda, da Sapataria do Carmo, com as costuras rompidas e saltos lascados; sapatos de salto baixo com biqueira redonda, da Moderna, com solas gastas e manchas; sapatos de corte baixo com tiras cruzadas, da Ideal, com rasgos e saltos partidos.

Aproximou-se de um canapé, de tecido rasgado. Sentou-se, finalmente. Descalçou os sapatos e os coturnos; tinha bolhas nos pés. Massajou as pontas dos dedos, a palma, o dorso dos pés e o tornozelo. Voltou a calçar-se. Ergueu-se.

Observou em redor. De um calendário bianual de parede, tinham sido arrancadas as páginas respeitantes aos meses de Janeiro a Abril – talvez tivessem sido usadas para embrulhar peças frágeis ou de valor. A imagem era a de uma mulher deitada sobre um tufo, mas, à primeira vista, teve a impressão de ver um homem bochechudo, um pouco como ele, ou um pouco menos gordo, caído sobre um canapé indonésio. Da boca do homem escorria uma substância leitosa, como se acabasse de ser envenenado. O que mais lhe chamou a atenção foi a reprodução, dentro da tela, de uma semelhante e, dentro dessa, de outra, como se o homem se afundasse num abismo sem fim. Dentro desta última, viu-se a si mesmo, observando um quadro que estava na parede e, dentro desse quadro, viu-se outra vez, e assim sucessivamente, até se transformar num ponto apenas e depois em nada.

Ao centro da sala, havia uma tina com água. Devia ter servido para a higiene de Zoina. Estava quente, morna, mas com mau cheiro – nas bordas agarrava-se sujidade. A enxerga continuava a um canto, como ele a conhecia, os cobertores puxados para trás, a almofada atirada para os pés.

À força de se habituar à luz bruxuleante do candeeiro, sobre o toucador, descortinou ainda uma garrafa de vinho tombada; restos de comida no assoalho; o globo eléctrico quebrado; excrementos de animal; baratas a circular na cama.

À esquerda do vaso sanitário, sob uma manta de lã de ovelha, um baú de cânfora com cerca de um metro de comprimento, meio metro de largura e quarenta centímetros de altura. O baú tinha alças de metal, acabamento em ouro e fechadura em prata. No interior, entre tecidos diversos, havia certidões, moedas e cédulas. Remexendo-o, descobriu também um colar, quatro pulseiras da mesma liga, três anéis de prata e ouro, dois pares de brincos de pedras indefinidas, três

pregadeiras, dois grampos e duas presilhas – talvez valessem, por alto, entre os seis mil e os doze mil escudos.

Sentou-se na enxerga. Aspirou o perfume de verbena de Zoina. Aconchegou-se nos lençóis. Sentiu o calor dela.

Levantou-se de roldão, atirou as jóias sobre um tecido, fechou-o como numa trouxa. Saiu tão depressa quanto pôde. Apanhou um carro de praça para o Aliança.

Na tarde seguinte, após passagem rápida pelo ourives na Rua do Ouro, velho conhecido do seu pai, bebeu um cálice de aguardente de figo na taberna. Depois, comprou o bilhete de trem para Paris, e vestuário para o frio, uma abotoadeira de marfim e um chapéu de copa alta. A dívida a Fernando, coisa pouca, e as facturas da botica esperariam pelo regresso a Lisboa. Partiu d'A Brasileira, após jantar com Fernando e Almada um bom naco de bacalhau alto e com todos. Às vinte e duas horas, apanhou no Cais dos Soldados um trem que o conduziu à Pampilhosa, para fazer a ligação à rota de Madrid, San Sebastián, Paris. As gotas grossas de chuva, que se derramavam sobre Lisboa, só em Coimbra cessaram de escorrer pelas janelas do comboio.

CAPÍTULO 3

Pobre lisonja, a gaze que me encerra

– É uma vergonha! – diz Mario. – Somos uns selvagens.

Na alvura da toalha sobressaem nódoas de ponche e de vinho do Porto, respingos de molho e migalhas de broa.

José d'Araújo abandona a faca e o garfo sobre o prato e observa Mario, que limpa as comissuras dos lábios ao guardanapo. Os álcoois revolvem-se no estômago com o ragu. Dão ao rosto do autor de *Dispersão* um tom rosado que o desfavorece, mas, acima de tudo, entorpecem-no e ele receia ouvir um dichote a José. Não entende por que o outro está tão animado. Ainda não se resignou a ver os soldados a andar de um lado para o outro, a atravessar as pontes, a vigiar o trânsito, a imiscuir-se nos ajuntamentos, a controlar as bichas das mercearias, a distribuir senhas de racionamento. Aliás, contou ainda há pouco ao amigo que, na véspera, foi à *mairie* renovar a licença para continuar em Paris. Havia muita gente à espera e poucos empregados no atendimento ao público. Os soldados foram muito impertinentes, a exigir ordem e contenção.

Estende o braço à garrafa e, com um gesto desajeitado e impreciso, verte o ponche no seu copo, derramando-o na toalha a um palmo de distância. Só então repara no olhar expectante de José.

– Bebes também?

– Bebo.

Assim que Mario lhe enche o copo, José traga-o, de um gole. Tomba-o para recolher uma pequena última gota e faz estalar a língua.

– A vida aqui tem sido só surpresas. E das piores!

– E este ragu, hein?

– *Voilà!* Mais uma surpresa desagradável. Mas estou rendido aos horrores desta cidade, a maldita Paris.

– Confessa lá, come-se melhor em Lisboa...

José anuncia uma anedota que envolve uma senhora, um cavaleiro e a amante deste. Mario franze a testa, num misto de censura e decepção. Os tempos em que a mulher fiava, com fuso e roca, já lá vão. A mulher é livre. Mas, enfim, ele que conte lá a historieta.

*

Mario chegou a Paris no dia 15 de Julho de 1915, com duas malas grandes, um chapéu, uma bengala e uma sobrecasaca. Segundo o seu *Lépine*, eram quase duas da madrugada. Ir àquela hora, a pé, sob a chuva, da Gare d'Orsay até ao Grand Hôtel, na Avenue Montaigne, onde se hospedava Xavier de Carvalho, o exemplar acabado da mediania áurea, ou seja, da canalha, raios, ainda que homem de juízo, sem uma nódoa, e dali para o Hôtel Richmond, na Rue du Helder, para um quarto numa cave com vistas para o saguão, onde se amontoava lixo, fê-lo pensar na inutilidade da viagem. Se estivesse mais perto de Lisboa, em Hendaye, por exemplo, voltaria para trás. Chegando a casa, logo haveria de se desculpar perante Mimi e o avô. E até perante Fernando.

Tinha uma enxaqueca, tonturas, dores nas articulações e um enorme peso nos pés. Quando abriu as malas para ir buscar ao *nécessaire* as pomadas, as loções e os bálsamos, reparou que não estavam fechadas com cadeado, como as deixara. Logo suspeitou que alguém tivesse violado o sacrário onde escondia tudo quanto pertence a um homem do seu estatuto. Retirou, do interior de uma, chinelos de liga cor-de-rosa. Cheiravam a resendas. Não se lembrava de os ter lá colocado, mas talvez Fernando Pessoa, no seu zelo, o tivesse feito.

Sempre um bom coração, o Fernando. A zelar pelo conforto dele, quer estivesse por perto quer longe. Não era, verdade seja dita, aquela a única vez em que o surpreendia com amabilidades. Mas, por

baixo dos chinelos, havia ainda um espartilho, uma tesoura para as unhas, um saiote, um corpete terminado com basbaque, um xale e outras extravagâncias. É certo que, nas cartas, Mario se despedia de Fernando com um feminino «A tua boneca» ou «A tua princesa que te adora», mas nunca supôs que o amigo o tomasse tão à letra. Se assim fosse, o outro ficaria preocupado com o seu estado de saúde mental quando ele lhe dizia que se ia suicidar. Na volta da correspondência, nunca notou sinais de que Fernando o levasse a sério. Porquê agora? Só então lhe ocorreu que aqueles objectos, aquelas malas, não fossem de facto os seus. Apesar dos mesmos acabamentos em carneira e dos motivos de crina, o odor a resendas não lhe era familiar. E logo reparou que numa faltavam os seus cinco pares de sapatos, e noutra os quatro fatos de corte americano, os três pares de ceroulas, as peúgas e as camisas engomadas e os seis chapéus, e ainda o *Byrolin*...

«Aquela mulher! Tenho de a encontrar nas Folies-Bergère... Sábado, foi o que ela disse... Que raio! Até lá, vou tresandar a suor!»

Mario recolheu, do fundo de uma mala, uma cinta fina e um *soutien-gorge*. Despiu-se tão depressa, vinte e seis anos, tão jovem e meigo, tão pronto para novas experiências! À luz de um só candelabro a projectar fantasmas na parede. Com as venezianas entreabertas. A chama das velas crescendo no meio da suíte. Grandes quantidades de pele sobre os contornos do corpo. A cinta fina arrepanhada abaixo do umbigo. O *soutien-gorge* a segurar-lhe as mamas. Calcinhas a aconchegarem-lhe o sexo.

Adormeceu a acariciar-se sobre a roupa íntima. Sem se lavar nem pentear, devido a um corte no abastecimento de água de que não fora avisado na recepção do hotel. Sem *valet de chambre* que lhe levasse, ao menos, um cântaro com água morna. O que, nas actuais circunstâncias, dispensou facilmente – o suor das virilhas despertou nele um desejo repentino, a ponto de sonhar estar deitado com outro homem na cama, encostado a ele e a fazê-lo transpirar.

Despertou-o, aos berros, no dia seguinte, o francês de província dos hóspedes do quarto ao lado. Espreitou o *Lépine*: já passava das três da tarde. Tinha a grenha oleosa e o hálito ácido. Enterrou a cabeça

ainda mais nas almofadas. A pressão nas têmporas e sobre o coração provocava-lhe tonturas. Se se levantasse logo, tropeçaria nos tapetes e nos chinelos de quarto. Puxou a sineta de prata esterlina e, minutos depois, do lado de lá da porta, um criado informou-o: era tarde demais para o almoço e cedo demais para o jantar. Essa notícia foi o estopim. «Que inferno!», urrou ele, atirando um candelabro contra a porta. «Os problemas perseguem-me!» Em França, seria de bom-tom ter ao menos um vinho à espera na borda da tina, mas não, tão-pouco havia água corrente. Irritou-se como quando o pai o repreendia, e depois o avô, como se não bastasse uma só repreensão.

O criado entrou com água tépida num açafate redondo de ferro fundido. Mario sentia, não um mau humor justificado, mas, sim, um descontentamento profundo com a vida. Barbeou-se, lavou o rosto com sabão de Marselha e, por fim, atenuou o mau cheiro com pó de talco. O *valet* queria escolher-lhe outra roupa, estranhara vê-lo assim já pronto, nem *robe de chambre* nem nada; um cavalheiro de distinção devia estar sempre um passo à frente da ralé. O que para outros era uma premissa, para o senhor Mario, cuja silhueta, apesar de anafada, evocava um galã de cinema, qual Édouard Mathé ou Francis X. Bushman, tornava-se uma obrigação. No entanto, nada de malas, e as roupas fétidas eram a única saída. As cuecas já tinham um ranço de deixar marcas nas virilhas; a camisola interior amarelecera de suor junto à cava; as peúgas libertavam um chulé peçonhento que empes-taria o quarto, caso as descalçasse; o casaco estava amarfanhado por ter dormido com ele, e com nódoas de café e chá e do óleo das frituras; as calças, embora por engomar, eram o único elemento respeitável, pois tinham apenas vestígios de urina e lama.

– Como estou? – disse ele, ajustando ao pescoço uma *lavallière* branca, luminosa, quase transparente, que, por sorte, encontrara numa das malas da mulher.

– Julgue o senhor por si mesmo. – O *valet* entregou-lhe um espelho biselado.

O rosto, comprido e balofo, pendia sobre um pescoço que quase inexistia, parecendo escorrer nos ombros e, por ali abaixo, esvair-se

numa nódoa de gordura e carne. Os olhos, em forma de amêndoa, estavam apagados, sem alma. As repas mal aparadas lembravam os cortes que a Ama lhe fazia, quando era miúdo, um palmo abaixo da linha de implantação capilar. Transformavam-no numa menina apática. As melenas rodavam os ombros, em cacho, a querer fugir do corpo.

Era uma avantesma, um trambolho, um mostrengo.

– Que acha?

O criado decidira dispensar-lhe as peúgas verdes, com cheiro duvidoso, que trazia calçadas.

«*Pobre lisonja, a gaze que me encerra*», disse, de si para si, a observar os trajes furta-cores em que estava enfiado.

Mario lembrou-se do avô paterno, José Paulino, e da sua arte na escolha das cores e tons. O azul não combinava com o verde, nem este com o laranja. O azul ficava bem com o laranja, mas não com o rosa. O cor-de-rosa, por sua vez, não condizia com o amarelo, tão-pouco com o laranja ou com o verde.

Já o pai, viúvo há vinte e quatro anos, nem a carreira no exército o impedira de conhecer lindas mulheres e de as apresentar à família. A última delas, conhecida por Mimi, Ana, Maria ou a *mademoiselle* fulana, personagem feminina de alguns sarilhos paternos, cedera às promessas de casamento, mas transformara-lhe os gostos. Convencera-o a trocar as botas de cano alto por *derbies Church's* modernos e confortáveis e os fatos da Casa Sá pelos da Casa Guimarães, feitos por medida, com bons materiais e acabamentos de primeira.

Mario queria ser lindo como o pai. Alto e magro, sempre impecável no vestir e no pentear; de manhã inclinava-se sobre ele, impregnando-o do aroma a genebra e a perfume barato, e fumegava-lhe baforadas de charuto sobre os anéis do cabelo – sem precisar de esforço, pois nele tudo era natural e belo.

O criado luziu-lhe as biqueiras dos sapatos e disfarçou os enxovalhos das calças e do casaco, alisando-os com as palmas das mãos junto ao tronco. O colarinho que mal lhe cabia no pescoço. As bainhas da camisa a desaparecerem por dentro das calças. A respiração ofegante. A transpiração. E o criado, encostado a ele, a pedir-lhe: «Por favor,

vire-se para que o possa compor por detrás.» A soma total de tudo obrigou-o a cerrar bem os lábios e a fechar os olhos.

Entretanto, Mario queixou-se de uma dor no peito, que o obrigou a imobilizar-se e a rodar o punho sobre o tórax, por vezes até a cascar-lhe com força, ou a forçar a tosse, um descabro. O criado desatou-lhe a *lavallière*, deixando uma ponta para cada lado, a pender no pescoço, como duas tranças, soltou o colarinho e desabotoou três casas da camisa. Girou a tampa de um boião de pomada, depositou na palma da mão uma pequena dose e espalhou-a em suaves movimentos circulares sobre o peito do cavalheiro, enquanto perorava sobre o estado do tempo. O afrouxamento dos músculos de Mario podia indiciar outra coisa, mas o criado depressa percebeu que desfalecia, uma das mãos agarrando-se desajeitadamente aos cortinados de cretone. Apoiou-se à parede e puxou Mario para si. O torso do poeta, raso, granido por pêlos escuros, transpirava. O criado enxugou-lho com a ponta de um guardanapo.

Na bandeja, ao lado de uma saqueta de bicarbonato de sódio, havia uma embalagem de morfina. A explicação ofegante que Mario deu para a sua posse não convenceu o criado, um homem prático do sector de hotelaria, não um poeta. Haveria de a esvaziar, assim que o hóspede saísse do quarto, deixando apenas uma pequena quantidade da substância, para tratar gases e afecções de estômago, a fadiga, o reumatismo e aflições do sistema nervoso.

Mario estava exposto, deitado no sofá com a camisa desabotoada e as calças ligeiramente abertas. Ansiava acalmar os nervos. Tentou levantar-se, enquanto o criado ajustava as almofadas para as acomodar ao corpo – nem muito altas, nem muito baixas, apenas perfeitas para o conforto do hóspede.

– A morfina – murmurou Mario. – Prepare-me a morfina... e um chá de mandrágora.

De costas, o criado abriu a saqueta de bicarbonato de sódio.

– Não se ponha com brincadeiras! Sei bem a que sabe cada substância. Vire-se lá de frente, homem, e siga as instruções.

Recompôs-se, cinco minutos volvidos, após o criado ter saído do quarto, de cenho franzido. Pensou ir atrás da cocote que viajara consigo. Mas lembrou-se de que ela lhe dissera para a procurar a partir de 17 de Julho, sábado, no Gaité-Montparnasse.

As vestes pestilentas da viagem acentuavam-lhe o mau humor; queria esquecer os contratempos, vaguear pelas ruas, observar o cair do dia parisiense.

À saída do quarto, tropeçou num felino que se higienizava, no tapete, do lado de fora, e lhe lançou um olhar de nojo.

«Quando eu regressar, vais estar mais simpático ou levas um pontapé.»

Sentou-se num banco junto a um lago, para contemplar os patos, os cisnes e os pombos. Alguns traçavam círculos na margem, trombando em vitórias-régias, estrelas-brancas e lentilhas-d'água, enroscando-se em elódeas, musgos de java e rabos-de-raposa. Outros recuavam para os refúgios, entre bambus e estacas.

Um maltrapilho, de pés descalços e sujos, cantava uma melodia popular, enquanto manobrava, para trás e para a frente, um carrinho de venda de doces, gelados e limonada. Mario chamou-o e, com um sorriso, perguntou-lhe o nome. O rapaz apontou para um refresco de limão, e disse: «Cinco soldos.» Revirando o bolso das calças, Mario percebeu que não tinha o suficiente, mas entregou-lhe as suas últimas moedas. O rapaz encheu um copo de refresco: não teria mais de dez anos, mas a seriedade com que executava o negócio punha-lhe mais dez em cima.

Ecoavam sirenes, rugiam berlinas, grasnavam os patos. As buganvílias tingiam a calçada de vermelho-rosado. As aves atravessavam as avenidas, rente aos prédios. O relógio da Capela da Medalha Milagrosa reverberava as horas, quatro ou cinco da tarde. Que diacho!

Mario avistou, por detrás de uma árvore, a caminhar numa via de paralelepípedos, uma mulher de tez alva e grenha escura. Envergava uma saia curta e justa, fechada lateralmente por laços de organdi, uma blusa com decote em V, de tecido fino e translúcido, um lenço de seda

vermelho atado ao pescoço. O conjunto era encimado por um chapéu de *aigrettes* de aba curta. Parecia a bela cocote que lhe tinha ficado com as malas. Acolitava-a uma criatura de expressão mais séria, alta e esguia, de cabelo castanho, preso num coque baixo, revelando um rosto de traços suaves, realçados por um leve toque de maquilhagem. Vestia um casaco de lã da mais pálida malva, talhado à medida, complementado por calças justas da mesma cor e uma camisa de seda branca com um laço preto na gola. As duas vinham de mão dada e a fumar charuto e paravam de vez em quando, virando-se uma para a outra, com pequenos surtos de riso que terminavam num longo beijo.

Alguém exclamava num francês com sotaque *cockney*:

– Nesta vossa república de merda, as gajas comportam-se ao contrário do resto do mundo civilizado!

– ...

– Reparaste naquela tipa?

– Aquela tipa é a Mathilde de Morny.

– Quem? Monsieur le Marquis?

– Esse mesmo!

– Pois agora percebo porque tem tanto pudor em mostrar as mamas.

– Mal a vi com aquele horrível casaco de lã, apostei que ias fazer sobre ela piadas ordinárias – respondeu alguém, a puxar o fumo de um cigarro. – O curioso é que, para gajos como tu, seja tão fácil enxovalhar uma mulher à frente de todos. Não é a primeira vez nem será, com certeza, a última que um homem diz o que há de errado na forma como uma mulher se comporta.

As mulheres não pareciam nada incomodadas com os comentários que os homens faziam. Embora o parque estivesse quase vazio, o comportamento delas à vista de todos era genericamente desadequado. Em Lisboa, as mulheres eram ensinadas a ter boas maneiras, a manter a compostura em público e a desenvolver habilidades domésticas em privado. Os homens, por seu lado, encorajados a serem sociáveis e a saberem manejar armas – cada um com o seu papel, como dizia a Ama.

Mas, em Paris, era diferente e Mario logo aprendeu que a vida lhe reservava outros papéis.

Mario foi educado para ser homem.

Quando a mãe morreu, tinha ele dois anos, herdou uma série de itens valiosos. Entre eles, uma caixa de costura antiga com incrustações em pedraria, um terreno com árvores de fruto e um jardim de Inverno, uma colecção de moedas da realeza, cinco luíses cunhados com a efígie do rei, uma junta de bois, três pares de brincos de ouro e pedras preciosas, um jogo de lençóis de algodão egípcio, duas toa-lhas de mesa bordadas à mão, e um daguerreótipo em que a mãe sur-gia num vestido a cair-lhe sobre os joelhos. Ao atingir a maioridade, Mario vendeu tudo o que tinha valor e guardou este enxoval nos armá-rios, protegido da traça pela naftalina e do mau cheiro por saquinhos de funcho e alecrim. Era o que se esperava de um homem.

No entanto, isso não o impedia de ter pequenos gestos femininos em casa, sobretudo quando falava com Mimi, que o tratava carinho-samente como «ranhoso», mas não hesitava em lhe atribuir apelidos como «a minha amiguinha» ou «a nossa princesa». Fernando Pessoa continuava a tratá-lo por «donzela» ou «fada dos olhos castanhos».

Mario cresceu nos Restauradores, impedido de sair do períme-tro, de cerca de oitenta metros quadrados, da sua casa, segundo uma lógica implacável e sem graça. Pouparam-no às constipações e às aler-gias, às vertigens, ao suor, ao frio e à canícula. Afastaram-no de tudo, como se o mundo exterior fosse uma equação complexa e sem solução. Do seu quarto, tomado como observatório, via os candeeiros da Rua da Conceição e os telhados cinzentos das artérias limítrofes, e calcu-lava em probabilidades como seria a vida lá fora. Chegou até à altura do pai, um pouco menos, talvez. Mas não tinha nada dele, não her-dara matéria, forma ou função. Seria magro e esbelto, se não o tives-sem empanturrado de fortificantes, leite, açordas e carnes vermelhas. Nada disso, porém, lhe alterou o estado, apenas lhe saturou o sistema. Não lhe faltaram instruções sobre o que devia fazer para evitar os perigos: estava proibido de correr, de subir às cadeiras, de se aproxi-mar do perdigueiro de faiança; mas podia sentar-se no sofá a vestir as

bonecas, a pentear-lhes os longos cabelos e a enfeitá-las com brilhantes e missangas. Foi assim que o programaram: como um cão de porcelana, decorativo e inútil. Ensinarão-no a comer de boca fechada e a arrotar com a mão à frente, a reter os gases, encolhendo as pernas; a urinar sentado na latrina, a limar as unhas, a massajar os dedos dos pés e a passar creme nas mãos; a pôr as mãos nos bolsos.

Executava as instruções, mecanicamente, sem questionar a razão de ser delas. À medida que medrava, recebeu ainda directrizes sobre como traçar o penteado na testa e nos ombros e como realçar os olhos castanhos e rasgados e como manter a placidez das bochechas igual à das meninas. Aprendeu a endireitar as costas e os ombros e a olhar de frente, com ar de adulto, a posar de boca fechada para os retratos.

Mario foi educado para a estética física, daí que, naquele jardim parisiense, o que mais lhe despertou a atenção tenha sido um sinal que a fulana de lenço de seda vermelho tinha junto ao lábio superior. Esta disse, entretanto, à companheira, libertando-se do abraço com que a prendia, por detrás:

– *Amo-te, oh! formosa, oh! divinal mulher, oh! sol, oh! Fada, oh! Estrela, oh! Estrela minha!*

Um vento pesado e voluptuoso investiu contra as buganvílias, sob as quais as duas se abrigavam. Flores de cálices vermelhos exalaram odores com que as aspergiram, ao tombarem dos ramos.

Mario recuou, confundido com a simultânea ousadia e constrangimento daquelas mulheres, que se beijavam às claras, sim, mas a julgarem que poucas pessoas as viam, sem coragem para revelarem à multidão o que evidentemente eram: lésbicas.

Afastou-se. O portão por onde entrara estava trancado. Alguém o tinha encarcerado naquele lugar de devassidão. Teve de passar novamente debaixo das buganvílias, temendo voltar a surpreender aquele quadro de torpeza. Mas elas haviam partido.

Mario olhou em volta. O lugar onde as duas se tinham beijado estava de novo puro e imaculado, como se não tivesse sido o cenário de uma coisa horrível, do pior que a espécie humana pode fazer.

Já tinha ouvido falar de Mathilde de Morny, mas nunca haviam sido apresentados. De outra forma, haveria de se lembrar dela: era inconfundível. Ainda mais para um homem como ele, criado a ouvir falar dos anjos e dos santos, sob a influência de uma ama minhoto, uma coitada, devota benemérita das Carmelitas do Menino Jesus e de uma cadela rançosa, de seu nome *Miss*, que haveria, por certo, de ter também os seus próprios anjos, que a protegiam dos pontapés esquivos da criança.

Quando regressou para o hotel, já as luzes dos comércios se apagavam, aleatoriamente, e as montras emudeciam atrás de pesadas grades de ferro. Os operários, libertos dos ateliês, reuniam-se para beber cerveja. Outros espremiavam-se em carros eléctricos, em landaus e em americanos.

Mario encontrou à sua espera um banho com saís, a que só precisou de juntar mais água quente.

Teve dificuldade em se despir. As calças apertavam-lhe as canelas. Estava mais gordo, sem dúvida. Culpa sua, que, nos últimos meses, se empanturrara de biscoitos, couratos, entremeada e enchidos, ignorando a dieta que o Pérez lhe impusera e que o próprio Luís Ramos tanto elogiava.

Não foram só as calças que lhe deram trabalho, também os sapatos e as meias. Sentou-se primeiro na latrina, mas sentiu uma dor nas nádegas e mudou-se para o rebordo da tina. Tentou estender o braço, encolher a perna, equilibrar-se no soalho. Quase caiu para a frente. Acabou por se arrastar, de joelhos dobrados, rodando sobre si mesmo. Lá conseguiu livrar-se do primeiro sapato e meia. Repetiu a operação com o outro pé.

O casaco também não colaborou. As casas eram demasiado estreitas para os botões. Lembrou-se de que costumava andar de casaco aberto e com a barriga à solta. Na viagem, porém, tinha-o abotoado, por causa do frio. Agora, pagava o preço do conforto.

De banho, enfim, tomado, ungido com a bergamota de uma água-de-colónia e com as flores, frutos e especiarias do *Jicky*, vestiu uma combinação de cetim da proprietária das malas. Mirou-se ao espelho.

Seria mais venturoso que Deus se, no dia seguinte, a encontrasse e ela lhe devolvesse os pertences: – *Oh! se isto sucedesse... Ai, se isto acontecesse: sempre então eu viveria tão feliz como nos céus!*

Antes de adormecer, ligou a Xavier de Carvalho, a quem narrou tudo quanto, no parque do lago, os seus olhos viram e os seus ouvidos ouviram. O amigo secundou-o na escandaleira. Nenhum deles era um tolo, não senhor.

CAPÍTULO 4

Ai, como eu te queria toda de violetas

– Já despachaste o prato? – pergunta José d’Araújo, de olho no amigo, que larga os talheres, com um baque.

– Bah, perdi o apetite... Se, ao menos, este ragu tivesse vindo a fumegar...

– Ó pá, há quanto tempo não te enfardas a sério?

– Mas que raio, isso importa?! – Mario esfrega os lábios nas costas da mão. – És tu quem paga a conta?

– Claro que não, ora essa! – Agarra-lhe as mãos. – Estás um gelo! Come para te aqueceres, homem!

Mario volta a esfregar os lábios, desta vez na manga do penhoar azul-marinho, de seda Eri.

– Toma lá, que pepineira!

Araújo estende-lhe o guardanapo. Mario guarda-o no bolso, distraído, e enrosca-se num cobertor da serra. Araújo activa a chama da cavaca no trasfogueiro de ferro forjado, a imitar uma flor-de-lis. A onda de calor invade o quarto e o poeta aparta o cobertor, tira o barrete grego e descalça as meias de liga.

– Confessa agora – retoma José. – Afinal, tu é que foste atrás de Hélène.

– Juro-te, se dependesse de mim, nunca mais lhe tinha posto a vista em cima.

– Hum... Hum...

– Eu não sou mentiroso, José. Aliás, nem fazia a menor ideia de por onde ela andava nem do que fazia. Estava até a preparar-me para

telegrafar ao papá a pedir-lhe dinheiro por conta do extravio das malas. Mas, ela veio atrás de mim. Que podia eu fazer?

– Nada, está claríssimo.

*

Apanhou um *omnibus* para o Gaîté-Montparnasse, no Faubourg Saint-Denis. O sol poente inundava de sombras e contrastes o bojo dos edifícios; um bater de asas revelava a presença de um pássaro; os esquílos, à espreita atrás dos bancos e das sebes, fitavam-no; as águas nauseabundas das valetas levavam os resíduos da cidade para onde pudessem tresandar; as carroças, de regresso aos palheiros, enchiam o ar com a cadência pesada das suas rodas sobre o empedrado; um cão latia.

Chegou à paragem.

Lembrou-se da quinta. Das cores da paisagem, que mudavam de estação para estação. Do cheiro da terra molhada. Do vento. Do balido das ovelhas. Do amargor do pão de centeio. Dos passos do avô e do pai no soalho da casa. Da sombra dos vizinhos que desciam a rua. Da quermesse no largo da igreja – teria ele uns catorze anos –, as bancas dispostas sob um telhado baixo de zinco. Havia bolos de nêspira, folhados de abóbora e pãezinhos de nozes. Enquanto esperava pela mala-posta para o levar à Quinta, bebeu leite de cabra na banca da senhora Alzira. A mulher elogiou-lhe a estatura e o ar de intelectual. Para agradar, Mario declamou versos de Hesíodo, os seus preferidos. Ingênuo, pensava que ela sabia o que queriam dizer.

Mario tinha um dicionário, uma edição de 1850, de folhas amareladas, onde se notava o sebo dos dedos que o abriram e as marcas da oxidação. Algumas folhas vinham ainda coladas, e era preciso separá-las com um estilete. Algumas palavras perdiam-se, tornando-se, por esse facto, motivo de mistério. O jovem traduzia como se orasse: um livro, um estilete, um caderno de apontamentos e um aparo eram as alfaías que usava.

– Segura-me lá a cabeça, rapaz – dizia-lhe a Ama, supondo-o a dormir sobre o alfarrábio.

Mais do que as belas palavras com que os deuses lhe falavam, através de Hesíodo, interessavam-no as gravuras do livro, onde se reproduziam as cabeças deles coroadas de loureiro, os ombros espaduados, os peitorais traçados a cinzel, as pernas e os pés de mármore de Paros. Nisso, Zeus, Hefesto, Poseidon, Hermes assemelhavam-se a alguns trabalhadores da quinta, dotados de músculos para bem servir a sua família e a si mesmos, por inerência. Quando crescesse, haveria de ter um daqueles, deus ou homem, só para si.

Estugou o passo. A Lua, debandando para trás das nuvens, atirava sobre Paris uma mortalha de chumbo que baralhava os nomes das artérias e os rostos dos edifícios.

A certo momento, teve a impressão de a avistar, quando ela entrava para um *omnibus* a abarrotar. Para não a perder de vista, entrou também. Viu-a a trocar um aceno com um velho de cabelo sebo e marca no queixo. A mulher saiu duas paragens depois. Mario seguiu-a. Avistou-a ainda ao dobrar a esquina, no topo da rua, cumprimentando um soldado de quépi na mão e depois a amaldiçoar alguém que fazia despejos para a calçada. «Dirige-se ao Gâté-Montparnasse.» O cabaré localizava-se numa zona de comércio e esplanadas, e ia dar à Place Edgar Quinet, a cerca de quinhentos metros do Moulin de la Charité. «Se virar à esquerda, apanho-a.» A mulher recuou para junto do muro de uma casa de dois andares com um alegrete cheio de sardinheiras à janela. Conversou com uma cocote como ela, mas de saia e casaco. «O que estará a dizer?» A rua permanecia escura, vazia, triste. Bancos de jardim, com folhas secas por cima. Apenas a luz de um candeeiro público, a iluminar a silhueta dela.

Imaginou nela o *corset*, as meias de liga, as cuequinhas com que ele dormiu desde a chegada a Paris. Que bem ficariam num corpo feminino, muito diferente do seu, guarnecido de carnes e de adiposidades. Por momentos, desejou trocar um corpo pelo outro – magro, dos pés à cabeça –, para se poder deitar na tina, quando tomava banho, sem ter de encolher as pernas e a barriga, e, vestido, não rebentar pelas costuras.

A cocote veio ao seu encontro:

– Que bom vê-lo – sussurrou ela, como se não estivesse à espera de o encontrar. Cruzou nas pernas as pregas do vestido vermelho.

– São quase nove, imaginei que já cá estivesse. – Mario olha para os ponteiros do *Lépine*. – Vim por causa das malas.

– As malas? Que malas?

– Ah, então, os meus pertences, que ficaram consigo...

– Os seus? Que seus, hem?

– Que meus?! – exclamou ele. – As minhas malas... onde estão as minhas malas?

– Homem, que diabo fez às suas malas?

– Pensei que as tivéssemos trocado, sabe... por descuido!

– Mas qual descuido, qual quê! Os meus pertences vieram bem achegadinhos a mim, ora essa!

– Tem a certeza?

– Então e eu não conheço as minhas coisas?!

Mario insistiu na descrição das malas, uma maior que a outra: «de couro castanho, resistente», «as minhas também», «com costuras», «o mesmo», «cantos reforçados com madeira», «igualmente», «alças de couro, com rebites», «sem tirar nem pôr», «com etiquetas de identificação», «ora nem mais». «Desisto», disse, por fim. Não se metia com ninguém, não procurava problemas, mas ultimamente os problemas não o deixavam em paz. E ele, sem o conteúdo das duas malas, não sabia o que fazer. Telegrafar ao pai estava fora de questão. Chamá-lo-ia de tolo. À Mimi, muito menos. Não queria dar-lhe motivos para ela o acusar perante Carlos Augusto, como costumava fazer. As acusações terminavam invariavelmente com «o que lhe falta é trabalho sério». Rai's partam as malas.

Olhou em redor. Avistou um vagabundo. Uma mulher descalça. Alguém com ar de larápio. Sem as calças, casacos, camisas, camisolas, coturnos, laços, perfumes... enfim, sem a parafernália que o transformava num dândi. Sentia-se vulnerável. Não sabia como sobreviver em Paris sem perder a decência.

Um *omnibus* passou. Um vulto afastou-se em direcção aos plátanos, tomando a Rue du Maine; o zimbro caía sobre o macadame; as janelas fechavam-se; as luzes das casas acendiam-se.

– Que chatice.

A cocote lamentava o problema de Mario. E passou os dedos sobre os cabelos, humedecidos pelo zimbro.

A sua figura emergira, sob a luz de um querosene, como uma sublime aparição. Fitou-o directamente nos olhos.

– Renée – disse, entretanto, ao reparar que tinham passado um dia e meio no Sud-Express, de Lisboa a Madrid, falado de tudo e de mais alguma coisa, mas não se tinham apresentado. E estendeu-lhe um braço adornado com uma diáfana renda *chantilly*. – Hélène, para os clientes e para os poetas.

– Sou poeta – respondeu Mario, apertando aquela mão de dedos finos.

– Já mo tinha dito. E o que serei eu para si?

– O que quiser.

– Actuo daqui a nada no Gaîté – apontando a porta do bordel, quase em frente, a cocote desenha um sorriso nos lábios pintados de carmim.

– Já desconfiava, Hélène. – Gostou de pronunciar o nome dela.

– Venha comigo – disse a mulher, segurando-o pelo braço –, para desanuviar a mente.

– Pensei que fôssemos a sua casa... Mas, aqui... Que tolice a minha... Se veio para trabalhar... Vá, vá para dentro, espere lá por mim.

A porta do bordel abriu-se. De lá saíram volutas de fumo, um casal, que se afasta, abraçado, e música. Mario sentou-se num banco de jardim salpicado de excrementos de pombo – não reparou, que nojo! – e folhas secas.

La vie parisienne

C'est la vie la plus belle!

Um bando de alvéolas-cinzentas sobrevoou os telhados das casas e as copas das árvores. Transportava o aroma das rosas-damascenas dos jardins do Palais-Royal. Hélène sentou-se ao lado de Mario.

– Não aguento os pés. – Descalçou um sapato Adelaide em cetim com borla e fitas.

– Mas, venha comigo, depois tratamos das malas. – E achegando-se a ele: – Não tenha medo, não o vou foder.

Mario olha para o chão. Mexe nos dedos. Baixa o tom de voz:

– Bem, eu... eu nunca...

– Nunca o quê?

– ... tenho um amigo que me deve uma maçaroca... mora aqui perto... já que cá estou...

Fora surpreendido por um *foder* de que não estava à espera.

E estava nojento, com o vestuário colado ao corpo, com o cheiro dos três países por onde passou e o dos fritos e assados do Richmond. E as manchas de suor, os óleos das locomotivas, as bactérias das pessoas que roçaram nele, e agora até os excrementos de pombo. Felizmente, o *valet de chambre* emprestou-lhe cuecas e coturnos. O poeta gostava bem deles, faziam-no sentir-se homem, como os operários e os camponeses, preferia até que tivessem vindo com ranço a valer e só por vergonha não pediu para os substituir por outros mais porcos.

Mas a viagem, era evidente, deixara em Hélène uma marca tão profunda que bastaria um pretexto qualquer para não o deixar ir embora.

Mario pensava numa desculpa: se ela insistisse, dir-lhe-ia que o tal amigo se chamava Stanislaw Belkowski e era um estrangeiro como ele, boémio e dândi, que lhe devia favores. E, quando ela se afastasse, ele punha-se logo a correr dali para fora.

– O seu amigo que espere. – Hélène passou o braço esquerdo em redor do braço direito do poeta e conduziu-o para o interior do Gaîté.

Entraram numa sala elíptica com um tecto sustentado por colunas de carvalho onde orbitavam altos-relevos de cenas da paixão de Cristo. Sentaram-se, a um canto, a uma mesa pé-de-galo, coberta por

uma toalha com margaridas bordadas no rebordo. A luz de um candeeiro a óleo de colza iluminava o rosto dela com uma aura de transcendência e magia. O ranço das cuecas dele colado aos testículos.

Um *boulevardier* suspirava uma canção.

Hélène foi chamada ao camarim, para mudar de figurino e colocar as pestanas.

Era a hora da partida. Mario olhou para as pernas dela, cento e vinte vezes mais radiosas que as de Zoina, que quase já não recordava. «Uma apostinha em como vais ficar?»», disse falando consigo próprio. Não se aguentava a abandonar pernas tão esplêndidas, essa é que era essa, mesmo que ele fosse só farrapos e cheiro infecto.

No palco, alguém ordenava ao piano que tocasse.

Embora se sentisse todo indigno dela, apesar dos sermões que ele se impunha interiormente a si mesmo, a convencer-se de que ambos estavam no mesmo patamar social. Se ela resistia ao fedor da sua roupa, ele resistia ao ambiente moralmente putrefacto onde a encontrou.

Era a vez de Mario satisfazer necessidades de ordem inferior, mas pensou novamente nas pernas dela, um egoísmo, sim, embora soubesse que ia apodrecer naquela cadeira, bebendo zurrapa como se fosse champanhe e fazendo-lhe declarações de boas maneiras. «É ela», julgou, ao sentir um braço sobre o ombro. Era Hélène. Num esforço final de compostura, Mario aguentou a vontade de mijar.

– Por onde é que você andou?

– Bebe vinho?

– Um *Châteaux Lafite Rothschild*, talvez.

Hélène actuava já a seguir. Precisava de coragem e foco, para fisgar a assistência, que desconhecia. Era artista-residente das Folies-Bergère, não do Gaîté, cuja plateia, segundo lhe tinham dito, embora menos exigente em termos de gostos musicais, aplaudia as actuações, por vezes com aparato, interrompendo-as, com palmas, pateadas e gritos.

Um criado trouxe um *Château Margaux* de cor rubi com reflexos violáceos.

– Queria brindar – disse Hélène, erguendo a taça.

– E há motivo? – respondeu o poeta, cada vez mais infeliz num vestuário infecto, mas também por não saber como recuperar as malas. Ainda assim, ergueu a sua taça também.

– À amizade, à vida, ao trabalho, à mesmice das vidas banais!

Dois soldados contavam, na mesa ao lado, histórias de guerra. Hélène tirou um lenço do decote com que enxugou a fronte e retorcou o batom. Olhou-os de esguelha. Achava-os uns imbecis, estava bem de ver.

Hélène era tudo menos banal. O espartilho moldava-lhe a silhueta em forma de áspide e uma blusa de algodão pálido com pregueados conferia-lhe um ar de delicadeza. Complementava o conjunto uma saia trapezoidal escura. Um casaco justo com mangas vaporosas. Coroando a cabeça com requinte, uma conspícua capeline de plumas. Evidenciando a sua feminilidade, luvas de seda e sapatos de salto alto com botões. Enfeitavam-na com brilho e graça os colares de pérolas no colo e as pregadeiras personalizadas na blusa e no casaco.

Hélène dirigiu-se ao palco. Mario bebericou o vinho, lembrando que ainda há três dias, apenas três, partilhavam um vagão de terceira, ele e ela, com os pés doridos, as mãos pegajosas, o cabelo emaranhado. E agora já parecia que o tempo se esticara, que já se conheciam há três meses, três anos, trinta e três anos. Suspeitava que haveria de viver muito mais ao lado dela.

Aproximou-se de Mário um criado com pão de gengibre, outro com *petites duchesses* rodeadas de guirlandas de violetas e outro, com um bem-me-quer na lapela, que lhe deu a experimentar *Château Lafite Rothschild* e *Bourgogne*.

– Não é preciso, deixe ficar.

Mario cobriu as bebidas com um paninho e a pastelaria com outro. Hélène cantava e dançava em par com um negro, traje meio espanhol, colete aberto e peito luzidio, mais baixo do que ela. Mario trauteava a cantiga. A sua voz interna demorava-se nos três criados que o serviram.

*Nini, peau d'chien, n'avait pas d'argent
Elle vivait de rien, de pain et de froment*

Contara-lhe que já fora mais gorda, que emagrecera devido ao tabaco. «Terrível», disse ela, expelindo uma baforada. Mas ele, na lembrança da saia, um pouco acima dos tornozelos, que lhe vira na viagem, não a imaginava gorda. A não ser que fosse truque. Ah, mas isso não. Fez impressão vê-la enterrada na poltrona do trem, com a bagagem de mão no meio das pernas, não por ser gorda ou desajeitada, apenas por ser «um pouco desenvolvida demais», sobretudo quando comparada com ele, baixinho, de um metro e setenta e cinco, igualzinho ao pai, que azar!

Às vezes, Mario contraditava-se, sem dar por isso, perdia-se em si mesmo. Não senhor, se a tivesse avistado no Chiado ou em Arroios, não teria dado por ela um só vintém. Hélène era uma ruína de mulher, olha que porra! Um caso sério de submundo!

Assim pensava porque, agora, a via com as mãos na cintura do seu par, a olhá-lo nos olhos, a dar quatro passos à frente e a alternar as pernas; a dar quatro passos atrás e a repetir o movimento; a girar em torno de si mesma, a aproximar-se e a abraçá-lo de novo; a dar dois passos para a direita e dois para a esquerda; a levantar as pernas direitas em sincronia, etc., etc. Parecia-lhe infame, derramada sobre o outro.

*Nini, peau d'chien, n'avait pas d'argent
Elle vivait de rien, de pain et de froment*

Num interlúdio, o *boulevardier* imita os gestos, as expressões do par, que se retirara, e, provocando os burgueses, agita o bastão de prata, na mão direita, e o canivete, na outra. Chama-lhes «connards» e «dindes» e «idiots de merde». Incita os trabalhadores ao fundo, tratando-os por «mes camarades» e «mes confrères».

Segue-se um intervalo.

No final da segunda parte, o par tomba para o chão, ficando o galã deitado de costas e Hélène montada sobre a cintura dele.

*Quand Madelon vient nous servir à boire
Sous la tonnelle, on frôle son jupon
Et chacun lui raconte une histoire
Une histoire à sa façon*

Levantam-se, apoiados um no outro, e beijam-se na boca, as mãos entrelaçadas, os olhos semicerrados. Soltam as mãos, abrem os braços e separam-se, passos e gestos suspensos, até desaparecerem, dramaticamente, por detrás das cortinas. Regressam. Agradecem os aplausos – fraquitos – e somem-se de novo.

Mario já vira a história ser representada no teatro L'Olympia, por Yvette Guilbert, e no Moulin Rouge, por Mistinguett. Hélène, no entanto, conferia-lhe um extra de veracidade. Talvez pelos graves de final de frase, enquanto dava porrada no antagonista, a carcaça dele toda a sacolejar, os dentes a chocalhar uns nos outros. A assistência a morrer de cagaço que aquele tipo se esbandalhasse todo. E Mario desfeito em suores, o esqueleto todo a brandir, as mãos sem as conseguir despegar dos joelhos.

Bebeu o *Bourgogne* e o *Château Lafite Rothschild*.

A mulher estava a demorar. Mario foi à sua procura. O seu terror era encontrá-la atrás das cortinas, nos braços de um malandro, ou à mesa de um chulo. O que tinha a fazer era desculpar-se, ir embora. «Quem não vai embora sou eu», disse, porém, de si para si. «A única coisa que posso fazer é voltar para a minha mesa e esperar por ela. Assim como assim, no meio desta gente toda, não a vou encontrar.»

Entretanto, Jane Avril e La Goulue subiram ao palco, com vestidos de canção repletos de pregas e folhos e chapéus de palha com flores e fitas. Beijaram-se na boca e sorriram uma para a outra, iniciando a sua interpretação de um par de lésbicas de pernas ágeis. Dançaram ao som da música, que misturava polca, valsa e quadrilha, alternando beijos e carícias, sob os apupos da assistência. Mostraram as cuecas de rendas brancas, levantando as saias e dando pontapés para o ar com as botas de cano alto. Saltaram, giraram, agacharam-se e abraçaram-se

apaixonadamente. Empurraram-se com força, puxaram-se pelos cabelos e soltaram-se com um grito, em sincronia.

Mario retesa os músculos todos do corpo. Que espectáculo de segunda classe, que destroço da alma humana! Aquelas duas gajas fazem-no lembrar Mathilde de Morny e a amante, e os beijos e amassos delas, embora sem habilidades dramáticas... A obscenidade, a ignomínia, o homossexualismo, vêm ter consigo, de várias formas... enfiam-se pelos olhos, ouvidos, escorrendo por toda a parte, zás, assim, limpinho, quase se lhe pespegando à pele. E ele, que é inimigo da torpeza, da vilania, embora homem jeitoso, com uns quilinhos a mais que o protegem, talvez, da atracção por homens... enfim, tem de ser prudente, gaita!, para escapar à torrente da miséria humana. E sábio: bastará fechar os olhos, como quando jogava à cabra-cega, na escola? Diz-lhe a experiência que acabava sempre por andar em círculos, às cabeçadas às árvores.

A plateia irrompeu em aclamação.

Apagaram-se as luzes e Mario abriu de novo os olhos. A atmosfera revelou-se agora na nudez decepcionante das velas que ardiam nas mesas, deformando os rostos em espectros. Hélène não regressara ainda dos bastidores. Que andaria a fazer? Porque o abandonou a um copo de vinho? Folgaria ela com o seu grupo de amigos? Teria saído para a rua? Mario rodou o pescoço, à procura. Estava escuro e não conseguiu ver nada, além da mixórdia pegajosa e grotesca de almas. Sentiu-se, então, abandonado à sua sorte, ao seu infortúnio. Se, ao menos, tivesse ali o Carvalho, o Xavier, cum catano, um dos poucos que lhe emprestavam os ouvidos, o ombro, e o mais que fosse preciso. Mas não. Não estava ali a fazer nada. Nem devia sequer ter vindo.

De repente, imaginou que lhe tiravam a pastelaria e os copos de vinho de cima da mesa e até a toalha branca. Estendeu o braço. Afinal, estava tudo ali, à sua frente, na mais comum vulgaridade.

Ligaram-se as luzes sobre uma personagem de pernas curtas e corpo de adulto, com casaco, colete, gravata e chapéu, que equilibrava no braço um cão de faiança, tratando-o com afecto, e se dirigia com ele para o palco, entre o público.

A orquestra é interrompida no primeiro acto de *La Bohème*.

– Silêncio! – ordena o homem, em voz campanuda, enquanto sobe ao palco, atirando o chapéu e expondo uma cabeça imensa. – Toulouse-Lautrec morreu. Viva Toulouse-Lautrec!

Hélène surgiu sob um estreito foco carmesim, como se viesse do inferno, com um copo-balão de absinto em cada mão, e interpelou a personagem. O cavalheiro aceitou o absinto, claro e leitoso, e convidou Hélène a beber o seu também. A pateada cessou quando Hélène o segurou nos braços e ameaçou lançá-lo por sobre a assistência.

Aquela mulher punha em cena os instintos sombrios da alma humana como se lhes revelasse um sentido que ninguém ousa admitir. Era inigualável. *«Ai, como eu te queria toda de violetas e flébil de cetim...»* Tinha de a descrever a Fernando Pessoa, compor uma peça em que ela brilhasse. Tinha ali a matéria-prima para a obra maior do drama português. E o seu nome, Mario de Sá-Carneiro, seria maior do que o de Anrique da Mota, Gil Vicente, António José da Silva, Almeida Garrett. Nem Pessoa teria criado um ser tão intenso e tão perfeitamente imperfeito como aquele, que conjugasse tão bem noite e dia, ambição e desprendimento. Hélène, que desconhecia bibliotecas e tertúlias, encarnava tudo o que fora escrito e pensado e o seu contrário, o paradoxo absoluto.

«Alucinações-em-Oiro», mas que título! Atirar-se-ia à escrita, que acabaria por lhe dar alento, estando ele em Paris, sem nada com que se ocupar. Ia ter muito que fazer. Uma trabalhadeira, desenhar um ser em declínio, um ente abjecto e nobre em Sombra-de-Ânsia. Se não fosse capaz, pediria ajuda a Fernando Pessoa, sobretudo com os diálogos, mas reservaria para si as imagens aflitas de uma alma a atirar-se para o Abismo – muito mais fácil –, que lhe dissesse, à beira da Vertigem: «Vem. Veste-me de folhos. Entra por mim dentro como um sexo. E depois, cindindo-me, leva-me contigo.»

CAPÍTULO 5

Listas de som avançam para mim a fustigar-me

– ...

– Disseste alguma coisa?

– E importa? – Mario alisa com a mão a toalha de mesa.

– Não?! Eu acho.

– ...

– Tens dormido bem? – Araújo repara nas olheiras de Mario.

– Estás preocupado, meu bom camarada? E logo comigo.

– ...

– Não sabes?

– O quê?

– Que me deito cedo.

– Novidades do teu pai?

– Quer saber o que pretendo da vida.

– Em suma: pressiona-te para ires para Lourenço Marques.

– Um horror, meu amigo! Um horror!

– Seria talvez o mais adequado, atendendo às tuas temíveis crises.

– Ah, isso não. *Paris está uma coisa ideal. Paris da guerra! Que hora grandiosa!* Uma maravilha!

*

Antes de se levantar, tentou ligar o candeeiro de leitura. Ensonado, ainda, e com uma forte enxaqueca, pressionou de novo a patilha. Nada. Pôs o braço por baixo da almofada. Sentia-se mais confortável deitado

sobre o coração, a cabeça inclinada o mais que podia, os joelhos à altura do peito. Assim, tinha a sensação de estar ao lado da mãe, embora essa fosse uma recordação esbatida, de que não poderia ter memória – Águeda Maria falecera aos vinte e três anos, quando o menino tinha dois, vítima de febre tifóide, doença que o filho também contraíra, mas à qual sobrevivera, como que por milagre. Durante a noite, Mario mudava de lado, mandava as pernas para a cabeceira, punha-se de costas para baixo. De manhã, a cama estava revolta: os lençóis desalinhados; as travesseiras caídas no soalho; os cobertores a resvalar para os pés da cama.

Viu as horas: meio-dia e meia. Voltou a adormecer.

Acordou com um ruído breve e seco perto do nariz. O criado entrara no quarto e abria diante do hóspede um vinho Bordeaux de uma garrafa selada, vertendo-o numa taça e colocando-o sobre a mesa de cabeceira.

– O almoço está servido – disse, pousando ao lado de Mario a bandeja de prata com uma tigela de sopa de cebola fumegante, um *cogau vin* com puré e uma *tarte tatin* dourada com *chantilly*.

Mario deitara-se com sede e um mal-estar no estômago, após ter contactado telegraficamente a Estação Ferroviária de San Sebastián, em busca de auxílio para o incidente com a bagagem. Compôs também uma longa *carta de negócios* a Fernando Pessoa, dessas que ele lhe enviava, repletas de minúcias, para manter a ilusão de o ter por perto. Esta servia para se lamentar do infortúnio de ter deixado para trás, em San Sebastián, as malas recheadas com missivas, sonetos, folhetins, cadernos pautados, jornais e revistas, e vestuário. E, num bilhete-postal endereçado à sua querida Mimi, rogou-lhe apoio na recuperação dos seus pertences. Devia já passar das duas da madrugada.

O gato, enroscado sobre uma pilha de livros, fixou-o com indiferença e voltou a fechar os olhos. Porque era tão antipático? O bicho inspirava-lhe instintos de cacetadas e pontapés, ou, no mínimo, bofetadas, para lhe ensinar que não se deve tratar com desprezo um Sá-Carneiro, gerações e gerações com galões militares.

Em tempos idos, queixara-se ao pai das dores de estômago, e este recomendara-o à Ama, que o recomendara à Mimi, que o recomendara

ao avô, e ninguém fizera nada. Numas coisas, exigiam que fosse estóico; noutras, nem davam caso. Tratavam-no como se fosse uma criança, mas nunca queriam saber a seu respeito mais do que o essencial. O essencial, para o pai, era a que horas se deitava e se levantava, se andava a pé ou de táxi, se comia e dormia em condições, mas genericamente. Se se deitasse muito cedo ou muito tarde, repreendia-o. Se gastasse o dinheiro em extravagâncias, admoestava-o. Mas quase nunca lhe perguntava sobre a saúde, nem por onde ou com quem andava. Eram assim, os Sá-Carneiro.

Mario sempre admirou tudo quanto o pai dizia e fazia. Via nele não só um exemplo na arte de bem-vestir, mas também na arte de ser homem e senhor.

Em criança, deitava-se nas pernas dele, a amarfanhar-lhe a farda. Quando ele vinha, numa fugida, antes de um baile beneficente ou de uma exposição de leques ou de crisântemos, pedia-lhe um beijo.

– Olha lá essas mãos! – retorquia o pai. – Que andaste a fazer?

Estivera a brincar aos burocratas, sentado sobre uma coberta no chão da sala, a anotar ordens e a instruir processos; os traços nos dedos deviam-se à tinta do estilografo.

– Muito bem, doutor Mario – dizia o pai. – Escreves que é uma porcaria, mas tens futuro no mundo das leis, ou dos escriturários.

O pai não descartava a possibilidade de o filho se transformar num estroina, desequilibrado ou inútil, o que parecia não o incomodar muito, desde que o deixasse livre para fazer, ele próprio, o que muito bem queria.

Era completamente admissível que o criado entrasse no quarto sem bater à porta – se bateu, ele não ouviu – e abrisse um vinho Bordeaux à sua frente, mesmo vendo que estava descomposto. Só não era admissível que o homem retirasse as luvas brancas para manusear a garrafa e a deixasse, sem gravata, a pingar para o soalho.

Mario não comeu. Picou. Do prato principal, degustou um fio de carne e uma colherada de puré; da sopa, um naco de cebola por desfazer; da sobremesa, uma lasca de maçã caramelizada. Mas foi adornando a borda dos pratos e das travessas com pedaços de comida

mastigada e de impurezas que o seu olhar crítico descobria só para lhes apontar defeitos.

Nesse dia, mudou-se para o Hôtel de Nice, no nono bairro, uma zona animada pela proximidade da Place Pigalle e do Moulin Rouge.

Foi um choque quando lhe disseram que, em breve, o exército ocuparia o Richmond. O estabelecimento ia de mal a pior: muitos empregados tinham sido já demitidos; o serviço de quarto era péssimo; as refeições, cada vez mais insípidas, sem primor; os hóspedes, começavam a rarear. Como confessara a Xavier de Carvalho, odiava o lacaio, um sujeito de barba por fazer que vestia uma jaleca sem abotoaduras nem galões. Carvalho encolhia os ombros: desconhecia o que era ter de suportar todos os dias o mesmo criado, com bedum de suor, uns suspensórios de napa a puxar-lhe as calças para cima como se o quisesse enforcar, e uns sapatos esburacados. Mario sonhava para seu criado um rapazola de rosto liso, com um libré impecável, adornado com botões de madreperla e galões coloridos.

Conseguiu ligação à noite. Carvalho atendeu-o com voz de bêbedo. Disse-lhe que não era nada de grave, que fosse descansar e que, no dia seguinte, lhe ligasse de novo. Mas era uma aflição, insistia Mario, sem perceber se o seu interlocutor se estava a levantar ou a deitar. Não, não desligasse. Era urgente mesmo. O poeta estava de pé, junto à porta do Richmond, quando viu os soldados a entrar. Alguns falavam alto. Ignoravam as suas angústias. Se Carvalho não tivesse atendido naquele instante, os homens tê-lo-iam atirado para o meio da rua, ao pontapé, tinha certeza disso. A bagagem estava num canto da recepção, junto com fuzis, baionetas, granadas, capacetes e uniformes. Não seria fácil, a partir daquele momento, passar pelo meio do equipamento militar para reaver os seus pertences. Mario detalhou: à sua frente, um soldado de cerca de dezoito anos, fardamento azul-claro, limpava uma arma e dizia a outro que se despachasse; um terceiro abria a braguilha e mijava para a sarjeta.

Era evidente que exagerava. Os tropas falavam francês, não lhe iam fazer mal. Conversasse com eles, perguntasse se podia pernoitar no hotel. Mas que não fizesse disparates, insistiu Carvalho. Tirar um

homem do quarto às dez e meia da noite, de banho tomado, sem jantar, era uma maldade.

Entenderam-se. Mario saiu às onze da noite para o número vinte e nove da Rue Victor Massé.

Avançou ao lado do amigo pela Rue de Maubège, sentindo o medo a crescer dentro de si – um tremor de pernas, um respirar ofegante, um olhar aflito. As luzes das habitações morriam, uma a uma. A via apagava-se, sem esperança.

Arrastaram-se pelas sombras nocturnas dos plátanos e das faias que ladeavam o caminho, e pelo rastejar de folhas que se soltavam das árvores.

Um ruído fino e excruciante eclodiu no silêncio – era a vocalização de uma coruja. Mario estacou, como se tivesse levado um tiro. Carvalho pressionou-lhe o peito: o coração dele era uma bomba-relógio.

– *Listas de som avançam para mim a fustigar-me* – sussurrou Mario.

Surgia ao fundo, saindo do Boulevard de Clichy, uma coluna de soldados da cavalaria, encabeçada por dois *Renault AG1* blindados que varriam a artéria com os seus holofotes.

– Vamos pela Rue Jean-Baptiste Pigalle – segredou Xavier de Carvalho. – Voltamos a apanhar a Rue des Martyrs mais adiante, após a Rue Lamartine. São só mais três minutos.

O exterior do Hôtel de Nice permanecia às escuras – a Lua tinha-se desligado – e foi penoso encontrar a porta da entrada. Enganaram-se duas vezes, indo bater aos prédios contíguos, um de cada lado, e só tiveram a certeza de estarem no local que procuravam quando Carvalho tocou na maçaneta com a forma de uma tromba de elefante, que lhe era familiar.

Já instalado no quarto, de banho tomado, Mario puxou para trás a colcha, o cobertor e o lençol, sacudiu-os e endireitou-os pela ordem inversa, passou a dobra para cima da colcha e abriu a cama. A divisão tinha de ser ventilada, de receber oxigénio, de se desenvencilhar de um cheiro putrefacto a mofo, suor, urina e injectáveis. Carvalho descerrou a janela, mantendo as venezianas fechadas. Um ventinho soprou pelas frestas, empandinando os cortinados. Tomaram café e chá. Mario

recuperou energias, pediu ao companheiro que ficasse com ele, que não o abandonasse, que não o deixasse dormir, por medo dos pesadelos, e, se entretanto adormecesse, que lhe cobrisse os pés e não descu- rasse o peito nem as costas. Tinha pavor das pneumonias. Falava com uma voz apagada, enquanto espremia um paninho com a insígnia do Richmond: uma rosa vermelha envolta numa fita preta sobre fundo dourado. Carvalho estava sonolento: tinha consumido *french port*, vinho do Porto, vinho tinto *Saint-Émilion*, rum com água de Seltz, cerveja *Saint-Omer*, licor *Amer Picon*, vinho da Toscana e conhaque *Grande Champagne*. Quando o viu pálido e a vomitar, Mario não pensou que Carvalho estivesse bêbedo, mas amparou-o na sentina, segurando-lhe a testa, encostando-o à sua perna, com firmeza, falando-lhe como se fosse a mãe. Já recomposto, Xavier de Carvalho ajudou Mario a enfiar as calças de pijama e as peúgas, arrumou-lhe as pantufas e aconchegou-o nos lençóis verde-coral da cama. Depois, desligou o globo da cabeceira e ambos adormeceram, ao mesmo tempo, ao lado um do outro, aninhados por baixo de uma colcha Arte Nova coberta de flores, aves negras e Empusas, Lârnias, Górgonas e Harpias. O poeta despertou pouco depois das quatro da madrugada – queria beber água e conversar.

Mas Carvalho – o amigo parisiense, de todas as ocasiões – tinha ido embora.

CAPÍTULO 6

Um vago tom de opala

- Estava ali um homem – diz José d'Araújo, cerrando as cortinas.
- Estão sempre aí, não há meio de consertarem isso.
- Pior será quando vierem os soldados.
- Ontem, houve tiros.
- Não receias uma bala perdida? A mim, dava-me jeito um capacete de guerra, mesmo amolgado.
- Qual quê? A mim, dava-me jeito uma bala – responde Mario, do canapé. – Mas aqui tudo corre às mil maravilhas, ninguém pensa na morte.
- E tu, pensas?
- Salvo seja! Muito menos eu! Todos menos eu! A vida já me levou a cabeça... que venha *la casque*!

*

Dias depois, Carvalho procurou-o para se desculpar. Tivera de o deixar sozinho por conta de escrever um discurso para a Conferência organizada pela Câmara de Comércio Franco-Portuguesa em Paris, uma coisa de importância, dali a dias.

– Com tanta caneca de vinho, também vi que não ias acordar tão cedo – salientou, puxando o punho da camisa para cima de uma pulseira de prata.

Trabalhava em algo como: «Hoje, mais do que nunca, devemos reforçar os nossos laços de amizade e cooperação, tanto no plano político como no económico...» Mario ficou impressionado com o relato

do amigo: passara o resto da noite a apurar o texto e depois dormira semivestido, os pés de fora da cama, como fazia quando queria acordar cedo; levantara-se às oito, com a camisa amassada e os colarinhos torcidos; enfiara os sapatos, o sobretudo e o chapéu; trancara um pedaço de broa com presunto e emborcara um copo de vinho. Dois copos de vinho, para empurrar. Três copos de vinho, para estabilizar. Enxugava ainda aos punhos da camisa as comissuras dos lábios:

– Vem daí, vamos beber.

Mario foi compondo a toalete e discorrendo sobre a miséria que era Paris em guerra, enquanto o outro, estatelado no canapé, bebericava água gaseificada. De dia, os bombardeamentos. A Closerie des Lilas, destruída. Os outros cafés da Rive Gauche, vazios. O trânsito, reduzido a vinte e cinco por cento. *Omnibuses*, nem vê-los. Mas gente a rodos. Muitos soldados. Muitos feridos. Famílias de luto. E mulheres desesperadas – tantas e tão maltrapilhas. Nenhum sinal de esperança. À noite, apenas acesos os candeeiros a gás das entradas das ruas. O resto da cidade, tão negro que era preciso cuidado para não tropeçar nos próprios pés. Muita gente de um lado para o outro, a deslizar na sombra. Automóveis, fiacres, com uma luz tímida que mal se via.

Tais cenários provocavam-lhe dores de estômago e náuseas.

– Come *petit fours*, Mario – aconselhou Carvalho, cofiando o bigode fino e curto. – São o melhor desta vida.

Mario olhou pela janela. Um cão farejava os despejos das casas. Um mendigo passou por ele, observou-o, avaliando a comida que lambia. Hesitou e mediu-o: setenta centímetros de altura na cernelha parecia pouco. «Um biqueiro será suficiente para o derrubar», terá pensado o homem, quando colocou no chão o saco que trazia às costas antes de avançar para o amontoado, mirando o animal como se o fosse agredir. O mendigo estava a dois passos, três no máximo, do seu arquiconcorrente. Tão próximo, ao perceber que o bicho tresandava ao cheiro pungente da cadaverina, do butirato e do escatol, afastou-se. A guerra ainda não chegara ao ponto de o homem comer o que fora antes focinhado pela morte.

Um jacto de água turva saiu de uma janela, ou de uma varanda, ou de um algeroz. Interceptou uma ave, que se despenhou, e foi cair em repuxo na calçada.

Era uma da tarde. Muitos confluíam para a Rue Victor Massé, distribuíam-se pelos cafés e esplanadas.

Mario seguiu com Xavier de Carvalho para o Chope Parisienne, num recanto da Rue des Écoles. Serviram-lhes sopa de cebola, linguado à moda do moleiro e *boeuf bourguignon*, um presente do comerciante, que exigiria mais tarde uma retribuição, não pensasse Mario que se livrava dele.

O poeta analisou as mesas de madeira polida, os espelhos dourados, os lustres de cristal, e ouviu as conversas em surdina, para se distrair de um par de olhos nédios de uma ratazana que transpunha o umbral do estabelecimento.

– Há um mês, fui comer ao restaurante do Guisado – disse ele, como se Xavier conhecesse o Guisado.

– Charuto? – interrompeu o outro, estendendo-lhe uma caixa rectangular de couro e acabamentos em seda.

– Obrigado! – Mario, numa animação: – Serviram peixe do Tejo em vinagre e couve. O Guisado quis provar, afinal é o dono, mas eu avisei-o: era má ideia. Aquele barbo devia estar podre, cheio de porcaria das fábricas e dos barcos. Ia ficar com uma caganeira das grandes... No chão, havia açafates de água suja. Um homem gordo, com bócio, cortava o peixe com um facalhão enferrujado e punha-o numa travessa com vinagre e couve cozida. Ninguém se atrevia a comer, só o Guisado, que é um tolo.

Um garçom de traje escuro, camisa alva e gravata, deslizava discretamente no meio dos clientes, com um *Château d'Yquem*, um vinho esmaecido e ralo de uma colheita arruinada pela filoxera, com vestígios de mel, damasco, caramelo e baunilha.

Mario falou de Luís Ramos, Cortes-Rodrigues, Almada Negreiros e Fernando Pessoa, e de outros. Carvalho não se mostrou muito interessado em conhecê-los, adiante, bebeu e mastigou, ao ritmo das memórias do amigo poeta.

Antes de se encontrar com os de *Orpheu*, n'A Brasileira, Mario tinha por hábito parar nos Irmãos Unidos, onde o Guisado lhe servia um café forte e lhe contava as novidades do mundo literário. Depois, caminhava pela Rua da Palma de Baixo, admirando as montras das lojas e os cartazes dos teatros, até chegar à Praça da Figueira. Atravessava o largo a passo rápido, esquivando-se dos vendedores ambulantes e dos eléctricos, e entrava na Rua Augusta, que o levava ao Rossio. Fernando Pessoa, que saía do emprego na Rua dos Douradores às seis em ponto, tomava o caminho inverso, descendo a Rua da Magdalena e virando na Rua de São Julião. Juntava-se à comandita n'A Brasileira meia hora depois de Mario, cumprimentando-os com um aceno discreto. Sentavam-se três, quatro homens, numa mesa de mogno velho, coberta por uma toalha manchada de vinho. Tinham de se encolher para caberem todos, à medida que mais se juntavam.

Cada um trazia papéis, muitos papéis pautados, rasurados, cortados, dobrados, que eram dispostos desordenadamente por cima dos que já lá estavam. Ali, debateram os pormenores da revista literária – o nome (*Orpheu* ou *Orfeu*?), os directores, o editor, os depositários em Portugal e no Brasil –, seleccionaram o papel, escolheram os autores e os textos, discutiram os títulos e subtítulos, as vírgulas e os pontos finais, as letras maiúsculas e minúsculas, e imaginaram a primeira capa.

À sombra das tipuanas, homens de panamá fumavam cigarros, conversavam, liam jornais, pontapeavam as folhas caídas das árvores. Gaivotas-d'asa-escura planavam no céu azul da Rua Garrett, à procura de pão e abrigo. Algumas pousavam nos bancos, nos capôs dos automóveis ou nas cornijas e parapeitos dos prédios; pilhavam os ninhos de pombos. Outras cobiçavam os restos de comida deixados nas ruas ou esplanadas. Mario contava as gaivotas nos pináculos e pedra de armas do Teatro Dona Maria II.

Um homem esquelético, macilento, de gorro pardo e sobretudo gasto, entrou no Chope Parisienne acompanhado por um cão perdigueiro. Observou os bolos, *croissants* e garrafas de vinho da vitrina. Hesitou, sem saber se devia ficar ou não.

«Araújo!», disse Xavier. «Carvalho!», disse José. «Agradado em vê-lo», disse Xavier. «Não diria melhor», disse José. «Quer sentar-se?», disse Xavier, abrindo espaço, «Por obséquio». «Agradecido», disse José, tirando o gorro. «José d'Araújo, Mario de Sá-Carneiro, poeta; Mario de Sá-Carneiro, José d'Araújo, jornalista.» Seria amigo dele também assim, exigindo retribuição rápida.

O recém-chegado recusou o banco e sentou-se no espaldar alto, que o elevou ao nível dos ombros dos outros dois. Tinha a cabeça como que afundada na corcova das costas. Na face pálida e enrugada, brilhavam tições em vez dos olhos. Encomendou vinho e queijo. Emitia sons a cada gole. Fumava charuto atrás de charuto.

Verberava o modernismo e os modernos.

As novas ideias ameaçavam os homens de bem, que as não podiam controlar nem combater. Infiltravam-se nas conversas de café, disfarçadas sob as virtudes da revolução, sem respeitarem as tramitações legais. Sentavam-se à mesa das boas famílias, gozavam do prestígio do púlpito. Eram convocadas para a Câmara dos Deputados, onde defendiam os seus ideais. Estavam na ponta da espingarda dos revolucionários e tinham boa mira, disparando de perto e de longe. Ninguém se livrava da desgraça, pois criavam raízes, seria bem difícil arrancá-las. Eram o alimento bom e puro que saía das mamas das cabritas. O alpiste fresco que alimenta as aves. Vinham pessoalmente bater às nossas portas, como se fossem o médico a passar. Não cobravam favores. Mas cada palavra que disséssemos seria como o imposto que nos cobram e não tem volta. Tudo isto nos deveria preocupar e, se mais não fizéssemos, então que rezássemos. E prosseguiu como se falasse do caçador, da lebre e da caça à lebre. Mario remexia-se na cadeira, mas ia de gole em gole, alheado.

E assim se passaram horas, sem se darem conta de que lá fora o mundo se transformava a cada instante, mas eles não. Xavier assentia: «Se o que este homem diz não são só pérolas preciosas! Que ideias complexas.» Levou à boca mais um charuto e riscou um fósforo, rindo. Mario pensou que aquele era o retrato estanhado de muito homem da sua geração, dividida entre o passado e o futuro, sem saber para onde ir.

Um rapaz pediu licença entre as cadeiras, com um tacho fumegante nas mãos. Suspirava e gemia, cagarrinhento e aborrecido. A patroa vinha atrás dele, com um vestido de tussar com galão e gola de cambraia, e uma gravata de seda no mesmo tom do galão. Fechou a porta por causa do calor. Passou de mesa em mesa. Gostava de saber os nomes dos cavalheiros, de elogiar as senhoras.

As cortinas de cássia-da-índia balouçavam na vertical; a chama de um enorme lampadário inclinava-se num ângulo fechado.

A patroa disse-lhes algo com muita distinção.

– Ora, pois, bebemos, sim, esse vinho da Toscana. – Carvalho cumprimentou-a de pé.

Madame sussurrou-lhe ao ouvido algo com graça, pois o homem riu-se muito. Embora ignorasse o chiste, José tossiu, a conter o riso. Carvalho riu ainda mais.

O paleio de cerca de quarenta clientes enchia as duas salas pequenas. Nas paredes e no centro, quinze mesas acolhiam os comensais, que retiniam os talheres nos pratos. Na véspera, os Alemães haviam avançado em Mort-Homme, usando combustíveis líquidos. O fogo da infantaria fê-los recuar. Alguém elogiava *A Dama de Espadas*, um filme de Yakov Protazanov: «Um trabalho inteligente, com algum jogo de sombras.» «Próximo do expressionismo alemão, não acha?»

Mario, transplantado na terra de Gauguin, Delaunay e Picasso, à sombra dos antigos, recordou que Fernando Pessoa tantas vezes lhe dissera, tocando-lhe no ombro: «Vá para Paris. Se não, os mortos não terão sossego.»

Não tinha visitado o Père-Lachaise, mas suspeitava que os defuntos se distribuíssem nos sepulcros por escolas de pensamento e, sentados frente a frente, sempre em voz baixa, trocassem opiniões entre si. Molière, Balzac, Sophie Germain, Laura Marx, Chopin e Chateaubriand, à sombra dos plátanos, dois palmos abaixo da terra, a mascar tabaco, a tomar café e a palrar a sua própria magnificência. Os vermes roíam-lhes as pontas dos pés e consumiam-lhes os intestinos, o cérebro, a boca, as falanges, os olhos e os cotovelos, como se nada fosse. Enquanto isso, à superfície, os jardineiros aparavam a

erva e regavam os canteiros; o coveiro abria valas para novos mortos; um carro funerário irrompia na avenida principal; alguém decidia os caracteres latinos inscritos no portão: *Moriendum est omnibus*. Do lado de fora, existia a vida. Entrava, à vez, no interior do cemitério, e prolongava-se nas largas avenidas, continha-se nas lajes frias para se perfumar das rosas damascenas metidas nas jarras, e se nutrir da seiva das plantas. As cores de um lado e de outro eram diferentes. Mario não saberia dizer em que diferiam, mas adivinhava que iria preferir uma delas, no tom do musgo que crescia na cova de Balzac, da pátina das lápides e das vestes graníticas dos anjos.

Queria reunir-se a todos no fundo do cemitério, trazer para junto de si a própria mãe. Iria buscá-la ao fim da vida, saudá-la como ela fazia ao pé do berço, estendendo sobre a colcha alva de seda macia uns braços brancos e puros; ver se dormia; depor-lhe beijos nos olhos, nas faces, nas mãos circundadas de rendas e folhos. Desconhecia como eram as mãos dela, se macias e de dedos curtos, como as suas, se longas e grossas como as da avó materna, Maria José. Esquecera-lhe o cheiro. Perdera-o, algures. Mesclara-o com os eflúvios da Quinta da Victória, o bedum dos trabalhadores, o aroma da terra que acaba de receber chuva, os magníficos perfumes que trazia de Paris. Seria capaz de a descobrir pelo perfume. Desconhecia se as mães tinham um cheiro especial; a dele teria. Reconhecê-la-ia.

A morte da mãe, contaram-lha. Quando se deu, levaram-no para os Restauradores e ali ficou aos cuidados de alguém, a brincar com um comboio de corda. Desfê-lo. O resto do dia talvez tenha sido só um imenso bocejo. Se sentiu falta da mãe? Não sabe. Mas, se agora a tivesse ali, pedia-lhe um ombro de misericórdia. Ficava, depois, a ouvir-lhe as histórias, ou talvez não.

Não possuía um retrato que lhe pudesse dizer se a mãe tinha rosto esguio ou redondo, se olhos tímidos ou audazes, se nariz cam-bado para a esquerda, como o da avó Maria José, ou liso e direito, como o do avô José Leopoldo. Imaginava-a um misto de mulher das arábias, de lindos cabelos escuros e tez branca e olhos negros, e de africana, de anca redonda e farta e mamas grandes e cheias. Não precisava

de ninguém para lhe descrever, ficava-se pelas figuras da literatura, combinava Emma Bovary com Capitu, dava-lhe uma pitada de Maria Monforte e outra de Thérèse Raquin, *et voilà...*

Esperava encontrá-la. Os ossos não lhe interessavam, tão-pouco os pés, as mãos, as unhas e o cabelo. Mas queria-a intacta, vestida de cetim, bordada a cor-de-rosa. Anéis nos dedos. Pedrarias. Rubis, safiras e esmeraldas. *Um vago tom de opala.*

No lugar onde estava, dentro dele, a mãe teve tempo de viver a morte até ao seu limite, de defender os valores da morte, de lutar pela vida, de dar vida a novas formas de arte. Estava, aliás, curioso, para saber que lições tirou ela da morte, que estilo de morte adoptou, se dedicou a sua morte a alguma coisa.

– Com efeito, a morte é uma oportunidade, uma escola, uma dádiva divina. Vivê-la intensamente é o que se espera de quem já morreu e, enquanto não chega o momento de depor nas mãos do barqueiro o óbolo último, viver como se de uma pré-morte se tratasse é a forma mais digna de vida. – Mario disse-o alto. Carvalho e Araújo engoliram em seco.

CAPÍTULO 7

Sabeis, tenho matado muita gente

– Que foi? – pergunta José d’Araújo, ao vê-lo pálido. E abraça-o, por trás do canapé. – Estás a tremer.

Mario passa os dias a fumar e a beber, alheado do que acontece à sua volta. Não vai ao médico. Não segue os conselhos de ninguém.

– Estou cheio de frio...

Recusa o abraço e esfrega os olhos. As pálpebras pesam-lhe...

– ... bebe tudo o que te apetecer.

– Quero ponche.

José olha para o relógio de parede.

– Enfim...

– Estás preocupado com as horas?

– Eu?

– Estamos aqui há cinco minutos. – Mario verifica o relógio com acabamento em imitação de ouro. *Putain de Lépine!*

– Não culpes o relógio, culpa-me antes a mim, que sou escravo do tempo. – José dirige-se para a entrada.

– Aonde vais? Podias ficar mais um pouco... Vá! Não me deixes só.

– Que é lá isso?! Tem calma, rapaz! O criado já sobe com o ponche.

Mario levanta-se, interpõe-se entre o amigo e a porta e toca a sineta.

*

Preparou-se para o Inverno, com ceroulas, camisolas interiores, calças e camisas de flanela, luvas, gorros e botas de camurça forradas a pêlo de cabra. Mas não era habitual aquela merda de chuva e frio

prolongar-se pela Primavera e pelo Verão, quase ininterruptamente, fodendo a floração das árvores e o gorjeio dos pássaros. «*S'il tonne en avril, blé au grenier, vin au tonneau*», era esta a ladainha rural que, normalmente, Xavier de Carvalho entoava, em resposta aos lamentos do amigo pelos remendos necessários nas trusses, para aguentarem o Inverno seguinte. Mario detestava tudo o que tinha a ver com o campo, excepção feita, claro, para o usufruto da Quinta da Victória, cujas vinhas, searas e pomares lhe garantiam mais calças de fazenda e sapatos de biqueira.

Mario pediu-lhe um chá quente, a ferver, de escaldar a língua. Hélène aprestou-se a fazê-lo e trouxe-lho na sua melhor faiança – uma chaveninha de casquinha japonesa. Na véspera, cruzaram-se, por acaso, junto aos Invalides. Mario saía do metro, sem pressas. Hélène saía de uma *boutique*, a calçar as luvas. Ouvira falar num chapeleiro que «dava cartas» na moda e fora perguntar por ele. Não lhe sabia nem o nome nem o estabelecimento que o acolhia, mas estava decidida a encontrá-lo. Mario e Hélène, caminhando de olhos postos no chão, quase chocaram um contra o outro. Ao sobressalto e à surpresa, seguiu-se de imediato um cumprimento cortês. Não se haviam voltado a ver desde o espectáculo de variedades no Gaîté. Sem notícias (enfiara discretamente no bolso dele o seu cartão, com o endereço em letras prateadas), Hélène chegou a pensar que Mario não simpatizara com ela e, por isso, não o procurou. Nem saberia onde: o poeta estava em Paris há pouco tempo, podia ter-se hospedado em vários hotéis, embora não fossem muitos os que melhor se adequariam ao seu dandismo. Instalara-se em casa de um amigo? «Isso, não. O homem deve ter muito dinheiro», pensava, «aposto que andará pelo Grand Hôtel ou pelo Richmond». Jamais adivinharia ela o trasfego recente de Mario para o Hôtel de Nice, com classificação de quinta categoria, ainda assim, nos dias de guerra, com boa fama. Paravam por lá combatentes de rosto esfacelado sob máscaras de cobre, endinheirados, mas repelidos pela família. Alguns eram fregueses habituais do Gaîté; Hélène conversava com eles, dava-lhes conselhos, sem cobrar um centimo; veneravam-na.

Mario quase se esquecera de Hélène, mulher sem interesse para além de fonte de inspiração literária. Fernando Pessoa recomendara-lhe imergir de pés e cabeça no submundo parisiense, pelo seu viés. Que entrasse, sem medo, no *bas-fond*, mal não lhe faria, logo a ele, que se perdera de amores por uma fadista. Mario, de cabeça perdida após deixar o Richmond, andava sem ânimo para nada, muito menos para ir atrás de uma mulher.

Reconhecia, contudo, que lhe faltava ao quotidiano um pouco de animação. Era nisso que matutava quando chocou com Hélène.

– Cuidei que tivesse deixado Paris – disse-lhe ela, estendendo-lhe a mão.

Lembrava-se de Mario lhe ter dito dos seus planos para ficar. Queria, bem se vê, provocá-lo.

– E as suas malas? Encontrou-as?

– Desgraçado de mim, se não fossem estas roupas que um amigo português me emprestou...

Mario mentia descaradamente. Corou, como se ela estivesse a ver o seu guarda-fatos do Hôtel de Nice.

Despediram-se no Champ-de-Mars. Não sem antes Hélène lhe sugerir que a visitasse, no dia seguinte, em sua casa.

– Na Rue de Fleurus – disse ela. – Conhece?

– Não se preocupe, vou lá ter.

– Às cinco? Quando chegar, bata à janela.

– Às cinco – garantiu ele.

A hora era absurdamente imprópria para o pobre poeta, que, ultimamente, se levantava ao meio-dia para almoçar e, no tempo restante, se arrastava em *robe de chambre* e chinelos pela suíte. Esteve quase para dizer que não. Ainda se fosse à noite, quando a cabeça está mais fresca. Mas, animação, dava-lhe jeito alguma. Às cinco? Pois muito bem. No próprio dia, bastava não lhe aparecer. A cocote devia estar habituada ao desprezo. Pouco se importaria. E mesmo que se importasse, não teria como ir atrás dele, numa cidade de dois milhões de habitantes, muito maior que Lisboa, está bem de ver.

Mas, apareceu. Às cinco em ponto, a fazer fé no *Lépine*, «pontualidade britânica». «Cinco e um quarto», rectificou ela. E acrescentou, com uma palmadinha nas costas, a reiterar a censura: «Não se faz, senhor Mario, já pensava que não viria.» E ele, a morrer de vergonha por ter um relógio com acabamento em ouro, todavia revelando-se falso por não lhe dar as horas exactas: «Trouxe-lhe este vasilho de amores-perfeitos.» E ela, ao reparar nas flores sem viço: «Devia tê-las borrifado.» E ele: «Se só agora as comprei...» E ela: «Está bem. Se não fossem estas lindas flores, não sei o que lhe diria.» E ele: «Aceite-as como prova de afecto.» E ela: «Fiz-lhe *petits fours*, gosta?» E ele: «O meu estômago não os aguenta.»

O relógio de bolso ficou pendurado pela corrente quando Mario sacudiu a sobrecasaca no patamar, para cima de um vaso de begónias. Hélène segurou-o no ar, com um gritinho, não fosse parar ao chão aquela «linda obra de arte». Mario surpreendeu-se. Por momentos, pensou que Hélène fingia, mas a cocote tocou no vidro do relógio, elogiou o fundo de madrepérola e os numerais romanos, os ponteiros de ródio. Disse que se afinava «em maravilha» com a camisa branca. Mario omitiu que trocara o *Lépine* original por aquele pechisbeque de luxo, numa casa de penhores parisiense, para pagar as roupas novas.

Para não parecer frívolo, sem graça, contou uma anedota que envolvia um relógio cravejado de diamantes com um mecanismo de precisão. Os dois riram como se fossem crianças, embora Mario não tivesse percebido a concatenação da história e o final lhe parecesse insonso e, porque não pensar?, desprezível.

– E agora um chá? – propôs ele, animado pelo clima de boa-disposição.

– Um chá – respondeu Hélène.

Aquela meia hora de cavaqueira amena, sentados na alcatifa, sobre as almofadas, pedia um chá de camomila ou passiflora.

– Fique aí sentadinho – continuou Hélène, apoiando-se no joelho dele para se erguer. – Que chá prefere?

– De mandrágora, tem?

– De mandrágora, não.

– Faça então de passiflora.

– Trago também biscoitos – disse ela, já na cozinha, toda delicadezas –, são bons para o seu estômago.

– Isso é que não – replicou ele. – Vai um *petit four*, para não fazer a desfeita.

– Os *petits fours*, como-os eu. Não se vão estragar.

Um bater redondo de colher na chaleira, um abrir e fechar de portas de armário, um deslizar de gaveta: Hélène procurava os biscoitos para acompanharem o chá.

– Jogamos depois *écarté* – disse ela.

Rodar do batente do armário, encontram no vidro.

– Conhece os biscoitos de Reims?

– Já ouvi falar. Aliás, já os provei em casa do Marquês de Belleville.

– Os meus têm sumo de lima, são bons para a azia.

Falaram do filme *Jeanne D’Arc*, de Georges Méliès. Hélène gargalhou ao evocar a cena em que a protagonista conta a Jean de Metz a sua missão divina. A cocote estava à espera de os ver na marmelada. E ele à cata das meias de liga dela. E ela a tagarelar como um papagaio. Merecia era uma pantufada, é o que era. Só lhe faltava pôr uma mama de fora e ele escorropichá-la como se estivesse a beber vinho do Porto. A loucura! Sobretudo quando ele se põe de pé e vai para a beijar e ela, pensando que era para a agredir, lhe manda um coice no meio das pernas. Qual missão divina, qual quê? O homem está cheio de cagaço, quer pôr-se dali para fora.

– *Sabeis, tenho matado muita gente e jamais tremi ao tal fazer* – diz Hélène, como se fosse Jeanne d’Arc.

Naquele ímpeto de a fazer rir, Mario imita o que pensa ser a voz de Jean de Metz: «Jeanne D’Arc, fecha-me essas goelas, não vês que estou todo cagado?»

Hélène ri a bom rir.

– É boa – diz Mario, de repente, a despir o casaco.

Começava a agradar-lhe a companhia de uma mulher como Hélène, boa no jogo e na dança, interessada em cinema e sabe-se lá em que mais.

CAPÍTULO 8

É infinitamente desgraçada

– Com vossa licença.

O *valet de chambre* traz mais dois cálices de ponche a fumegar, uma caixa de biscoitos de Reims e dois torrões de açúcar-cândi. Dispõe tudo sobre a mesa, com medidas prazenteiras, acentuadas por um ligeiro elevar da narigueta.

– Delicioso! – José dá um estalido com a língua. – Como é que o faz?

– Não posso dizer – responde o *valet*, a piscar o olho –, é único.

José põe um paninho sobre os joelhos de Mario, com «Amour» bordado, e pergunta-lhe pelo sabor do biscoito. Sabe a limão, responde o amigo, a interrogar-se se tal sabor lhe lembra mais o do bolo verde que a avó paterna, Cacilda Vitorina, fazia quando iam para São Julião ou o do gelado de marrasquino e limão do Café Montanha, ao Chiado. Decide que é, efectivamente, o sabor de São Julião, ao comer uma segunda bolacha e molhá-la no ponche. O Verão de São Julião e de Paço de Arcos volta, fresco, com o travo da hortelã da infância. Ele mesmo ia apanhar a erva e o limão ao quintal, carregando-os num baloiço de cesto de verga, e, na cozinha, triturava a hortelã sobre uma tábua e espremia o limão para um jarro, depois de retirar dele os caroços.

– Já te falei do bolo verde da minha avó?

Mordendo um terceiro biscoito, Mario senta-se num sofá pequeno, rodando nos dedos o cálice. Um arrepio constrange-lhe a respiração. Leva a mão ao peito, mas endireita-se. Faz tenção de levantar-se.

Suspira. Os outros observam-no, expectantes. Estica as pernas sobre uma cadeira. Olha para a esquerda e para a direita, tomba os dois braços ao longo do corpo.

– Traga-me um *brandy*. Com água de Seltz – a voz a sumir-se-lhe.

*

Após se ter encontrado com Hélène em casa dela, as enxaquecas de Mario tornaram-se frequentes. Aliviavam quando se deitava na penumbra, de olhos fechados, as costas apoiadas numa almofada alta e as pernas a escorregarem da cama para o chão. Contudo, não desapareciam, pelo que passou a tomar *Byrolin* de manhã, à tarde e à noite. A cocote sugeriu-lhe arseniato de estricnina, um estimulante nervoso e cardíaco, mais potente que o *Byrolin*, com garantia de resultados imediatos, reforçou. Ela própria tinha sempre à mão, na penteadeira, um frasquinho de reserva daquele remédio, disfarçado com o rótulo do chocolate *Menier*, e até o tomava, moderadamente, para as dores menstruais e as crises de ansiedade. Andava sempre com um outro, em miniatura, para todo o lado. Era acometida de indisposição e tonturas da apoplexia, sobretudo quando actuava nas Folies-Bergère, devido ao ambiente impregnado de emanações de álcool e drogas. Nessas ocasiões, o arseniato era tiro e queda, sentia-se logo melhor. Mario não percebeu de imediato de que falava ela. Chocolates? Preferia os *Debauve & Gallais*, com cacau são-tomense, à venda no número trinta da Rue des Saints-Pères.

Hélène era alegre, de riso contagiante, entendia as inquietações de Mario, oferecia-lhe pequenas garrafas de licor de café, partilhava o chá com ele. Quando não tinha ensaios ou espectáculos, ficava com o amigo até de manhã, velava-lhe o sono, como uma mãe.

Nem por isso deixava de ser uma amante caprichosa. Ele pedia-lhe carícias na nuca e ela dava-lhas na testa; um beijo no rosto e ela, no queixo. Perguntava-lhe se o observava e ela garantia que não, que olhava para o bonequinho de pelúcia atrás dele; se lhe servia café, ela pedia-lhe vinho.

De noite, chegava de camisola de seda e calção, meias finas com ligas e chinelos baixos; de dia, exibia chapéu e touca, saia curta, camisa e casaco, luvas e sapatos de fivelas. Não negava o sotaque francês coloquial, mas emudecia quanto a explicar-lhe a origem geográfica ou quando o assunto eram os amigos e outras relações, talvez até comuns.

Conversava sobre literatura, os hábitos, os sentimentos, as vidas das suas personagens favoritas: Wanda von Dunajew e Nana. Encarnava-as, encenava-as diante dele. Ajoelhava-se no soalho e arrepejava-lhe as calças. Enrolava a correia das sandálias no pescoço e prendia nela o cinto vermelho do vestido. Ladrava e farejava pelo quarto, lambia-lhe as botas e os tornozelos, levantava a perna no cadeirão e mijava na alcatifa. Depois, compunha-se e bebia um chá, de mindinho em riste.

Era rude e doce, ativa e submissa. Mario resignava-se a oscilações destas, que atribuía às hormonas. E cedia-lhe aos caprichos, conquanto não lhe saíssem caros. Hélène estabeleceu horários em que ele estaria disponível para ela. Mario passou, então, a deitar-se de manhã, a levantar-se à tarde, a voltar a dormir à noite e a acordar de madrugada. Ainda assim, ela surgia de imprevisto. Gostava de o surpreender. Perguntava-lhe que vestido gostaria que trouxesse e, se ele sugeriria um cor-de-rosa, ela chegaria num verde; se ele dissesse sapatos com fivelas, ela optaria por chinelos rasos; se ele preferisse um chapéu de fitas coloridas, ela apresentar-se-ia, com certeza, de cabeça descoberta.

Quando Hélène partia, Mario escutava o roçar da estola de peles a sumir-se pelo corredor, o estalido da porta do ascensor eléctrico, a descida chiada ao rés-do-chão. Ela não deixara para trás nenhum rasto de si, mas abandonava-o ao quarto, à vida, infinitamente vazios.

Assim, Mario engolia um *Byrolin*, descalçava os sapatos e as meias, tirava as calças, a camisa e as *culottes* e enfiava-se num pijama pando. Puxava por sobre si os lençóis, os cobertores, os sonhos e o passado.

Nessa noite, Hélène partira, ele já adormecido. Talvez até nem cá tenha estado, pensou Mario ao despertar, transpirado e um pouco ofegante. Através das venezianas, desenhava-se no ar uma luz bruxuleante. Os cortinados de dossel envolviam a cama. Mario reconheceu,

na mesinha-de-cabeceira, o cinzeiro, repleto de beatas, dois copos, um deles tombado, e, dominando o fundo, o porta-retratos em faiança azul, rivalizando em altura com o candeeiro de pé, também na garridez das margens laterais decoradas com motivos dos lenços de Viana, dois corações estilizados dominando ao centro. Dentro da moldura, uma criança sem sorriso, numa data sem tempo. Mario não se reviu nela, mas na colcha onde a haviam sentado, nas pregas de tecido repuxadas para fazer efeito de coluna de estátua, como noutras camas, à espera de um corpo velho, ou nos caixões de tampo aberto dos mortos. Recolhera moldura e fotografia da cabeceira do quarto dos Restauradores. Agora, no Hôtel de Nice, como a uma mesa de café, aquele rosto esguio e assexuado, de olhos líquidos, fazia-lhe de novo companhia. O amigo imaginário, seu Menino protector. Outrora, escudara-o dos avisos e premonições da Ama. Por vezes, confiantes e inocentes, os dois trocaram segredos. Mario registara as confissões do Menino num caderno da escola. A caligrafia dele era redonda, erguendo as letras para a linha de cima, ora com volutas, ora com capitéis. Criara-a como se em granito, pela aplicação e firmeza com que assentara cada palavra. Já a sua, saía-lhe irregular, morria asfixiada com a aproximação das margens, e as volutas perdiam a graça. Um dia, pediu-lhe a dele emprestada, e o Menino negou-lha. Deixaram de se falar. Mario de Sá-Carneiro acabara de publicar o seu livro de estreia.

Naquele dia, quando despertou, nervoso e sem apetite, Mario escreveu uma *carta-relatório*, extensa, detalhada, picuinhas, a Fernando Pessoa, outra a José Pacheco e bilhetes-postais a Maria Cardoso, Mimi para os mais chegados, a suplicar ajuda para recuperar as malas deixadas em San Sebastián. Que não se esquecessem dele. E queixou-se dos atrasos do *valet de chambre*. Num acesso de fúria, partiu um jarro de água sobre o tapete. Arrombou a porta do armário. Manchou a toalha de renda irlandesa. Derramou na tina o frasco de sais.

Por vezes, arremessava pratos à parede, despedaçava as flores preferidas, entornava o champanhe no chão e bradava pelo criado. Noutras ocasiões, porém, andava sereno, até carinhoso. Oferecia flores a Hélène, brindava com ela, dedicava-lhe versos, enfeitava-a com metáforas.

– Tonto, um dia destes, acabas debaixo do metropolitano – alertava ela, repetidamente. – Se fosse a ti, ia ao médico.

Mario protelou. Por fim, compreendeu os benefícios de um daqueles venenos que ela referia. Qual era o nome? Arseniato de estricnina? Não custava tomar uma colherzinha de café, bem pequenina, misturada no chá com o açúcar.

Hélène trouxe-lhe um pouquinho de elixir num frasco cilíndrico com tampa dourada e laço do perfume «L'Heure Bleue», da *Guerlain*. «Um perfume?», indagou Mario. «Um veneno», sussurrou ela, segurando-o nas mãos. Mario olhou para o vidro, fascinado: «Ah, não quero.» E ela: «Não queres o quê? Morrer?» E ele: «Ah, isso quero.» E ela: «Então, toma.» Hélène destapou o recipiente e levou-o aos lábios de Mario: «Imagina o azul-escuro do céu e as estrelas que começam a brilhar.»

O frasquinho seria capaz de lhe provocar uma caganeira, nunca de o matar.

No dia seguinte, Mario pôs o fato cinzento, o sobretudo e as botas pretas e saiu, a ajeitar o laço da *lavallière* acetinada. Na pressa, esbarrou numa lavadeira. Deu um encontrão num engraxador. Quase derrubou um estalajadeiro que empurrava uma pipa de vinho e o mandou à merda.

Os operários iam para as fábricas dos arredores; alguns subiam até à Basílique du Sacré-Coeur, em direcção ao funicular; outros atravessavam a praça e faziam sinais para um *omnibus* da CGO. Mario correu: se não corresse, não o apanhava.

Hélène tinha-lhe indicado uma farmácia, perto do Bois de Boulogne, onde poderia comprar o produto. Mas não iria com ele. Que perguntasse por M. Dupont. Bastava dizer que ia da parte dela, era conhecida na zona.

Como podia ser que, embora tomasse o *Byrolin* quase diariamente, a pressão nas têmporas fosse cada vez maior? E as dores nas articulações? E no estômago? Mario perdera o apetite de antes. Não o tentavam nem mesmo o *cassoulet*, a *raclette* e o *pot au feu*, que faziam as vezes da feijoada à transmontana, do queijo da serra com presunto

e do cozido à portuguesa. Não conseguia ingerir nada. E o que ingeria, regurgitava. Aos seus olhos, frente ao espelho, quando se despia para tomar banho, a magreza era por demais evidente. Estava convencido de que, em breve, perderia até a camada de pele e gordura que sobressaía por debaixo da camisa ou, quando vestido, se acomodava dentro das calças. Porém, de um corpo que ultrapassava os cem quilos, não se livrara senão de dois.

Ouvira dizer que os medicamentos tinham efeitos colaterais, mas não lhe ocorrera que o *Byrolin* fosse a causa daquele evidente definhamento. Pensava, aliás, que, se estava doente, tal se devia não ao excesso, antes à insuficiência do veneno. Necessitava de um fármaco mais eficaz, que lhe restaurasse a massa adiposa e lhe restituísse a macieza dos dedos.

Chça! Distraído, deixara passar a Rue Pigalle. Saiu na Place de la Concorde e dispôs-se a fazer a pé os dois quilómetros de distância. Perdera vinte e cinco minutos. As pessoas iam a conversar e a ver montras, não se despachavam: se as ultrapassasse pela direita, resvalava na sarjeta, mas, se fizesse a manobra pela esquerda, arriscava-se a esmurrar a cachola num poste de iluminação pública ou num portão. Sentia-se preso no meio da turba. As pernas tremiam-lhe e ele cansava-se a andar «tem-te-não-caias» demais. O percurso parecia interminável. Receava perder o último metro e ter de viajar de *omnibus*. Por isso, após calcular as vantagens e os inconvenientes de uma ultrapassagem, ao ver uma brecha à esquerda, passou à frente de um casal que passeava de mãos dadas e de um velho que conduzia um *poodle* de grande porte. Ao fazê-lo, tropeçou na trela do cão e caiu de frente, sobre os despejos.

Quando se conheceram, não trocaram contactos. Não formou sobre ele um bom juízo. Não estava interessado em relacionar-se com um emigrantezinho português em Paris; pois, se fora da mediocridade que se livrara ao sair de Lisboa... A *lepidóptera* capital portuguesa, onde a polícia usava operaticamente cassetete, capacete branco e jaqueta carmim, ficava a dever décadas ao progresso. As ideias demonstravam a chegar e, mesmo quando chegavam, esbarravam em entraves

civilizacionais. Qual Messias? Qual Dom Sebastião? Em Portugal, só à paulada.

Foi José Baptista d'Araújo quem lhe ofereceu o braço.

– Cair na lama já é azar que chegue – disse Mario, tentando limpar as manchas do fato com a ponta de um lenço.

– Para onde vai? – interrogou José.

Aquela estrada, sob os olhares fétidos das janelas e das varandas, era uma armadilha. Uma imprudência passar ali àquela hora. Quem o fizesse estava à mercê de levar com um balde de merda na cabeça. A menos que tivesse um propósito nobre, como ir em romaria à Capela da Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Mesmo assim, sob o propósito da fé, arriscaria a sorte. Possivelmente, Mario nem reparava na má educação dos parisienses, embora o pouco tempo em que estava em Paris já tivesse sido suficiente. Bastava-lhe olhar para as unhas deles, negras e roídas. E para os dedos, grossos, com frieiras e lanhos, a escorrerem sangue. Contudo, nada envergonhava tanto Araújo quanto as camisas dos homens, abertas até ao processo xifóide, a exibirem os pêlos. Que falta de decoro! Fugissem dali, depressa. Araújo conhecia um café perto da estação de Pigalle onde Mario se podia recompor.

O poeta enfrentou em silêncio o parlatório. Não se sabe se por protesto ou por vergonha. Parecia determinado em omitir a sua opinião sobre a França e os Franceses, não porque não a tivesse, tão-só para evitar expor-se à solidariedade alheia. Mas corria o risco de que essa obstinação fosse confundida com petulância, e Araújo fora sensato, podia tê-lo ignorado quando passou por ele. Mario de Sá-Carneiro podia facilmente ser confundido com um papa-açorda qualquer. Um avençado de alfândega; um escritor de meia-tigela; um vendedor de jornais. Podia, aliás, ser tudo isso. Não era. O pai, que patrocinara a viagem, avisara-o de que estava na hora de seguir uma carreira – o teatro talvez – tinha de se fazer alguém na vida. Todavia, negara-lhe dinheiro para sapatos. Por isso, trazia-os descosidos, sem brilho. Para o fato, também não lhe dera muito. Nem para o sobretudo. A camisa branca, a gravata lisa por cima, os botões de punho e o relógio de bolso, tudo quinta categoria. Ser subgente era o seu fado.

Mario não iria ao tal café, aliás, dispensava bem a companhia de Araújo. Ergueu-se e compôs o traje, sacudindo-o para cima do interlocutor, alisando-o de alto a baixo com as palmas das mãos. José insistiu, sabia de um atalho para uma farmácia, até conhecia o farmacêutico, um sexagenário chefe de família da Rue Richer, junto às Folies-Bergère, instalado próximo ao Bois de Boulogne. Estariam lá em cinco minutos e, no final de tudo, Mario haveria de lhe agradecer, talvez até fossem juntos tomar um copo, no Café Riche ou na estação de Pigalle. Mario acedeu.

Pouco antes de entrarem, o farmacêutico desfizera-se dos sapatos, calças, casaco e camisa. Trocara-os por meias de seda prateadas, uma saia de corte recto, uma blusa de gola alta, uma gravata, um colete, uma jaqueta, uma pregadeira, uma peruca, um chapéu, e, por fim, sapatos de salto. Depois, aplicara carmim nos lábios, um lápis nas sobrancelhas e pó-de-arroz nas maçãs do rosto. Mirava-se num espelhinho, quando escutou a campainha, e sorriu.

– Bom dia, senhores – disse ele, com um sotaque argentino. – Em que posso ser útil?

Convidou-os a entrar, com um gesto largo dos braços.

Mario disse ao que vinha. O sexagenário abriu uma gaveta debaixo do balcão, de onde retirou o arseniato de estricnina, de entre tinturas, óleos, loções e elixires.

– *Voilà* – disse, verificando o rótulo do frasco antes de lho entregar. – São dois francos.

Notou a troca de olhares entre Mario e Araújo.

– Oh, bem sei, vai aqui uma confusão. – Cofiou uns fios grisalhos de cabelo. – Onde anda a vaselina?

Procurou na gaveta. Voltou a mirar-se no espelhinho de mão.

– Vou encontrar-me com a minha amante: adora ver-me de mulher.

Tirou, de um saco, uma pilha de jornais velhos, bateu-os no balcão e alisou-os ao lado da caixa registadora.

– É para forrar a cama. Não suporto os lençóis das casas de putas, cheiram a mijo, a porcaria.

Escutaram-lhe as confissões em silêncio, estupefactos. O farmacêutico não via a amante há dois ou três meses, não sabia precisar, fora complicado marcar o encontro desta noite. A jovem andava sempre exausta, as pernas pesadas, inúmeras tarefas para realizar. Regressara de Londres há uma semana e mergulhara logo nas Folies-Bergère e no Gaité-Montparnasse, sem tempo para ele. O homem entendia, tinha um coração generoso. À conta disso, conhecera, numa casa de meninas, duas mulheres mundanas que lhe ofereciam os encantos e o satisfaziam como ele gostava, mas não era a mesma coisa.

Um bafo de calor insuportável esmagava o estreito estabelecimento. Um forte cheiro a álcool e éter sobrepunha-se aos sopros de benjoim, íris, violeta e *patchouli*, gerando uma mistura tóxica de eflúvios.

Mario imaginava-se no One-Two-Two, no Le Chabonais, no Le Sphinx ou no La Fleur Blanche, pois, embora os móveis da farmácia não fossem elegantes nem luxuosos, nem ali houvesse sofás de veludo, mesas de mármore ou espelhos dourados, nem as paredes fossem forradas com tapeçarias finas nem o chão coberto por tapetes persas, ainda assim o manto diáfano da luz natural, a escoar pela vitrina, suavizava as pequenas deformações do soalho e das paredes, criava uma atmosfera de intimidade e sedução, de *boudoir* ou cabaré.

«Deve ser uma mulher extraordinária», pensou, num misto de espanto e curiosidade, enquanto fitava um rosário pendurado nas mãos imaculadas de uma virgem de pedra.

– Fale-me dessa senhora sua amante. Como é que ela se chama?

– E o senhor? Qual é mesmo a sua graça? – disse o senhor Dupont, devolvendo-lhe o troco.

– Mario – pronunciou ele, a imitar a pronúncia parisiense. – Sem acento no «a».

– *Monsieur* Mario, caro amigo. – O farmacêutico aclarou a garganta, baixou-se para abotoar a saia, fazendo *suspense*. – Falar de Hélène é contar-lhe uma história de amor... e de loucura. Ela é... como dizer? Um penteado muito aparatoso, uns lábios tintos de carmesim... – Sacudiu a cabeleira loira, tocou ao de leve nos próprios lábios, para reforçar a descrição da tal mulher. – Ainda assim, ela é a mais doce,

suave e maravilhosa dor de cabeça que um farmacêutico, pai de família e cidadão exemplar, pode querer ter.

– Hé-lè-ne? – Mario quase se ofendeu com a familiaridade do nome.

– Em suma, uma dor de cabeça – disse José, misteriosamente. – Já agora, o que lhe dá para a curar?

– Nada mais que a pílula número 9, que, como os senhores sabem, serve para tudo!

Já na rua, em devaneios poéticos e a pensar no enredo das suas «Alucinações-em-Oiro», Mario esboça o retrato de uma cortesã, que, vilipendiada na infância, emerge, mais tarde, como figura digna de compaixão: – *Vende o seu corpo por não ter outra coisa que venda... coitadita!... É infinitamente desgraçada!*

CAPÍTULO 9

A rosa para ser rosa deve ser muito cheirosa

O cair da noite envolve Paris numa galocha de sombra. As luzes dos prédios diante deles são estrelas dispersas, a cintilar nas janelas.

O aroma dos jasmineiros funde-se com o do tabaco. José insistiu em que apanhassem um pouco de ar, para evitarem «os miasmas da inércia». Mario contrapôs, abrindo as portadas da varanda de par em par.

– Agradece-me ter-te livrado de Hélène, vá lá, não sejas tímido – diz José. – Há homens com sorte. E, menino Mario sem acento no «a», tu não és para brincadeiras. Tu és ou vai ou racha. Está tudo dito: com homens assim, não se brinca. Dá cá um abraço.

Mario condescende neste suposto ascendente de José sobre a sua vida, porque o sabe desde sempre pouco mais do que um amigo utilitário. Ainda assim, tem-lhe afecto. Não partilham quaisquer interesses intelectuais, muito menos estéticos, mas José dá-lhe jeito, mesmo muito jeito, nas coisas práticas e quotidianas, tais como conseguir determinado produto no mercado negro, despachar cartas, resolver burocracias, desentalar pendências e, até, desencantar dinheiro. Dá-lhe uma palmadinha sem energia no ombro.

– Não é que tens razão? – Mario abraça-o. – Sou mesmo um gajo de sorte.

*

Já se tinha observado por cinco vezes no espelho tríptico da penteadeira. A *lavallière* não se ajustava ao pescoço, por cima da camisa, sobre as abotoaduras, talvez devido aos remendos que nela mandara

colocar, porque a costureira estava longe de ser profissional. E cada botão custava os olhos da cara. As bainhas, então, nem falar: um franco cada uma, se de tecido industrial grosseiro; o dobro, caso estivesse em equação o linho ou a caxemira; de valores astronómicos, se falássemos de seda ou veludo.

Em Lisboa, tinha-se deslocado à Rua da Escola Politécnica, à procura de um *smoking*, apreciara de passagem os sobretudos da moda, os impermeáveis ingleses, as capas à alentejana e os fatos já feitos, medianos, embora não excessivamente caros. A ter-se demorado pela capital, agora que andava com dinheiro no bolso, talvez lá tivesse voltado. Necessitava de expandir o guarda-roupa, descartar as calças mais cotiadas, reduzir um centímetro às que ainda se aproveitavam e descer as bainhas até à gáspea do sapato. Mario apreciava a bainha das calças bem abaixo, quase a roçar o chão, gosto que desde sempre lhe valeu risadas do avô e do pai e o desdém de Mimi, muito sapiente e ciosa em questões de moda. De resto, vestia-se à semelhança dos novos-ricos, com uns acentuados centímetros a mais no cós das calças e na cintura dos casacos, a conferirem-lhe um aspecto de anjo gorducho e ingénuo, oscilando entre o risível e o beato.

Evitava o espelho, embora o carregasse sempre consigo nas deslocções Paris-Lisboa-Paris. Conhecia-se muito bem. Sabia de cor para que lado pentear o cabelo e quantos graus tinha de inclinação de nariz. De resto, que importância teriam cem quilogramas de matéria-prima dos Peres Murinello e dos Sá-Carneiro? Mario achava-se excessivamente murinellizado, em termos físicos, entenda-se, pois, embora os avós maternos fossem interessantes, não eram lindos. Gostaria de ter herdado do avô José Leopoldo os olhos azuis; da avó Cacilda Vitorina, a simetria dos lábios. Mas, não: recebera deles o cabelo áspero, a tez pálida, o estrabismo, a flacidez e um conjunto de boas intenções que não iam além disso. Já dos Sá-Carneiro, não herdara nada, apesar de lhes invejar quase tudo. Os homens eram viris sem serem banais; as mulheres, graciosas sem serem submissas. Do papá, admirava a cintura fina, como a de um prato de porcelana, e os braços esbeltos, como os de um violino; caminhava com a postura de um militar (era militar),

mas o garbo de um bailarino. No entanto, quando entrava em casa, na penumbra, fechando, austero e distante, a porta com estrondo, e caminhava pelo corredor, após colocar as chaves numa porcelana de Limoges, sob um espelho com cabeça e pés de águia, Carlos Augusto Sá-Carneiro tinha um andar largo e pesado, que abanava o soalho.

Mario deitava-se cedo, depois da ceia, com o estômago a abarrotar da panela da Ama e a emitir ruídos debaixo dos cobertores. Levantava-se, percorria o quarto às escuras, tropeçava às vezes num móvel ou num brinquedo, batia com a cachimónia na porta, retrocedia para a cama. O mal-estar não abrandava e ele desabotoava o casaco de marta-zibelina, massajava o abdómen, em movimentos circulares, lentos, pressionando sobretudo abaixo do umbigo, onde nasciam os primeiros pêlos. Tinha uma macieza de pele que as pombas cobiçariam. Por vezes sorria, ao sentir-se. Noutras, crispava o rosto, em busca de satisfação. A Ama não lhe ensinara o prazer, que também não encontrara nos livros. Pressentia-o, mas ignorava que fosse uma constante da vida, tão premente como a dor e a fome.

O pai avançava pelo corredor. Tirava as botas num tremó em frente ao quarto do filho. Demorava-se ali. Ouvia-o a tossir e a esmagar num cinzeiro a ponta de um charuto grande e grosso, da Casa Havaneza, meio consumido. A soprar nas cinzas e a sacudir o napeirão para se desenhencilhar de vestígios. E, depois, a entrar no quarto de banho em frente, a escovar os dentes, a lavar as mãos e a despejar na latrina um mijo longo e pesado, demorado. A lavar de novo as mãos e a perfumá-las. Chegava-lhe às narinas um cheiro adocicado com notas de madeira, couro e terra, mesclado com os aromas marítimos de um perfume importado, penetrando no quarto dele, indo beijar-lhe os cortinados e envolver-lhe os cabelos.

Mario suspendia a respiração, o peito cheio daquele aroma, que lhe percorria as camadas externas do corpo em ondas, até lhe atingir as pontas dos dedos. Esperava o bigode do papá, já sem o forte cheiro a genebra que trouxera da rua. O rapaz mergulhava a cabeça na almofada, de lado, contra a porta, soltava o ar e respirava profundamente, como se estivesse a dormir. O pai inclinava-se sobre o filho,

envolia-o com um braço e, com a mão que sobrava, afagava-lhe do rosto o cabelo, para lhe dar, num nevo junto às pálpebras, um ósculo breve. E, depois, aconchegava-o ao cobertor, puxando-o para junto do pescoço.

Então, o rapaz imaginava o pai a afastar-se, e a despir o casaco, os suspensórios, as calças, a camisa, as ceroulas, as cuecas.

Como tinha ordens para não se levantar da cama antes do meio-dia, Mario também não tinha pressa em adormecer. Quando o alferes fechava, por fim, a porta do quarto dele, seriam duas menos um quarto ou um quarto depois das duas? Pouco importava. O relógio da torre do Palácio Foz emudecia lá pela meia-noite, e, a partir daí, Mario deixava de contar as horas e os fantasmas vinham, livremente, de braço dado com elfos, fadas e gnomos, uns para lhe mancharem os lençóis, outros para os perfumarem.

O rapaz era acordado pela Ama, que trazia uma bandeja de madeira escura, com bordas entalhadas e alças de metal, decorada com um guardanapo de linho cru, sobre a qual havia um conjunto de louça branca com detalhes florais, composto por uma chávena, um pires e uma leiteira. Ao lado de quatro talheres de prata, uma cesta de vime com dois pães fresquinhos cortados em fatias, uma manteigueira com uma faca, um pote de doce de gila, um prato com queijo e fiambre, outro com uma fatia de bolo paraíso, uma jarra de vidro com sumo de laranja e uma cafeteira de metal com café de saco.

O pequeno-almoço prolongava-se até às duas da tarde, quando a Ama trocava aquele por outro tabuleiro, da mesma colecção, com um caldo rico de peixes ou uma sopa de Almeirim ou umas migas de tomate, e um prato de iscas com elas ou um bife à Marrare ou um cozido à portuguesa ou um cabrito assado no forno.

Não podia largar os talheres enquanto não arrotasse. E aí de mostrar cara feia. Estava na idade perigosa, precisava de gordura, proteínas, vitaminas e sais minerais, para crescer até à estatura do pai. A adiposidade não era problema, antes pelo contrário, «o menino e o bacalhau quer-se bem regalado». E Mario estava a ficar um rapazinho, o natural era mesmo comer, comer, comer. Ele contradizia a Ama: «O ditado

popular não é assim.» E emendava: «A menina e a sardinha quer-se bem pequenina.» Ao que ela retorquia: «É a mesma coisa.»

«Ah, o bolo de figos!», pensava Mario. A *lavallière* transportara-o para as fitas azul-turquesa de pasta de açúcar com que, na sua infância, a Ama enfeitava os doces.

Em Paris, Mario frequentava o Café Riche, na esquina do Boulevard des Italiens com a Rue Lepeletier, junto à Opéra. Uma mesa quadrada, coberta por uma toalha branca, posta para quatro pessoas, com talheres de prata, taças de cristal e dois candelabros com doze velas. No centro, um *réchaud* mantinha quente a comida, servida por um criado de jaleca azul de borlas e quépi a adelgaçar o pescoço. Mario comia pão e bebia água de Seltz. Lia *Le Matin*, *Le Journal* e *O Século*. Era uma malukeira.

O pão vendia-se com restrições, devido ao racionamento, e ele tinha de escolher entre o de trigo e os pãezinhos em forma de meia-lua, ainda assim uma despesona. Havia quem vendesse as senhas de racionamento no mercado negro: cada uma, um soldo. Mario chegou a pagar cinco por elas, o mesmo que por dois chocolates *Menier*. Pagava a custo, o pelintra. A fome não fazia distinção de classes.

O que mais lhe fazia falta eram os bolos de massapão com figos do Alentejo, tão diferentes do paladar francês. Quando estava longe, Mario sentia saudades desta nossa terrinha de caca: «Querem saber? Gosto dos nossos serviços de beneficência, que não beneficiam ninguém; do nosso sistema de instrução pública, que não instrui ninguém; da nossa classe política, que não representa ninguém.» Falava assim, na primeira pessoa do plural. E confessava que o seu verdadeiro amor eram as planícies cheias de sol onde cresciam os figos-da-índia.

Enquanto substituía a *lavallière* acetinada por outra mais plástica, Mario revivia os temperos de Mimi, à sua espera em Lisboa, sempre que voltava: o cozido com brócolos e carne, a costeleta assada com pimentos, o frango no espeto com chouricinha e a morcela frita com presunto e arroz, tudo aprendido nos apontamentos da avó Cacilda; também os pratos de cabrito, papas de sarrabulho e vitela assada com batatinhas, que ela trouxera de casa dos pais, em Trás-os-Montes.

Mario tenta esconder os botões da camisa, uns apertados, outros por apertar, que mal contêm o abdómen saliente. Enfia as calças, desce-as na cintura, para caírem sobre a gáspea dos sapatos de pontas gastas; alivia os suspensórios, que lhe marcam a curvatura do ventre, para os ajustar ao comprimento das calças. Veste o casaco assertoado, cuja pala tem dimensões suficientes para disfarçar os botões da camisa e ele crê que lhe dá um ar de homem fino e elegante.

Ultimamente, o *Lépine* anda atrasado, e ele, que não quer perder a hora, consulta o relógio da torre de Saint-Jean, levantando-se logo que vê que não passa muito das três menos um quarto. Desce, de *robe de chambre*, ao primeiro andar, onde ainda se servem almoços. O *valet* surpreende-se ao vê-lo ali tão cedo. Já lhe preparara um repasto leve, que mantinha num pequeno forno, para não esfriar. Pede desculpa. O cliente tê-lo-ia avisado de que se ia levantar mais cedo para comer? «Mas que valente maçada, isso não se faz», retruca Mario, mesmo sem se lembrar se o avisou ou não. Para compensar, o criado serve-lhe caviar de beluga, suave e cremoso, em pratinhos com torradas. «Champanhe, vodca ou vinho branco?» Escolhe o champanhe. As mesas estão quase vazias. Mario delicia-se com *foie gras* com pão e geleia, trufas sobre ovo estrelado e lagosta frita.

O encontro era às cinco da tarde, no Grand Café da Place Blanche.

Hélène não era pontual, podia esperar um pouco se, desta vez, fosse ele a demorar-se. A ocasião justificava o atraso: pedira-lhe um anel de prata, bem simples, com uns ligeiros apontamentos em pedrinhas falsas, e ele levava-lhe uma aliança de platina com um diamante no centro, cercado por pequenas esmeraldas. Seria uma surpresa, quando a recebesse. Não é que celebrassem data alguma em especial, mas, sim, ele queria pedi-la em namoro.

Chegara há cerca de um mês e meio a Paris e, umas três semanas depois, os encontros deles já eram frequentes. Primeiro, como se fossem por acaso, na rua, junto às casas comerciais, perto do hotel, à hora a que Mario a julgava no teatro ou em casa, já a repousar; depois, procurava-a ele, nos camarins, no *foyer* ou no salão de chá das Folies-Bergère,

onde ela actuava mais vezes. Passou a ser implícita a amizade de um e de outro: ele, interessado nela, talvez; ela, a fingir-se de pudica, corando com os galanteios. Hélène não se mostrava só recatada, era também inteligente e sensível. Usava vestidos de corte recto, com gola alta e mangas compridas sobre os pulsos, a terminar um pouco acima dos tornozelos, a deixar ver as meias de seda e os sapatos de salto médio e ponta fina. Não dispensava luvas, colares e brincos. Sonhava com um marido que a protegesse da solidão e com filhos a quem dedicar afecto. Interessava-se por cultura. Divertia-se com tal moderação que raramente aceitava um cálice de vinho. E, embora adivinhasse os nomes e as colheitas pelo odor e pelo paladar, fazia-o apenas para socializar com os colegas do teatro e com os admiradores. Mario estava convencido de tudo isto.

Hélène dava mote a conversas no Café da Place Blanche e não era de hoje. Os moralistas condenavam-lhe a ousadia e a libertinagem. Os intelectuais discutiam o seu papel na vanguarda artística e cultural. Os agentes da polícia intervinham em desacatos nos quais era nomeada, temiam-na e respeitavam-na. Os poetas rendiam-se-lhe, dedicavam-lhe versos, imitavam-lhe os movimentos de canção, dançavam uns com os outros como se dançassem com ela. Os boémios admiravam-lhe a voz e o charme. Os marqueses convidavam-na para cantar e dançar nos seus salões. O corpo dela eram duas âmbulas a comunicar entre si o canto e a dança e eles exibiam-na às mulheres, brindavam, aplaudiam-na.

Um *valet de chambre* que ele não conhece bate à porta com a perna. Traz uma bandeja com um bule e biscoitos, coberta por um pano delicado. Pousa a chávena sobre os joelhos dele e serve-lhe um chá, a fitá-lo:

– Eu ajeito-lhe a *lavallière*.

Mario adoça a tisana com dois cubinhos de açúcar, derrete na língua um outro.

O criado termina o ajeito e coloca-lhe em frente o espelho. Era a mesma *lavallière*, mas parecia outra. Assentava-lhe no pescoço como uma segunda pele, sem um vinco ou uma dobra.

Em Camarate, tinha a ajuda de Angelina, a mulher do caseiro, que às vezes delegava essa tarefa no marido, Luís, ou no avô, José Paulino. A avó Cacilda é que nunca lhe pusera a mão, nem quando era recém-nascido. Aos quinze anos de Mario, dizia que ele já era crescido demais para depender de uma velha. Tinha quase um metro e setenta, braços e mãos fortes, e sabia escrever melhor do que muitos doutores. Só lhe faltava aprender a cuidar de si. O pai também não se metia nessas coisas. Era um homem do exército, austero e reservado, e, à exceção do beijo nocturno, raramente se aproximava do filho. O alferes Carlos Augusto Sá-Carneiro, aliás, nunca lhe vira as partes íntimas do corpo, nem os joelhos, nem os cotovelos, nem as nádegas. Tinha pudores de soldado. Não era da sua conta assistir ao filho nas pequenas coisas. Só lhe ensinara a pôr a *lavallière* ao pescoço. Treinara com ele muitas vezes, em frente ao espelho, mostrando-lhe como se fazia. O menino esforçava-se por imitar o pai, passando a tira por detrás do pescoço, deixando uma ponta mais comprida do que a outra, cruzando a mais longa sobre a mais curta, enrolando a ponta mais longa em volta do laço, e enfiando-a por dentro do laço outra vez. O pai observava-o com um olhar pedagógico, corrigindo-lhe os erros, elogiando-lhe os acertos. O menino não conseguia fazer um nó perfeito, mas o pai dizia-lhe que estava bem, que era assim mesmo, aquilo era uma arte, não uma ciência. O menino acreditava no pai, mas sentia que *aquilo* não era para ele. As voltas que a *lavallière* dava nunca fariam um nó perfeito; mais parecia um laço de se enforcar. De mais a mais, para afeitar um cadáver anunciado, não seriam necessários tantos ademanes. Uma camisa branca, um fato de marinheiro, serviam. Não mais que isso.

O *valet de chambre* murmura pequenas admoestações que Mario toma à conta do favor prestado, compondo ele próprio o laço ao colarinho. Breves luxos que o pobre não tem em casa, pensa o criado, desviando-lhe o espelho para se mirar nele também. O olhar de Mario não sobe acima das luvas brancas, pálidas, do serviçal, mas, se o escalasse até às montanhas onde se forja o aço do seu peito masculino, veria que aquele homem, diferente do criado que habitualmente o servia,

não era um homem, antes um deus. E, ainda assim, melhor. Pois não há de um homem satisfazer-se no corpo de um deus.

Mario era diferente dos outros jovens. Não se sentia atraído pelos rapazes. Não?! Claro que não. Apenas quando, no final da meninice, se libertou dos zelos da Ama e do pai e se atreveu pelas ruas dos Restauradores. Só então se deu conta de que, além dos homens da família, ele não era o último representante do género masculino. Na Rua das Portas de Santo Antão, encontrou, de facto, muitos jovens, nos seus trajes cinzento-escuros, camisas alvas e sapatos bem engraxados, em direcção ao Liceu de S. Domingos, onde se fechavam nas dez horas seguintes e de onde saíam tão imaculados como à entrada. Passou a admirá-los pelo volume bem engomado, sobre a braguilha, particularmente o dos que se arrumavam para a direita, indício de que a natureza lhes fora mais pródiga que com ele, que tanto se apartava para a esquerda quanto para a direita, sem que daí adviesse particular vantagem.

Mario não se iludia com a sua aparência. Verdade seja dita, nunca se considerou interessante o suficiente para atrair sobre si a atenção masculina. Os rapazes, com os quais convergiu, tempos depois, no mesmo liceu, olhavam para ele por mera curiosidade intelectual. Não que fosse mais inteligente que eles. Na verdade, o Tomás Cabreira Júnior, Tomazinho, o menino do chapéu, com borbulhas a despontar na face e no nariz, embora menor em estatura, era até mais dotado do que ele em termos de gramática. Já grafava o seu nome com acento agudo no «a», como era uso corrente, e incentivava o amigo a fazê-lo também. Mas respeitava a etimologia: escrevia «phosphoro», «psalmo», «exhausto». Não compreendia que para Mario fosse tão difícil obedecer às convenções da escrita e exclamava: «Que aflição me dás!» Explicava-lhe que, na escrita, as palavras são diferentes da oralidade, onde os gestos as acompanham e lhes conferem sentido. Vejamos o caso do ípsilon de «lyrio»: que palavra tão insípida, se a pronunciamos isoladamente; no entanto, revela uma aura de magia, de superstição e de religiosidade, graças ao ípsilon. Quando dizemos «lyrio», temos de lhe acrescentar algo mais. Todavia, na escrita, o ípsilon desenha-lhe

o caule, as folhas, a flor e o pistilo, e acrescenta-lhe o contexto de um salmo cantado numa catedral, o incenso dos altares e o veludo das vestes sacerdotais. De tal forma que, se quiséssemos, poderíamos substituir «lyrio» por ípsilon e seria perfeito. Tomazinho sabia muito daquilo.

Mas Mario não se deixava impressionar pelos ornamentos da escrita. Para ele, os vocábulos eram o que eram, sem floreados, e não se valorizavam por levarem um pê agá. Não se incomodava com o éfe de «filarmonica». Cada um era livre de usar a grafia que quisesse. Mas também não o apanhariam a defender a reforma ortográfica. Grafava «Mario» sem acento agudo: não precisava de levantar o aparo. Fazia da escrita o que bem lhe aprouvesse: um poema, um diálogo, uma carta, um postal ou uns gatafunhos em papel de jornal ou de embrulho, pouco importava. Assim como pouco importava o contexto. A força dos vocábulos residia na intenção.

Um sopro fresco de início de tarde agita os cretones dos cortinados quando o *valet de chambre* fecha a porta, após enfiar na luva branca os dedos compridos da mão com que ajeitou a *lavallière* de Mario e de se despedir dele com um «Passe bem» que ficou a ecoar pelo quarto como um bater de asas de andorinha no beiral por cima da janela.

Mario, sozinho. Tem pouco mais de cinco minutos para calçar as botas, apertar as calças e o cinto e vestir o casaco e o sobretudo. E pôr-se fresco e perfumado.

A rosa para ser rosa deve ser muito cheirosa.

CAPÍTULO 10

Se eu tivera uma madeixa do teu cabelo sedoso

Inclinado para a frente e apoiando o queixo na mão, José d'Araújo ouve-o com interesse, enquanto beberica o ponche. A luz iridescente do Sol a pôr-se tingia de ouro a face de Mario.

– Acho que sei de quem estás a falar. – José interrompe-o, desviando o olhar para a janela. Ouvem-se trinados de pássaros, buzinas, chicotadas e gritos.

– Tens um cigarro? – pergunta Mario, dobrando o guardanapo sobre os joelhos. – Estou a morrer de frio.

– A chama do trasfogueiro? Não te aquece? – José acende um *Chesterfield* na boca do amigo, com a mão em concha, oferecendo-lhe depois o ponche, ainda tépido.

– Não presta – reclama Mario, depois de provar a bebida, entre baforadas. – Prefiro cerveja.

– Experimenta mais um Porto – aconselha José, mordendo um biscoito de Reims.

Mario suspira e aceita. Falava de Maria Cardoso, Mimi para a família, a única flor que lhe cheirou o sangue.

– Se dependesse dela, o mundo seria perfeito! – diz Mario, com um sorriso amargo, que José não capta.

*

Retirou o *Lépine* do bolso e viu as horas. Uma fila de homens de sobretudo, de mulheres de lenço na cabeça e de crianças de colo, à sua frente, esperava silenciosamente por ser atendida. Naquele dia, era a

quinta vez que se deslocava ao Bureau número oito no Boulevard des Italiens. Já lá estivera na véspera e na antevéspera. Aguardava notícias desesperadas de Lisboa e de Lourenço Marques, de onde não recebia cartas há uma longa semana. Especialmente novas sobre Augusto, da Livraria Brasileira – de Monteiro & Companhia, editora depositária de *Orpheu*, que também lhe devia dinheiro, pelos negócios da venda de *Céu em Fogo*.

Numa tentativa de apressar os contactos de Fernando Pessoa, que podia interferir junto do livreiro, mas cujas respostas não chegavam, Mario telegrafou à firma A. Xavier Pinto & Companhia, onde o amigo trabalhava. Insistia para que ele lhe enviasse, com brevidade, os setenta e cinco francos que havia a receber, uma bagatela: os sessenta do mês anterior já gastos, não se atrevia a pedir uma antecipação do seguinte nem um suplemento ao pai.

Ao aceitar o pedido de namoro, Hélène passou a ocupar cada vez mais a vida de Mario. E, embora não precisasse de massa nem lha pedisse explicitamente, mostrava-lhe dia após dia como o mecanismo do amor funciona melhor a moedinhas.

– Não te preocupes – disse ela, enrolando o tabaco com um papel de arroz fino. Parecia nervosa. – A vida é mesmo assim: uma merda. Tu nasceste, vives e morres e, no meio, pagas o que deves... e o que não deves.

– Já pensaste numa solução, não é verdade? – respondeu Mario, omitindo a pequena fortuna resultante das jóias roubadas a Zoina.

Estavam os dois no Café de la Paix.

– Uma *Kölsch*, se faz favor – disse ele, como se simpatizasse com os Alemães.

– Não há.

– Então, vai uma *bière de Garde*.

O pai telegrafara-lhe, a sugerir que voltasse para Lisboa: «Vê lá a guerra. Estás melhor em Portugal. Tens lá a Maria, os caseiros, os livros. Anda-te embora, antes que te arrependas.» E ele: «Deixe estar a Maria, coitadinha, não lhe invejo a carga.» O pai insistiu: «Ela é como se fosse tua mãe.» E Mario: «Por isso mesmo.» E o pai: que

combinasse o regresso directamente com ela. Quanto ao resto, havia, no cofre, títulos da Caixa Económica Portuguesa e da dívida pública, que dariam para a passagem de comboio de Paris a Lisboa via Madrid. «E isso é o quê?», perguntou Mario. «Cento e dez escudos e quarenta centavos», informou o pai. «No ano passado, viajar para Lisboa custava sessenta escudos», lembrou o filho. «Mas agora temos as sobretaxas de guerra: vinte e cinco escudos para França, vinte para Espanha e quinze para Portugal. Ou seja, o preço da viagem duplicou.» «Não havemos de ficar mais pobres», escreveu-lhe o pai, talvez com um suspiro.

Fernando Pessoa lembrara-lhe que, em Paris, fazia frio. Quase sempre, exceptuando Agosto. Mario precisaria de dois fatos, dois pares de sapatos, um par de botas, dois pares de coturnos pretos, duas camisas de colarinho, duas camisolas de lã, um penhoar, dois barretes gregos acolchoados, dois lenços de mão, dinheiro para despesas várias. Em Portugal, era tudo mais barato. «Veja só a Alfaiataria José da Fonseca e Filhos, na Rua de São Julião, onde, ao que sei, já comprou camisas com colarinhos e punho a mil e seiscentos réis e camisas-réclamo a mil e oitocentos réis. E a Casa Brazil, na Rua Augusta, onde o senhor Lima, ex-contramestre da Casa do Amieiro, lhe expôs, à minha frente, um sortimento de lindos zéfires, aqueles com que fez você os coletes. E também a Engomadaria Central, onde poderá cerzir o fato cinzento e as calças andadeiras para passarem por novos. Sem falar na Tinturaria Cambournac, do Largo da Anunciada, onde lhe lavam os coturnos e os barretes gregos e põem a brilhar, de tão polidos, os três pares de sapatos e os dois pares de botas.» Sem precisar de muitas poupanças, Mario teria ainda folga para beber cerveja, absinto e chá com mel, fumar charutos, andar de americano, comprar jornais, ir ao Politeama e ao Coliseu dos Recreios e frequentar o Mont'Estoril ao domingo.

Aguarda agora na parte da fila que já rabeia no interior do Bureau número oito, no Boulevard des Italiens. Surge um amanuense de fato azul, camisa branca, gravata e mangas de alpaca, a ordenar que aquela se divida em duas, encaminhando alguns clientes para um novo guiché. Assim, pode fechar a porta da rua, por onde se infiltram o vento frio e as folhas secas dos carvalhos. Um rumor nasce entre a multidão: dois

cavaleiros entram, acompanhados por uma mulher com uma saca de compras e uma criança pela mão que, por sua vez, empurra um carrinho de rolamentos. Sucede-lhes um casal com pronúncia alemã, que troca algumas palavras com o funcionário, o qual exclama, em voz alta: «Um cheque do Banco judeu Rothschild?» O nome da instituição provoca uma algazarra entre as cerca de duas dezenas de pessoas presentes na repartição, e ninguém mais se entende. Só então Mario se apercebe de que, naqueles trinta metros quadrados, se acotovelam cinco ou seis nacionalidades, além da francesa, o que torna difícil a tarefa do gendarme que logo chega para restabelecer a ordem, prendendo o indivíduo mais perto da saída, que acabou de esmurrar um boche, porque este defendeu o *kaiser*.

Entalado entre um austríaco anti-regime e um italiano pró-Alemanha, Mario dobra e solta a língua no palato, produzindo um ruído parecido com *A Marselhesa* e batendo o ritmo com os ombros e os quadris. Quer distrair-se, afastar-se do conflito ali iniciado, portar-se como Portugal em relação ao mundo em guerra, confiando na imunidade da periferia supostamente distraída. Tão absorto se põe no alheamento brincalhão que por pouco não vê Jorge Fernandes, um bebedolas, um coitado, mas também um tipo simpático, a entrar nos correios com duas dúzias de envelopes com o símbolo da empresa onde trabalha. O rapaz é um conhecido seu; encontram-se, de vez em quando, ao fim da tarde, para tomar umas cervejas e olhar as raparigas. Mario interrompe a cantoria.

– Homem, há tempo que não o via!

– Como vai Paris? – Mario finge ignorar que a guerra fechou os cafés com esplanada e as casas de costura. A capital francesa está hostil à elegância.

– A mesma de sempre.

– Pois diz ao senhor Presidente da Câmara que, à noite, sem as luzes dos postes de electricidade, o Arc de Triomphe parece o Arco da Porta Nova.

– Está a falar daquele arquinho que se vê da Avenue de la Grande Armée? – respondeu, sério, a contar as cartas.

– Ainda não foi lá ver, homem? – retrucou Mario, dando-lhe uma palmada nas costas. – Vale a pena: aquilo é que é um arco à séria.

Um indivíduo de farda azul, boné, gravata e distintivo sentou-se atrás do guichê, a receber cartas, telegramas e encomendas.

– Cheguem-se à frente.

Do outro lado do balcão, uma voz espremida entre caixas dá instruções a um operador telegráfico que, para Mario, se assemelha a um daqueles franceses pequeninos da Provence que ali andam a fugir da guerra. Lembra-lhe Xavier de Carvalho, que veio para Paris a esconder-se de uma namorada portuguesa que emprenhara, e acabou nos braços de uma voluptuosa francesa que falava português tão bem como ele, mas com pronúncia de alheiras de Mirandela e enchidos de Viseu. Depois de gastar a mesada do pai nas suítes com camas de estilo imperial e almofadas e colchões de penas do Grand Hôtel, na Avenue Montaigne, Xavier passou a morar num quarto arrendado. Mantinha-se agora longe das mulheres, para não as engravidar. Já tinha sarilhos que chegassem. Mario tornou-se amigo dele por falta de melhor companhia em Paris.

Já o Jorge Fernandes é tão medíocre como Xavier de Carvalho, mas está sempre ocupado. Vê-o raramente. Ainda menos depois de Mario se mudar para o Hôtel de Nice, longe do quarteirão dele, tanto em termos geográficos como de charme e etiqueta e de uso corrente do francês. Resta-lhe José d'Araújo, um recém-conhecido, correspondente do jornal *O Século*, instalado num escritório do *Le Matin*, a produzir artigos sobre a vida mundana. Este capricha no português quando fala com Mario, o que já é uma vantagem.

Naquele mês de Agosto de 1915, Mario sentiu-se mais só do que nunca. Anseia por correspondência. Qualquer carta, por mais breve que fosse, lhe traria algum consolo, desde que falasse de Lisboa: do sol, dos almoços, das lojas. Não importa se tudo continua igual e se não há novidades para partilhar. Do guichê do Bureau número oito recebe um postal do Pacheco, europeiamente carimbado a vermelho em Bordeaux e com uma tira de papel a ocultar o fim de uma frase. É pouco, mas já é alguma coisa. O amigo diz-lhe dos seus planos para visitar Paris: «Mas

antes, passo por Bilbao e levo-lhe as malas que lá deixou.» As palavras rasuradas atiçam-lhe a curiosidade. É até divertido. Pode imaginar o que o amigo lhe quer dizer, evocar Lisboa e os companheiros de outrora, conversar com o poeta na sua mente e sentir-se próximo dele. Do Carlos Franco, nada, mas já está habituado aos seus silêncios. Do pai, também não recebe nada; o último sinal foi em Agosto, dinheiro, por telégrafo. O que sabe dele, deve-o a Mimi, que, ainda assim, não tem muito que contar. Mandou-lhe três cartas e um postal em Julho; em Agosto, sete postais. Agora, em Setembro, aqui está mais um, com saudades, abraços e recados para a Regina, afilhada e herdeira de Mimi. Mario sente-se em dívida para com a madrastra, não pode abandoná-la. Um postal de vez em quando, sim, mas basta.

No ano anterior, Mimi acompanhou Mario a Paris. Hospedaram-se no Grand Hôtel. Quando partiu, deixou-lhe dinheiro suficiente para um ano. Se não a conhecesse tão bem, pensaria que era uma mulher extraordinária, apesar do temperamento difícil.

Mimi tinha qualidades próprias das mulheres de família: sabia cozinhar, lavar, cerzir, varrer e limpar; dava conselhos; conhecia a literatura; apreciava pintura e escultura; costurava roupas com qualquer tecido; era asseada; cuidava das unhas; cortava bem o cabelo; maquilhava-se; andava nos transportes colectivos. Mas, apesar de tudo isso, Mimi quase nunca usava as suas habilidades: não mexia em nada em casa, nem fazia a própria cama; era simpática em público, mas rude em privado; falava de pintura e escultura, mas fazia-o com sobranceria; era limpinha, mas descuidava os dentes; arranjava as unhas, mas esquecia as cutículas; cortava bem o cabelo, mas desgrenhava-se ao longo do dia; maquilhava-se, mas borrava os lábios; andava nos transportes colectivos, mas preferia os carros de praça.

O pai seguiu para Lourenço Marques a 14 de Junho de 1914, a fim de trabalhar nos caminhos-de-ferro como engenheiro civil, e, dois meses depois, Mimi apossou-se da Quinta da Victória (também lhe chamavam da Ribeirinha), governando-a a partir dos Restauradores.

Em 1885, o senhor Conselheiro José Paulino, avô paterno de Mario, comprou a propriedade, por dois contos de réis, onde plantou

videiras americanas para produção de vinho. Impulsionado pela senhora dona Cacilda, temente a Deus e aos santos, o Conselheiro encomendou às Carmelitas do Menino Jesus conjuntos de atalhados, com os quais compôs o enxoval do Altíssimo, casulas quotidianas, capas de asperge e véus umerais, castiçais e círios. Vista do fundo, a capela era um primor. As mulheres rezavam lá, à vez, antes de prepararem os pequenos-almoços, e os homens confiavam-se nos genuflexórios para os trabalhos dos campos. Depois da morte da senhora dona Cacilda – mulher virtuosa como hoje é raro de se ver –, uma outra a substituiu na cama e na mesa, mas era uma ordinária que não descansou até destruir todas as benfeitorias realizadas pela sua predecessora. O altar foi vendido, peça por peça, a mercenários alemães, restando apenas as alfaias litúrgicas.

Mimi enviava cartas a Carlos Augusto, a garantir que «ao menino», sempre que regressasse a Lisboa, não lhe iriam faltar pão, sopa, couratos e enchidos à mesa – baixo em pequeno, Mario estava agora insuflado e gordinho. Na Quinta, os trabalhadores reconstruíam as empenas derubadas pela intempérie do Inverno anterior. Albino fora surpreendido numa casa de fado e, preso pela polícia, devolvera o menorá e os diamantes roubados à família, além de ressarcir os alqueires de milho desviados. As macieiras produziam fruta e o milharal prolongava-se até onde a vista se perdia e, com os fundos necessários, Mimi planeava contratar pessoal para a safra seguinte. Por vezes, Mario via-a, pressurosa, de calçada em calçada, na Baixa de Lisboa, ou nos *omnibuses* pejados de gentinha. Seguia-a, para lhe falar dos beijos e do amor. Não chegava perto dela: era gordo e tinha o pé, as pernas, o corpo todo, pesados.

Mimi tinha o ar de mulher livre, capaz de se desunhar sozinha, mas a lufa-lufa da vida quotidiana impedia-a de ir com a necessária frequência à Quinta. Isto resultava em lenha por serrar, muros caídos e árvores de fruto infectadas pelo míldio e sem tratamento adequado. A mão de obra escasseava. Quando o senhor Luís, o caseiro, precisava de contratar um ou dois trabalhadores, ia até Loures, de carroça, falar directamente com os donos dos casais mais próximos, que lhe cediam os empregados em troca de parte das colheitas.

O paquete onde viajava Carlos Augusto tocava o arquipélago da Madeira e a filoxera já infectara os pés das vinhas. As finanças da Quinta estavam comprometidas.

Mimi mandou chamar Mario, e ele?, com os tomates em brasa, claro. Que raio queria ela agora? Dizer-lhe que o vira mijar no espedalho de água? Nunca soube lidar com Maria Cardoso, tão bonita e astuta, mas galdéria, caramba, tão oposta a ele, que era um desgraçado, «coitadinho do Mario», dizia Angelina, «que mal se sabe defender». Perdia-se na sua idade real quando estava com Mimi; fora assim, desde miúdo, desde adolescente. Em frente dela, continuava a ser esse miúdo, esse adolescente, mas com vinte e seis anos.

Ficou umas duas horas à espera dela, sem sequer lhe oferecerem vinho do Porto e biscoitos. O relógio comportava-se como se fosse uma guilhotina a querer cair-lhe em cima do pescoço; a biblioteca, um couraçado, ameaçador e medonho. Porque demorava tanto? A divisão, espaldada de estantes, fora projectada pelo ex-dono da casa, Manuel Serrano, e construída em 1885 pelo avô José Paulino, no lugar do antigo jardim de Inverno. Agora, só Mario se interessava pelos livros, alguns com cem anos, lombadas descosidas, páginas oxidadas, até roídas pelo bicho-da-traça. Aproveitou para conferir as fileiras de títulos, e bem lhe parecia que faltavam os dramas de Francisco Palha e de Antónia Pusich, na ordem regradada, António Paiva, Galeote Pereira, Júlio Pimentel, Fernão Mendes Pinto e Leonor de Almeida Portugal (marquesa de Alorna). Havia de procurá-los no alfarrabista.

«É ela», pensou, ao reconhecê-la pelo caminhar.

– Que estás a fazer aí, curvado em frente às estantes? Que posição tão abstrusa. – Mimi surgiu por entre as cortinas de cássia.

Mario deixou cair um livro sobre a carpete:

– Maria Papoila da minha afeição – recebeu-a nos braços, cobrindo-a com o casaco –, precisava agora de um naco de cabrito e de um gim-tónico.

– Ah, lombriga, era nisso que pensavas? Pois nem cabrito nem gim-tónico – Mimi aceitou o abraço. – Antes disso, temos de conversar.

Envelhecera. Calçando uns sapatos cotiados e sem graça, vinha num dos vestidos às flores que o pai lhe oferecera para substituir os que dantes usava nas casas de meia-porta. Na Quinta, dizia só ter olhos para os homens da casa, não para os trabalhadores. Os de fora – o padre, o sacristão, o costureiro, etc., etc. – também não lhe interessavam, raramente ficava a sós com algum, excepto nos lugares sagrados: a sacristia, o ambulatório, a área de prova, a recepção. Não eram homens comuns. Ao padre, rogava sobretudo o perdão divino para os pecados sem relevância; ao sacristão, além das missas, comprava vinho sagrado, mais acessível que a zurrapa da mercearia, que punha na mesa a certos convidados; ao costureiro, criticava os modelitos alheios e toda a gente sabia que havia segredos que ela não dizia no confessional.

Mimi tinha preocupações. Levantava-se cedo, para fritar pataniscas numa casa de pasto da Rua do Salitre, ao Rato, antes de ir para o Grémio das Voluntárias do Sagrado Coração de Maria, onde permanecia até anoitecer. Se sobrasse tempo, passava pelo banco ou pela modista.

– Estás pálido – disse Mimi, a libertar-se do abraço. – Que andas a fazer que não comes?

Mario contou que tinha chegado a Lisboa há pouco tempo. Enjoavam-no os temperos do Aliança, onde se hospedava. Lembrava-se do cabrito assado no forno com grelos cozidos que ela fazia, mas raramente saía do hotel, apenas para dar umas voltinhas a pé pelo centro ou para visitar Alfama e a Mouraria. Se soubesse que ele regressara, Mimi tê-lo-ia visitado. Mario queria mostrar-lhe as provas de página de *Orpheu*, já revistas.

– Ontem, comi torresmos com salada.

– Se tivesses ido aos Restauradores, terias comido lombo assado com arroz – censurou Mimi.

– Maria Papoila da minha afeição, como queres que te visite, se estou falido?

– Não podias ter ido a pé?

Maria sentou-se na borda do canapé, rodou um anel nos dedos.

– Tens algo para me dizer?

– Não venhas com merdas – respondeu Mimi, deparando-se com os sapatos de biqueiras puídas dele e as calças a precisarem de remendos no cóis e nas bainhas. O senhor Carlos Augusto ainda não tinha enviado reforços (dizia «reforços» para evitar dizer «dinheiro»), as finanças da família não eram, por isso, fantasias, e ela, para fazer face à carestia, confeccionava bolos, brunia e engomava para fora. Na ausência dele, e por falta da assinatura do menino, não pudera resgatar cinco contos de réis no Banco Ultramarino, e agora era tarde demais: a massa desapareceu, uma parte com a inflação e o restante com o colapso do sistema bancário.

Embora divergisse da forma como Mimi administrava os negócios e se imiscuía nas tarefas dos trabalhadores, o senhor Luís podia tê-la encaminhado para a instituição financeira com uma recomendação sua. Se o prestígio dela era baixo, o mesmo não se podia dizer dele, homem respeitado em Loures e em Lisboa e influente na União Republicana, convidado para se sentar à mesa da Igreja e dos maçons, misturar-se com literatos e divertir-se em tabernas e quermesses. Ela, não. Deixara as casas de fado, mas bastava ver-lhe o menear na calçada portuguesa e surpreendê-la a conversar com os rufias e a saudar os magalas para constatar que até lhes tinha saudades.

Ao almoço, Mimi manchara de vinho o vestido. Seria necessário lavá-lo com sabão forte, esfregá-lo sobre uma pedra, torcê-lo, enxaguá-lo em três ou quatro águas, deixá-lo a quasar na laje da eira. Mario, por seu turno, também apresentava uma mancha semelhante nas calças, prontamente notada por ela. Para sair dali com a roupa lavada e brunida, o menino teria de enfiar as calças e as camisololas do avô, ou do senhor Luís, com cheiro a mofo e bolas de nafatalina, e esperar pela tarde do dia seguinte para ter as suas de novo prontas a vestir.

A mulher buscou nele outros indícios de desmazelo.

– Estás um homem a valer – disse, por fim.

É certo, aquele homem tinha tomado tino. Agora, mal saía do Aliança e, se precisava de trocar ideias com os comparsas, recebia-os no hotel. Andava caseiro. Cinco minutos por dia na varanda eram

suficientes para respirar Lisboa e sentir-se vivo. No entanto, as finanças da Quinta preocupavam-no; urgia tomar uma atitude. Além disso, não gostava de ver Mimi por aí, a ralar-se de manhã à noite, como se fosse da família e tivesse obrigações.

Obrigações, tinha-as ele, seu protector, e não se lhes furtava. Era-lhe muito grato, desde o dia em que a conhecera – apresentada oficialmente por seu pai como «a minha companhia» – na Grande Gala dos Desafortunados, no Cais do Sodré. O pai levara-o ali com a promessa de trazer para casa um barquinho de madeira e um boné de marinheiro, e adivinhem quem lhos ofereceu. Naquele momento, Mario achou a senhora dona Maria Cardoso uma mulher muito generosa, incapaz de desiludir uma criança. Todavia, aos vinte e seis anos, não lhe agradava nada ter de partilhar com ela os brinquedos.

Entretanto, lá longe, o pai afligia-se, sem a mulher e sem Mario, nem massa visível com que lhes acudir. Faltavam-lhe os convívios, as rotinas, o ténis e a caça. O filho imaginava-o até a deitar lágrimas pelas regalias de Lisboa, praguejando contra aquela terra de homens incivilizados, com cascos nos pés, argolas nas orelhas e trapos no sexo. E Carlos Augusto, com efeito, não se habituava a ser servido por mulheres de mamas tsnadas e pendentes, que balouçavam descaradamente quando se baixavam, e de beijos longos onde não cabiam cumprimentos. Ensinaria os homens a bater à porta e as mulheres a reverenciá-lo. Os costumes europeus triunfariam sobre os referentes a chopos, macundas, xonas e ndaus.

Mario não estava tão certo quanto Mimi de que o motor da partida do pai houvesse sido a abnegação. E tentava dizer-lho, com indirectas suaves, mas certeiras, enquanto ela lhe relatava o conteúdo das últimas cartas do companheiro. Ficando em Lisboa, as coisas resolver-se-iam, já que, apesar da falência da Banca e da escalada dos preços, bem administrada, a Quinta proveria arrimo para a família.

– Não o censures, que eu não gosto. – Mimi referia-se ao pai. Mas pensava na falta de ambição do filho. O rapaz, educado pela criada minhota, não tinha a raça, a fibra e a longanimidade dos Sá-Carneiro, assemelhando-se antes aos Peres Murinello, devotos a São Julião de

Tarso, experimentando no corpo os cilícios que atormentavam o santo, crendo, por uma astenia crónica que os flagelava, merecerem os altares.

Mario cresceu a ouvir «nãos». «Não o censures» – dizia Mimi. «Não subas à cadeira», a mãe. «Não te esqueças de rezar», a avó Maria José. «Não te deites tarde», o pai. «Não fujas do perigo», o avô José Paulino. «Não andes descalço», a avó Cacilda Vitorina. «Não tires o bibe», a Ama. «Não canses os olhos», o avô José Leopoldo. «Não tires as botas», o senhor Luís. «Não leias tanto», o padre. «Não bebas vinho», o sacristão. «Não deixes crescer o cabelo», o barbeiro. «Não gastes o dinheiro todo», o avô, a avó, o pai, a Mimi, a Ama, o senhor Luís, o padre, o barbeiro, o sacristão.

Não tinha dinheiro, ou, dito de outro modo, precisava de mais dinheiro para ser feliz.

– São as moedinhas que nos salvam – dizia Mimi, a abrir um porta-níqueis bordado com o rosto de Dom Carlos, deixando cair duas peças de liga de bronze. Seriam ainda os quatro tostões que o pai lhe dera para comprar pão, no dia em que os viu juntos, nos Restauradores. – Toma – estendeu-lhe uma moeda.

– Querida Maria do Mario, de que me servem dois tostões?

– Já ouviste dizer que o dinheiro não traz felicidade?

– Mas ajuda a sofrer em Lisboa ou Paris – observou Mario. – Vê, por exemplo, como o Constantino, da Rua Direita, com a sua fortuna, conseguiu encher a porta de automóveis de luxo. Nunca mais se queixou de dores de costas.

Em 1890, a bodega do corcunda Constantino, na Rua Direita, era conhecida, em Camarate, Unhos e Apelação, pelos fumeiros de Trás-os-Montes e Alto Douro. Com o vinho da Quinta das Carrafouchas, o negócio evoluiu para uma «mercearia» e expandiu-se no alvorecer do século. Constantino substituiu o seu *Fiat 10 HP* grandalhão e desconjuntado, pago a prestações, por carros com personalidade, como um *Albaugh-Dover Aldo*, um *Vee Gee*, um *Belmont* e um *Eric-Campbell*, comprados com dinheiro à vista. O número de viaturas *per capita* é um excelente indicador da escala da felicidade social, afirmava Constantino. E ele, com dois rapazes e duas raparigas, igualmente

corcundas, tinha um império de afectos: doze automóveis à porta, incluindo modelos de dois e de quatro lugares, com e sem capota, com motores de combustão interna ou eléctricos, modelos A e T, americanos, franceses e alemães.

Mario referiu depois o império Antigo, o da Cristandade, o britânico, o russo, o espanhol, o francês, o português, o abássida, o omíada, etc., etc.

– Encaixam perfeitamente na «mercearia» do marreco – replicou Mimi –, onde só se vendiam cabeças de porco ensanguentadas, língua de vaca, caras de bacalhau e orelheira, que, bem condimentadas e regadas com vinho, davam pratos deliciosos. Ali não havia nem impérios, nem ilusões, meu menino, nem vestígios de grandes conquistadores como Ciro, Júlio César, Alexandre Magno, Constantino ou Napoleão Bonaparte.

– Não me apanhas nem morto, Maria.

– Meu Deus, meu Deus – exclamou ela, com voz aflautada. – Porque me matas, malvado? – E soluçou, de mãos no peito.

– O que pretendes que eu faça?

– Vende as terras já, divide a massa com o teu avô – propôs ela, sentando-se numa poltrona. – Resolves o teu problema e o nosso. – E apontou para o lugar vazio, junto a si.

– Já pediste opinião ao pai? – perguntou Mario, a ganhar tempo. – E ao senhor Luís?

– É assunto de que se fala há muito neste inferno, tu sabes – disse Mimi, desatando a trança negra do cabelo, como se fosse tomar banho. – Se queres mesmo saber, só falta a tua assinatura.

– *Se eu tivera uma madeixa do teu cabelo sedoso...* Ah... o que faria...

Mimi não o ouviu e Mario argumentou, num registo sério, sentado na poltrona, com a gravidade das pessoas crescidas: – Não vês que a Quinta dá uma fruta tão bela que nem tu mereces, caturra de uma figa?

Maria Cardoso sabia das coisas, não? Fruta de qualidade? Sempre houve! Desde sempre! Como se ela não soubesse! Os produtos...

recolhidos nos armazéns, pois claro, eram carregados nos grandes carros de bois e zás!, lá rumavam eles para as mercearias da capital, e ainda para Camarate, Loures, Infantado e Sete Casas. Credo!, era uma fila indiana que nunca mais acabava! E Mario, à espreita da janela do quarto... uma enorme serpente de carroças a levantar poeira. *Et voilà!* Desaparecidas! E com a massa da venda dos produtos agrícolas? Ora pois, melhorias por todo o lado! Vedações que já nem se consegue transpor. Sistema de rega que é um mimo. Conservação dos edifícios... e repara só nas novas estruturas a nascerem do chão!

A Ama fazia um excelente doce de figos e tomate, com o fruto de figueiras plantadas pelos antigos proprietários da quinta e tomate colhido na horta ao lado da casa. Vendia-o em caixas com potes de vários tamanhos, com o selo «Quinta da Victória».

Mas a queda da monarquia, a instabilidade política, social e financeira, a guerra na Europa e o golpe militar do General Joaquim Pimenta de Castro, tudo isto afectou as finanças da propriedade. Começou, então, a escassear mão-de-obra – os homens eram convocados para as minas de volfrâmio de Coelhoso, Paredes e Panasqueira. A lavoura passou a ser responsabilidade das mulheres.

Depois da hipoteca da Quinta para saldar dívidas e fazer restauros, viveram um período de normalidade, ainda que sem os pequenos luxos do tempo do Conselheiro José Paulino. Reduziram-se salários; despediram-se criadas; eliminaram-se gastos supérfluos; evitaram-se investimentos. No ano seguinte, as finanças pareciam gozar já de uma saúde excelente, mas ainda havia contas por saldar. Neste contexto, o pai decretou o fim da austeridade. E para mostrar que era certo o que dizia, comprou um automóvel último modelo, com o qual os levou a passear pelo Algarve e Marão, aumentou o salário do Luís e da mulher e aconselhou-os a mandarem os filhos à escola.

– Se não pagarmos o que devemos, vamos perder a porcaria da Quinta. – Mimi cobriu-lhe o pulso com a mão saída do punho de uma camisa de renda.

– O que sugeres, então? – Mario sorriu. – Sonetos, quadras, cantigas, vilancetes, odes, esparsas, versos soltos? – E recitou uns versos de

Cortes-Rodrigues que tratam de «arquitectónicas teorias de beleza» e de «emanações de amor». – Querida Palerma da Minh’Alma, faço o que quiseses, se me prometeres que ficas feliz, mas não me peças para me desfazer das nossas terras.

– Que sabes tu de poesia, de artes plásticas, se nada sabes da vida? – retrucou ela, desembulhando uma pastilha *Valda*.

– Ah, esqueces-te de Marinetti, Santa-Rita Pintor e Fernando Pessoa! – Mario serviu-lhe um cálice de *Vin Désiles*.

– Não me esqueço, Mario – corrigiu Mimi, declinando o cálice de vinho. – Diria antes que não me foram apresentados, talvez o queiras fazer tu.

Maria apertou, entre as pernas, o vestido decotado cor de caramelo, a mostrar que as coxas eram propriedade sua. Disse que o menino devia executar as instruções do avô, vender as terras, salvar a casa, o telheiro, o espelho de água. O mundo não estava para fantasias, a poesia e a pintura eram manifestações infantis de espíritos enfastiados, havia que dar de comer à fome e de beber à sede. A arte ficava para depois.

– Ora aí está um ponto sobre o qual tu e eu nunca estaremos de acordo – rebateu ele, com um rubor a soltar-se sobre a palidez.

– Arrepias ouvir-te falar assim. – Maria aproximou dele um hálito de hortelã-menta, a disfarçar o cheiro da banha do cabrito saboreada ao jantar. Conhecia-o o suficiente para estar certa da penúria em que ele se achava e tentava ludibriá-lo.

– As terras valem vinte contos de réis, sem contar as leiras para lá do ribeiro – disse Mimi, a derreter a pastilha *Valda*. – Basta assinar um contrato-promessa de compra e venda, a dar tempo para a Quinta se reerguer.

Mostrou-lhe um papel dobrado que tirou do bolso do vestido.

– ...

– Se o avô assinar também, anulamos o negócio na melhor ocasião e não perdemos nada com isso.

Mario arrastou um tamborete para diante das estantes da biblioteca e leu as lombadas com altos-relevos dourados: Alas, Leopoldo; Alcott, Louisa May; Altamirano, Ignacio M.; Andrada, Miguel

Leitão de; Andrade, Jacinto Freire de; Assis, Machado de; Avellaneda, Gertrudis Gómez de; Bocage, Manuel Maria Barbosa du.

– Olha, levo este.

Apontou para um Antero de Quental, fora de sítio.

No dia seguinte, encontrou Mimi a entrar no carro de praça e a senhora Angelina e o senhor Luís a despedirem-se dela.

– Não me dizes adeus, Maria Lorpa da minha afeição?

Mimi ajeitou, sobre a nuca, um chapéu de palha, afastou a fita carmesim, que lhe balançava à frente dos olhos, colocou óculos de sol, puxou o rabo-de-cavalo para fora do casaco e subiu, lentamente, o vidro da porta.

O carro rodeou o jardim das traseiras como se transportasse uma monarca, envolvendo-os num círculo de pó e fazendo-os fechar por instantes os olhos. Angelina dizia «Volte sempre», fungando para a bainha do avental; o senhor Luís abraçava-a e lamentava-se: «Que vai ser de nós?»

A caseira voltou para a cozinha a fim de pôr os tachos no lume – fritou chouriças de Lamego para o arroz de forno, enquanto desossava a galinha que lavaria em duas ou três águas. Para ela e o marido, bastava uma galinha pequena, que depenava e escaldava, para depois lhe tirar a pele e o excesso de gordura, abrir o ventre com o facalhão, arrancar os miúdos e separar o coração, as moelas e as gemas, as patas e o pescoço. Uma parte ia para o arroz e a outra para a canja; as peles e gorduras eram o banquete do buldogue francês.

– A dona Mimi partiu fula consigo, o menino sabe porquê. – Angelina limpava o facalhão ao avental. – Não a procure tão cedo, olhe que é para seu bem.

– Há almoço para três?

– Para três, para quatro, para quantos vierem.

CAPÍTULO 11

Se pra me queres é forçoso

– Ó pá, supponho que o Pessoa se sentiu deveras triste quando vieste para aqui – insinua José d’Araújo.

– Compreendeu perfeitamente – contrapõe Mario, passando o guardanapo para a mão direita –, embora, quando me acompanhou à Estação do Cais dos Soldados, denotasse uma ponta de melancolia.

– E então?

– Sempre me apoiou. – Mario pronunciou bem cada palavra, mas sem convicção. – Todos os dias recebi uma das suas cartas-relatório, como prova de amizade. – Desvia o rosto, chora sem ser visto.

– E tu?

– Eu? Como assim?

– ...

– Bem, gostaria de ser para ele um amigo às direitas. Mas este meu feitio... esta propensão para a tristeza... esta ânsia...

– Já te conheço um pouco: és de todos um grande amigo.

– Ninguém me salva de mim, por mais amigos que tenha.

– Estamos todos sozinhos. É esta a merda de condição que nos permite estar vivos. E sermos modernos, ou lá o que é. – José d’Araujo acende um cigarro.

– Infeliz condição.

*

A cortina de proscénio vermelho-dourada das Folies-Bergère fechou-se pela terceira vez, sob uma forte ovação. Assobios. Acenos. Vozearia. Mario estava numa ponta da plateia, ladeado à esquerda por

uma matrona gorda e vulgar e, dois lugares à direita, por um dândi que mascava uma erva dura e fedorenta, arrotando e emitindo grunhidos de cada vez que se mexia na poltrona. Aquela fila era, aliás, uma das mais baratas, um franco por lugar, num fosso com pouca visibilidade para o palco, junto das saídas de emergência directamente para as sentinas, com cheiro nauseabundo de esgoto.

Comprou duas entradas para o espectáculo, para si e para Carlos Ferreira, adido cultural na Bélgica, a contar que já estivesse em Paris, como lhe anunciara o Pacheco, e o quisesse acompanhar. Mas Ferreira desaparecera do mapa, sem dar notícias. Mesmo assim, Mario esperou até ao último minuto. Atrasou, aliás, a saída, escolhendo um traje adequado e botas a combinar, à espera de que o amigo lhe aparecesse a qualquer momento à porta do quarto para o surpreender, como tantas vezes fazia.

Hélène falara-lhe de *Sous les drapeaux*, uma revista em vinte e sete quadros de duas horas e meia. Era amiga de Paul Gavault e Robert Charvay, os autores, que elogiava com adjectivos graciosos. Mario ficara a saber que a mulher preferia o primeiro, meão de estatura, de cabelo castanho, bigode e óculos, primo em segundo grau do presidente Raymond Poincaré. Jorge Fernandes falara-lhe também da revista: sempre que cruzava as Folies-Bergère para o emprego, surpreendiam-no as filas de espectadores na bilheteira, forçando-o a mudar de passeio, arriscando-se a ser atropelado pelos automóveis que ali circulavam a uma velocidade imprudente. Lera depois, no *Le Matin*, referências óptimas. A enorme afluência parecia justificar-se plenamente. Ainda assim, adiará sucessivas vezes a ida à revista.

O dinheiro começava a faltar-lhe, pois, apesar de não viver na penúria, os gastos com livros, revistas, calçado, perfumes, chocolates e cigarros, quando somados ao fim do mês, totalizavam valores inacreditáveis. Mario possuía um livro de caixa, com duas colunas por página, onde registava o fluxo de dinheiro e o saldo. A sua ideia fora, de início, anotar tudo o que comprasse, manter-se consciente dos dispêndios e não se exceder para além do razoável. O plano era, à partida, interessante e tentou pô-lo em prática, sempre que se sentava para ler

o jornal ou antes de redigir cartas. Todavia, cedo se revelou uma péssima ideia, pois lhe exauria a inspiração. Sobretudo quando grafava a Mimi, ao pai ou ao avô, solicitando mais dinheiro. No fundo, sentia-se mal, mas pouco, a gastar desenfreadamente quando a família passava por dificuldades. Mario era um homem de consciência pura e límpida, embora não raro carecesse dela.

Surpreendido, verificou, ao fim de dois meses parisienses, que a avultada quantia recebida pelos itens de valor furtados a Zoina lhe garantiria apenas mais dois ou três meses de sobrevivência. É certo que, por causa do extravio das malas, refizera o guarda-roupa, com fatos, sobrecasacas, sapatos, botas e acessórios, além de perfumes e essências. Mas deveria culpar sobretudo Hélène, a quem ofereceu fragrâncias exclusivas da *Guerlain*, jóias *Boucheron* de platina e pérolas, relógios de pulso com ornamentos, luvas perfumadas, esculturas de Murano e livros raros. Ela possuía relíquias de família, sofisticadas peças de vestuário; logo, os itens ofertados apenas valorizaram o que era belo por essência e, assim, Mario não se sentiu roubado. Antes pelo contrário. Regozijava-se sempre que a via e, quando Hélène não exibia a última jóia que lhe havia dado, logo corria a uma joalheria para lhe oferecer outra, que ela primeiro recusava, meio corada. Não se deve abusar da bondade, não senhor. Devia estar quietinho, guardar o seu dinheiro, que haveria de lhe fazer falta. Ela bem o avisou, mas ele não quis saber.

Hélène possuía um vocabulário invejável, ajustado às ocasiões, ora empregando o francês do povo ora a eloquência dos grandes mestres. Escutá-la, em certas ocasiões, era um exercício de estilo. E Mario não perdia a oportunidade de a ouvir, antolhando-se, dessa forma, mais próximo de Horácio e de Ricardo Reis. Em resposta, as palavras dele tornavam-se odes e canções. Não que Hélène dominasse a literatura; tinha ouvido falar de Flaubert e de Machado de Assis; pedia a Mario que lhe lesse Charles Baudelaire, de que ele próprio lhe oferecera uma edição especial em carneira com caracteres a ouro de vinte e quatro quilates, guardada numa estante aferrolhada, sem pó. Mas sabia de um tal Picasso, do Boulevard des Capucines, que pintava em tronco nu, na varanda do prédio, quando ela passava por lá.

– Apanha, Picasso – berrava alguém da sarjeta, a chamar a atenção do artista.

– *Al diablo esto.*

Hélène conhecia o submundo parisiense: para lá das portas, becos sujos e estreitos; por trás dos becos, casas arruinadas atrás de outras casas; por trás das casas, campos secos e vazios; por trás dos campos, ruas sombrias e nauseabundas. Ruas que se cruzavam com outras ruas, numa teia entrelaçada de becos. Uma medina circular com fontes, recantos e igrejas, onde se misturavam os cheiros de fritos, jasmims e rosas, a água dos despejos, o suor quente e salgado, a cambeira de tabaco. Mulheres de lenço na cabeça, gatos a ronronar às janelas, camisas penduradas nos frontispícios, varandas ornamentadas com vasos e cortinas.

Embora vivesse numa casinha encavalitada entre dois prédios de moradias, com grades altas que escondiam a calçada, Hélène, quando saía, via passar mulheres refinadas que lhe diziam «bonjour», educadamente, e indivíduos estrangeiros de casaco e gravata. Alguns tê-la-ão visto nas Folies-Bergère ou no Gaité, ainda que fosse difícil reconhecerem-na sem o aparato dos vestidos e lantejoulas falsas em palco. Hélène levava uma vida pacata em casa, regando os canteiros de begónias, mudando-lhes por vezes o substrato, colocando-as ao sol, quando havia, ou evitando-lhes a humidade excessiva e a aragem, tão comum em Paris como em Bordéus, de onde Mario suspeitava ser ela proveniente. Regressava a altas horas da noite, dormia de manhã, despertava após o almoço, vestia-se para comer no Chope Parisienne, num recanto da Rue des Écoles, onde por vezes se encontrava com Mario. Numa dessas ocasiões, foi apresentada a Gertrude Stein, uma mulher dos seus quarenta anos, que imaginou ter muito para lhe ensinar, desde logo o interesse por pintura e por romance, a paixão por cactos, o coleccionismo, a dedicação aos animais.

A cocote não se sentiria bem numa rua que não fosse malcheirosa, pestilenta até, estreita, esburacada, decadente. A Rue de Fleurus, onde morava, era isso tudo e ainda expunha indivíduos da pior espécie: poetas, pintores, coreógrafos, dramaturgos, artistas de circo. Já notara

que alguns usavam a rua duas, três vezes ao dia, como se nada fosse, correndo o risco de serem dali escorraçados por um balde de mijo ou pelos impropérios de um vagabundo. Nada disso os afastava. A bela cocote, porém, cumpria os deveres cívicos de boa mulher, poupando a calçada da sua presença. Aliás, nos dias em que considerava ter-se exposto em exagero na rua, pernoitava nos camarins de um dos teatros, com a devida autorização de quem de direito. E ninguém lhe apontava um erro, uma falha, um lapso sequer de sobreexposição. Hélène não era daquelas mulheres que se pavoneiam por Paris, empoleirando-se em saltos-agulha e arrepanhando as saias de roda até aos joelhos quando lhes dá o vento. Evitava andar na rua e só o fazia quando necessário. Assim, não perguntassem por ela na farmácia, nem na botica, nem nos restaurantes – a não ser os que ela escolhia, e eram sempre os mesmos, onde até usufruía de conta-corrente. Mario raramente era pontual aos encontros nas Folies-Bergère e no Gaîté e ela, farta já de esperar, bebia uma ou duas cervejas *Oeno* no bar, limpando as comissuras dos lábios à franja de uma toalha. «Desculpe», dizia-lhe ele, com o suor a escorrer da testa, «o trânsito está caótico». E seguiam para casa dela.

Gertrude Stein, sua vizinha, recebia-os no prédio com pétalas amarelas de margaridas, que atirava para o ar quando os via ao longe, e aspergia-os através de um regadorzinho de chapa, com que cuidava do peitoril da varanda e dos cachepôs enfileirados no gradeamento. Com a chuva de flores, vinha a água. Se fosse de ombros descobertos, Hélène molhava-se. O casaco de Mario também se encharcava. Mas ambos a perdoavam, considerando que tal atitude era uma manifestação de simpatia. Pouco se falavam, o que não se compreendia, sendo a artista tão sociável e Hélène tão bem-educada. Os olhares delas jamais ultrapassaram a mera cortesia. A classe social da americana estava muito acima da deles, de Hélène, sobretudo, que precisava de trabalhar de sol a sol para pôr comida na mesa e se vestir e calçar. Mario procurava convencê-la do estatuto alto-burguês, mas ela logo lhe demonstrava, com os seus desejos de mulher do povo, que não passava de uma alma simples, embora sonhadora, desejando os prazeres comezinhos da vida e não aqueles a que uma mulher dos salões aspira.

No lar de Hélène, sobressaíam as peças que ele lhe ofereceu para substituir outras de menor valor ou preencher espaços vazios: uma cama em mogno cubano, com altos-relevos em forma de borbotões; um tapete Aubusson, inspirado nas damascas italianas em tons pastel; um quebra-luz adquirido no *marché aux puces*; uma máquina de escrever em jacarandá com dezasseis pedais; uma pia em mármore lascado, com uma fenda para escoar a água das lavagens. A mesa da sala de jantar, porém, era uma tábua inteiriça de cinco metros de comprimento por dois de largura, com pernas de madeira entalhada, em cujo dorso granítico se insinuavam caracteres cirílicos gravados com estilete, ininteligíveis, como se fossem uma nuvem negra.

Os dois jogavam dominó, depois de degustarem *Chablis*, sentados, à escrivão egípcio, no tapete. As pernas deles, por vezes, tocavam-se, calor com calor, tesão com tesão. Um dia, surgiram à liça os mecanismos falantes das Galeries Lafayette – Paris Haussmann, quinhentos francos, no máximo, dependendo do modelo, e os discos recto-verso, dois francos cada. Hélène sonhava com a sua voz invisível a irromper de uma máquina dessas, tal como via nas Folies-Bergère e no Gaîté, e a despertar os ouvidos da vizinhança. Para ilustrar tal sonho, descreveu-lhe os vizinhos – o da casa em frente iniciava o dia a bater as janelas, a sacudir tapetes, a afugentar os pombos e a regar as lindas floreiras de amores-perfeitos e rosas-de-alexandria do patamar. O homem assobiava Félix Mayol, à janela. O assobio não lhe ficava nada bem nas pontas ressequidas dos lábios. Volta e meia, convidava quem passasse na rua a cantar com ele. Por vezes, acontecia um recital, os outros vizinhos a cantar também, cada um a seu jeito, as canções de Mayol ou de Mistinguett, com acrescentos de versos, alboroques e adaptações. Tratavam da guerra e dos soldados mortos, do orgulho ferido e do amor cego. M. Anatole, proprietário de uma dúzia de bichanos, detestava a brincadeira. Garantia que a música deixava os meninos num alvoroço, zanzando pelas suas assoalhadas. Mas concordava que, se fosse uma máquina falante *Columbia*, com manivela de dar à corda, a tintinar minuets, seria possível controlar a gritaria, os bichanos acalmar-se-iam e no prédio imperaria uma paz melódica.

Mario riu da história do vizinho e confessou a Hélène que gostava da voz dela, dispensava intermediários mecânicos. Ela sorriu e sussurrou-lhe ao ouvido:

– Oferece-me uma...

– Se pra me queres é forçoso...

Hélène sentiu um ardor no peito. Pediu chá de benjoim. Mario acendeu-lhe o fogareiro, para a reconfortar, e preparou-lhe o chá.

Enquanto esperavam, perguntou-lhe:

– O que escreves na máquina de dezasseis pedais?

Não escrevia nada, disse-lhe Hélène.

De onde teria vindo tal objecto? Talvez já lá estivesse quando se instalou naquela casa. Só não o deitou fora por falta de ocasião, pois, embora trabalhasse à noite, permanecia na cama, enrolada nos lençóis, até a despertarem, pontualmente a partir das duas da tarde, o estrondo dos *omnibuses*, os gritos dos vendedores e os assobios dos amoladores de facas. Aliás, não precisava de ler nem de escrever bem, bastava reconhecer as letras do alfabeto e saber emparelhar algarismos, somar e subtrair. Para mais, conseguia comprar bilhetes de trem e viajar por aí sem se perder. Sabia diferenciar uma revista literária de uma de labores e até dava parecer sobre a qualidade do papel usado na impressão dos cartazes do teatro de revista. Não falhava. Quando tinham de impressionar nos salões, os artistas pediam-lhe conselho para não se exporem às críticas dos pares, exigiam-lhe segredo. Hélène manobrava os peões da alta sociedade a seu bel-prazer. Por vezes, casava um aristocrata com um plebeu, por conveniência, deliciando-se com as reviravoltas na escala social. Ela própria se misturava com a aristocracia, opinando sobre a guerra, o governo, as elites financeiras e a derrocada moral. Pugnava pela dignidade dos estadistas e a verdade do povo, ouvindo elogios e desconfianças de um lado e do outro.

Ninguém melhor que ela para opinar sobre o novo papel, mais barato, em que Fernando Pessoa fez imprimir *Orpheu* 2 e sobre aquele tipo de letra tão Álvaro de Campos e, ao mesmo tempo, tão inglês.

As cartas do poeta, não propriamente relatórios como Mario gostaria, recebidas a prestações, depois de muito imploradas, só lentamente o reaproximavam dele. Entre Lisboa e Paris, havia um abismo, como entre a ponta do prego e a cabeça do martelo.

Foi neste contexto que Mario relembrou o acontecimento que, no Verão passado, o separou do amigo e o levou a apanhar na Pampilhosa o trem que o transportou a Paris via Hendaye.

No dia 3 de Julho de 1915, ao pensar que ouvira o deflagrar de uma bomba, o chefe do Partido Democrático, Afonso Costa, saltou pela janela de um eléctrico em andamento, batendo com os costados na calçada, o que lhe causou ferimentos graves que, tempos depois, o levaram a sair do país em tratamento.

«Para que é aquilo?», terá interrogado o enfermo, ao acordar, confuso, diante de um tubo de ensaio, junto ao leito. «Para analisar as urinas», respondeu-lhe o enfermeiro. «E eu tenho por acaso albumina?», insistiu ele.

Segundo os jornais, não sabendo exactamente o que se passou, tomado de amnésia, porventura terá revindo ao espírito do político a ideia de atentado. Disseram-lhe que não, e ele respondeu: «Mas, então, só eu é que me atirei do carro eléctrico?!» E o agente de polícia: «Mais duas pessoas.» E ele, incrédulo: «Por que motivo não me agarraram quando me precipitei?»

Este episódio inspirou Fernando Pessoa a publicar uma carta sarcástica, subscrita por Álvaro de Campos, em *A Capital*, a pretexto da notícia de uma récita paúlca planeada pelos futuristas de *Orpheu*, destinada a agitar o burguesismo artístico: «De resto, seria de mau gosto repudiar ligações com o futurismo numa hora tão deliciosamente mecânica em que a própria Providência Divina se serve de carros eléctricos para os seus altos ensinamentos.»

Nem todos os colaboradores da revista partilharam da mesma iconoclastia do Engenheiro Campos. No dia seguinte, no jornal *O Mundo*, por sentirem enorme apreço por tão alta individualidade do Estado, o Ferro e o Guisado repudiaram «qualquer solidariedade»,

negando o primeiro a sua responsabilidade enquanto editor. Em carta publicada n' *A Capital*, o próprio Mario de Sá-Carneiro criticou o inesperado gesto sensacionista de Álvaro de Campos, considerando que este em nada representava uma manifestação colectiva de *Orpheu*.

Em suma, quando fugiu de Lisboa, Mario de Sá-Carneiro evitou dissabores com os membros de *Orpheu*, a quem instruiu a escreverem-lhe com frequência, e com a imprensa, onde, contudo, fez eco da dissensão. Talvez em obediência ao pai, que lhe escrevera a agitar, face ao escândalo, o fantasma da exterminação da revista e, sobretudo, a ameaçar com cortes na mesada. Por precaução, Mario não divulgou o seu paradeiro em Paris, nem mesmo a Fernando Pessoa, o qual, por interposição de Álvaro de Campos, desencadeara o terramoto político-literário. Não queria ser incomodado, mas também não desejava chatear o paizinho. Escrevessem antes para a posta-restante no Bureau des Italiens. E apenas reconsiderou quando percebeu a demora na entrega das cartas, algumas extraviadas, e a dificuldade em retirá-las quando estava doente ou sem vontade de sair do hotel.

Todavia, revelar a Pessoa o endereço no Hôtel de Nice, onde se hospedava agora, não foi suficiente para o reconquistar, pelo menos na dose necessária para lhe aliviar a dor de existir, cada vez mais séria.

Hélène interrompeu-o. Desinteressada de tais intrigas, perguntou-lhe pela revista.

– Está no sobrescrito, mas prometo trazer-ta.

– Traz, traz – respondeu ela, abanando um leque.

Estavam numa divisão sem luz. O crepitar da chama no borralho e as estrelas a espiar por um olho-de-boi no tecto permitiam que Mario se orientasse pelos contornos, cheiros e texturas dos objectos. À esquerda havia um toucador com um espelho oval – sobre ele, entre perfumes, jóias e maquiagens, exibiam-se dezenas de cartas e centenas de fotografias de admiradores, vistos e invejados por Mario em outras ocasiões. E, à direita, junto à janela, um sofá, coberto por plumas e lantejoulas, onde já se sentara com Hélène.

Mario serviu mais chá de benjoim. Em retribuição, a mulher beijou-lhe os dedos, da ponta até à falange distal. Levou-os aos lábios

dele, as mãos agarradas, e disse que o achava um homem interessante e que gostava da camisa branca, com marcas de comida e bebida. Então, desabotoou-a, desprendeceu-a das calças e tocou na pele dele, acima do umbigo. Rolaram sobre o soalho. A cocote afagou-lhe o cabelo, elogiou-lhe a risca ao meio, escovou-lhe as melenas, apontou-lhe pequenos defeitos nas sobrancelhas, e ele enlaçou as pernas nas dela, abraçando-lhe o tronco. A dada altura, para o mandar embora, Hélène alegou um súbito agravamento da enxaqueca, mãos na fronte, como se fosse verdade o que dizia. A luz velada de um pequeno globo, que ela entretanto acendera, impediu-o de lhe ver os olhos.

– Volta amanhã – disse Hélène, à porta.

A chuva diabolizava a noite. Dores em cada articulação. Em cada nervo. No peito, sobre o coração. Mario vai cismado.

CAPÍTULO 12

Nada me expira já, nada me vive

– O fim do mundo! – diz Mario, a levantar-se. A bengala de pau-santo bate-lhe nas calças com borlas de cetim e nos sapatos com detalhes de ouro.

Ocorreu uma falha eléctrica no quarto e José d'Araújo espreita pelas frestas das venezianas.

Paris está sob uma penumbra azulada. Ouvem-se buzinas, travões, motores. Vêm-se as luzes dos faróis. Sente-se o cheiro a combustível, a tabaco. A chuva tomba dos telhados das casas e inunda a calçada.

José acende duas velas semelhantes a um quarto minguate e a divisão ilumina-se como se o luar, de súbito, nela entrasse e alastrasse pelo papel de parede, o tampo de um móvel baixo e o relógio de pêndulo.

Mario sente uma frieza nas bochechas, uma tensão nos lábios.

José inclina-se sobre ele:

– Que tens?

– Abraça-me de novo – pede Mario, com voz trémula.

José não é dado a afectos, hesita, mas depois cede ao amigo e acolhe-o.

– ...

– Somos amigos, não é verdade? – Mario comprime os dedos das mãos uns contra os outros, nervosamente.

– Claro que sim, desde o primeiro momento.

– Gostei de ti a valer, logo que te vi. – Mario aperta Araújo contra o peito, soluça baixinho, a cabeça apoiada no ombro dele. Os braços, antes firmes, afrouxam.

A luz regressa e eles apartam-se. Para Mario, é tarde demais para acreditar num futuro para os afectos.

*

A mesa costumeira de Mario no Café de la Paix, junto à vitrina, era de pedra polida, com um sifão verde no centro. Nesta tarde, a fosforeira estava pousada diante do copo de ponche; havia vestígios de café, pedaços de pão com manteiga, cinza. Na cadeira, a sobre-casaca e a bengala. Quando entrou no estabelecimento, viu-o sentado nela. Estacou por minutos, a observá-lo. Assemelhava-se, agora, a Fernando Pessoa, mas o chapéu que poisara em cima da cadeira, ao lado do seu, era uma boina à francesa de feltro preto e não um *derby* de copa redonda e aba larga. Conferia com minúcia um maço de folhas brancas anotadas, dobrando-as e desdobrando-as, cuspidando nos dedos, numa atitude de banqueiro suíço. Às vezes, trocava a ordem dos fólhos, fazendo dobras, em cima ou em baixo. Escrevinhava algo, com um lápis diminuto, num caderno pautado de capa azul, à maneira de um contabilista, e coçava o cocuruto; tirava e punha os óculos, impaciente; consultou o relógio; chamou o criado.

Nas poucas semanas em que esteve por Lisboa, ocorreram evidentes mudanças nele: um penteado à escovinha imitava o corte dos mais novos; as sobrancelhas indómitas haviam sido aparadas, desenhando um arco sobre a arcada ocular; óculos de aro redondo de cerca de cinco centímetros de diâmetro, casaco justo de *tweed*, camisa branca com colarinho alto, engomado, colete de seda, gravata de lã, calças largas de flanela, sapatos de couro lustrosos.

Merecia um elogio.

– Onde diabo você se meteu que até os ratos desta bela cidade reclamam a sua presença? – exclamou ele, ao levantar os olhos dos papéis e descobrir o reflexo de Mario no vidro da montra.

– José d'Araújo, está de estalo! – Mario estendeu-lhe a mão. – Posso fazer-lhe companhia?

O outro narrou-lhe um encontro com uma meretriz que o acolheu em corpete, avental rendilhado atado à cintura, sapatos de salto alto e meias de seda, mas que, ao vê-lo empertigado, barriga encolhida, corcunda pouco visível, pó-de-arroz no rosto, espinhas mal disfarçadas por um miraculoso tratamento parisiense, o repeliu, pois não tolerava homens pedantes. No entanto, convidara-o a entrar, por cortesia, para o quarto, ao fundo do corredor, onde uma grafonola, com manivela de dar à corda, tocava uma canção abominável e a cama desfeita libertava odores de urina e esperma e denunciava encontros recentes com fregueses. No início, só pela conversa, cobrou-lhe um terço do valor de tabela, dez francos, que logo abafou no *soutien-gorge*, entre as mamas. Por fim, e disse-o com todas as letras, o diálogo exigira conhecimentos de psicologia filosófica (a puta suspeitava que ele tinha massa, podia pagar, e revelava distúrbios de personalidade e comportamentos associados), logo justificava um acréscimo de valor. Araújo desembolsou, ao todo, três ou quatro vezes mais que o cliente anterior, o equivalente a uma semana de farta actividade no leito e arredores.

Mario sorriu e encomendou uma *Saint-Omer*: «Duas, por obséquio.»

Era final de Julho e na vitrina daquele lado do estabelecimento batiam de chapa o sol e o calor. O garçom serviu as cervejas, e escutou-os, perplexo – não era todos os dias que atendia gente assim, ordinária, de modos grosseiros, pródiga em brejeirices. Araújo, de facto, esmerou-se nos detalhes da passagem pelo bordel.

– Mas, veio aqui para narrar histórias de sexo? – atalhou Mario, batendo o *Lépine* em imitação de ouro no tampo de mármore.

– Não, não... – apressou-se a dizer José. – Vim tomar o meu galão e comer a minha torrada – pigarreou. – E você, o que faz por aqui?

– Nunca o vi por estas paragens. – Mario bebeu um gole da *Saint-Omer*.

– Um homem ausenta-se uma semana e o trabalho amontoa-se. – Araújo tirou do bolso um maço de notas, que contou rapidamente, atou com uma fita autocolante e guardou numa pasta entalada entre o peito e a mesa.

– Afazeres de um burguês modesto, não é? – Mario levantou a sobrançelha, deu três voltas ao *Lépine* no pulso.

– Posso ver? – Araújo estendeu a mão, Mario acedeu, mantendo uma das braceletes presa entre os dedos. – É um *Lépine* a sério!

Araújo admirou aquele *design* moderno e sofisticado, o mostrador branco, protegido por vidro mineral, os números romanos, os ponteiros em forma de quarto-minguate, a cercadura de diamantes falsos (aqui arregalou deveras o sobrolho).

– Quanto custa esta maravilha?

– Talvez conheça a casa Burguete & Castro, em Lisboa... – Mario soltou, com relutância, o relógio.

– Com certeza, é uma das melhores da capital.

– Precisava de duas abotoaduras em madrepérola para uma camisa, vim de lá com isto.

– Oh, que bela história a deste seu *Lépine* em ouro! Mas, diga lá, quanto custou?

– Ah, disso não me lembro. – Mario fixou o olhar distraído numa folha de carvalho que se colara ao vidro da montra. – Asseguro-lhe que foi uma pechincha. E você, qual é o seu ofício?

– Disse-lho no outro dia, se bem me recordo. Sou jornalista... e... sou escritor. – Araújo embaralhou as folhas brancas, com a mão trémula, deixou cair algumas ao chão. – Escrevo romances, novelas, folhetins.

– Ai, sim?! Continue, continue...

– Estou presentemente a trabalhar num romance extraordinário. Para dizer a verdade, obra a sério não tenho ainda, mas com este a coisa dá-se.

Mario engoliu de um trago o que sobrava da cerveja. Ocupava-se por aqueles dias de uma novela romântica, já falara dela a Pessoa numa carta-relatório: «Caro amigo, pretendo que fique a conhecer a história em forma de diário de um homem de perfeito juízo.» Era ficção à moda de Camilo ou Garrett, mas ao estilo paúlco, para fazer jus à corrente artística lisboeta que, acredita o poeta piamente, irá depressa invadir a Europa, a partir de Paris. Tinha ideias, papel e tinteiro.

O Café da Paix era *scriptorium* perfeito para a pôr em prática. Não fora o cheiro da copa que se lhe pespegava ao casaco e às calças e aquela vitrina, a que não resistia, quadro aberto e vivo para a rua, distração frequente da passiva tessitura dramática. O aroma agridoce a malva e a canela dos *mille-feuilles*, pastelaria saboreada com indiferença pelos Franceses, a ele colava-se-lhe ao estômago e ao pâncreas e impregnava-o de um desejo de sair dali a correr, esquecendo as outras folhas, de caderno, e os rabiscos dispersos mal suportando nelas a arquitectura de uma narrativa. Ainda assim, esperava um aplauso de Fernando Pessoa, uma palmadinha nas costas ou, no mínimo, um «avance, Mario, mal não fará». Efectivamente, a resposta veio, com sugestões sobre pormenores das personagens e do contexto. O escritor poderia brincar, se quisesse, tinha ali à mão matéria para vinte contos, dez novelas, cinco romances. Possuía o estilo. As palavras abundavam. Faltava-lhe, porém, a força dos nervos e a coragem de se meter à frente das balas, que é a escrita de um romance. O seu corpo bem precisava delas. O seu espírito, mais ainda. Mario sabia-o: nervoso, baleado, morto, seria um romancista de primeira.

– É... É uma novela romântica, perturbadoramente sublime. – Dizendo isto, José levantou-se, segurou firme o chapéu numa das mãos, cumprimentou Mario com uma leve inclinação de tronco. – Falar-lhe-ia a propósito, se os deveres não me chamassem. Ora, desculpe. Adeus, caro amigo – e saiu.

– Procure-me no Hôtel de Nice – gritou-lhe ainda Mario. – Estou a preparar uma revista literária. Talvez lhe interesse.

A publicidade negativa na imprensa aos de *Orpheu* redundara numa facturação mais que razoável, da qual Mario auferia dividendos, por vale telegráfico enviado pela Livraria Brasileira, religiosamente ao dia doze de cada mês. Tal sucesso levou-o a pensar num terceiro volume, de setenta e duas páginas bem organizadas, com papel de qualidade inferior aos dois primeiros, para se poupar nos gastos. A capa fora desenhada por José Pacheco. Fernando e Mario, os cabeceiras, apostaram na prosa e na poesia, tal como no primeiro número, rejeitando as pinturas «ríticas» (assim designava Mario as gravuras de

Santa-Rita Pintor). Por mote, os «Poemas de Paris», nos quais o poeta de *Indícios de Ouro* se queixava da própria vida, que se sentou e não há quem a levante. Os dois comparsas elaboraram um índice prévio, sujeito, como é evidente, a possível modificação, atendendo sobretudo a que se tratava de um grupo de intelectuais mandriões – os múltiplos projectos acabavam quase sempre na gaveta, sob as reclamações dos editores.

Para manter *Orpheu* no nível superior da qualidade artística, Mario precisava de receber mais massa do pai e do avô e, em simultâneo, de fazer jus ao seu estatuto de homem da arte, de conservar o seu padrão de vida num nível justo de excelência, guarneecendo-se de fatos, sobretudo, calçado, aconchegando os pés em sapatos de qualidade e o sexo em cuequinhas de renda da Maison Cadolle, melhores que as da Casa das Meias, extraviadas, dentro das malas, em Bilbao. Em Paris, a vida dele começava a mudar. E se dantes se satisfazia com a solidão solitária de um quarto de hotel, sem luxos nem ambições, a beber uma taça de Porto, agora experimentava uma solidão teatralizada, soltando a fumaça de um *Gauloise* diante de um copo-balão de licor, no Café de la Paix, com os clientes habituais a observá-lo e os viandantes, do lado de fora, a fazerem-lhe carantonhas.

Precisava, com urgência, de um guarda-fatos ao nível da etiqueta e da postura exigidas pela alta sociedade nos bulevares, cafés, restaurantes, teatros e cabarés.

Mario seguiu a pé para o Bureau des Italiens, onde recebeu o extra de mesada fundamental para adquirir as vestimentas e os acessórios adequados para complementar essa transformação. Acabou por dar a volta a Paris, a espantar-se com os estrangeiros que empurravam outros pedestres nas filas dos *omnibuses*, gritavam com os garçons das esplanadas e se recusavam a falar francês.

Ao regressar ao hotel, já de noite, realizou o acto de contrição diário diante do espelho, complacente por ser um quase parisiense. No entanto, experimentou a angústia de uma *lavallière* a apertar-lhe o pescoço e a vergonha de uma dobra das calças descosida, a bater dois centímetros abaixo da gáspea dos sapatos. Admitiu, num gesto

de inclemência para consigo próprio, que, embora detivesse um capital de cultura que o qualificava como um parisiense a valer, permanecia, ainda assim, um ser insignificante, um homenzinho balofo, uma figura híbrida, sem ser velho nem novo, nem alto nem baixo, nem rústico nem urbano.

– *Nada me expira já, nada me vive.*

Experimentou, então, o charuto, com os lábios em bico, e depois rolou-o para um canto, com eles descambados. Sentou-se na penteadeira, estendendo-se para trás, como o pai fazia, cruzando as pernas, mantendo-as apertadas, juntando ambas ao centro, de pés puxados para trás. O abdómen vinha para a frente, acanhado, parecia menor, embora, se se inclinasse para o espelho, a posição lhe causasse desconforto. Preferia a postura do *flâneur* decadente, de pé, em frente ao espelho, um cigarro pendendo dos lábios, como se fosse um enforcado de butes no alto. Trazia-lhe à lembrança os retratos em certas contracapas de livros de poetas como Rimbaud e Verlaine. Apreciava-lhes – invejava-lhes? – a vida íntima, embora não os mencionasse: eram escandalosos.

O Hôtel de Nice hospedava vários cavalheiros ocupados na busca dos primeiros versos ou linhas de prosa. Mario interceptava-os no ascensor eléctrico e na entrada do edifício. Conquanto se conhecessem de vista, por acanhamento não se cumprimentavam. Observava-os, muito chiques e soberbos, quando pisavam as alcatifas do hotel ou quando almoçavam, em silêncio e sós. Alguns pareciam querer tudo da vida e, de facto, tinham farpelas com galões, camisas com abotoaduras de ouro, sapatos de verniz, chapéus de coco, bengalas de marfim, charutos cubanos, carruagens, amantes. Já Mario nunca quis nada para si. Só tinha de seu a própria vida. Não suportava, aliás, a mesquinhhez dos endinheirados, que, ao repararem nas biqueiras esmurradas dos seus sapatos, o olhavam de soslaio. Era um diletante, convenciasse disso quando trocava o *foie gras* do hotel, que não podia pagar, por um *pot-au-feu* de um *bistrot* modesto. Consultava, nos *bouquinistes* *Le Matin* e *Le Figaro*, não tinha dinheiro para os comprar. Por vezes, lia-os após terem passado de mão em mão, amarrotados, com

as pontas rasgadas, pedaços de texto sumidos pela borra de café, páginas arrancadas ou fora de ordem. Dobrava-os em quatro, enrolava-os como se fossem canudos, levava-os debaixo do braço, numa pilha, para uma daquelas cadeiras de encosto alto viradas para os canteiros das Tulherias. Chegado ao hotel, abria-os na mesa, folha a folha, em seguida colocava-as umas sobre as outras, na ordem correcta, e mandava passá-las a ferro em lume leve. Por fim, colocava-as sobre os joelhos, ainda mornas, num conjunto com a aparência de um jornal acabado de comprar, e debruçava-se sobre as palavras cruzadas, a tomar um café leve e aromatizado que lhe fazia lembrar o d'A Brasileira, mesmo se menos doce e forte.

Mario telegrafara ao pai a justificar a urgência de um terceiro *Orpheu*. Os dois primeiros esgotavam-se nas bancas, apesar da celeuma em que os envolviam os manifestos veementes dos conservadores radicais na imprensa. Tinham-se, entretanto, extirpado as pequenas dissensões entre os colaboradores da revista, restava agora um grupo de intelectuais emersos do simbolismo e do parnasianismo, autodeclarados sensacionistas *à la carte*. Em suma, os Portugueses reclamavam mais *Orpheu*.

Levantou-se com isto na mente e espiou o exterior através das ripas das venezianas. Viu carroças que forçavam os músculos dos animais de carga; vendedeiras com canastras no braço; operários a conversar; crianças a saltar ao eixo. Avistou um edifício de estilo haussmanniano, com uma fachada de pedra e janelas altas, que recortava um céu negro sob o qual imaginava casarios e colinas. Paris assemelhava-se a uma menina bem-comportada, enfeitada de prédios e ruas com gravilha e carros enfileirados como se fossem rodas de engrenagem.

Fechou a janela. Envergou o *robe de chambre*, calçou as babuchas, enfiou o gorro. Chamou o criado. Pediu-lhe chá de ervas. Ficou ali. Preguiçoso. Horas e horas.

Entretanto, caligrafou a Fernando Pessoa sobre «A Estranha Morte do Professor Antena». «Era Allan Poe, Blackwood, H. P. Lovecraft», declarara o poeta, em Lisboa, girando o chapéu nos joelhos. «O mistério morreu no início do século», respondeu-lhe Mario, a começar o

diálogo. E continuou: «Diante do avanço da ciência, resta à curiosidade do homem de hoje explorar as inacessíveis zonas da morte, espécie de último reduto do sonho e do mistério. É exactamente isto que o professor Antena faz. Afinal, a investigação científica que o conduz à morte tenta desvendar o mistério das vidas passadas, que ele acredita estarem sobrepostas à vida presente.»

Para Fernando Pessoa, o sonho importava mais que a ciência. «I love the Real when I love my dreams», dizia. «Para resumir numa palavra a arte moderna há a palavra “sonho”. A arte moderna é arte de sonho.» Mas Mario apontou-lhe a «Ode Triunfal», destacou que «o Binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo» e que, mesmo envolvidos pelo mundo das pessoas vulgares, os poetas de então não deixavam de celebrar todo o passado e todo o presente. Pessoa responder-lhe-á que o presente é a soma das experiências do passado e das actuais, vistas sob a luz do mistério.

Era madrugada quando Mario se despediu das luzes dos candeeiros de querosene em frente ao hotel. Dirigiu-se à porta da suíte, espreitou o corredor do hotel: a preguiça da noite encafuava os segredos entre as paredes dos quartos. Traçou a lingueta da fechadura. Bebeu o chá frio de valeriana deixado pelo *valet* na mesa-de-cabeceira, recolheu ao leito, puxou sobre si os lençóis e os cobertores e adormeceu com as *Tempestades Sonoras* sob a almofada.

CAPÍTULO 13

Minha presença de cetim

A luz eléctrica falha de novo.

— ...

— Não dizes nada?

— ...

José d'Araújo afasta os cortinados de cretone para deixar entrar a luz pálida do exterior. A face de Mario, na penumbra, está morta. «Não há de ser o que estou a pensar», cogita Araújo, ao vislumbrar o véu de sombra que assenta nos móveis e nos objectos decorativos, como se fosse pó.

Mario mantém o silêncio e a imobilidade. O amigo escancara as venezianas e prende-as num gancho lateral. Quer despertar o poeta, fazê-lo queixar-se do frio. É Agosto, mas parece Dezembro, quando Paris se cobre de neve e as pessoas recolhem cedo a casa, para se aconchegarem à lareira.

Uma rajada de vento arranca o cachepô de lindas margaridas da mesinha de centro. A água do vaso derrama-se pela alcatifa. Mario sussurra. Refere-se a um ramalhete de flores que comprou para celebrar o primeiro momento do amor mais verdadeiro que alguma vez sentiu. Foi logo após jantar com Hélène no *buffet* da Gare d'Orsay. «Uma tragédia», diz de si para si.

*

O arseniato de estricnina já estava a surtir efeito, insistia Hélène. Diante dela, Mario não se queixava tanto das enxaquecas, o peito e o estômago poucas vezes lhe doíam e até tinha um certo tom rosado

na face que lhe ficava bem. Pela manhã, a rameira despedia-se com um beijo leve, aconchegando-o no sono, deixando-lhe na escrivaninha recomendações sobre a toma do medicamento, «uma colherinha, dissolve-a em groselha, acrescenta anis, vinho do Porto, o que tiveres». À noite, regressada do cabaré, às vezes encontrava-o já a ressonar, a cabeça debaixo do travesseiro. Tacteava-o sob o lençol, sentia-lhe os tornozelos, subia-lhe pelas pernas, coleando os dedos até chegar às coxas, às mamas e ao pescoço, de onde pendia o rosário de marfim e diamantes que o pai de Mario lhe enviara de Lourenço Marques. Não o despertava. E se ele a queria ver... para lhe beijar os lábios carmesim, lhe segurar as tetas, se ela lho permitisse – como imaginava o pai a fazer às mulatas de Moçambique –, e dar-lhe palmadas nas nádegas até ela gritar.

Mario fantasiava com as graças do sexo dela, mas não ousava desabotoar-lhe o espartilho, descalçar-lhe os sapatos Adelaide, despir-lhe as meias de liga. Hélène nascera do cinzel de um artista, com ornamentos. O seu lugar era sobre o pedestal de um templo romano ou no sepulcro de um altar católico. Tal inacessibilidade tornava-a ainda mais cobiçada pela carne e Mario, que sempre fora um débil, estava a ponto de não lhe resistir. Saber-se Hélène o quanto ele a desejava, ela a quem ele só rogava um beijo, ainda assim negado. Fosse porque fosse demasiado tarde ou demasiado cedo ou estivessem acompanhados ou a sós, a mulher impunha limites à luxúria. O pecado mora por natureza no homem e ele, se despertava quando ela rodava o ferrolho da ampla suíte do hotel, erguia-se, despiu o pijama de flanela e ficava à sua frente a coçar as virilhas, como o papá fazia se o assunto eram mulheres.

– Imagina o que me apetecia agora – disse-lhe um dia, quando ela se distraía de *Orpheu* 2.

– Diz.

Hélène mordeu o lábio inferior: iria ela demonstrar-lhe com um beijo o quanto o admirava como poeta?

– Um sorvete de chocolate.

A mulher atirou a revista para o chão, encostou-se ao peitoril da janela e dobrou a perna num ângulo de noventa graus. Deslizou o sapato e descalçou-o. Trocou de perna e descalçou o outro sapato.

De seguida, despiu o vestido, o saíote e o *corset*, conservando as meias de liga e o *soutien-gorge*. Mario espantou-se com as formas do corpo dela, a linha por onde andou o debrum das cuequinhas e as gelhas debaixo das mamas, uns montinhos semelhantes aos papos das sobran-celhas dele. Pediu-lhe, então, um beijo.

– Só quando casar – repetiu ela, atirando-se para a cama.

– Que estás a dizer?

– Ora essa! Tem boas maneiras.

Riu-se dele.

Riu-se de si mesma. Riu-se de tudo e de nada. Depois ficou séria. E olhou-o com aqueles olhos azuis. E esperou. Esperou que ele dissesse algo.

– Anda cá... – puxou-a pelos tornozelos.

Desejou-a. Desejou-a de novo. Desejou mais dela.

– Mas... negas-me um beijo?

Hélène soltou-se com um riso grave, ergueu-se. Os lençóis caíram na alcatifa e os coxins aos pés da cama, e ela executou uma dança erótica em redor do canapé indonésio. Não o quis. Não o quis de novo. Não o quis para sempre.

– Um cigarro... tens um cigarro? – perguntou Hélène, com os olhos azuis a brilhar.

– Claro que tenho – respondeu Mario, tirando um estojo da algibeira, acendendo um cigarro no canto dos lábios e dando-lho.

Hélène inspirou. Fumo. Lábios vermelhos. Dentes brancos.

– Vamos?

– Para já, não.

– Quero ainda mostrar-te uma coisa.

Mario recuperou a revista *Orpheu* e recitou:

Minha presença de cetim

Toda bordada a cor-de-rosa

Para Hélène, a referência a tecidos e bordados parecia algo que lera na *Femina*, que alguém, por costume ou negligência, abandonava

no camarim do Gaîté, com as folhas intactas, como se acabada de sair do prelo, a pedir para ser lida. Era uma revista de cerca de cinquenta páginas, com artigos dirigidos essencialmente às mulheres, mas que ela suspeitava interessarem também a Mario. Num dos exemplares, apareceu a referência à grafonola *Columbia*, enquadrada entre a publicidade à Parfumerie Caby e à Collection d'Art Excelsior. A rameira achou piada, por já ter falado nela a Mario, e lembrou-lhe que até vira uma nas Galerias Lafayette, quando tivera de fazer um desvio pelo Teatro Mogador, para se encontrar com a corista que ia substituir no Gaîté. A outra, ao ver a máquina na montra da Rue Chaussée d'Antin, disse-lhe: «Olha ali aquela máquina falante, como é moderna, tenho uma igual.» E Hélène: «Eu sei, o português vai-me oferecer uma.» E a outra corista: «Sua cabra, invejosa.»

Aproximava-se o aniversário de Hélène, que seria comemorado nas Folies-Bergère com simpáticos ilustres. Não faltariam presentes embrulhados em tecidos de seda, em papel fantasia e em caixinhas de papelão, com borlas e fitas a condizer. Cada qual mais bonito e valioso. Mario não faria má figura perante a alta sociedade parisiense. Um volume daqueles caberia numa caixa de três metros de altura por dois de largura e um e meio de profundidade, à venda nos grandes armazéns.

Orpheu 2 ficou esquecido no canapé indonésio.

Mario andava doentinho. As lojas modernas faziam entregas ao domicílio e ele pouparia em esforço, já que não em massa, que, essa, não lhe faltava, supunha ela. Hélène imaginava o carro de aluguer a chegar à Rue de Fleurus, por baixo dos plátanos, a buzinar aos condutores de fiacres e carroças e à criançada que por ali corria atrás de uma bola maltrapilha. Nesse momento, Gertrude Stein, debruçada no parapeito, regava as buganvílias com um regador de lata e estendia o pescoço para ver quem vinha lá, acertando com um jacto de água sobre a vizinha do rés-do-chão. Hélène continuava a sonhar com a máquina falante, que tão bem ficaria naquele amplo móvel rústico ao lado da janela, onde a luz solar incidia, obliquamente. Colocaria, de um lado, um vasinho com o oleandro rosa, que não se dá bem

à janela, e, de outro, um retrato de Maria Madalena, com o frasco de bálsamo, óleo de nardo, exclusivo e sofisticado, com que a Santa aspergira os pés do Altíssimo. Hélène confessava-se devota daquele perfume, reconhecendo nele os poderes curativos dos seres celestiais. Quando abria as janelas, o eflúvio voava com os cortinados, bafejando a humanidade das virtudes do céu. A cocote era, pois, digna de figurar entre santas e santos, nas capelas, mas não comparecia às missas por excesso de virtude, tão ocupada estava, de manhã à noite, a espalhar o bem, divertindo os burgueses, nobilitando os de superior estirpe com os seus gracejos, fatigando-os no bordel para que não fatigassem as respectivas esposas no remanso do lar. Merecia, pois, a grafonola com que tanto atormentava Mario. E não pensasse ele que se esquivava. Os desejos de Hélène eram mandamentos divinos, havia que os cumprir. O beijo viria depois.

Nas cartas que Mario enviou naquele mês de Setembro para Lisboa e Lourenço Marques não consta que tenha comprado a dita máquina. No entanto, mês e meio após ter arrebatado a Zoina uma fortuna, da qual não deixou rasto escrito, estava falido. Supõe-se que a tenha esbanjado nos caprichos de Hélène, oferecendo-lhe presentes e levando-a a almoçar em restaurantes caros e a passear pelo Sena, ao som de orquestras de violinos, clarinetes e concertinas. Mas também em sobretudos, fatos de corte, coletes, lenços, coturnos, sapatos, botas, pregadeiras, perfumes... Teve, portanto, de implorar mais dinheiro ao pai e ao avô, mas não a Mimi, a quem já só enviava raros postais ilustrados.

Recebeu notícias de Carlos Augusto no dia de aniversário de Hélène. Nessa data, levantou-se cedo e demorou-se em frente ao espelho, atando com esmero o laço dos sapatos e compondo o da *lavallière*, como lhe recomendara o avô e, algumas vezes, o pai, mas sobretudo Angelina. A ocasião merecia, já que, além do aniversário de Hélène, celebrava ainda um mês, duas semanas e três dias que a conhecera na viagem de Lisboa a Paris.

Naquela manhã, deixara-a partir, mesmo estando já de olhos abertos. Queria fazê-la supor que, sendo ele desapegado de tudo, não

se iria recordar de tais festividades, e, chegando a casa, quando ela o acusasse de falta de amor, de boas intenções e de cavalheirismo até, ele, abraçando-a, beijá-la-ia, depondo os seus lábios grandes e moles nos lábios dela, que ele supunha macios e rijos.

Depois de, como combinado, beber um copo com José d'Araújo no Chope Parisienne, dirigir-se-ia ao Bureau des Italiens para ver a correspondência, embora já raramente lá fosse, dado que agora lhe enviavam quase tudo directamente para o número vinte e nove da Rue Victor Massé, de acordo com as suas próprias instruções.

Na última carta ao pai, detalhara o número três de *Orpheu*, revendo, *grosso modo*, os apontamentos que tomara na sequência das explicações dadas a Hélène, que, embrulhada num xale, aos seus pés, se afadigava a tirar borbotos de uma camisola velha e lhos colocava maternalmente sobre as peúgas. Depois dessa carta, enviara outra a Fernando Pessoa, no último dia de Agosto, concordando com tudo quanto ele dissera de *Orpheu* 3 em carta precedente: eram imprescindíveis o Engenheiro, o Numa de Figueiredo, o António Bossa e o Almada Negreiros. O limite da condescendência devia ser a novela de Raul Leal; daí para baixo, nem... nem os poemas interseccionistas do Afonso Costa... Páginas contadas, havia ainda espaço para o Pessoa, o próprio Sá-Carneiro e o Albino Meneses. Um número em que predominava a prosa, mas não fazia mal, visto os outros *Orpheus* terem sido sobretudo em verso. Mario colaborava apenas com as dez páginas da II série de *Indícios de Ouro*. Descartava, para já, a novela paúlca a que se referira antes, por não querer escrevê-la de afogadilho. Descartava também a tal peça de teatro inspirada na vida de Hélène, com que pretendia agitar a modorra lisboeta e alavancar-se a figura cimeira da dramaturgia lusa.

Passou por uma florista, em cuja bancada se exibiam as mais frescas emanações do paraíso. Escolheu para oferecer a Hélène um ramalhete com uma papoula no centro, dois lírios brancos nas laterais e quatro jacintos roxos em redor, murchos, ressuscitados pela aspersão da água de uma fonte que jorrava perto.

O copo com Araújo foi breve, mas proveitoso. O jornalista acabara de se encontrar com Xavier de Carvalho, ali, em frente ao

L'Horloge, enquanto um subia a rua e o outro a descia. Só por milagre Mario não os tinha visto juntos, mas Xavier enviava-lhe cumprimentos, lembrando que aquela conversa de há umas semanas sobre os mortos do Père-Lachaise não fazia sentido nenhum e que Araújo tinha de pôr juízo na cachimónia do senhor poeta. Que fosse de vez em quando visitar o cadáver da senhora sua mãe, em Paço de Arcos, quando estivesse em Lisboa, era uma coisa. Agora, pôr os mortos a falarem uns com os outros, uns sentados em cadeiras de estofado, outros à borda da lápide, com os nomes gravados a estilete e detalhes em ouro, entre os anjinhos e os círios, isso já era coisa do diabo. Vá que Sá-Carneiro andasse a meter-se no vinho ou até no ópio. Não, tivesse juízo. Na melhor ocasião, ele mesmo lhe diria isso e muito mais.

José d'Araújo não conhecia assaz Mario para emitir opiniões a esse respeito. Considerava mesmo que o poeta era reservado demais, por vezes macambúzio, características que atribuía às dores que ele confessava ter e também a uma certa timidez natural, que nele ficava bem. O jornalista também lhe desconhecia o passado, embora, em casa, nos momentos de ócio, desse por si a pensar no que vinha fazer a Paris um homem que não tinha trabalho nem o procurava e que, quando abria a carteira, lhe saltava, por via de regra, dinheiro que a ele, simples funcionário avençado, demoraria um ano ou mais para merecer. Nunca lhe perguntou directamente qual a sua fonte de rendimentos, embora o acomesse a curiosidade. Supunha que, se o fizesse, Mario desdenharia o seu convívio ou, no mínimo, se justificaria com uma mentirinha *à la carte* para o não voltar a ver. E ele podia até ser pacóvio, mas tolo é que não era.

O Bureau des Italiens encerrava às três e um quarto. Mario não prolongou a conversa como desejava, deixou vinho no copo, despediu-se com um aperto de mão, colocou o chapéu na cabeça e saiu. Dirigiu-se à estação de Richelieu-Drouot, para apanhar o metropolitano na direcção Balard, rumo a Grands Boulevards.

Na gare, dois renques de escadas abaixo do solo, aguardava a caruagem um homem alto que Mario reconheceu. Era o novo *valet de chambre*, a quem não tinha ainda prestado atenção no Hôtel de Nice,

mas que agora se evidenciava, camisa larga com colarinho subido, jaqueta curta a terminar sobre o debrum das calças. Qual Vénus de Milo ou Vitória de Samotrácia, um ser excelso em altura e em garbo, de padrão clássico, apenas modernizado por uns sapatos de biqueira fina e uns coturnos floridos a contrastar.

– *Monsieur* Sá-Carneiro – disse-lhe o rapaz, num francês normando. – *Comment allez-vous?*

E acrescentou que ocupara o lugar deixado vago pelo anterior *valet de chambre*, homem intrometido, impreparado para lidar com clientes importantes como o senhor Sá-Carneiro, pelos vistos famoso por se fazer acompanhar por uma linda menina da rua. «Bom gosto, sim senhor, nada melhor para se distrair do que ter uma bela cocote por companhia, às duas por três já nem ela sabe quem esteve em cima dela, se *monsieur*, se outro cliente do hotel. Estas meninas são mesmo assim.»

– Hélène tem um daqueles rostos que se confundem facilmente – reagiu Mario. – Não está certamente a referir-se a ela.

– Trabalho há pouco no Hôtel de Nice. Mas venho do Crillon, do Lutetia, do Splendide Royal, e, quer saber mais? Fazia as noites. Vi muita coisa. Oh!, se vi. E aquela mulher...

– Como se atreve? Se já lhe disse, não disse?, que Hélène... Nunca a há de ver senão ao meu lado.

– Vai ver-se e até tem razão.

Mario não tirava os olhos dele. Que desperdício, um rapaz tão belo servir-lhe só como criado. Mais valia pô-lo a trabalhar nas Folies-Bergère, cujos garçons, embora não tão graciosos e sublimes, pelo menos não eram destinados aos trabalhos serviçais, que apoucam a alma e, em concomitância, a beleza física. O poeta sonhou mandá-lo para a Quinta de Camarate, a fim de lhe fazer ensinar aritmética e gramática portuguesa e de o pôr a encomendar sementes, farinha e arroz. Quando lá fosse, teria com quem conversar e sobre quem passar as vistas, a quem manipular o cabelo e apertar as bochechas e até a quem pedir beijos e declarações de amor carnal, e outras coisas. Uma espécie de boneco à disposição no baú, no meio da quinquilharia, sempre

que lhe apetecesse tirá-lo de lá, para o voltar a desprezar e o esquecer, quando se fartasse de brincar com ele.

Em Lisboa, havia muitos moços elegantes, pelo que não era de estranhar que os menos belos fossem mandados para os campos. Mas, em Paris, onde os rapazes, genericamente, tinham curvaturas deselegantes no tronco e pernas e braços que pareciam de madeira tosca, ver os mais formosos a trabalhar num hotel, ainda que frequentado pela melhor clientela da Europa e do mundo, era um desperdício, quase uma afronta à beleza. A este, valer-lhe-ia Mario, que o via a passar de um lado para o outro, sempre apreciando o seu rosto quadrangular, os bíceps vincados e aquele bojo sobre a carcela, tão agradáveis ao olho. Desperdício de beleza.

Não se importaria de ficar ali, a conversar infinitamente com o criado. Ainda mais porque a locomotiva, ao entrar no túnel, sibilando frenética, engoliu as últimas palavras dele, de modo que Mario não percebeu se o rapaz o considerava um homem interessante ou um tolo.

A pesada porta da carruagem abriu-se e Mario colocou o pé no estribo. O criado, o belo provençal, aguardava do lado de fora. O que faria ele quando virassem as costas um ao outro? Nem pensar em deixá-lo por aí à solta. Num impulso, Mario saltou de novo para a plataforma. Um silvo agreste irrompeu no túnel. A carruagem, prestes a retomar a marcha. O mancebo, de cabelos revoltos, entrou numa locomotiva que veio em sentido contrário. Destinos tão dissonantes... Ah, as cartas, o Bureau des Italiens... Mario entrou, de rompante, antes que a porta se fechasse de vez, como se entrar numa carruagem quase em andamento fosse, para sempre, como reconhecer que, quando ele próprio entrou na vida, houvesse um antes e um depois que seria tolo negar.

Chegou à praça um minuto antes do fecho do posto dos correios. Pôs-se a correr. Na porta, a tabuleta «Fermé». Ainda aproveitou a saída de um cliente para entrar. O funcionário separava a correspondência em quatro lotes de caixas distintos, consoante as postas-restaurantes, colunas com vinte apartados cada, de quinze centímetros de altura por vinte de largura e uma ranhura no topo por onde poderiam

entrar encomendas grandes, cartas e postais ilustrados. Mario dirigiu-se ao seu apartamento, ultimamente quase sempre vazio. Recolheu uma encomenda com jornais de Fernando Pessoa e quatro sobrescritos, dois do pai, um de José Pacheco e outro de Santa-Rita Pintor. Mimi mandava-lhe um bilhete postal com uma ilustração do Castelo de São Jorge e uma quadrinha popular alusiva ao santo. O avô surpreendia-o com um vale telegráfico – sem dúvida, o melhor acontecimento do dia.

A papoula no centro do ramalhete reclamava jarra e água, regresso urgente ao hotel. Seriam, no total, vinte minutos, da estação de Richelieu-Drouot para apanhar o metro até Havre e daí fazer a ligação para Saint-Lazare e depois para a Place de Clichy, a dois passos da Rue Victor Massé. O metropolitano cumpriu horários. Ao chegar, Mario subiu a escadaria para o quarto piso, exausto. Adormeceu vestido e calçado, sem esperar que o criado lhe abrisse a cama ou lhe servisse o chá da tarde, como de costume.

As flores ficaram largadas sobre o canapé, mais a correspondência intacta, excepto a carta de Pessoa. Ainda a leu, já recostado. O amigo abordava as burocracias do número três de *Orpheu*, com as quais o próprio Mario já concordara, apoiando-o em tudo e ainda avisando do mau feitio, quase má-criação, de Santa-Rita Pintor, tão desgostoso por não figurar no novo número de *Orpheu* que queria apropriar-se da revista, chegando a fazer uma proposta de aquisição da marca – um cenário rejeitado por ambos.

O poeta despertou com a bexiga cheia, respingou pingos de urina nas calças, mas que importava? Era um quarto para as oito da noite. Tinha tempo suficiente para assistir ao início do espectáculo nas Folies-Bergère e para surpreender Hélène com o ramo de lírios e jacintos com uma papoula ao centro.

Na fachada do café-concerto, o cartaz de anúncio do espectáculo dessa noite fora substituído pela pintura de uma mulher nua. Estendida num estrado carmesim, em pose lânguida, tinha o queixo apoiado na mão direita e a perna esquerda sobre a outra, e uns sapatos de salto alto da mesma cor. Um globo eléctrico lançava sobre o retrato balões coloridos de luz que incidiam directamente sobre as

mamas, esmaecendo por aí abaixo até ao tufo de pêlos. O rosto estava oculto por um *yashmak* de musselina fina, com fendas para os olhos, que se estendia até aos lábios, pálidos de leite, magros, em arco ascendente, astutamente tombados do lado esquerdo. Cabeleira presa num coque, sovacos de pelagem abundante, cotovelos lacerados por ossos proeminentes, abdómen arrepanhado para dentro do tórax, pernas em forma de X a rematar o baixo-ventre, vagina disfarçada pelos refegos das pernas. Esteticamente imperfeita, mas, no conjunto, um colosso de categoria.

Os intróitos do espectáculo aproximavam-se pela avenida, circundando os plátanos, a fonte e o lago. Estendiam-se do Grand Hôtel até à Passage du Havre, avançando em direcção ao átrio das Folie-Bergère. Encabeçava-o um pedestal transportado por quatro valentões negros que formavam uma espécie de ponte com os braços. Desfilava, sobre ele, a artista do cartaz, com as formas modeladas por jogos de luz e sombra, banhada por chuvas de pétalas de margaridas. Meneava-se, acompanhada por uma pequena orquestra de instrumentistas, vestidos de igual e com a mesma altura de ombros, a voz de um tenor a ecoar em harmonias com sonoridades arábicas.

Foi apenas quando o andor executou uma volta mais larga, já bem perto de si, que Mário reconheceu os olhos dela. Os olhos azuis, ah, aqueles luzeiros, que não iluminavam para dentro de si, já ele o sabia. Muito menos para fora. No entanto, um farol no negrume sem-fim da vida. Hélène, a quem ele dedicava poemas de amor, mesmo sabendo que o que os unia tinha outro nome – um afecto que lhe ocupava os dias, embora sem um sentido que valesse a pena.

«E agora? Hélène? O que faço ao ramalhete com uma papoula ao centro?»

Virou-se, reagindo a um toque no ombro.

– Hoje mesmo disse ao José d'Araújo que tu andas a precisar de ouvir umas verdades.

Era Xavier de Carvalho, com um copo de tinto na mão e um sorriso melífluo nos lábios esticados.

– Tu, aqui? – Mario deixou cair o ramalhete.

– Co’a breca, pois não haveria de estar! – Xavier abraçou-o com força, entornando-lhe vinho tinto sobre a lapela. – Estás mais magro, hein? Viste quem ali vai?

Apontou para as costas de Hélène, a desaparecerem à entrada da porta central do cabaré.

– Quem? – Mario tentava reconstituir o ramo, o melhor que podia. – Não sei quem seja, acabo de chegar.

– O quê?! Não sabias?! Ora, ora... Esta noite vai ser de arromba. Suponho que isso já saibas, ou imagines.

No interior da sala de espectáculos, José d’Araújo e Jorge Fernandes conversavam. Mario e Xavier juntaram-se-lhes, numa mesa para seis comensais, diante de um reposteiro com motivos de mulheres com vaginas decoradas com borboletas e lírios, apoiadas, por detrás, por homens elegantes, de laço, coturnos e sapatos envernizados.

O recinto, onde cabiam cerca de mil pessoas, estava praticamente cheio. Quase todos os homens se apresentavam conforme as regras da moda, contrastando o escuro dos chapéus, fraques, calças e bengalas com o branco dos coletes, lenços de lapela, camisas e colarinhos. No total do público, apenas um por cento de mulheres, talvez metade disso feminina, a outra metade andrógina.

– Deixem-se estar – disse Mario, pendurando o chapéu na trave da cadeira e depositando as flores num vaso de cristal com restos de cera queimada.

Junto ao reposteiro, uma sombra movia-se com rapidez. Teria sido apenas Mario a observá-la?

Era um empregado, com um guardanapo atravessado no braço: não podiam sentar-se ali, aquele lugar estava reservado para o Conde de Martignac e convidados, tanto mais que, se tivessem reparado bem quando chegaram, as cadeiras estavam inclinadas obliquamente para a frente e no centro da mesa havia um arranjo floral com os emblemas nobiliárquicos do cliente. Que não o levassem a mal. Regras eram regras e não havia distinção de clientela. Mas o sujeito propunha uma mesa lateral, com mais espaço para estenderem as pernas, embora com a desvantagem de ficar atrás de uma coluna – para verem o espectáculo

teriam de se esgueirar sobre os clientes da frente, «se fazem favor, desculpem, não queremos ser malcriados» –, mas, com reverberação perfeita, o som do palco encontrava ali uma magnífica caixa de ressonância que o difundia em ondas hertzianas do mais fino que há.

Um cavalheiro grisalho acenava com insistência, era o farmacêutico do Bois de Boulogne, conhecido de Mario e de Araújo.

– Quem é vivo sempre aparece – disse ele, ao ver Mario e os quatro amigos.

– Dupont, François – apresentou-se a Fernandes e Carvalho, que não conhecia, repuxando as mangas da camisa.

– *Enchanté*.

Reservara uma mesa por cem francos, com desconto no álcool e direito a anunciar uma canção do programa através de um megafone. Deslocara-se num fiacre, desculpando-se à mulher com a entrega de um medicamento a uma moribunda, sem padre para lhe ministrar a extrema-unção nem um boticário para lhe atenuar as dores. Ao sair, a mulher lembrou-lhe: «Então, homem, vais socorrer a pobre, mas não lhe levas o remédio?» Fingiu que não a escutou. O filho pediu-lhe um beijo e ele disse-lhe que rezasse o Pai-Nosso. Sem se desmanchar, voltou à farmácia, rezando pelo caminho, e, de novo, a casa, para mostrar que dizia a verdade, o que o fez atrasar a viagem. Perdeu Renée Chantal a desfilarm no palanque, mas juraria, pelo retrato no grande cartaz, que as coxas dela eram muito parecidas com as de Hélène, a mulher que costumava dar-lhe a cona.

– Ando à procura dela, como um condenado, desde que decidiu partir para Londres.

Mario acendeu um *Gauloise* na intersecção dos lábios. De repente, ao fixar Dupont, teve a certeza, num sobressalto, que este se referia a Hélène, aquela que lhe regateava beijos, mas desbaratava propostas de casamento. Esperava que José d'Araújo, conhecedor da sua ligação à corista, não tivesse percebido nem relacionado os factos, tal era a ignomínia. Afinal, estando o jornalista há pouco tempo em Paris, faltava-lhe ainda, por certo, o vocabulário e, sobretudo, a entoação que os Franceses dão às palavras, fundindo-as e aconchegando-as em precioso

calão. Os comentários de M. Dupont terão com certeza deslizado pela superfície do seu entendimento, tão imerso estava na sua própria perplexidade e na tentativa de decifrar as entrelinhas do monólogo.

Um criado desviou o reposteiro de baetão atrás deles e trouxe um candelabro, iluminando a brancura da toalha, o prateado da faiança e os arabescos do serviço de mesa. Estendeu a carta dos vinhos a Xavier de Carvalho, perito em álcoois.

– Um copo de tinto? – perguntou este.

– Qual preferes? – indagou Araújo.

– Um vinho do Rhône – sugeriu Dupont, erguendo-se da mesa –, com notas de garrigue, ervas e alcaçuz.

– Quem vota a favor?

– Confiem em mim, caralho. E agora, com licença, vou mijar. Deixem-se estar, meus senhores. O vinho é por minha conta.

Mario lançou um olhar de aflição ao cortinado de cassa-da-índia, que esvoaçava junto ao cabelo de uma recém-chegada, com bandós negros maciços, e pela pinha de ferro do enorme trasfogueiro, onde crepitava um lume que fazia brilhar os talheres. Bateu a ponta do *Gauloise* num *Limoges* com motivos de faisões e flores; levou-o de novo aos lábios com um gesto de impaciência e soltou uma baforada, enquanto observava M. Dupont a afastar-se. Consumiu mais cinco cigarros, triturando as pontas com as unhas sobre o cinzeiro, até não sobrar nada. Tentou sufocar a ânsia com outros tantos copos de vinho.

Estava desolado, era um facto. Nada podia contradizer tudo quanto vira e ouvira. Aliás, por que razão não teria ele, desde o início, lido todos os acontecimentos, não só a quase-luxúria que por pouco o matava? O nome de Hélène, ecoado pelo farmacêutico, quando o visitou no Bois de Boulogne, e, agora, sentado à mesa do cabaré. As suspeitas do novo *valet de chambre*. O retrato garrafal de Hélène na frontaria das Folies-Bergère e ela a desfilar concupiscência entre os homens. Hélène era uma profissional do sexo. A pudicícia dela parecia um disfarce, um engano feito sob medida para Mario, o parolo.

As provas estavam ali, evidentes. Sabe-se lá quantos homens teria ela fodido.

Mario apoiou a mão na borda da mesa, com o vigor, a energia e o *suspense* de quem se preparava para puxar a toalha até ao chão, com estardalhaço das loiças, derramamento do vinho e desperdício das rainhas-cláudias que o criado serviu. E, no entanto, apenas se ergueu e fez recuar a cadeira, pedindo licença.

M. Dupont demorava-se. Desaparecera por detrás de um biombo que dividia a plateia dos bastidores e dos camarins, junto às retretes, e era guardado por dois brutamontes, que bebiam cerveja pela garrafa e arrotavam bem alto. O que se passaria por ali?

Mario arrebatou o ramalhete de flores.

– Aonde vais? – perguntou Xavier, no centro de uma conversa sobre marcas de vinho.

– Entregar isto.

Eram flores murchas, Hélène descartá-las-ia logo num caixote de lixo. Procurá-la para quê?

– Renée Chantal entra daqui a um quarto de hora – informou um dos brutamontes, com a fronte perlada de suor.

– Sou Stanislaw Belkowski. – Mario recordou-se de, noutra ocasião, ter usado essa identidade fictícia, com bons resultados.

– Acompanhe-me, então.

Aquele nome soava ao de uma pessoa importante e Mario exibiu um andar vaidoso, a conferir com a personagem.

O homem conduziu-o por um corredor estreito, bafiento, lentamente e sem dizer nada. Deixou-o junto a uma divisão cujas paredes eram constituídas por fardos de palha que emanavam cheiro a dejectos de animais. Mario parou diante de um fardo que se erguia até às traves de madeira do tecto. Ouviu gemidos de dois homens a copularem. Reconheceu M. Dupont, não pela voz, mas pelo *accent* do Norte de França que já lhe notara.

– Mais! Hmmm... Mais!

Supôs que o brutamontes o tivesse guiado até ao camarim de outro artista. Deu cinco passos à esquerda. Silêncio. Vagidos. Friccionar na

palha. «Dois bailarinos no fornicanço», pensou, olvidando por segundos ter reconhecido a pronúncia de M. Dupont. «Neste prostíbulo, nada me espanta.»

Mario estava de novo diante dos fardos de palha. Era de mau gosto entrar, muito pior acomodar-se numa poltrona para assistir ao espectáculo de um homem a introduzir os dedos, a língua, a nervura espessa do meio das pernas, dentro de outro homem. Foi o que imaginou. Para mais, eram decerto duas pessoas livres, podiam fazer o que bem lhes aprouvesse, sem que ninguém tivesse a ver com isso. Muito menos ele, Mario.

A orquestra começou a tocar, por entre aplausos. Agora, por mais que atentasse, Mario não captava qualquer outro som. Só a parede se mexia, desfazendo-se em poalhas de luz, num remoinho que nascia do chão.

Os fardos de palha, cilíndricos, ondulados, desmoronaram-se, como se pousados na água. Mario espreitou. Hélène puxava M. Dupont para si, junto às mamas, sobressaindo de um *soutien-gorge* minúsculo. Afastou-o, fê-lo virar-se de costas. Açoitou-lhe as nádegas flácidas. Puxou-lhe os escassos cabelos. O farmacêutico, inclinado num ângulo de noventa graus, fazia dançar o traseiro empinado, em bicos de pés. Soltava guinchos e urros de felicidade.

A alma de Mario estatelou-se, redonda, no chão.

Sentiu dor semelhante quando, um dia, Tomás Cabreira Júnior, a sua primeira paixão, tirou o chapéu para o ver melhor e lhe disse que estava apaixonado por uma rapariga do liceu e planeava fugir para as ilhas. Mario concluiu que, tal como ele, este tipo de pé, embicando para o cu do outro, dobrado sobre um fardo de palha com esterco de cavalo, era a mais reles das criaturas. Ainda que se sentisse o mais infeliz dos seres, só por medo de perder para sempre Hélène – aquele verme, afinal – não lhe rebentou a cara logo ali.

Ocultou-se ainda mais. Aguardou a apoteose e a saída de cena do ignóbil farmacêutico. Deu tempo para a corista colocar a cabeleira loira e a escovar, enfiar o vestido pelas pernas e ajustá-lo nos ombros com um laço, calçar os sapatos de salto. Surpreendeu-a junto ao biombo,

por detrás, beijou-lhe o pescoço, cobriu-lhe os olhos e segurou-lhe o queixo.

– Não tinha já partido, M. Dupont?

– Sou eu – respondeu Mario, virando-a de frente.

– Mario?!

Hélène. Renée. René. Repetiu com ele o que fizera minutos antes. Aliás, com mais empenho do que com o farmacêutico.

Mario saiu sem se despedir dos compinchas. Procurou, na Rue Richer, um fiacre que o conduziu ao Hôtel de Nice, onde decidiu proscrever *sine die* o nome e a lembrança da corista.

CAPÍTULO 14

A tómbola anda depressa

– Meu Deus, pregaste-me um susto de morte. Engasgares-te dessa maneira...

– Não era a sério.

Mario dá uma gargalhada.

– Gostava de ver uma bravata dessas, mas perante a vida.

– Posso garantir-te que, se fosse esse o caso, enfiava-me no *smoking*.

Já te falei dele?

– Já, claro.

– E deitava-me na cama, o coxim debaixo da nuca, as mãos sobrepostas sobre o estômago, os coturnos pretos enfiados nos sapatos de verniz.

– Credo! Faz-me lembrar... – Araújo estremece. – Põe antes a grafonola a tocar.

José d'Araújo quer distraí-lo.

– Tenho aqui Jules Massenet, «Manon». Há séculos que não o oiço!

– Não tens nada mais alegre?

– O «Pierrot Lunaire»?

– Olha, põe antes o «Clair de Lune».

Mario vai à latrina, enquanto a grafonola toca.

*

No toucador da retrete, Mario encontrou o regadorzinho de lata do *valet*, decorado com amores-perfeitos lilases, e meteu-o debaixo da torneira. Foi para a suíte e regou as margaridas da mesa de centro e as

begónias do peitoral, já murchas. Caído como estivera naquela última semana, não cuidara do seu pequeno jardim interior.

Pôs o fonógrafo a tocar. «Manon», de Jules Massenet. Prosseguiu a rega até ao átrio. Lembrou-se de ter ouvido aquela melodia, colado a Hélène, num dia em que ela lhe surgiu em saltos-agulha, adelgaçando-lhe os contornos das pernas. Então, as visitas haviam-se tornado regulares. Mario exultava sempre que lhe tocavam à porta da suíte. Desejava-a. Ela havia de fazer dele um homem, um senhor com poses para pagar os desfrutes.

Que fazer para que Hélène retorne, vestida com folhos de margaridas, violetas e tulipas?

Mario quer esquecer o encontro nos bastidores das Folies-Bergère. Melhor será sair, procurar Xavier de Carvalho e José d'Araújo. Escrever cartas. Voltar ao Bureau des Italiens. Ao Chope Parisienne. Deambular por Paris. Deitar pedaços de pão aos pombos, nas Tulherias. Ficar sentado numa cadeira, com os pés para o lago, a ler *Orpheu*. Descansar a alma num barco, pelo rio acima. Sonhar com os dias em que nada acontece e se espera, já feliz, que a felicidade ainda venha.

Mas tem uma vontade aflita de rever Hélène, René. De lhe dizer que a ama, o ama, agora mais. Não se reencontrarão nas actuais condições de miséria humana. Será melhor o suicídio, autocondenar-se, antes que os outros o façam.

Aperta as pernas contra as virilhas, a esmagar a vontade. Não a vai ver, não o vai ver.

Odeia-o.

Percorre o quarto, aos círculos. Chora, o peito a arfar. Atira o travesseiro contra a parede, solta um grito, tomba sobre a cama, balbucia, esmurra o colchão. Vê-se desfigurado, no espelho do toucador. Gosta desse efeito dramático e das lágrimas a caírem pela face. O choro diminui de intensidade, quase pára. Mario força-o um pouco mais. Quer ouvir-se a chorar. Sente a boca salgada e ardem-lhe os olhos.

Cambaleia até à garrafeira. Bebe um cálice de Porto. Mais dois. Um copo de *Bénédictine*. Vários seguidos. A mistura consola-lhe o peito.

Sente-se muito melhor assim. À beira-precipício. Igual ardor no rosto, orelhas, testa, fronte, olhos, lábios, língua. Fecha os olhos. Roda numa tómbola que anda depressa e sem saber quando irá parar.

Os mais de cem quilos de corpo derramam-se amplamente pelo soalho. A alma cai-lhe por cima. Sente um assomo de dor inédito, no cóccix.

Ninguém o viu tombar. Ninguém ouviu o estrondo. Mario ainda aguardou que o criado entrasse e o repreendesse, com falinhas mansas. Que lástima!

Põe-se de joelhos. Imagina René na cama, entre os lençóis. Não o quer ver. Nunca mais. Grita-lhe. E ele responde-lhe: «*Allons, il le faut.*»

Mario ergue-se, num salto desengonçado. Procura-o atrás dos reposteiros, atrás da poltrona, debaixo da cama. Afasta os cobertores, revolve o colchão. «Está dentro do colchão!» Apunhala-o com o abridor de cartas. Abre a porta da suíte para o patamar. René escapuliu-se. Desgraçado! Mario agarra na garrafa de Porto e num cálice e vai até junto da banheira. Põe a água a correr, bem fria.

Por duas semanas, Mario manteve as janelas da suíte cerradas, recusou o *valet de chambre*, embora este lhe viesse bater à porta três vezes ao dia. Não tomou banho, deixou crescer a barba, não limou as unhas, negligenciou a correspondência. Dormiu quase sempre enrolado sobre si mesmo. Transpirou. Deambulou, como um espectro, entre a latrina e a cama.

CAPÍTULO 15

Aonde irei neste sem-fim perdido

José d'Araújo ia pousar o cachepô junto dos dois números de *Orpheu*, na mesa ao centro da sala, mas Mario pediu-lhe para o colocar antes sobre o soalho, a fim de evitar que se derramasse de novo.

- Não ficaria melhor no peitoril da janela?
- Boa ideia – diz Mario, distraído.
- Estaria virado para a rua.
- Boa ideia – repete Mario, tentando sorrir.
- Também tu devias vestir esta camisa, este belo fato branco-pérola e dar-te ao ar livre.

O jornalista aproxima as peças de vestuário da janela, virando-as de um lado e de outro, à medida que as nomeia.

Mario está reclinado no canapé.

– Lá anda o homem às voltas com a caranguejola – diz Araújo, referindo-se ao *riper* estacionado diante do hotel.

- Aí fora, até a guerra faz sentido.
- Tudo faz sentido menos a guerra – corrige o amigo, voltando-se para ele.

– ...

– Mario abre as provas do número três da revista, com sinais de recentes correcções e apontamentos à margem.

– Mas... *Orpheu* não tinha acabado?

– *Orpheu* renascerá, como sempre. Como eu e tu... Renascer é o que nos mantém vivos... e nos condena.

O *valet de chambre* veio duas vezes ao dia, religiosamente, verificar se ele ainda respirava, esgueirando-se pela fresta da porta. O humor do hóspede mudou muito desde o dia em que o viu na gare de Richelieu-Drouot: primeiro uma melancolia, depois um quebranto progressivo, agora, os olhos fundos, a tez amarelada da icterícia. O *valet* arrependeu-se de não terem conversado mais. Se o conhecesse melhor, talvez o português efeminado, de maneiras estrambóticas, por vezes com a braguilha aberta, a mostrar as *culottes*, lhe confiasse a vida nas mãos e ele pudesse, de algum modo, evitar o que o atormentava. Apostava que naquele estado de prostração febril havia dedo e rasto de mulher, com grande poder sobre M. Sá-Carneiro. Fora autorizado pela dona do hotel a entrar sem pedir licença no quarto do hóspede. A mulher conhecia-o bem e até já lhe tinha emprestado dinheiro a juros. Assim, quando Mario dormia (confirmava-o pelo buraco da fechadura), o criado entrava sub-repticiamente, saltitando em bicos de pés para não tropeçar nos sapatos, botas, babuchas, chinelos, barretes e outros objectos, ao deus-dará do desleixo de quem perdeu o juízo ou está a ponto de o perder. Arrumava-lhos, limpava o pó ao aposento, desinfectava a latrina com cal virgem e deixava sopa e prato completo para ele debicar quando acordasse.

José d'Araújo esperava encontrar Mario no Chope Parisienne, mas achou natural não o ver por dias seguidos. Afinal, havia outros cafés, o Riche, o Royal, o Café de la Paix... Não iria mudar a rotina de final de tarde por ele ou procurá-lo. O recém-amigo era um espírito livre, teria por certo objectivos que José não compreenderia, se ele lhos revelasse – era melhor desconhecê-los. Também não pretendia imiscuir-se na atmosfera dos intelectuais, homens de vezos estranhos, que fumavam ópio e bebiam absinto, riam muito abraçados uns aos outros, saíam de casa já bêbedos pela manhã e regressavam mais bêbedos à noite.

Contudo, ansiava que o acaso os reunisse. O acaso não colaborou e Araújo não resistiu a telefonar para o hotel. Atendeu-o a proprietária, foi parca nas justificações, mas afiançou-lhe que M. Sá-Carneiro

sofria naquele momento de mais um daqueles episódios de astenia que ela já lhe diagnosticara faz algum tempo. Tal não comprometia muito a saúde física do português, porque essa garantia-a ela, nutrindo-o com *cassoulet*, *raclette*, *coq au vin* e *bouillabaisse*. As palavras da velha soavam a bazófia. Passados dois dias, no fim do trabalho, Araújo dirigiu-se à Rue Victor Massé. No átrio, admirou a réplica da Vénus de Milo e congratulou-se por ter um amigo instalado em tão imponente hotel. Agradeceu a avaria do ascensor eléctrico, que lhe permitiu subir em pose calculada a escadaria de mármore de Carrara e, nos pisos superiores, cruzar-se com os criados nos corredores, como se fosse hóspede.

Quando o *valet de chambre*, equilibrando nas duas mãos bandejas com as sobras de duas ou três refeições, o encontrou no patamar da suíte de Mario, travou-lhe a entrada. M. Sá-Carneiro dormia como um anjinho, o peito envolto num cheviote macio e quente. Acabara de jantar, deliciara-se especialmente com a *tarte tatin*, e, rosadinho, caíra de depressa num sono tranquilo, com a respiração muito calma.

– E comeu isso tudo? – perguntou José d’Araújo, surpreendido com a quantidade de pratos.

– Mme. Judith diz que M. Mario só fica bom se continuar na engorda. São cinco a seis bandejas por dia. Ela cuida bem disso, pois fique descansado.

José d’Araújo relatou o episódio a Xavier de Carvalho e a Jorge Fernandes, na esperança de que conhecessem Camarate e avisassem a família. Xavier tinha parentesco com os Murinello: a avó dele, que jazia com a grenha ainda composta numa sepultura temporária do Cemitério do Alto de São João, era irmã de José Leopoldo, o avô materno de Mario. Xavier estava certo de que, em lhe chegando a mensagem, aquele não se alegraria por o rapaz andar perdido, a vaguear pelos botequins, a embriagar-se, até ficar assim, prostrado numa cama de hotel, com os bolsos ainda recheados do dinheiro com que o paizinho financiava as estroinices.

– Conheço Mimi, a futura madrastra, que gere a Quinta da Victória, sei o número de telefone dela, vou ligar-lhe – reforçou Jorge Fernandes, bebericando água mineral, para curar uma indisposição.

Nada se resolveu. «A rebeldia de Mario levá-lo-á por caminhos muito piores», confidenciou Mimi. «Saiba o Jorge que estou de casamento marcado e em breve viajo para Lourenço Marques. Vai ser uma cerimónia civil simples, um beberete na Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição para o governador-geral e esposa. Todavia, tenho muito para tratar. Resolvam vocês aí o problema e, se necessário, enviem a conta para o meu futuro marido.» Xavier de Carvalho, por sua vez, solicitou a um primo o contacto urgente com José Leopoldo, mas o senhor estava a banhos na Costa Nova, sem indicação de data de regresso.

Nos quinze dias de febrão, as amplas janelas da suíte permaneceram fechadas. Mas Mario de Sá-Carneiro, nos seus delírios, sentiu o cheiro putrefacto dos detritos urbanos que se amontoavam na Rue Frochot, nas traseiras, onde também viu as putas a servirem os clientes e a fazerem abluções sobre selhas de água inquinada. A ele, o Dr. Anastace Ducros receitou a aplicação de um urinol de vidro ergonómico, em forma de odre, aconchegado à púbis. Era um recipiente opaco com uma abertura estreita e rebordos arredondados, terminando num vaso esférico onde caberia à vontade urina de dois ou três dias. Mario foi sujeito a outros cuidados: toalete com pachos de água, rodélas de pepino embebidas em aguardente sobre a testa, tisanas variadas, caldos e muda de lençóis sempre que o líquido derramava.

Por vezes, soltava um braço e depois outro, virava-se de bruços, pendurava a cabeça, emitia sons guturais, como um possesso. «Deve ter pesadelos», lamentava-se o *valet*, a tentar adivinhar-lhe no movimento dos lábios algum sinal, alguma sílaba, alguma palavra com sentido. Teve de ser amarrado à cama, para sua segurança e para não incomodar os hóspedes do piso inferior, que certamente acordariam estremunhados, julgando que a Guerra Mundial tivesse chegado ali, se ele e os seus cento e dez quilos tombassem ao chão durante a noite.

A vida de Mario ficou suspensa como um balão de hélio escapulido de um quartel alemão. As cartas, que continuaram a chegar ao Hôtel de Nice, sobrepunham-se na penteadeira às que ele lá deixara, antes de cair à cama. A José d'Araújo, permaneceu negada a entrada no quarto.

Ao despertar do febrão, Mario tocou-se e palpou o urinol, sem saber o que era nem para que servia. Logo o descobriu, retirando-o do pénis, de olhos esbugalhados: uma mancha amarelo-esverdeada espalhou-se pelo lençol e encharcou-lhe o pijama. Levantou-se, com tonturas. Despiu-se e calçou as babuchas

Acendeu um globo eléctrico, tentou habitar de novo a luz, fixando-o até cansar a vista, depois treinando-a com a leitura de composições de *Orpheu*, que quase sabia de cor. Por fim, entreabriu uma veneziana, afastou o cortinado, reclinou-se no canapé. Bebeu um *Bénédictine*, pelo gargalo. Leu a *Femina* de Julho, sobretudo as legendas das imagens, mais fáceis de adivinhar, para não se esforçar.

Só ao dar conta da correspondência acumulada é que se apercebeu da ausência febril em que esteve por uma ou duas semanas – cartas recebidas no Bureau des Italiens, de que não se lembrava, e outras que chegaram depois ao hotel: do papá, de Fernando Pessoa, de José Pacheco, de Mimi, de Carlos Franco, da Livraria Brasileira. Ordenou-as por importância e datas e, em primeiro lugar, leu as de Fernando Pessoa, ávido como sempre. O poeta reiterava a amizade e os planos para a publicação da revista literária. José Pacheco informava-o de um achaque que o impedia de ir a Paris. O pai anunciava o envio de duzentos e cinquenta francos, através do Banco Ultramarino, para o Crédit National d'Escomptes; aludia, *en passant*, aos preparativos do seu casamento com Mimi; mencionava o tempo lindo de Lourenço Marques, idas à praia ao fim do dia, degustações de lagostins e cervejas na esplanada, com pretas ao colo. «Impossível resistir às fêmeas que se oferecem aos brancos, abanando e esfregando neles as tetas, ao som dos tambores, como animais selvagens, sem moral nem intelecto, e colonizando-lhes o cérebro», cismava Mario. Carlos Augusto decretava, por fim, a extinção de *Orpheu*, sentença justificada pelos escândalos e controvérsias que a revista instigou desde o início, pela prisão para interrogatório de alguns dos mentores e pelo desprezo generalizado da imprensa portuguesa.

Num parágrafo escrito a milhares de quilómetros, tão seco como o sol dos trópicos que lhe abrasava a mente, Carlos Augusto

Sá-Carneiro manifestava a mais completa indiferença perante o projecto civilizacional de *Orpheu*, para o filho uma ponte imperativa entre o passado e o futuro, a mais completa revolução operada pelo homem desde a invenção da roda, a maior perda do século. Mario voltou à *carta-magna* anterior, de Pessoa, para simular a normalidade em que nada acontece, a não ser projectos e sonhos, com significado, que nos mantêm numa espécie de anestesia intelectual imune às contingências. Tais palavras, porém, lidas duas vezes à luz do que o pai escrevera, ganhavam novo significado. Talvez o poeta-amigo tenha desistido da luta pela sobrevivência de *Orpheu*, disfarçando o pleno conhecimento das intenções do pai e a cabala de que faziam parte as dissensões de Santa-Rita Pintor, Alfredo Guisado e Luís Ramos, o acidente do presidente Afonso Costa e a reacção subsequente de Álvaro de Campos, a prisão de José Pacheco, a falência da Banca, as hostilidades Germano-Austro-Húngaras e, sobretudo, a falência do pai, as anunciadas segundas núpcias com Mimi, a derrocada iminente da Quinta da Victória, e aquele objecto estranho asfixiando-lhe o órgão vital.

— *Aonde irei neste sem-fim perdido, neste mar oco de certezas mortas?*

Em tempos, Mario solicitara a Fernando Pessoa que lhe fizesse o mapa astral, contando divertir-se a analisar os símbolos e as operações mentais mirabolantes implicadas na sua interpretação. O poeta remetera-lho anexo à carta recente, explicitando, à margem e sem subterfúgios nem panaceias, pormenores que, nestas circunstâncias, só se revelam a um amigo. Eis o mapa, sem acasos nem coincidências, de um homem doente, confuso e mentalmente afectado. As datas, o casamento das constelações e a ordenação dos elementos atestavam uma catástrofe natural, eram a chave de tudo o que lhe acontecera e de tudo o que estava por vir. *Neste sem-fim*, Mario seria, como *Orpheu*, um astro que se extingue.

Com a mão trémula, Mario respondeu a Fernando Pessoa:

Custa-me muito a escrever-lhe esta carta dolorosa — dolorosa para mim e para você...

CAPÍTULO 16

As grandes Horas! – Vivê-las

– Ficas bem com esse fato – diz José d’Araújo, depois de lhe puxar as calças para cima e lhe abotoar a braguilha.

– Gostas? – Mario observa-se ao espelho.

– Já te tinha dito, não te lembras? Levaste-o quando fomos à cata de Hélène. Estavas nervoso, não articulavas uma frase. Mas, diz-me – passou a mão pelo tecido gabardina, áspero embora confortável –, onde arranjaste este tecido? Em Lisboa, não se vê disto.

– Comprei-o cá, com a ajuda de Hélène.

– Essa mulher tinha os seus defeitos, muito graves, imperdoáveis mesmo, mas livrou-te de algumas.

– Se não fosse acordar sem saber o que fazer, acumular livros e revistas por ler, percorrer incessantemente as mesmas cartas, ecoar as mesmas ideias, falar comigo próprio, vaguear pela suíte como um fantasma... diria que sim, que Hélène era a mulher perfeita... para preencher a inércia.

– Que te falta?

– Acreditas que já nem faço caso da barriga?

– Não te falta nada, portanto.

– Não tenho nada, queres tu dizer.

*

– O meu *valet de chambre*? – perguntou Mario, ajustando o penhoar ao peito.

– Sou o novo criado, António, ao seu dispor – respondeu o homem, num português saloio. – Trate-me por António, se quiser – e estendeu-lhe a mão.

– Ah, compreendo. – O poeta sentou-se na orla da cama. – *Enchanté*, António! Mas onde está o outro?

– Foi-se embora, senhor Mario.

– Isso quer dizer...

– O que ouviu. – Tirou-lhe as babuchas, as calças do pijama e o penhoar. – Deseja pôr uns sapatos? Umas calças? Precisa de suspensórios? Estes ficam-lhe apertados na barriga. Vou soltá-los um pouco. Veja lá. E agora dê-me a perna. E a outra, se faz favor. Levante-se. Eu ajudo. Não se preocupe. Eu ajeito. E agora o fato. Nem largo nem justo. Levante as costas. Estenda os braços. Um sorriso natural. Não desfaça o sorriso. Olhe agora para o espelho.

– O que é isto? Uma brincadeira?

– Não, senhor – disse António, com uma expressão séria. – É o seu novo traje branco-pérola. Uma homenagem de Madame Hélène Chantal.

– Uma homenagem ou uma provocação?

– Uma surpresa, senhor Mario, penso eu.

– Hélène Chantal é, de facto... uma surpresa – rematou Mario, despindo o fato. – Ela que o vista.

Quando acordou, viu que o *ripert* estacionado diante da janela do quarto tinha rodas novas, metálicas, os bancos de madeira envernizados num tom escuro próximo do bordô, a cobertura de lona remendada com um tecido mais escuro, azul talvez, formando uma manta de retalhos. O trabalhador da CGO elevou, com um macaco, a carroçaria, fixou-a ao alto com um cavalete e meteu-se debaixo dela, batendo com um malho nas bielas dos travões.

As calças do trabalhador subiam-lhe acima dos tornozelos, revelando coturnos brancos manchados por nódoas dos óleos do motor e dos carris. Contudo, o que mais se destacava era a perna robusta e os pêlos escuros sobre a pele. Às vezes, quando estendia o braço para manusear as peças do *ripert* ou quando se contorcia, permitia a Mario

vislumbrar um pouco mais. O que o poeta via agradava-lhe sobremaneira. Não arredaria pé dali até ver aquele calhambeque recuperado e em movimento. Sonhava com o rapaz montado na sela, ligando o motor, exibindo masculinidade, apitando pelas ruas. «Vai ali um cavaleiro montado numa garupa de prata», pensava. «Desliza como se tivesse asas. E canta. Acena à multidão, que se afasta para o deixar seguir e lhe faz a vénia. As mulheres põem colchas à janela. Toca a fanfarra. Tambores. Clarinetes. O rapaz sorri.»

Surge uma vendedora de repolhos, cesta atravessada no braço. Trigueira, com cabelo de ouro trançado, ostenta uma gargantilha de pechisbeque que desce por onde se cruza a gola da camiseta. O rapaz levanta-se, a rapariga vende-lhe a hortalíça, conversam. Mario correu as cortinas de cretone.

António ajustou à cabeceira da cama o lençol de baixo, aos pés o de cima e os dois cobertores. Com cuidados maternais, alçou o virol de renda, de textura suave, para cima dos cobertores e desfez os vincos à coberta. O febrão regressava e Mario suplicou-lhe que cerrasse as venezianas e abrisse a cama. De pés e braços estendidos, esperou que ele lhe descalçasse as babuchas e lhe despisse a camisa de noite, para ficar apenas em coturnos e em calças de baixo. Não precisou de se afastar, nem de ter medo. Foi um favor que António lhe fez. Um banho de óleo de rosas morno – morno, não, quase frio – reduziu-lhe a temperatura corporal. Voltou a deitar-se. O que precisava era de dormir.

No dia seguinte, o telefone tocou quando Mario se preparava para o banho.

– René-Fabrice Chantal.

– Mande subir.

Mario proibira-se de o ver. Nunca mais. Era melhor assim. Não que tivesse alguma coisa contra ele. Mas, porra, podia tê-lo avisado antes. Assim, ter-se-ia precavido. Preparado. Mas à queima-roupa, não. O farmacêutico, que ele vira René desflorar, haveria de propalar a ignomínia de Mario, caso visse os dois juntos. E ele tinha *Orpheu*, a amizade de Fernando Pessoa, José Pacheco; escrevia na *Contemporânea*; era *habitué* dos cafés, em Lisboa e em Paris, tinha reputação. Como

se explicar à escumalha? Como explicar aos amigos, ao pai e, acima de tudo, à Ama, que andava a foder um homem? Apesar de tantos progressos civilizacionais, espelhados em alguns dos seus poemas sob o impulso dos pederastas Marinetti, Walt Whitman e Fernando Pessoa, não se esquecera de que fora criado para se pôr em cima de uma mulher, com ou sem prazer. O mais próximo que tinha do afecto por uma mulher era a dependência orgânica de Fernando, mais forte que a do ópio; a amizade parisiense mais sincera, com o artista Carlos Franco, ausente ao serviço dos Aliados, e por cujas notícias tanto ansiava; e a confiança em José Pacheco, que prometera levar-lhe as malas extraviadas em San Sebastián, mas sucumbira às tarefas provincianas de Lisboa.

Como o cumprimentaria? Não saberia onde meter as mãos, que dizer numa circunstância em que, não sendo meros conhecidos, também não eram amantes. Como enlaçaria as mãos nas de René? A que distância o cumprimentaria? Tirar-lhe-ia o chapéu? Pendurar-lho-ia no cabide atrás da porta? E os sapatos? Nunca descalçara os sapatos a um homem. Nunca desapertara a um homem o nó da *lavallière*. Nunca desabotoara uma sobrecasaca. Talvez não fosse sequer preciso. Mario era um indivíduo passivo, nunca se antecipava, aguardava um gesto, um aceno, um cumprimento, antes de avançar. Só se o outro lhe desse um sinal, arriscava um sinal semelhante, nunca do mesmo nível, sempre aquém, por feítio, teimosia, inércia. Mais fácil seria se estivesse em Nova Iorque, Barcelona, Macau, onde se pode ser tudo e nada, segundo se diz. «*Whisky?* Ponche?» A bebida a queimar a garganta, a escorrer pela goela, aproximá-los-ia e ele, de costas, atirando as mãos para trás, enlaçá-las-ia nas de René.

A bem dizer, René não o surpreendeu. Porquê, então, o temor? Só agora repara: quando o viu vestido de mulher, no trem que os conduziu a San Sebastián, e depois já em Paris, no teatro de variedades, no hotel ou em casa, leu-lhe nos lábios um tremor masculino. Ansiou até por ter ali à frente um homem, imaginou cenários em que ambos rolassem pela encosta de um monte, deslizassem num barco ao som das violas de um fandango, corressem de mãos dadas na planície seca

do Alentejo. Ficaria até feliz se viesse a meter-se em apuros por se entregar a ele. Mas rogaria ao pai e à Ama que não se preocupassem, que o deixassem livre, que o sexo tem tantas cores quantas as do ipê.

Mas, se ele surgisse à sua frente no quarto do hotel, vestido como René ou travestido como Hélène, tanto faz, que faria?

Se, por absurdo, tal viesse a suceder, dar-lhe-ia um abraço, um beijo, um aperto de mão. Eram polidos. Os homens têm afectos desinteressados. Ninguém levaria a mal. Mas não mais que isso. Aquele encontro sexual, nos bastidores das Folies-Bergère, ao som da polca, sobre um fardo de palha, fora um equívoco, um erro despropositado.

Mario sentiu uma tontura idêntica à do dia anterior: o febrão voltara e ele, que recusara a canja de galinha com cenoura e gema de ovo preparada por António, estava com fome. Não sabia, aliás, se era fome ou simples fraqueza. Ordenou ao criado que se retirasse, mas que deixasse a porta entreaberta, para receber o senhor René-Fabrice Chantal.

À entrada da suíte destacou-se a silhueta de um homem de pouco mais de trinta anos, com cerca de um metro e oitenta, espadaúdo, cintura de vespa, mãos finas, mas pernas robustas e pés avantajados. O fato cinzento assentava-lhe na perfeição, sobre uma camisa alva ornada por folhos, com botões de madrepérola. O que mais chamou a atenção de Mario foi a protuberância evidente sob as calças, como nunca imaginara ver num homem, tal a vantagem que tinha sobre a dele.

Mario ainda não tivera oportunidade de se banhar horas e horas, como era habitual nas manhãs, inspirar as fragrâncias de rosas e eucalipto colocadas no rebordo da tina, abrir o peito e respirar doze vezes na mesma cadência, e produzir espuma com as pernas, como se estivesse a manobrar um barco a pedais, e espalhar espuma pelo rebordo da tina.

Despejara inadvertidamente sobre o soalho água que chegava até à latrina. Gostava de caminhar com os pés molhados e imprimir pegadas pela suíte, em direcção à cama, e de adormecer inalando a humidade, de boca aberta, a resfolegar, como um cavalo.

– Mario – exclamou René, ao entrar.

– René – respondeu Mario, ajustando a toalha acima do umbigo.

René estendeu-lhe o braço. A toalha soltou-se e ele cruzou as mãos sobre o sexo e encolheu as pernas. O peito flácido caía-lhe sobre a dobra superior do tórax, em harmonia com as peles que se estendiam abaixo do umbigo até ao púbis, velando um ser de que facilmente se teria desenhado se não se desse o caso de urinar várias vezes de dia e uma só de noite e, muito esporadicamente, de se masturbar, fantasiando com os bailarinos das Folies-Bergère, de bela estatura, elegância de gestos e proeminências sensuais.

– Não devias ter vindo.

– Passo por cá amanhã, antes de ir para o Gaîté... Se preferires...

– Não é isso – respondeu Mario, encaminhando-o para o canapé –, não devias mesmo ter vindo.

– Estás a coxear?

Mario batalhava entre beber um chá ou um ponche e iniciar uma conversa sobre um tema que muito bem conhecia ou assumir que estava com um febrão e conduzir René à saída, com bons modos, evitando um corte radical, mas não lhe permitindo avanços, por saber de antemão aonde o levariam.

– É falta de ar – respondeu, ofegante, perscrutando a reacção de René, de uma seriedade incomum.

– Sabes muito bem que não devias andar descalço. – Aquele tom de intimidade espontânea não era usual quando ele era mulher. – Está bem, eu sei que as tuas babuchas estão puídas e os artelhos espreitam pelos buracos que lhes fizeste. Já te deste conta de que podias ter comprado chinelos novos? Então, Mario, meu querido?

– Tenho andado doente e... também não queria pedir favores a ninguém.

Como é que ainda não se dera conta disso? Mario resfolegava, congestionado, a assoar-se constantemente, a encostar a mão à fronte de minuto a minuto, talvez para medir a temperatura do corpo. Tinha ramelas nos olhos e a tez pálida. À vista, estava encolhido e murcho, o sexo mais pequenino do que no dia em que se deixou abraçar e apanhar por detrás, nos bastidores do cabaré, enquanto ele o fodia. René

desceu as mãos até aos testículos, teve dificuldade em encontrar-lhe a gaita, menor que um apito, imprestável.

– Vá lá, apoia-te ao meu ombro, levo-te para a cama.

– Ai que me magoas. – Mario sentiu o pulso de René a apertar-lhe o abdómen. – Pronto, já cá tenho uma nódoa negra. Que bruto! Não preciso de ajuda. Estás a ouvir? Chega-te para lá.

– Não sejas maricas... Senta-te aqui.

René acendeu o pavio de uma lamparina e colocou-a sobre a namoradeira, junto ao canapé. A chama borboleteou no rosto de Mario, tingiu-lhe os lábios de um tom mate e contaminou-lhe o rosto.

– Vês? A febre aumentou e a culpa é tua. Apaga essa porcaria.

Mario desprezou a ajuda de René, que lhe emprestou o braço para se erguer, mas as pernas vacilaram e segurou-se de novo ao seu ombro, entregou-lhe a mão, deslizou o braço pelo braço dele, foi conduzido para a cama.

– Estás muito passivo.

René enxugou-lhe o suor, aconchegou-lhe os pêlos, pôs-lhe a camisa de noite.

– Que queres? Já me conheces.

– Não te deitas?

– À tua frente?

– Alguma objecção?

– Pensei...

– ...

– E não podias fazer tudo parecer menos fácil?

– Está a ser fácil?

– Acho que sim.

– Cala-te, vira-te de costas.

– Podíamos correr as venezianas, desligar a luz, apagar a lamparina...

– Mais algum pedido de Sua Excelência?

– Já que é assim... despe-te tu primeiro, antes de pores o quarto às escuras. Quero ver-te nu.

René virou-se contra a parede: não trazia qualquer peça por baixo das calças. Nem da camisa. Mario ordenou-lhe que se pusesse de frente, «sem te aninhares», os braços ao longo do corpo, as pernas afastadas. René deixou à mostra uma picha flácida, curvilínea, contornando uma bola recheada com o formato das almôndegas, talvez até dos bolinhos de bacalhau ou mesmo das empadas de galinha que a Angelina confeccionava em Camarate. Mario nunca pensou que lhe fossem tão apetitosas ao paladar ou ainda que, quando o pai o quis enxofrar de comida pela goela abaixo, aquelas bolas de carne lhe viessem a saber tão bem ao paladar, ao tacto, à visão, enfim, a todos os sentidos.

– Não te cansas?

– Como posso cansar-me de vinte e dois centímetros de comprimento por seis de diâmetro?

– Não exageres.

Mario engolia uma daquelas empadas, ou melhor, fingia engolir, atafalhando com elas a boca, engasgava-se, tirava para fora, «Não se faz isso, Menino, comporte-se», voltava a engolir, «Assim é que eu gosto», pedia mais, «Atenção às migalhas», insistia para lhe encher o prato, «O pequeno come que é uma bênção», voltava a engasgar-se, a saliva a escorrer pelas bordas dos lábios, «Não sejas glutão», limpava-se à toa-lha, «Olha lá, não tens o guardanapo?», ficava sem fôlego, «Comesses devagar», passava as mãos pelas nádegas de René, «Isso, não», René enfiava os dedos por trás, fazia-lhe cócegas, fazia-o rir, desviar a atenção dos croquetes, balbuciar a pedir desculpa, engolir de novo, e aquilo a crescer na boca dele.

«*As grandes Horas! – Vive-las, a preço mesmo dum crime!*», escrevera ele dias atrás.

– Onde costumás meter a doçaria?

– Reféres-te aos profiteroles ou aos *canelés*?

– A ambos, c'um catano!

– Queres mesmo saber?

– Não, agora não.

– Então, vira-te... põe-te de quatro... abre as pernas... desce um pouco... não tanto... arrebita as nádegas... faz pressão na coluna...

vá lá, tu consegues... abre mais... não tanto... deixa comigo... a mão quieta... ai!... deixa-te estar...

Mario não se voltou a mexer e o outro manuseou à vontade o corpo dele. Hélène transfigurou-se no corpo de René, ou o contrário. O que ela tinha de maquiavélico, ele tinha de doce, e isso confundiu Mario. Gostaria talvez de ter um homem de ademanes líricos, que o fizesse sentir menos vulgar. Mas não. René era o típico homem da cidade, vivido, inteligente, e soube manobrar o corpo dele tão bem quanto a alma. Por isso é que o dispôs bem antes do acto sexual, cobrindo-o de frases, como um caderno de leitura. Não teve pressa. O sexo faz-se devagar. O sexo não importa. O que importa é a filosofia que o envolve. E René confessou-se apaixonado por Mario. Adivinhou-lhe os pensamentos, disse-lhe que o seu corpo era um livro perfeito (não gostava de livros) e que o seu cólofon, diminuto, pouco caso fazia, conquanto ambos se entregassem, no momento X, com igual intensidade, à penumbra de uma vela acesa, cuja chama, por si, incendiava o amor.

Mario acreditou em tudo quanto René lhe disse, naquela noite, e, no fim de um campeonato de sexo, quando ficou só, diante do espelho, pareceu-lhe que estava mais jovem do que na véspera e que algumas rugas do rosto tinham desaparecido, que o sombreado das sobrancelhas se tinha atenuado e que passou a exhibir um rosa-violeta na face, como a filha de Luís e de Angelina, ainda moça, ou o namorado dela. O sexo era capaz de muitas coisas, de lhe trazer a felicidade de volta, ou o que seja, mas nunca pensou que o rejuvenescesse.

Porém, como qualquer outro fenómeno da natureza, tais efeitos não perduraram. Duraram umas horas. Como um cepo que se encosta ao trasfogueiro a soltar esquirolas de carvão à medida que o fogo se extingue. No dia seguinte, Mario precisava já de outro cepo. Aquele desligara-lhe a alma.

A alma dele, na vitrina de um antiquário. E ele, a observá-la, do lado de fora, sem a poder comprar.

CAPÍTULO 17

Meu alvoroço de oiro e lua

– Fazia-te bem sair.

– Não é tarde?

– Lá estás tu a arranjar desculpas.

– ...

– Olha lá, como fizeste para te livrares de Hélène?

– Isso é diferente.

– Não te arrependas das decisões... das acertadas, por assim dizer...

Mario centra o copo de ponche na bandeja, alisa as pontas do linho que a cobre e deixa espaço para o outro copo e a garrafa.

– *Voilà*: a estética das coisas perfeitas!

José d'Araújo adivinha-o num estado de sobressalto. Talvez lhe faça bem andar na rua à noite. Apanhar com o frio na cara, ter de se encolher na sobrecasaca e friccionar as mãos. Ouvir o estalar das berlinas no empedrado. Encandear-se com os vaga-lumes das vitrinas. Aquecer-se com um *Pernod à l'eau*...

– Vou deitar-me. Quero ficar estendido... Se quiseres, vai embora. Mas volta na quarta-feira. Às oito horas em ponto. Estarei de *smoking* à tua espera.

José fica.

*

O nascimento original de Mario coincidiu com a sua primeira morte: não chorou, não abriu os olhos, nem mexeu os braços. A parreira extraiu-o pelos pés, como se ele fosse um coelho, e colocou-o

numa balança de mercearia forrada com um pano branco, puído e manchado de traça. Três quilos e meio. «Meu Deus», gritou ela, ao ver o rosto dele a enrubescer, da cor violeta do Senhor dos Passos. Pregou-lhe nas nálgas três bofetadas tão valentes que o acordaram, o trouxeram à vida. «Vai ser preguiçoso», vaticinou a mulher, retirando-o da balança para o limpar de líquido amniótico, gorduras, sangue.

O segundo nascimento ocorreu com uma nova morte, já que a mãe se finou, sem lhe dar tempo de se despedir dele com um beijo ou um abraço ou um simples «até breve». Estava na Quinta da Victória, onde se esperava que os ares da província restituíssem a saúde à senhora dona Águeda Maria, e por isso não se fez caso da doença dela. O Menino andava distraído, com um fato à marinheiro, meias a condizer, a brincar dentro de casa com um carrinho que o senhor Luís construíra com as estacas das videiras. Afastaram-no do espectáculo da morte, das velas, círios, coroas e palmas, água benta e rezas. Nem se apercebeu, dizia Angelina. No andar de cima, o Menino ouvia o coro das carpideiras, a ladainha do padre para a conduzir ao céu, um pungente piano em fundo e o rojar de pés no soalho. Sentou-se no chão, de pernas cruzadas, a desfazer o nó do nagalho com que lançava um pião. Ficou em silêncio durante quinze dias. «Transição pacífica», comentou o pai, quando o entregou à ama minhota. «Não vai dar trabalho nenhum.» E assim foi.

O seu terceiro nascimento foi semelhante à primeira morte e ocorreu quando instituiu a relação com Hélène, agora René. Como da primeira vez, ficou nu, com umas gordurinhas a mais, umas peles despiciendas, inerte. Se lhe custava respirar debaixo do amante, recebia umas palmadas que o arrebitavam. A passividade era em Mario estrutural, daí que, na cama, se pusesse de joelhos, se deitasse de bruços ou de costas com as pernas alçadas, à espera, sem que o outro lhe pedisse para se mexer ou fizesse um sinal.

Experimentaram diversas posições. Algumas eram desconfortáveis, mas Mario investiu no prazer de René, a quem ouvia palavras de amor cada vez mais frequentes. Isso bastava-lhe, era até mais do que alguma vez desejara.

Nos primeiros tempos, René apareceu-lhe com vestuário masculino. Impressionava como o homem tinha tantos fatos de corte, sapatos, gravatas, lenços de lapela e coturnos. Caíam-lhe bem, embora Mario preferisse o que lhe viu na primeira de todas as visitas. Não por ser o mais elegante, mas por desencadear nele recordações do fulgor com que foi amado.

René proibiu o namorado de o ver nas Folies-Bergère e no Gaîté e ainda de o interpelar na rua se o visse travestido. Passara a ser um homem como ele, assim tinha de ser dali por diante. Dois iguais. Mario obedeceu. Já não lhe interessava como mulher. Na verdade, nunca lhe tinha interessado a mulher que havia em René.

Mas o humor de René era volúvel, pelo que depressa mudou as instruções. Numas vezes, apareceu com meias de liga, chinelos, vestido, espartilho e touca. Noutras, com sapatos, coturnos, calças, camisa, casaco e chapéu. O rosto de ambas as personagens distinguia-se pelo efeito que causava em Mario. O de René apaziguava-lhe a alma. O de Hélène perturbava-o.

Nesse ínterim, na ausência do amante, Mario recebeu na suíte a visita de Araújo, Xavier de Carvalho e Jorge Fernandes. Os três estavam preocupados com o afastamento, a falta de notícias dele. Jorge Fernandes telegrafou à senhora dona Maria Cardoso, de quem recebeu informações vagas, mais desconfianças que certezas. Na carta, Mimi referiu o humor de Mario, a zanga com ele e os postais que se foram espaçando até não os receber, fazia já um mês. Para não alarmar o pai, informou-o de que o filho estava bem, Paris era uma maravilha, e sugeriu que lhe cortasse a mesada, pois o Menino era um perdulário, tinha corpo de adulto, talvez fosse boa ideia arranjar-lhe um trabalho a sério.

Xavier de Carvalho contactara, por fim, José Leopoldo, para lhe dizer que o neto andava melhor que nunca, mas que devia ir vê-lo. Que não o avisasse. O rapaz haveria de pensar que fora o avô a tomar a iniciativa e ambos sabiam como ele valorizava a espontaneidade do afecto. Aliás, aconselhara-se com Araújo e Fernandes – isto não dissera ao homem –, a carta foi um esforço colectivo de elegância e diplomacia.

José d'Araújo era, como se sabe, uma amizade recente de Mario, não tinha contactos de ninguém próximo. Mas trabalhava para *O Século*, haveria de mexer os cordelinhos de forma a chegar a Fernando Pessoa, por via da Livraria Brasileira – de Monteiro & Companhia –, e, se o conseguisse, aproveitaria o ensejo para descobrir algumas verdades sobre o amigo e, sobretudo, compreender por que raio Mario desaparecera sem deixar rasto. Talvez o pudesse ajudar.

Araújo demandou o Bureau des Italiens, para recolher as cartas que ainda lá chegavam, depois passou pelo Chope Parisienne, onde encontrou Fernandes e Carvalho, e os três debandaram para a Rue Victor Massé, a fim de visitar Mario. Lá chegados, falaram de *Orpheu*, sem que nenhum deles se interessasse pelo tema. Araújo confundiu o nome da revista, chamou-lhe «Corifeu», e foi corrigido por Mario. Os percalços por que a revista passara, o acerto – premonitório, disse – de tal título, faziam que jamais se aventurasse noutra, por mais voltas que a Terra desse.

Xavier de Carvalho não percebia a afirmação de Mario, mas discordava. Aquela revista tratava de mulheres e vinho? Não? Nunca vira um político honesto, de boas maneiras, urbano *comme il faut*. Os deputados, por exemplo, iam para o Senado de botas enlameadas, a fumar, a cuspir para o chão. Insultavam-se uns aos outros, aquilo era uma pouca-vergonha. Pior só na tasca. Não conhecia esse tal *Orpheu*, mas, pelo nome, devia ser um patife do Partido Independente, surgido do nada e sem nada para acrescentar à miséria nacional.

Jorge Fernandes contradizia Carvalho: o governo, insubstantivo, era o culpado pelo descalabro e os deputados não agiam mais porque estavam impedidos. Propunha destituir o presidente da República, incapaz de controlar a chusma. Nunca os vícios e as torpezas do espírito humano lhe pareceram tão evidentes. Era um verdadeiro horror! Uma mulher na taberna, de perna traçada e cigarro na boca, prenunciava o Apocalipse! E aquelas que se depilavam e usavam *soutien-gorge* para realçar as mamas, não se enfiava nelas. Eram as mais perigosas! Por trás daquela aparência feminina, ocultavam-se os desejos mais baixos. Algumas até cantavam no coro da igreja e, a seguir, entregavam-se

a outras mulheres. Que pecado! Mas o que mais o revoltava eram os homens que se deitavam com outros homens. Isso sim, era uma abominação!

– O assunto é muito sério, senhor Xavier de Carvalho, e requer decoro e contenção – interrompeu Jorge Fernandes, desmanchando com a ponta do dedo a auréola de vinho tinto no tampo da mesa.

– Que vem a ser isto? – ripostou Mario.

– É o meu juízo.

– Pois quero avisar-te de que estás no século vinte... E que houve uma revolução em Portugal.

– Foi mesmo, Mario? – disse Xavier, cofiando o cocuruto. – Foi mesmo uma revolução?

– Ah, por favor! Não achincalhes!

– Eu bem suspeitava que tu... Nunca me enganaste!

– Chega, Jorge. – Carvalho desviou um jarrão de louça da Índia da rota de uma beata de cigarro.

– Ora essa, temos aqui dois paspalhões a defenderem a imoralidade. Está bem de ver. Não abro mais o bico.

O agente comercial serviu-se do conhaque *Grande Champagne*, de 1900, numa taça bojuda de pé alto. O aroma envolveu-os numa inesperada boa-disposição. Sem querer desviar-se do clima de confronto que provocara, Carvalho interrompeu Jorge Fernandes, quando este aproximava o seu copo do gargalo da garrafa, dizendo, com um gesto de recusa:

– Basta-me meia taça.

Mario ciciou a José d'Araújo, supondo que os outros também o escutavam:

– Jorge é rebelde, antipático... Erra nas palavras, não nas ideias. No fundo, concordo com ele.

– Nós todos concordamos com ele – respondeu Araújo. – Ora bolas! Aos pederastas, é correr com eles como aos cães.

– Não prestam para nada! – Mario elevou a voz.

– Ámen! Ámen! Ámen! – concordou Jorge.

Mario suspeitava que o conhaque interferisse com as mezinhas recomendadas pela patroa para combater o febrão e não os acompanhou

no *brandy*. Consequência: estava mais tolerante às asneiras de Jorge Fernandes, às incoerências de Xavier de Carvalho e ao vazio da argumentação de José d'Araújo. Agradecia-lhes por terem aceitado a sua convocatória para aquele encontro, não tinha, aliás, palavras para lhes demonstrar apreço e gratidão, sabendo de todas as diligências feitas na sua curta ausência dos cafés e esplanadas. Mas a noite aproximava-se e ele precisava de tomar um banho e de calçar as suas babuchas, para se sentar a ler cartas e escrever de volta aos amigos e familiares. Detestava ter de dizer isso, não lhe levassem a mal, mas pedia-lhes que partissem. Marcou novo encontro para o dia seguinte, no máximo para daí a dois dias. «Nas Folies-Bergère?» Telefonaria para acertar detalhes, não se apoquentassem.

As diferenças entre Hélène e Zoina, a bela de cabelos loiros e tez rósea, sobreviviam à mente de Mario. Por momentos, ansiou regressar a Lisboa, para os lençóis daquela que nunca o ludibriou no sexo. Beijar-lhe os mamilos quase juvenis, quase inexistentes, tomar-lhe as coxas pálidas nas mãos, sentir o rosto afoguesar-se, o coração a galopar como o de um cavalo, o sangue a inflamá-lo por dentro... Queria ajoelhar-se ao lado dela num genuflexório diante do altar de Nossa Senhora da Boa Morte e, de olhos fechados e mãos cruzadas no peito, pedir à Virgem perdão pela ignomínia de que se sentia culpado, rogar-lhe que o salvasse, invocando os seus próprios méritos, sobretudo os projectos, as ideias, mais relevantes que os vitupérios. Prometer-lhe uma vida nova, alva, pura, imaculada, como o manto da Virgem; obediência aos preceitos da avó Maria José; a recusa da maledicência e do impudor; a submissão à alçada do virtuoso avô José Leopoldo, que lhe impunha regras de boa conduta. Ser, em suma, um filho dedicado, um cidadão exemplar e um cristão penitente.

Mas logo recordava as noites em que, rendido ao vigor de René, se sentiu mais humano, mais digno, como se aquele fogo em que os dois se consumiam fosse o combustível da vida. René, o macho de todas as suas quimeras, por quem os sinos da sua condição humana repicaram premonitoriamente desde os tempos remotos da infância, em fúria e força, capazes de romper os diques em que o contiveram o pai, a Ama,

os avós, Angelina e Luís. Ninguém seria capaz, a partir de então, de travar a torrente impetuosa da revolução que se desencadeou nele.

Àquela hora, René-Hélène brilhava nas Folies-Bergère.

Mario saiu, disposto a afastar-se dele. Não o queria ao seu lado. Não com tal intensidade que o fizesse a ele um fraco, incapaz de controlar a própria vida.

Correu para um fiacre. O cocheiro esporeou os cavalos.

Um amolador soprava uma gaita de porqueiro, glissando, com melismas de entremeio, o apelo para se afiarem facas, tesouras, gumes, cutelos, se colar a louça partida e consertarem as panelas e os chapéus-de-chuva.

Mario caminhou em direcção à Rue Blanche. À direita, a Igreja de Notre-Dame-de-Lorette tinha as portas entreabertas. Entrou, ajoelhou-se diante da Virgem, para lhe pedir que o acompanhasse até a casa de René.

Quando saiu, passavam na rua dois calafates; criadas de servir, com redingotes e saias de prega; crianças, chutando bolas de trapos; um carro eléctrico a despejar gente de guarda-chuva no largo da igreja.

Refugiou-se debaixo de um alpendre, diante de uma vitrina de dois metros de largura por dois de comprimento, com ferro forjado à volta e encaixes para correr e uma portada de metal, encolhida no topo. A chuva engrossou. A praça depressa se esvaziou. «Olha, tantos brinquedos!» Esqueceu-se do propósito que o levava à Rue de Fleurus. Pensou de novo em René como amante e nos jogos que fazia com ele na cama, puxando-lhe a ponta do cabelo, mordendo-lhe os mamilos e fazendo-lhe cócegas nas plantas dos pés. «E se eu lhe oferecesse um brinquedo?»

No interior da montra, havia um baú rectangular de madeira gasta, com cerca de um metro de comprimento por dois de largura e cinquenta centímetros de profundidade, apoiado em rodas de ferro, entreaberto: espreitava para fora dele um bonito de madeira, com sapatos de couro, vestido de seda, chapéu de palha e colar de pérolas; argolas decoradas com fitas; uma girafa esculpida em pau-santo; um soldado de lata estampada com uniforme vermelho e azul; um chapéu de feltro.

Fora do baú, havia um pião de madeira pintado à mão, uma carruagem de ferro fundido em miniatura, puxada por cavalos, um automóvel descapotável esculpido em pedra-sabão, um boneco de palha de milho com roupa de tecido xadrez, uma almofada em forma de elefante e um conjunto colorido de blocos geométricos.

Chamou-lhe, sobretudo, a atenção o automóvel, um objecto azul, com duas portas laterais e uma na parte superior, por onde emergiam mini-passageiros, também azuis. Tratava-se de um pau-de-sabão oblongo; não podia ser levado à boca; não podia ser manuseado; caindo ao chão, esfarelava-se. Era, na verdade, daqueles objectos que se concebem só pelo prazer de os ver existirem. Lembrou-se, então, de quando Angelina perfumava a roupa no tanque, com o aroma ácido de limoeiro. E ele avançava para ela com um carrinho feito de estacas pelo Luís, abraçando-a, para se proteger da natureza, e pedindo-lhe colo.

Vento e chuva. Calças coladas às pernas. De nada valeu o abrigo debaixo do telheiro. As raras pessoas que por ali andavam fitavam-no com dó.

– Temporal maldito! – Mario sacudiu a sobrecasaca, à entrada da loja.

– Hoje é só tabaco e loteria – esclareceu, atrás do balcão, um homem de gorro com uma borla a tombar para os olhos e *peacoat* com gola larga a que faltavam alguns botões, levantando o olhar de um artigo de *Le Figaro* sobre o Bloqueio dos Neutros. Estava muito indignado com os carros eléctricos: a Compagnie Générale des Omnibus, não contente em fazer aumentar os preços dos serviços, sobrecarregava o povo com um avultado aumento das subscrições anuais! No dia seguinte, a Câmara reunir-se-ia em plenário para entregar uma reclamação formal a Monsieur le Maire. Já tinham sido recolhidas as assinaturas.

A verve inflamava-lhe as pupilas e os pomos da face.

– Quanto é o carrinho?

– Qual carrinho? O da caixa de brinquedos? – O homem apontou para uma arquinha de madeira, na vitrina à sua frente. – Hoje não

vendemos nada disso. É só loteria e tabaco, nacional ou de fora – e exibiu os estojos de cigarros e os bilhetes de sorteio.

O lojista pôs um carrinho de corda em cima do jornal que estava a ler e fitou Mario.

– Aprecio o soldado de lata, o pião e a carruagem de ferro – disse Mario, com um sorriso esperançoso. – São os meus brinquedos preferidos.

– Só vendo tudo junto. – O homem afastou a borla da testa. – Oito francos e noventa. E então, quer tabaco? Loteria?

– *Gauloise*, tem?

– *Gauloise*, não, mas tenho *Gitane*, serve?

– Vai antes aquela caixa de *Chesterfield*.

– Faça o favor.

Mario pagou a despesa com uma nota de um franco e recebeu de troco um vaso de amores-perfeitos.

– Amanhã, cá estarei para vir buscar os brinquedos. Reserve-mos, por obséquio – disse, já na via pública.

Chegou ao topo da Rue de Fleurus quando René regressava a casa, saltitando sobre a valeta, para evitar um charco. Vinha dos ensaios nas Folies-Bergère. Sofria de um torcicolo e não podia olhar para trás. Escurecia, continuava a chover. Ninguém por perto. Mario envolveu-lhe os ombros com a sobrecasaca, inalando o seu cheiro doce a água de rosas, impregnado na blusa. Suspirou. Não disse patavina. Conduziu-a pela sarjeta.

– O que foste fazer?

– E tu, que vieste cá fazer?

Mario retirou de dentro da sobrecasaca o vaso de amores-perfeitos murchos.

– São para mim?

– Deixas-me entrar? – pediu ele, afagando uma aglaonema que verdejava num cachepô junto a uma coluna do vestíbulo.

– Tens de lhe pôr água! – Hélène assentiu com a cabeça.

– Como está o febrão?

– Melhor... um pouco... já consegui sair...

- Bem vejo.
- Vim para...

Mario tinha ensaiado algo como: «Sabes, sou poeta, a minha alma procura o inefável... E isto tem sido uma trapalhada... Nunca tal me aconteceu...»

Mas o que lhe disse foi:

– Não durmo há duas noites. Ao princípio, pensei: «será dos lençóis, já velhos?» e mandei trocá-los. Mas, não. Às duas por três, o problema sou eu.

– Isso é da febre – disse René, descalçando os sapatos Adelaide. – Tens tomado o *Byrolin*? A estriçnina? Então, não faças caso disso.

Quando chegou à sua suíte, e depois de descalçar os sapatos, Mario de Sá-Carneiro escreveu os seguintes versos numa folha com o timbre do hotel:

*Meu alvoroço de ouro e lua
Tinha por fim que transbordar...
– Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar.*

CAPÍTULO 18

Um frenesi hialino arrepiou

– Não ias descansar? – José d’Araújo espreita para o exterior, onde cai, abruptamente, a noite.

– Pensas em ir embora?

– Não é isso. – Ajoelha-se à frente do amigo. – Mas pareces exausto.

– O cansaço já cá estava quando chegaste. Caso não tenhas notado.

– Será por causa daquela senhora?

– Hélène? Que tem? – Mario abotoa a camisa no colarinho e amarra, no sapato, um atacador que ameaça soltar-se. – Já sabes que Hélène me visitou ontem. Vestia um *lampshade* magnífico pelo qual despendeu três ou quatro meses do salário das Folies-Bergère.

– Ah, isso ainda não tinhas dito.

– Vinha estonteante! Devias tê-la visto!

– Já disse o que penso a esse respeito.

Mario cruza a perna esquerda sobre a direita. José boceja.

*

Duas semanas depois, ainda dependia organicamente de René. Na verdade, as preocupações vinham ter com ele ao quarto, atropelavam-lhe o sono, revolviam-se nas almofadas de cetim da cama, onde reclinava a cabeça, despenteavam-no. E, ao acordar, o menor contratempo fazia-o ansiar de novo pelo aço do peito de René, por cuja respiração desejava ritmar a sua.

O amante tinha livre-trânsito no hotel, o que para o hóspede era uma satisfação. Com efeito, a patroa tratava-o quase como cliente, mandando abrir-lhe a porta, acompanhando-o às escadas, oferecendo-lhe ocasionalmente um xarope, uma granadina, uma mexerufada feita por ela com os licores que certos clientes deixavam para trás, no quarto, antes da saída.

Só a versão «Hélène», por vezes, com um ar de espiã boche, impermeável de gabardina, lenço verde amarrado ao pescoço, brincos de lata nas orelhas, um leve batom nos lábios e botas de cano alto, era impedida de avançar no hotel sem que lhe verificassem a bagagem, a revistassem de alto a baixo e a inquirissem sobre o motivo de tão frequentes visitas. Atitudes a que René não achou graça e que, por isso, o demoveram de se apresentar mais vezes no feminino, passando a fazê-lo apenas quando vinha das Folies-Bergère e não lhe apetecia mudar de género.

Lá em cima, despojado da indumentária, removidas as meias de ligas e o *soutien* e os chumaços que lhe criavam mamas e glúteos, o amante controlava as cartas que o poeta expedia, instruía-o sobre como gastar dinheiro, exigia-lhe explicações sobre atitudes que ele não compreendia ou desaprovava. As intervenções de René extrapolavam o zelo do namorado exigente. Mario, por sua vez, não parava de lhe retribuir a dedicação. E foi assim que lhe ofereceu a máquina falante que ele tanto almejava, e ainda uma caixa de brinquedos-fantasia, com uma pistola para espantar os soldados, um zepelim, um trem de cozinha, um conjunto de sabões de diferentes formatos e cores, um arlequim, uma máscara e uma bola de trapos. Cinco contos de réis.

Por aqueles dias, já Mario se arreliaava com António, o novo *valet de chambre*, muito menos atencioso que os anteriores, desajustado ainda do cosmopolitismo do Hôtel de Nice, desastrado na forma como enrolava o laço ao pescoço, como ajustava o cós das calças às fraldas da camisa e, sobretudo, como enfiava na cabeça o quépi, sem qualquer elegância, deixando de fora as guedelhas. Já o tinha avisado: antes sequer de bater à porta, cuidasse de se ver ao espelho – um espelhinho que qualquer homem de bom gosto traz no bolso. Procurasse

nas gavetas do hotel, havia ali objectos perdidos, não valiam um ceitil, e desenrascavam quando era preciso. Mas tivesse cautela, já lhe tinha surpreendido duas ou três inconfiências com os outros criados e a paciência tem limites.

Mario desabafou com René sobre o assunto, mas o amante, com predilecção por homens portugueses, fogosos, atribuiu a sua esquisitice a uma tristeza patológica de que apenas se livraria se voltasse de vez para a estricnina. Ainda assim, René encarregou-se da arrumação do quarto de hotel, passando a classificar os pertences de Mario pelo critério usado nas Folies-Bergère: «pronto a usar, fora de uso, a adaptar». Mario apreciou as sugestões que ele lhe dava. Assim, o *valet* foi obrigado a recolocar os objectos nos locais certos, segundo a taxonomia recém-criada. Tal arrumação dificultou o acesso às peças. Consequência: para não ter de as procurar nos gavetões, gavetas, prateleiras, cabides, caixas, Mario restringiu ainda mais as saídas e, quando o fazia, usava, invariavelmente, o mesmo vestuário e calçado. Entretanto, as ceroulas dele rasgaram-se. Um movimento com as pernas mais abertas que o costume, e zás! Telegrafou a Fernando Pessoa sobre a urgência de comprar umas novas, mas, antes disso, como estava falido, foi mitigando o frio com dois ou três pares de calças, enfiados uns sobre os outros, nas pernas, e aquecendo-se em cobertores.

O Hôtel de Nice não lhe fornecia a quantidade de madeira necessária para se aquecer e por isso Mario racionou o aconchego.

René ensinou-lhe uma oração a Santa Helena, padroeira do bem-estar. As mãos sobrepostas, ao peito, a cabeça reclinada, os olhos semicerrados, caídos no chão, o bailarino pedia à Santa o calor necessário para reconfortar o amante, alternando, na súplica, pedidos de fartura para ambos e que a um não faltasse dinheiro e ao outro juízo. Mario, quase sempre espectador passivo das preces, sentia, no final de cada uma, invariavelmente, um desejo incomensurável de beber chá e comer chocolates, costume que já quase tinha abandonado, mas que agora remediava a escassez de conforto a que René aludia.

A massa pingava no mealheiro de Mario e René sabia disso. René retinha-o no quarto – não era difícil –, envolvendo-o nos braços,

beijando-lhe o pescoço, fazendo-lhe cócegas a meio da coluna vertebral. Deixou-o amealhar. Até que, um dia, tendo ele uns trezentos e cinquenta francos em numerário na gaveta, a despesa no hotel por regularizar, René, que naquele dia aparecera na versão masculina, anunciou:

– Hoje vamos às compras.

Mario não saía do Hôtel de Nice há duas semanas e, quando transpunha o umbral da porta da suíte, era, no máximo, para descer os quatro lanços de escadas – o ascensor ainda não fora consertado –, para almoçar ou jantar no salão ou para cavaquear com a patroa, a quem actualizava as queixas contra o criado português. António circulava com alvejantes e ceras e cumprimentava-o como se nada se passasse, pedindo licença para continuar o serviço. Nada dissuadiu Mario de prosseguir as queixas. «Não se preocupe», ripostou a patroa, «e você vá dar uma volta, estar sempre encafudado só lhe faz mal».

– Como justificas que eu me vista desta forma quando tu tens tanta massa na gaveta? – René ajustou a gravata por baixo do casaco. – E não me digas que precisas dela. Nunca saís para lado nenhum. A propósito, como está a questão das malas?

– Pedi a José Pacheco para as procurar em San Sebastián – retorquiu Mario, enfiando a cabeça no guarda-fatos.

– Quero visitar a loja de Paul Poiret, o rei da moda. Já noutra dia te falei dele, lembras-te? Não? Não interessa.

– ...

– Veste-te lá, calça uns sapatos decentes. Esses não, estão puídos, és cego? – continuou o amante, escolhendo-lhe uns, a estrear. – Sem lamúrias.

Mario calçou meias com estampas, vestiu uma camisa azul, enfiou um fato de linho amarelo, pôs uma gravata cor-de-rosa ao pescoço e uma flor vermelha na lapela.

– Que merda! – exclamaram os dois em uníssono, quando o vento e a chuva lhes apareceram à saída.

O temporal dava a Mario razões de sobra para permanecer no quarto de hotel, sentado na *chaise longue*, diante do trasfogueiro,

a rabujar contra o rojar de pés no soalho do piso superior, os estampidos de portas a bater, ou a regar as samambaias nos lambris das janelas.

Buzinas. Luzes. Freios.

Avançaram para sob o toldo de uma loja de miudezas. Um letreiro afixado à vitrina por um prego anunciava «Je reviens tout de suite». Lá dentro, no balcão, abria-se um periódico com uma folha dobrada em ângulo obtuso e um cinzeiro com pontas de cigarro por cima. Mario abotoou a camisa junto ao pescoço. Não se lembrava de um frio como aquele: os calceteiros, que desobstruíam as valetas, de pá e enxada, protegiam-se com sobretudos pesados, botas de camurça e barretes a cobrir-lhes as orelhas. Caramba! Não era Janeiro nem Fevereiro! A fazer fé na intempérie, não usaria tão cedo fatos de linho!

Na embocadura da rua, um homem de avental desviava-se das poças e declives, ziguezagueando por debaixo dos toldos do comércio. Trazia ripas de madeira numa mão, uma enxó na outra, um livro debaixo do braço e um lápis na orelha. Ao aproximar-se, perguntou-lhes se já tinha andado à roda. Mario respondeu que não sabia e ele abotoou as calças por baixo do avental, puxando a braguilha para cima, com uma elevação simultânea de ombros. Implorou-lhes que fossem simpáticos com ele e que o deixassem passar à frente. Mario e René não estavam na fila, apenas aguardavam que a chuva abrandasse. Estivesse, pois, à vontade. O homem foi falar com um casal que discorria sobre a Revolução Mexicana enquanto aguardava a abertura do bazar. Eram muito boas pessoas se o deixassem ir à frente, disse-lhes, mas não queria confusões nem ofensas.

– Oh! Olha para a nuvem!

Mario virou-se para contemplar o gigante negro. A nuvem parecia uma bola a rojar uma extensa cauda de chuva. De súbito, atroou e arremessou relâmpagos. Impelido pelo vento, um trovão foi reverberar na margem direita do Sena. Os dois amantes encolheram-se contra o ferro lanceolado da vitrina, procurando escapar à água projectada pelos automóveis.

Abrigaram-se dois homens sob o mesmo toldo.

– Vem para aqui – disse um deles, virando-se contra a chuva.

– Que grande lorpa tu foste – disse o outro, puxando-o a si. – Não te tinha dito que ia chover?

– Vá, não sejas chato.

– Beija-me na boca. Dá uma dentadinha... morde aqui... podes magoar.

– Ah, sua grande porca!

Um dos homens ia requebrando a bacia à medida que o outro o excitava, ambos alheios à chuva, que lhes ensopava as calças. O marceneiro, a dois palmos deles, desembaciava os óculos e olhava em redor, com um misto de espanto e repugnância, a ver se alguém punha cobro àquela falta de decoro. O casal que há pouco perorava sobre a Revolução Mexicana interveio:

– Vão-se embora, patifes!

Por momentos, Mario temeu que fosse para si e para René. Como é que não calculara que se expunha em demasia quando circulava com o amante, mesmo que com todas as cautelas?

Ninguém acreditaria nele se dissesse que tinha saído com um amigo que mal conhecia – uma mentirinha inocente, para evitar embaraços – e que, devido ao temporal, confluíram debaixo de um toldo com dois indivíduos que perderam a vergonha ali mesmo e se foderam à vista de todos – «foder» não seria a palavra adequada nem para os colegas de *Orpheu* nem para os matulões da universidade. Muito menos para Camarate. «Fornicar», seria aconselhável. Não, «copular», talvez. Também não! Diria antes: «Olho à volta de mim e quando me dou conta há dois homens na mais pueril contemplação. *Um frenesi hialino arrepiou para sempre a minha carne e a minha vida.*» Diante de relato tão inocente, o pai, o avô, todos haveriam de acreditar nele e decerto até lhe achariam graça, concluindo, entre motejos e advertências simpáticas, que Paris era uma merda, já não bastava a guerra e os soldados andarem de um lado para o outro, e que seria melhor acautelar-se dos perigos, se calhar até regressar a Lisboa ou juntar-se, em Lourenço Marques, ao Engenheiro Carlos Augusto e à sua recém-esposa, dona Maria Cardoso de Sá-Carneiro. Sem dramas.

A primeira pedra fez ricochete contra o ferro lanceolado da vitrina.

– Era capaz de vos envenenar – investiu um transeunte, que empurrava um carrinho-de-mão no sentido contrário ao jardim.

– Estás a ouvir, René? Estás a ouvir? Eu sabia que isto podia acontecer.

– São doentes, caralho! Arreiem neles!

– Co's diachos! Vamos embora!

– Vão dar-lhes cabo do canastro.

Mario desviou-se de um pedregulho. Torceu a boca, rezou a Santa Helena, a padroeira dos ricos, como René lhe ensinara.

(Por que motivo o amante não o tinha apresentado ao santo dos pederastas?)

A notícia de dois homens a beijar-se deve ter chegado aos *bouquinistes* da margem do rio, a quem os supersticiosos compravam amuletos e ervas de cheiro. Alguns, conhecidos de Mario, testemunharam a ocorrência. Um deles cumprimentou o poeta. Ia defendê-lo com uma faca na mão, não fosse perceber que o homem não tinha nada a ver com aquilo.

– Querem matar-nos! – exclamou um dos visados. – É o que é!

A última pedra acertou em René, que desatou a gritar e acusou Mario de maus-tratos.

– Sou culpado de tudo. – Mario «lembrou-se» de que se não tivesse sido sua a ideia de visitar as lojas de um tal Paul Poiret, onde, tinha-lhe dito o amante, se praticava alta-costura com valores democráticos, os dois teriam ficado na suíte a beber chá de mandrágora e a jogar *écarté*.

Seguiram até à estação Pigalle, apanharam o metro na linha dois rumo a Anvers, um percurso breve até à linha um e, depois, à estação Concorde, a poucos metros da Rue Pasquier, na esquina da Rue Scribe, onde ficava a oficina de Paul Poiret.

René declinou o ombro de Mario. Ainda assim, queixou-se de que o amante só o escutava quando lhe prometia sexo e, por vezes, quando o convidava para o restaurante. René era um bom-serás, tinha paciência

ilimitada. Nele, as pechas, que as tinha, eram predcados. Mas desafiava-o a apontar-lhe uma. «É difícil», pensava Mario, a tentar lembrar-se.

Parou de chover e um breve sol irrompeu entre as nuvens.

A casa Paul Poiret estava identificada através de uma placa de latão com o nome do costureiro. Na montra, em primeiro plano, buquês de rosas e lírios, atados casualmente, como se acabassem de ser colhidos, tocavam com frescura e leveza os manequins, uns de saias rodadas, fluidas e livres, e corpetes bordados de alça, outros de túnicas *abat-jour* ou harém, outros com drapeados. Um deles espiava por uma janela cénica e entregava a outro, vestido com algodão azul, no lado oposto, um casaco de pele de raposa. Uma modelo parecia desfilas ao lado dos manequins, salpicando-os com as pétalas das flores imaginárias de uma cesta de vime.

Os dois sacudiram os casacos à entrada e penduraram-nos num cabide junto à porta, deixando o chão a pingar. Ao transpor o primeiro limiar, acedia-se ao laboratório de moda de Paul Poiret, por uma porta giratória sustentada em roldanas, de onde emanavam as notas da cantiga «Sous les ciels de Paris, les robes virevoltent», que confluía num corredor adornado com guaches do ateliê Martine – triângulos, círculos, linhas entrelaçadas e detalhes de ouro e prata.

O costureiro Poiret materializou-se num fato de lã cinza e colete com botões de madrepérola, sobre camisa de seda rosa-pálido, fechada por gravata-borboleta em seda estampada.

– Bem-vindos!

O homem apontou para eles o anel de ouro com uma safira azul enfiado no dedo mindinho. Era um híbrido de artesão, camponês, cosmopolita, dândi, *flâneur*. Estava longe de ser magro, antes vivo e musculado, o que anunciava os seus trinta, quarenta anos. Convidou-os para o ateliê de costura, a fim de experimentarem as texturas, a delicadeza e a exuberância dos materiais. Em alguns tecidos, parecia vestir-se uma cantora lírica de uma opereta; noutros, uma bailarina; noutros ainda, uma poetisa.

A oficina era composta por uma mesa de carvalho envernizado em tom cerejeira com cerca de dois metros de comprimento por dois

de largura, apoiada em pés de ferro cru de dez centímetros de diâmetro, que terminavam num quarto minguante de pontas viradas para dentro, com estrelas banhadas a prata em cada extremidade. Sobre a mesa, ao lado de um gatarrão, um *chartreux*, cinzento-azulado que preguiçava numa nesga de sol, repousavam padrões, como se fossem blocos de granito, alguns marcados a giz cor-de-rosa, branco ou azul, com tesouras ao lado; caixas de botões de madrepérola e fitas de seda; dedais de aço pontilhados de vários tamanhos. Quatro máquinas de costura *Singer*, alinhadas na parede oposta à janela, operadas por um pedal; uma máquina de bordar com fios dourados e prateados no carretel. Duas tábuas de engomar em madeira, com saias rodadas por cima. Um espelho de corpo inteiro, reflectindo um manequim com um modelo *lampshade*, inspirado no Ballet Russo, de cintura império baixa, fluindo em camadas de seda e *chiffon* e terminando numa bainha rígida e circular semelhante a uma cúpula de quebra-luz. Caixas de agulhas, linhas e dedais. Fotografias a preto-e-branco de clientes famosas e algumas do próprio Paul Poiret.

Uma mulher deslizava a tesoura sobre o tecido, seguindo o traço do giz e o alinhavo; outra unia as bordas de um tecido, segundo as linhas traçadas nos padrões; mais à frente, outra modelava um veludo parcialmente costurado, no manequim, ajustando os alfinetes e dando forma a um vestido. Outra alisava uma peça, com vagar, removendo vincos e dobras. Adiante, outra experimentava o manequim diante do espelho e convocava Poiret para avaliar o caimento, a proporção e os detalhes.

René apontou para o *lampshade*:

– Quero este.

– É para oferecer? – perguntou o costureiro, com um sorriso cortês.

– É para mim mesmo.

– Minha querida – disse ele, segurando-lhe na mão –, permita-me um segredo: o *lampshade* é já uma luz comum, na alcofa de muitas damas. Mas o *hobble skirt*, este modelo que aqui vê... ah... o *hobble skirt* é... uma raridade... O *lampshade* é prático e funcional... mas

o *hobble skirt* é arte. Para mulheres extraordinárias como a minha querida... como é mesmo o seu nome?

– Renée Chantal.

– Madame Renée Chantal – prosseguiu o costureiro, dobrando o joelho para beijar a mão ao cliente –, a escolha é sua, mas lembre-se de que a vida é curta demais para vestir o que outras mulheres já vestem.

– Depende do preço – atalhou Mario.

– Os preços são semelhantes, senhor: quinhentos francos o *lampshade*, trezentos e cinquenta o *hobble skirt*. Mas olhe que a sua senhora fica a ganhar em ambos os vestidos – garantiu o costureiro, conduzindo René para o provador.

Não precisava de enchimentos nas mamas nem nas nádegas para se transformar em mulher: o *lampshade* fluía dramaticamente ao redor dele, descendo e subindo em espiral, e voltando a descer, como se fosse movido por uma engrenagem e esta o transportasse num halo de sublimidade e elegância. Nunca Mario o considerou tão perfeito.

O costureiro rectificou a bainha do vestido, para cair, na curva ascendente, um centímetro abaixo do joelho, e, na descendente, dois centímetros acima do tornozelo, deixando suspensas pernas esguias, marcadas de nervuras e uma suave penugem a dividir o corpo nas metades pelas quais se distribuíam texturas e padrões contrastantes.

– Está eternamente radiante, a minha querida.

Ao contrário do modelo anterior, o *hobble skirt* definia a silhueta esguia de René, mas confinava-o numa postura erecta e desconfortável.

Eram peças distintíssimas. Embora para ocasiões diversas. René sentia-se bem em ambas e foi fácil decidir:

– Levo os dois, o senhor Mario de Sá-Carneiro paga.

Paul Poiret, que não deve ter ouvido o nome dele, disse-lhe, estendendo-lhe a mão:

– Não o cumprimentei antes: qual é a sua graça?

– Mario, sem acento no «a»: Mario de Sá-Carneiro.

– Oitocentos e cinquenta francos. Estamos entendidos?

– Como vou pagar oitocentos e cinquenta francos?

– Assine uma letra, homem: tem um mês até vencer.

– ...

O gato, que ali estava, ao sentir o sol a desandar, saltou para uma prateleira. O costureiro puxou uma gaveta sob uma garrafa de tintura e tirou de dentro um papel branco e uma caneta de tinta permanente. Testou a caneta no papel. Examinou o rebordo. Traçou um risco e pôs nele uma assinatura.

– Agora faça você o mesmo. – Mario roçou o anel de pedraria do dedo médio. – Alguma dúvida?

«É legítimo», disse, por fim, para si próprio, reflectindo, não sobre o anel, mas sobre a promissória que assinou.

«Senhor Mario sem acento no “a”, acabou de fazer uma excelente merda, ao assinar a letra, e reze para que Mimi não descubra – caso contrário, conta tudo ao senhor Carlos Augusto e acrescenta o que o menino não quer. Adeus, fatos novos, botas de polimento, coturnos, presilhas, luvas, gravatas, laços, chapéus. A farra acaba-se-lhe num instante.»

CAPÍTULO 19

Paris da minha ternura

– Irrita-me essa tua postura sempre tão aprumadinha – diz Mario, com uma ruga a marcar-lhe a testa.

– E que esperas que eu faça, hem? – replica Araújo, com um encolher de ombros.

– Podias ao menos ter a decência de me mandar à fava, ora essa! – Mario faz crepitar a chama do trasfogueiro com um fole pequeno.

– Se o fizesse, tu davas-me ouvidos?

– Claro que não, homem de Deus!

– Pois então! – José d'Araújo lança um olhar ao relógio de bolso. – Parou às sete da tarde, rai's parta!

– Já lá vão as dez da noite. Quando me deitar, não me levanto mais. – Mario boceja e estende os braços.

– Que enormidade para aí dizes!

– Não faço mal a ninguém – diz Mario, abraçando-o. – Já a mim...

*

Nessa semana, Mario receberia notícias de Carlos Franco. O cenógrafo, outrora artista no ateliê de Alice Bailly, na Rue Boissonade, onde chegou a auferir duzentos francos mensais, ingressara no exército, assim que eclodiu a guerra: «se não estiveres em Paris, declinarei a licença», redigira ele. Concluiu que o amigo não iria a Paris se não fosse pelo camarada escritor. Obteria um suplemento financeiro para lhe retribuir a cordialidade que teve consigo durante

a sua estadia, em Paris, no ano anterior, incluindo almoços e jantares, cafés e bilhetes para o teatro. Inclínava-se a suplicar ao pai um extra na mesada e a restringir os próprios gastos. Reduziria as refeições diárias de duas para uma e limitaria as despesas aos bens de primeira necessidade, o que lhe permitiria ir com ele ao teatro de variedades e à Opéra Garnier, passear pelas margens do Sena e adquirir livros usados... sem esquecer a indispensável compra de um *smoking* para um jantar exclusivo no Grand Hôtel, e uma recepção para a qual convidaria José d'Araújo, Jorge Fernandes, Carlos Ferreira e Xavier de Carvalho. Três mil francos seriam suficientes para a sopa de trufas negras, *canard à la presse* e champanhe, predilectos de Carlos Franco.

Com o extra de mesada, Mario resgatou a promissória firmada no ateliê de Paul Poiret, regularizou dois meses de renda no hotel, adquiriu sapatos a condizer com o novo fato branco-pérola, que planeava usar num passeio com René ao Château de Versailles, liquidou uma conta enviada por Fernando Pessoa, relativa aos jornais provenientes de Lisboa, e assegurou uma provisão de ceroulas para escapar ao frio.

Mario cogitou a fuga. Mas para onde? A Europa era assolada pela guerra e Portugal não constituía alternativa. Viu-se obrigado a estabelecer prioridades. Tarefa árdua, já que o seu problema era sobretudo não ter dinheiro. Contudo, lembrou-se da máxima frequentemente citada pelo avô José Leopoldo, praticante da Misericórdia: «Devagar se vai ao longe», uma frase que, embora não garantisse a resolução imediata de todos os problemas, pelo menos oferecia a impressão de avanço paulatino, conferindo ao cérebro uma noção de plenitude e auto-satisfação, agora bem necessária.

Mario vivia em sobressalto e, mesmo quando ficava na suíte, sem jantar, nunca sabia onde terminaria a noite. Se naquela cama com dossel, o que muito lhe agradava, ou num cárcere, a remir as dívidas acumuladas na mesinha-de-cabeceira, dispostas, de cima para baixo, segundo uma ordem crescente de importância. Ao ver sempre no topo as facturas de menor valor, alheava-se, provisoriamente, da carga da responsabilidade que o asfixiava.

Mais que a penúria, consumiam-no as provas de página do número três de *Orpheu*, sobre a secretária, a acumular pó, ou no soa-lho. Talvez algumas folhas se tenham extraviado. Mario olhava languidamente para elas. Se alguém lhes pegasse, o Santa-Rita, o Almada ou o Luís Ramos... mas não. O primeiro queria apossar-se da revista, transformá-la numa vitrina dos seus próprios desenhos, anódinos, desprovidos de personalidade, clássicos e modernos, sem novas ideias. O segundo, por seu turno, seria uma opção válida, não estivesse ele tão presente em África quanto na Europa, o que, para assuntos cruciais, significava estar distante de ambos os continentes. Já a proverbial mândria de Luís Ramos, disfarçada dos seus múltiplos afazeres, tornava-o um faz-tudo que não se dedicava a nada. Também ele estava excluído. O pai de Mario decretara a morte de *Orpheu*. Qualquer tentativa de ressurreição teria de ser bem orquestrada, para não o melindrar. Contudo, Mario não renunciaria a ser, ao lado de Fernando Pessoa, figura central da revista, crendo que, quando um dia se falasse dela, também eles seriam lembrados.

René trouxe *cassoulet*, *petits fours* e um vinho ordinário que Mario saboreou como se fosse champanhe. A ingestão contínua da estricnina distorcia-lhe o paladar, e ele apenas distinguia os sabores pelo olfacto, não pelo gosto. René deduziu que Mario ficara mais susceptível à sua influência e não perdeu a oportunidade para encher a casa da Rue de Fleurus de pequenos artefactos, que ele pagava. A grafonola *Columbia* estava num canto sem charme, contra uma parede nua, ao lado de uma cortina. Era necessário pôr ali um psiché de faia, dos modernos, de folha lisa e acetinada, e uma senhorinha em cada extremidade, com saias de folhos multicolores a esconderem os pés e uns bordados com ponto Richelieu a adornarem o conjunto, nem tão diminutos que desvalorizassem os detalhes, nem tão amplos que ocultassem o tampo do móvel. Todavia, o que mais lhe interessava era *Arlequin*, um óleo sobre tela de um certo Picasso, sobre o qual o negociante de arte Ambroise Vollard lhe tinha falado e que, embora sem grande valor comercial, combinaria sobre a penteadeira, idealmente numa moldura com dourados barrocos. Mario

procurou o comerciante, através de Guillaume Apollinaire, que lho apresentou.

O quadro, embalado com papel de mercearia, aguardava despacho para a casa de uma colecionadora de arte. Picasso cedeu-o com relutância, entre sorvos de champanhe e de moscatel de Málaga. Mario transportou a obra de arte para a Rue de Fleurus, numa tarde de ensaios no Gaîté. Quando René chegou a casa, embriagado, descalçou os sapatos pontiagudos, libertou-se das roupas e adormeceu, sem reparar no Picasso. Mais tarde, ao deparar-se com o óleo sobre tela na parede do psiché, decidiu que ali não era o seu lugar e relegou-o para debaixo da cama, entre caixas de sapatos, penicos e almofadas.

No dia em que recebeu carta de Carlos Franco, Mario atirara René contra a porta, dera-lhe um estalo. René deixou-se levar pancada, desempenhou o papel da sua vida, o de massa de pão. A fúria de Mario devia-se à indiferença com que o namorado acolhia as ofertas dele e ao modo como se esquivava a fazer sexo. «Nunca me desejou, ora aí está.» Mario suportava os pedidos de dinheiro; venderia o corpo, se ele quisesse, no Bois de Boulogne, onde outros faziam o mesmo. Por paixão. Mas o amor de René escapava-lhe e ele, quando o descobriu, pensou em atirar-se para debaixo do metro.

Explodia na cápsula onde o cultivaram, após o falecimento da mãe e os dias bisonhos na Praça dos Restauradores. Bonzinho e obediente, fechado em casa, proibido de se aproximar da janela ou de caminhar descalço, engordando com fritos e assados, quando, na verdade, ansiava por sentir o vento a açoitar-lhe o rosto, entre os prédios, e o mar de gente da Baixa Pombalina a empurrá-lo e a atirá-lo ao chão, como a um verdadeiro homem. René personificava a opressão e a desobediência. Ao espancar René, era ao seu próprio passado que punia, como se ambos fossem espelhos um do outro, não apenas produzindo o castigo, mas também a redenção.

A Ama, a Angelina, as avós, todas lhe tinham ensinado a respeitar as mulheres com flores de cortesia, embora nenhuma delas fosse exemplo no modo como se tratavam umas às outras e por vezes chegassem

à má-educação entre si, com gritaria e maledicência à mistura. Sorte a da Hélène por, naquele dia, se ter apresentado como René.

Mas René era infecto como o lixo, não tinha a consciência do amor, os seus beijos sabiam aos dos prostitutas que Mario ia encontrar à porta do Moulin Rouge, de calças arriadas, a adivinharem-se-lhes os traseiros, e de camisas abertas, a descobrirem-se-lhes os mamilos, a chamarem por ele e a pedirem dinheiro. Chegou a gostar mais deles que de René, que, quando estava farto de o foder, se vestia de Hélène e coloria as unhas e os lábios e falseava a voz, e, o que mais o irritava, punha um decote sobre as mamas postiças a esconder o belo tórax masculino que havia por trás.

René, que teria podido encostar-lhe uma picareta de gelo à testa, esqueceu a identidade masculina, para assumir a de Hélène, mais dissuasiva. Tratou-o como impostor, monstro horrendo. O homem havia perdido completamente o juízo, se voltasse a precisar dele, que fosse antes procurar os amigos. Os chás de passiflora terminavam ali e não contasse com ele nem para o *écarté*. E se Mario pensava que o tinha favorecido com presentes, enganava-se, pois, sem René, as enxaquecas e as dores abdominais dele ainda não teriam sarado e ele não fazia mais que a sua obrigação.

Desabafasse com a porcaria de cartas que escrevia aos amigos! Experimentasse a amizade à distância, que pouco lhe acrescentava e nada lhe resolvia. Mario já encenara a morte, não precisava de mais teatros. A estação de Pigalle, a meros trezentos metros, bem que seria o palco final. Acompanhá-lo-ia. As carruagens, que passavam a cada cinco minutos, ofereciam uma saída mais moderna que um burro, mesmo sem *smoking*!

Mario tinha-lhe dedicado um poema que dizia «*Quando eu morrer batam em latas*» e o namorado ativera-se ao pormenor do burro que transportaria o caixão dele, ajaezado à andaluza, inspirado, segundo René, num quadro das Folies-Bergère que ele tinha criticado, mas não deixara de parodiar.

Quando o namorado lhe mencionou as cartas, Mario recordou-se de Carlos Franco, que postergava a vinda a Paris e só esporadicamente

se justificava, ainda assim com atraso. A última carta dele estava, por abrir, na penteadeira, junto às do pai, de Fernando Pessoa, de Santa-Rita e de José Pacheco. Mas sentia-se indisposto e não queria receber mais um dissabor, se, ao abrir o envelope, encontrasse notícias desagradáveis. Assim, decidiu adiar a leitura para quando o fervor da questiúncula com René se dissipasse e pudesse encarar com bons olhos tudo quanto temia.

René retirou-se pouco antes das três da madrugada, após lhe ter perdoado as bofetadas e ter feito prometer que, doravante, Mario se conteria nos gastos com prendas, que ele não valorizava e ensombravam até a relação, assente no afecto e não no interesse, de ambos.

À meia-noite, a patroa mandava desligar as lâmpadas dos quartos, e estes permaneceriam iluminados pelos candeeiros da via pública ou pela Lua, se houvesse. «Só por precaução», afirmava ela, «para evitar curto-circuitos». Os hóspedes deviam já dormir, não era hora para se andar na rua, salvo os vagabundos, nem para tratar de expediente. Se quisessem continuar acordados, os artistas, ali hospedados, deviam aproveitar o escuro, para reflectir, idealmente, sobre as grandes questões da Humanidade. Mario buscou uma vela, uma lamparina, ainda que estas não substituíssem a luminosidade do globo eléctrico. Achou uma lâmpada de Argand, adequada para ler e escrever, capaz de emitir uma chama com a intensidade de dez velas.

Já lia o segundo parágrafo da carta de Carlos Franco, que relatava uma lista infundável de soldados falecidos numa fábrica de pólvora da fronteira belga, quando a chama da lâmpada se extinguiu: o querosene do reservatório não escalava o pavio, não alcançava o queimador.

– Raios!

Despiu-se, alcançou pelo tacto o espaldar de uma cadeira, colocou nele o casaco, as calças e a camisola e deitou-se. As últimas palavras de Carlos fervilhavam-lhe na mente.

Acordou com o sol a cair sobre a cama, mas ia jurar que não tinha sequer adormecido, ou que tinha dormido mal, como quando, em Camarate, uma orquestra de grilos malcriados, a tocar debaixo

do alpendre, lhe interrompia o sono. Despejou uma bilha de água fria num alguidar de faiança, mergulhou nela as mãos, ensaboou-se. Traçou a risca no cabelo, diante do espelho. Desceu para tomar o pequeno-almoço. A patroa tinha um recado: não lera a carta de Carlos Franco? Homem de Deus! O soldado telefonara-lhe de um apeadeiro, a meio caminho entre Bruxelas e Paris. Chegava à Gare du Nord... ou seria à Gare de l'Est?... daí a uma hora... Que se arranjasse... Não havia tempo, o melhor seria engolir o pequeno-almoço, esquecesse os *petits fours*, e vestir-se adequadamente. Um casaco bastava. Quem andava na guerra não olhava a luxos. E viessem para ali os dois, o quarto do menino Carlos Franco, nas águas-furtadas, permanecia intacto, as camisas suspensas nos cabides, ao lado do fato, o calçado na sapateira e as tralhas de pintor espalhadas pelo quarto, conforme o seu gosto.

– Deus deve ser francês – exclamou Mario, ao vê-lo a apear-se do trem, ofegante, arrastando uma mala pequena com sacos pendurados pela ansa.

– És um amigo fiel – respondeu Carlos, com um sorriso cálido, como se não tivesse passado tanto tempo desde a última vez que se viram e não regressasse da guerra. – Carregas-me a mala e as trouxas?

Estava mais magro do que quando o conhecera, um ano antes, talvez um pouco menos alto, mais curvado, pelo peso da farda e das munições. Mario reconheceu a sobrecasaca azul-marinho que o outro levava para todo o lado, como uma segunda pele, fosse frio, fosse calor, mas o veludo *côtelé* estava gasto e baço, com manchas de vinho e café, pó e lama, vincos, fiapos e rasgões que narravam histórias das trincheiras; desprendia-se dela um cheiro a pólvora quase insuportável.

– Vais para onde? – perguntou o poeta.

– Para o Hôtel de Nice. Deixei lá as minhas coisas.

– Também estou lá.

– Já me tinhas dito.

Os seus modos estavam mais duros e sóbrios.

– Não deves tomar banho há séculos.

Mario deu-se conta daquele rosto enegrecido, mãos ásperas e calejadas, mas sobretudo do odor pungente que emanava das vestes e do corpo dele, o de um vagabundo.

– Não tomo banho há dois anos.

Carlos entregou-lhe uma mala esmurrada e duas trouxas de roupa nauseabunda, que bamboleavam nas extremidades de uma vara.

– No máximo, fricciono o nariz e as orelhas num açafate com água onde se lava toda a companhia.

– Estás a insinuar...

– Refiro-me a duzentos soldados, embora o número varie diariamente. As novas incorporações nunca compensam as perdas em combate. Iniciámos com perto de quinhentos.

– E o perfume de rosas?

Mario entendia que quinhentos homens se lavassem diariamente numa selha de cerca de vinte litros; a guerra exigia contenção no consumo de água. Os soldados não se tinham alistado para esbanjar recursos de primeira necessidade. Mas era-lhe insuportável a ideia de tomar banho sem a água-de-colónia, de refrescar as botas sem o óleo essencial de árvore-do-chá e, muito pior, de não se perfumar com alecrim e funcho. Aceitaria, no máximo, um ramo de laranja ou de limoeiro.

– Ah, nem pó de talco nem essências? Mas que fazes então nesta guerra, meu caro? Acaba já com isso!

Carlos falou-lhe dos mutilados, homens sem braços, sem pernas, muitos até sem o próprio rosto, surpreendidos por bombas que detonavam nas mãos deles. Mario já se deparara com um desses homens a perscrutar os sacos de lixo às portas das casas. Um homem trajando uniforme militar, desprovido de insígnias, e botas que emitiam um baque seco de cada vez que ele se mexia. As pessoas recuaram na presença dele, como se vissem um espectro, e lançaram-lhe pedras. Ele próprio sentiu receio do que lhe pudesse fazer e afastou-se para o meio da rua. Não era comum encontrar homens assim. Sabe Deus que pena aquele estava a pagar! Irrelevante se era vítima ou criminoso, conquanto saísse dali.

No átrio do hotel, esperava-o uma romaria, mas ninguém o reconheceu em tais andrajos. Ao atravessar a pequena multidão, Mario notou as bandeiras suspensas no tecto, nos candelabros e nas portas, uma tribuna erguida para um discurso, cadeiras dispostas em círculo, adornadas com fitas nas cores da bandeira francesa, um galo de cerâmica em tamanho real – azul, branco e vermelho –, as janelas de par em par, as luzes acesas e, sobretudo, os criados exibindo jalecos com colarinhos novos, bem engomados. Supôs ser dia de festa ou, no mínimo, uma recepção ao primeiro-ministro, Aristide Briand, e à comitiva dele. Atravessou o salão quando a patroa repreendia um *valet* por não ter lustrado os sapatos.

– O que era aquilo? – perguntou Carlos Franco, a descalçar as botas, sentado na namoradeira à entrada da suíte de Mario.

O poeta despiu-o. Carlos, que antes da guerra possuía uma compleição forte, apresentava-se agora com menos uns quilogramas. O exército esculpira-lhe o corpo, transformando-o num homem cuja presença impunha respeito. De facto, o amigo já não parecia tão diminuto, sobressaía até em altura, ultrapassando Mario por uma boa margem. As suas coxas, bem definidas, convergiam para uns glúteos que, ai Jesus!, despertavam suspiros. Mario não teve de lhe adivinhar o sexo bem português, este reflectia-se no espelho, arrebicado.

No soalho, dispersa pelos tapetes que ladeavam a tina, espalhava-se uma mistura de lama e erva seca. O bedum repugnante das trincheiras invadia a divisão. Ou seria o cheiro da latrina que havia ao lado? De qualquer forma, o cheiro agradava a Mario.

Quando o *valet de chambre* entrou para remover o vestuário infecto, o poeta, sentado defronte à tina, esfregava as cuecas do amigo nas suas, por baixo da braguilha aberta.

Emprestou-lhe o estojo das navalhas, o assentador de cabedal e o pente, o *robe de chambre*, as calças e o casaco de pijama, a camisola interior e as babuchas, mas, como Carlos era mais alto que ele, sentindo-se constrangido num vestuário curto, optou por envergar uma farda do exército, suja e gasta, que o *valet* negligenciara. Mario preferiu contemplá-lo nos trajes nojentos dos últimos dois anos,

apesar de o recém-chegado se sentir ansioso pelo aconchego de um ponche, ao lado dele, enfiado já em roupas de casa.

O militar não retomou o assunto das trincheiras. Contudo, discorreu sobre a vida que pulsava em todos os cantos de Paris, as luzes dos lampiões que se acendiam ao cair da tarde e se apagavam após a meia-noite, as sombras, as filas para o comércio, a multidão faminta, os roubos, o mistério que era Paris a enlouquecer. Nunca a cidade testemunhara tanto sofrimento! *Paris da minha ternura!* Paris resplandecente!

CAPÍTULO 20

É no ar que tudo ondeia

– A tua ânsia não te leva a lado nenhum – comenta José d’Araújo, ao receber, com o abraço, as batidas desenfreadas do coração de Mario.

– Tem dó de mim, co’a breca, atira-me para o manicómio.

– Não seria preferível passares aqui a noite, as cortinas corridas e tu aninhado a dormir nos lençóis de cetim?

– Tens razão, se sair agora constipo-me. Mas não te esqueças: na quarta-feira, vem cá às oito em ponto. Se eu não te receber é porque estarei a dormir. Não insistas, vai à recepção do hotel e pede a chave. Mas não arrombes a porta. Quero tudo bem direitinho.

– Em suma, pretendes que te faça uma visita muito delicada!

– Isso mesmo.

Mario desabotoa o penhoar de seda Eri, que pendura no espaldar de uma cadeira.

– Não estavas cheio de frio?

– Queria mostrar-te o *smoking*. Não te disse, mas, comprei-o com o Carlos Franco, ou antes, foi ele quem mo ofereceu.

– Onde está ele agora?

– O *smoking*?

– Não, o Franco.

– Se não me engano, em Lille. Sem o passaporte, não consegue sair do país nem por nada.

*

René esperava o namorado no átrio, sem permissão para subir ao quarto andar nem previsão de quando ele desceria para o pequeno-almoço.

O palanque já fora desmanchado, os criados dispersos e os acespipes retirados. Ao tomar conhecimento do sucedido, Carlos suspirou de contente: a recepção, malograda, comovera-o – afinal era um soldado português em terras gaulesas, não esperara tanto carinho de um povo frívolo –, mas sentia-se aliviado por lhe ter podido escapar.

O namorado reclamava com a criadagem, exigindo charutos e explicações. Pois, não sabiam eles que tinha livre-trânsito no hotel? Que a própria patroa o tratava como a um hóspede? Que diabo de impedimento era aquele? Ademais, combinara com Mario um passeio ao Château de Versailles e até se engalanara com uma camisa de seda fina, abotoada lateralmente, exibindo um folho de renda com rosas damascenas bordadas. A predilecta de Mario. O namorado desabotoava-lha com dificuldade – ou talvez fingisse –, usando os dentes, a beliscar-lhe, por descuido, um mamilo. René retraía-se, chamando-lhe «bruto», e o outro a apodá-lo de «maricas», e os dois a reboarem na cama e no chão, entrelaçando as pernas e os braços, uma doideira que, por vezes, acabava à bofetada.

Carlos Franco adormecera no ombro de Mario, e assim permaneceu até que ambos se cansaram da posição em que estavam e cada um se virou para o lado oposto da cama. Agora, ao despertar, rogava-lhe que ficasse mais um pouco ao seu lado. Mas que abrisse as venezianas para deixar entrar o céu de Paris para cima dele. Paris vista de um quarto de hotel, longe da guerra, era tão deslumbrante que, de repente, se os dois se abraçassem, talvez retrocedessem a 1914, ano em que se encontraram pela primeira vez e, por reserva, apenas se limitaram a um aperto de mão frouxo. Até que, numa corrida para escaparem a uma saraivada, se abrigaram, encharcados e a tiritar, debaixo do pórtico da Opéra Garnier. Saborearam chá de passiflora e bolos com cercadura de violetas de massapão, no Café Riche. As calças gotejavam sobre o soalho. Acabaram por ficar com uma gripe danada.

– Lembras-te do *Barbier de Séville*?

Mario lembrava-se até dos nomes dos actores. A peça prometia ser divertida, com diálogos engenhosos, actores exímios e cenários

deslumbrantes. Além disso, anunciava-se um baile de máscaras e esperava-se grande afluência. Jorge Fernandes, um amigo comum, marcaria presença e não estaria só. Mario teria uma excelente oportunidade para captar no local pormenores que o ajudassem a refinar uma cena de «A Confissão de Lúcio», cujas provas dactiloscritas aguardavam revisão na escrivaninha, entre cautelas, cartas astrológicas e os rascunhos do número 1 de *Orpheu*.

Carlos Franco ficou a par dos projectos de Mario, embora os considerasse incipientes, sem fôlego intelectual, pela inexistência de um grupo que, em Portugal, ecoasse as ideias novas. Era imperativo que cada artista escancarasse as janelas da sua toca literária, para desempoeirar os seus manuscritos do lastro da tradição e arejá-los de ideias novas. Carlos dialogou com Mario em matéria de *Orpheu*. Finalmente, no torrão natal, vingavam as sementes do progresso...

Nesse dia, tomaram o pequeno-almoço na suíte. Ninguém os incomodou. Nem o criado, que, excepcionalmente, teve permissão para entrar com os pertences de Carlos, e que, ao encontrar os dois hóspedes, na cama, lado a lado, os cobertores a cobrirem-lhes as pernas, confundiu Carlos com René. Rapidamente corrigiu o erro: considerava o novo amigo de Mario mais bonito do que o outro. Apreciava a pele tisonada do rosto dele; reconhecia que aquelas mãos com pêlos se adequavam ao homem português, do seu agrado. Não que quisesse imiscuir-se na vida do senhor Mario. Aquele cavalheiro, qual era mesmo a sua graça?, constituía, sem dúvida, uma excelente opção.

– Que criado é este, tão sem-sabor?

Quando desceram, René já tinha partido, sem esclarecer se Mario permanecia ainda na cama. Desagradava-lhe o mistério. Antes saber que o namorado passara a noite com um mariola.

Carlos desejava procurar o passaporte na oficina de Alice Bailly, consciente, no entanto, de que a artista partira para a Suíça na mesma ocasião em que ele se alistou na guerra e que, inevitavelmente, os portões estariam barricados com traves de madeira, os vidros das janelas tapados com folhas de jornais, e que não poderia entrar lá excepto se, por descuido, a porta das traseiras tivesse ficado destrancada. Mario

propôs-lhe que passassem pela farmácia (queria adquirir um armazenamento de arseniato de estricnina que durasse até ao Verão – cinco ou seis frascos). Carlos: «Para que precisas do veneno?» E ele: «Para me suicidar aos poucos.» E ainda: «As minhas enxaquecas só aliviam com estricnina.» E Carlos: «Já tentaste o *Phoscao*?» E ele: «Não presta.» E Carlos: «Emprestas-me a sobrecasaca?» E ele: «Claro, fico eu com o casaco.» E ainda: «E se passássemos também pela alfaia-taria? Quero comprar um *smoking*.» E Carlos: «Vais casar?» E ele: «É para o meu enterro.»

Mario recebera da parte do pai os duzentos francos do costume e ainda um suprimento para gastar com Carlos, cento e vinte francos relativos a um acerto de contas pela liquidação de *Orpheu*, cem francos resultantes das vendas do *Céu em Fogo* e cem francos do avô José Paulino. Depois de saldar as dívidas e de adquirir o *smoking*, camisa, coturnos, laço e sapatos, disporia ainda de cerca de cem francos, que poderia perfeitamente gastar com o amigo, caso não entrassem em extravagâncias e o jantar, marcado para o Richmond, fosse pago pelos cinco comensais, à excepção do Franco – Carlos Ferreira, Jorge Fernandes, Xavier de Carvalho, José d'Araújo e ele próprio, Mario.

Despendeu oitenta francos num *smoking* de seda em segunda mão, ao qual mandou ajustar as bainhas e acrescentar uma faixa vertical no mesmo tecido; quarenta francos nuns sapatos de verniz; cinco francos numa *lavallière* de seda translúcida, a lembrar a que se coloca ao pescoço dos cadáveres; abdicou dos coturnos, mas investiu numas cuecas. Dos cem francos que pensava ter para a recepção ao amigo, restaram setenta. Teria, portanto, de prescindir do cardápio inicialmente previsto. Ponderou, então, transferir a recepção para o Café de la Paix, mais barateiro.

Mas ainda lhe ficara a faltar o arseniato de estricnina. Dirigira-se ao Bois de Boulogne, onde encontrou o senhor Dupont, a quem apresentou a encomenda. Mas o intrujão, fosse por estar ressabiado com Mario por lhe ter roubado Hélène, fosse por escrúpulos em vender o produto a um único cliente, informou que o veneno estava

esgotado, apesar de Mario ver uma dezena de embalagens com o rótulo da Soci   Chimique des Usines du Rhône, sob o zinco do balcão, com p  , quase a implorar que as levasse. Conseguiu uma, mercê do jantar partilhado à mesa nas Folies-Berg  re, onde Mario o brindara com um cálice de licor. Mas advertiu-o para ter cuidado: aquilo era veneno puro; se matava ratos, t  b  m matava gente; mesmo que o senhor Mario estivesse a sofrer um grande desgosto, nada justificaria o suicídio; não o conhecia profundamente, e, apesar das suas divergências, estimava-o, não seria sobre o seu cadáver que voltaria a envolver-se com a puta. Isso, jamais.

– Para que precisas de cinco frascos? – Carlos Franco pisou de novo a calc  da.

– No mercado negro, o arseniato de estricnina    caríssimo!

– Mas não me respondeste...

– Estou a engendrar um projecto e preciso dele. Elucidar-te-ei mais tarde. Lamentavelmente, não estar  s presente para saberes do que se trata.

– Será que devo adiar a minha partida?

– Adiarias até ao início de Abril?

– Vamos ver... Não posso... No entanto, solicitarei uma licença, se for um daqueles teus empreendimentos...

– Trata-se de um projecto de vida... que provocar   gargalhadas... ou lágrimas... dependendo do público... bastarão tr  s ou quatro espectadores, no máximo...

– Que projecto estranho, hein!

Percorreram Paris em círculos, o que fez parecer a busca ainda mais árdua. E, dada a míngua de transportes públicos, muitas vezes viram-se obrigados a percorrer a cidade a p  , cruzando várias pontes, de uma margem    outra. Tarefa hercúlea, pois nenhum boticário estava disposto a vender o veneno – não por ser letal, mas por se antever uma maior infla  o, numa época em que os serviços de esgotos eram deficitários e, por conseguinte, as ratazanas proliferavam, à mistura com a merda e o mijo dos cães, dos gatos e dos vagabundos. Os preços

variavam de um estabelecimento para outro, e apenas num encontrou o produto ao valor que antes pagara. Nos restantes, os preços haviam duplicado. Estava disposto a pagar o que fosse necessário; tratava-se de uma questão de vida ou de morte. Já tinha *smoking*, embora o tivesse deixado para ajustar na costureira; faltava-lhe a estricnina. Lera nos jornais que houve quem se desse mal com dois ou três frascos, mas, caramba, homem de Deus, com cinco, seria tiro e queda!

Mario adquiriu mais três dessas embalagens em locais distantes entre si e estava prestes a desistir da busca, temendo que, com uma quantidade tão diminuta de veneno, não alcançasse o seu propósito – no máximo, teria uma valente caganeira, o que, certamente, alarmaria o pai e a madrastra, em Lourenço Marques, e o avô José Paulino, em Lisboa. A sorte, contudo, sorriu-lhe para os lados da Bastilha, a um passo do Père-Lachaise, onde almejava ser sepultado.

O boticário, homem de bons figados, ao vê-lo tão desesperado atrás do veneno, e ao notar que Mario lhe colocava sobre o balcão, ao lado da caixa registadora, três frascos idênticos aos que possuía, decidiu fornecer-lhe a quantidade necessária, e até mais, aliás, para o compensar pela longa viagem. «Veio do Hôtel de Nice, não é? Conheço bem, fica ao lado do Bal Tabarin. Há ali perto uma casa de putas, não é que tenha ido lá, mas uma vez hospedei-me, por engano, com a minha mulher, que Deus a tenha, no Chez Mathilde, e fomos despertados, a meio da noite, por um gemer feminino, um escândalo.» Assim, o cliente não partiu com um nem com dois, mas com três frasquinhos do veneno: se o objectivo era exterminar ratos, não havia remédio que lhe chegasse aos pés.

Mario ficou com sessenta francos no bolso e a praguejar contra o destino!

Há cerca de três meses, quando o amigo lhe anunciou a visita a Paris, nunca imaginou estar na penúria actual. Mesmo assim, foi-se precavendo, deixando de lado algum dinheiro. Anelava brindar Carlos com um festim memorável, de modo que, um dia, quando falassem dele, aquela recepção viesse à baila como se de um acontecimento de Estado se tratasse.

Mas o projecto megalómano que aludira a Carlos Franco não contemplava desembolsar uma fortuna na farmácia! Que merda!

Fosse como fosse, não podia pensar nisso agora, tinha de se despachar. Os quatro amigos parisienses, por esta hora, já se estariam a adornar para a recepção ao Franco.

Almoçaram no Café Richmond. Acabaram a tarde no Boulevard des Italiens, perto do posto dos correios, onde Mario deixou um postal a Mimi e cartas para os amigos e família. Dali, prosseguiram para o ateliê de Alice Bailly, situado na Rue Boissonade, na margem oposta do Sena. Uma caminhada de cerca de uma hora e meia.

O estúdio estendia-se pelos três andares de um edificio Arte Nova, na parte sudeste da rua, destacando-se pela sua porta lateral de ferro forjado, janelas amplas e uma varanda em cada uma.

Mario jamais se aventurara no emaranhado de ruas que ali convergiam. Recordava-se, aliás, de Carlos Franco o ter advertido de que o bairro era ponto de encontro de bêbedos e desordeiros, mas que também ali era possível encontrar Picasso, Apollinaire, Satie, Degas... Ele, porém, preferia encontrá-los nos salões de arte, nas casas de espectáculos ou nos restaurantes.

– Alguém entrou aqui.

O militar, habituado a farejar presença inimiga nas trincheiras, ou entre molhos de feno, notou, na parte interior de algumas vitrinas, entre a vidraça e os jornais que lhe foram colados, indícios de que alguém tinha andado ali a remexer, pelo lado de dentro.

– Porque dizes isso?

– O estúdio encerrou em Abril do ano passado e este jornal é posterior.

– Será?

– Tenho a certeza.

À frente deles, a primeira página do *Le Matin* destacava a expulsão da cavalaria alemã para nordeste, embora relatasse também que, a norte, os boches mantinham firmes as suas posições.

Mario consultava os jornais franceses, espanhóis e portugueses, cujas línguas dominava, mas não conseguia estabelecer uma cronologia

da guerra. Os factos eram-lhe relevantes apenas como substrato através do qual a sua alma em fogo pudesse correr. Interessavam-lhe, sobretudo, os cafés que reabriam: ou porque os seus proprietários retornavam das trincheiras ou dos leitos dos hospitais, ou porque os estabelecimentos transitavam para novas mãos, aptas a mantê-los em funcionamento.

À entrada, enfiadas pela ranhura da porta, encontraram inúmeras cartas dirigidas quer a Alice Bailly quer ao próprio Carlos Franco.

– Abre essa janela – pediu o soldado, de joelhos, a sacudir as teias de aranha de alguns envelopes e a endireitá-los.

Carlos mostrou-lhe um convite para um evento do Salão dos Independentes, no Champ-de-Mars, de Março a Abril de 1914, em que se teriam exibido obras de Robert e Sonia Delaunay, Albert Gleizes e Félix Del Marle. A mobilização precoce impedira-o de se apresentar com uma reflexão estética sobre os diferentes níveis de representação do real, um conjunto de obras que tencionara expor, sob a influência de Pablo Picasso, homem cuja técnica prezava, mais que as ideias.

Na verdade, o pintor cubista não era bem-visto por meninos circunspectos como Carlos Franco, a quem interessavam, mais do que as novas ideias, as noções de equilíbrio, perfeição e harmonia, ausentes do gosto contemporâneo, o que, estava bem de ver, se reflectia na guerra sangrenta para a qual ele próprio fora arrastado, mas da qual escapara o mestre.

Ainda assim, Carlos admirava-o, não tanto pelas formas, desprovidas de conteúdo, vistas mais como exercícios de estilo – nas vertentes azul, rosa, negro –, em busca de uma identidade que nunca atingiu, mas pela sua visão única do mundo, fundindo as formas geométricas com a figura humana. O resultado era, em alguns casos, a representação dos seres estropiados que Carlos via nas trincheiras, com bombas a explodirem-lhes nas mãos e a desfigurarem-lhes partes do rosto.

Embora não tivesse um conhecimento profundo sobre Picasso, Mario de Sá-Carneiro estava bem ciente da sua relevância. Afinal, aqueles que, como ele, se encantavam com os luxuriantes candelabros,

cortinados e mesas pé-de-galo das Folies-Bergère e se maravilhavam diante dos imponentes frontispícios Arte Nova, estavam inevitavelmente imersos na vanguarda artística. Picasso era a poesia e o teatro, condensados na tela. Revolucionário quer na técnica quer no conteúdo. As figuras capturadas por ele eram o drama estático, a arte transcendida ao paroxismo; agregavam, na tela, não apenas a pintura, mas um espectro de expressões artísticas, da música à escultura, da dança à poesia.

Carlos Franco revirava, absorto, um conjunto de telas vazias sobre uma bancada, algumas inutilizadas nos cantos, outras remendadas, algumas que serviram para os estudos de Alice Bailly, outras que ele próprio utilizou.

– *É no ar que tudo ondeia, é lá que tudo existe!* – proclamou Mario, citando um verso do seu poema «Manucure», com que enriquecera a vanguarda, ao ser publicado no número dois de *Orpheu*.

Carlos Franco revirava, absorto, um conjunto de telas vazias dispersas sobre a bancada, algumas descartadas nos cantos, outras remendadas, algumas utilizadas nos estudos de Alice Bailly, outras que ele próprio utilizou. O passaporte, nem vê-lo.

– O que é que te salta à vista? – perguntou Carlos, com um gesto amplo, que abrangia as telas.

– Um Picasso?

– A essência de um tal René-Fabrice Chantal!

– O quê? És conhecido desse homem?

– Porquê? Tu conhece-lo?

– Eu não.

– Pois eu nunca o vi vestido, se é a isso que te referes. Aquelas suas nádegas são inconfundíveis!

– Pasmese, também lhe conheces as nádegas!

– Quem não as conhece? São mais famosas que este quadro.

– Não dou um chavo por ele!

– De facto, o artista não foi magnânimo quando lhe retratou o sexo.

– Não me referia ao Picasso.

Carlos esquadrinhou os cantos da oficina, mas saiu dali sem o passaporte, que tanto procurava.

– Mais fácil será ires a Bilbao, onde podes receber um novo na hora – sugeriu Mario.

– Na hora, é como quem diz...

– E trazias a mala que lá deixei.

CAPÍTULO 21

De repente, a minha vida sumiu-se pela valeta

– Caramba, estamos à conversa há quase três horas e escapou-me explicar porque te vim ver.

– Estou mortinho por descobrir, desembucha. – Mario esmaga no cinzeiro uma beata de cigarro meio consumida que pertencera ao amigo.

– É escandalosamente óbvio, não é? – Araújo fixa-o, em cheio, nos olhos. – Já não nos víamos há um tempão, é verdade.

– «Um tempão»... é como quem diz... Foi aí há um mês.

– Eh, pá, e achas isso pouco?

A baforada do *Chesterfield* cobre a testa de Mario.

– Que culpa tenho eu? – Mario derruba um copo de ponche, ao afastar-se da rota do fumo.

– Bem, nenhuma, se me disseres que te andaste a portar bem.

– Juro-te que não saio daqui nem para ir ao Bureau des Italiens. Queres melhor comportamento?

– Mas podias ter telefonado, escrito um bilhete... Já que te enfiaste no hotel... Espero é que tenhas tido um motivo de peso – diz Araújo, aspirando novo hausto de tabaco.

– Olha que sair com Carlos Franco deixou-me de rastos. Nem te passa pela cabeça como eu estava quando jantámos no Richmond.

– Eu próprio estive lá, não te lembras?

– Mas estavas no pagode com o Xavier de Carvalho. – Mario afasta uma mosca, lassamente, com a mão. – O Carlos Franco é um porreiro, mas falar mais de quinze minutos com ele é cá uma pepineira...

– Por falar em pepineira... Não te queria chatear com isso. Já sei, aliás, que Hélène esteve cá ontem, não preciso de repetir. Mas, foi uma visita de excepção, não foi?

– Não te vou enganar. – Mario, pausadamente: – A Hélène já é passado, há muito tempo. Ontem foi mesmo uma excepção.

Mario desvia o olhar, para que Araújo não descortine nele o rasilho da morte.

*

Apesar de breve, a companhia de Carlos Franco deixou em Mario uma saudade que ele tentou suprir com a amizade epistolar de Fernando Pessoa e José Pacheco e, sobretudo, com os pequenos mimos que a massa do pai lhe granjeava.

Mario, por uma mistura de timidez e falta de tacto, não conseguiu substituir o Richmond pelo Café de la Paix para a recepção a Carlos Franco. A indecisão custou-lhe caro, pois, embora relutante, não recusou as iguarias que lhes foram servidas, elevando a conta a mais de mil francos. Todavia, apesar do deslize, o importante é que a amizade entre os comensais se intensificou, fortalecida por litros de vinho e uma variedade de pratos exóticos.

No dia seguinte à partida de Carlos Franco, Mario recebeu, através do seu amigo Apollinaire, num envelope lacrado, uma intimação urgente de Pablo Picasso. Era imperioso liquidar, se não a totalidade do *Arlequín*, ao menos metade, um terço talvez. Ao ver o rosto aflito de Mario, Apollinaire, um homem de boas maneiras, embora patusco, encheu-se de dó. Não conhecia o amor, mas era capaz de vislumbrar os seus efeitos nefastos. E o que tinha para lhe dizer era simples: que se desfizesse dessa tal Hélène, caso contrário, haveria de acabar com os costados na prisão, ou, mais trágico ainda, na mais obscura vala comum de um cemitério.

Quando se despediu dele, Mario foi chorar para a suíte, acoorado sobre os cobertores, que em breve ficaram encharcados, e ele a imaginar que repreendia o criado António. Este, ao passar pelo

corredor, quando o ouviu, deveria ter sentido a urgência de o consolar, apesar de a sua visita ter sido interdita pelo hóspede, a não ser quando convocado.

Se ao menos René estivesse ali e bebesse com ele um chá de mandrágora! Mas não, o rapaz estava melindrado! Disseram-lhe que, no início da semana, procurou o poeta no hotel, mas a patroa impediu-o de subir ao quarto. No dia seguinte, voltou a procurá-lo. A mesma desfaçatez! E ele saiu dali disposto a dar uma lição a Mario, que, não passaria uma semana, apostava, estaria a rojar-se aos seus pés e a pedir-lhe perdão, oferecendo-lhe mais objectos valiosos.

Mario notou a ausência de René quando se sentiu de novo sozinho. Se o visse, recordar-lhe-ia o passeio adiado ao Château de Versailles, emprestar-lhe-ia até, para sair com ele, as roupas que Carlos Franco usara, já lavadas e engomadas, e que no namorado assentariam como uma luva. Queria-o de volta. Mas queria, ao mesmo tempo, nunca mais desejar vê-lo, ter a força de carácter necessária para o repudiar e aos seus beijos e dizer-lhe: «A natureza, que nos fez homens aos dois, ditou, à partida, a nossa separação.»

Parecia uma decisão excessivamente difícil de concretizar. Mas ensaiava o que dizer, quando o visse, diante do espelho, sem miro-nes, os cortinados de cretone a bambolear à janela. Por vezes, desejava que alguém o interrompesse, lhe ditasse os argumentos, dissesse como deveria pôr os ombros, que palavras escolher ou para onde olhar. Como se fosse criança e treinasse para uma peça de teatro. No fundo, Mario representava um papel comum, como quase sempre fez, excepto quando fodeu René nos bastidores das Folies-Bergère. O maior papel da sua vida, sem dramas, palco, público que lhe dissesse: «Estavas maravilhoso quando levantaste a perna» ou, porque não?, «Que merda de papel foste aceitar!».

O drama ressurgiu quando, colocando o retrato do pai ao lado do seu, ambos adultos, percebeu que era mais o que o distanciava do projecto que a família tinha concebido para si do que aquilo que o unia. Mario era flácido, culpa de Carlos Augusto, que, temendo que ele tivesse uma recaída de febre tifóide, doença que lhe roubara a mulher,

ordenou que o isolassem das outras crianças, o nutrissem de matérias gordas e lhe proibissem o exercício físico. Mas que o ensinassem a ler nas pagelas dos santos e a escrever. Mario cresceu de bibe ao pescoço, confinado, por vezes, num fato à marinheiro, com gola triangular voltada para a frente, um *simpleton*, e quando chegou a altura de trocar de indumentária, vestiram-lhe fato e gravata. De modo que transitou do mundo da infância directamente para o homem adulto que passou a ser, embora sem as exigências que a família impõe aos crescidos. Passou a ter, a rodos, isento de responsabilidades, dinheiro que só foi restringido quando os muros da quinta se começaram a deteriorar e o pai, na sequência da ditadura de Joaquim Ferreira de Castro, o caos instalado na Banca, partiu para Lourenço Marques, onde dizia que as suas finanças respiravam melhor.

Eram duas da tarde, Mario tinha convidado José d'Araújo para almoçar com ele, no hotel.

Estava com uma expressão bastante séria. Araújo desconhecia René. Mas conhecia Hélène e suspeitava das extorsões, dos fingimentos... embora não ao ponto de a saber com dupla identidade. Hélène era intensamente feminina, não doce; por vezes, melancólica; outras, dramática. Não fazia bem ao amigo. Lembrava-se de que, quando ele tentou lançar-se para baixo do metro, a mulher o socorreu. Mas a atitude tinha sido ideia dela, num dia em que ele veio de cabeça virada: «Ainda acabas debaixo do metropolitano», avisou-o.

Se Mario fosse homem de verdade, já há muito teria posto um ponto final aos excessos dela.

O amigo desejava falar-lhe de si, não da rameira, embora os dois fossem parte da mesma equação.

Araújo saiu do hotel convencido de que o poeta tinha tomado a decisão de a abandonar.

Nessa tarde, com o ascensor eléctrico avariado, Mario subia para o patamar do quarto piso quando se cruzou com os clientes do piso inferior ao dele, um casal com dois filhos, que desciam. Antipatizou de imediato com tais criaturas. A voz de barítono lírico do pai, sobreposta ao timbre argentino da voz da mãe e aos urros da catraia, era-lhe

simplesmente insuportável. Já tinha encarado algumas vezes aqueles quatro sujeitos. Nunca tinha reparado como eram todos tão inconscientemente feios e felizes. Mas cumprimentou-os com um aceno de chapéu e cabeça inclinada para a frente.

Aquelas pessoas tinham, contudo, a vantagem de formarem uma família convencional e, por isso, de se comportarem segundo a bitola que todos esperavam que ele próprio adoptasse.

Afinal, o homem não era tão desprovido de beleza, concluiu Mario, prolongando, a olhar para trás, por cortesia, o cumprimento que lhe dirigira, no patamar. Umas calças de corte, um casaco bem ajustado, uma camisa de colarinho engomada, transformá-lo-iam não num simples parente, em termos estéticos, de José d'Araújo, mas num exemplar masculino à altura da estatuária helenista.

Tal indivíduo impeliu Mario a tecer sinapses mentais com Mimi, cuja presença ao lado do pai, em Lourenço Marques, a elevava a uma mulher de respeito, conforme se depreendia dos bilhetes-postais e fotografias que ela lhe enviava, parca nas palavras, de chapéu e vestido com flores. Contudo, a natureza dúbia de uma mulher não se altera pelo matrimónio com um homem íntegro – e ele não esquecia os ardis empregados pela madrasta para usurpar a Quinta da Victoria, valendo-lhe uma aversão mútua que perdurava.

Naquele dia, recebeu correspondência de Mimi, a qual, sem aludir à desavença que os separara, expressava arrependimento pelas atitudes de outrora e, como prova de que a sua vida ia bem, remeteu uma encantadora fotografia do casal, de braço dado, junto a uma palmeira, sob um esplêndido crepúsculo africano. O postal encerrava, em caligrafia elegante, com beijos ternos que tanto se poderiam destinar ao esposo quanto a um amante. Dir-se-ia, aliás, que ela tencionava confundir-lo com o progenitor, não se coibindo de pedir ao filho beijos na boca que ela própria lhe ensinava e que depois reproduzia diante de Carlos Augusto.

Mario não valorizou a razão por que insistia ela na zanga deles. Não foi esse o motivo por que mudou para Paris. Contudo, não almejava restabelecer o vínculo com ela, receoso de que, sob sua influência,

o pai lhe exigisse explicações sobre as despesas, que ele, mesmo querendo, não conseguiria dar.

Por agora, o autor de *Dispersão* enfrentava a penúria. Sem massa, a resolução tomada quanto a René mostrava-se mais árdua de concretizar. É que, com tal decisão, ele ficava mais só, e René tornara-se um sedativo para a consciência. O *Arlequín* estava por saldar. Picasso, a certa altura, prescindiu de Apollinaire e enviou-lhe para a porta do Hôtel de Nice uns brutamontes que, se não fossem homicidas, anti-páticos, seriam parceiros ideais de cama. Intuíam-lhes as vergas por detrás da carcela de cada um e, na solidão do quarto, divertia-se a espiá-los entre as brechas das venezianas. Os homens seguiam-no para toda a parte, inclusive para a Rue de Fleurus, onde, naquele dia, procurou René.

Gertrude Stein saudou-o com um jacto de água de regar as margaridas, no varandim, e ele cumprimentou-a com um aceno de cabeça. Mario verificou o relógio: marcava as três menos um quarto. A meio da rua, ouvia-se «La Mattchiche». Era a voz de Félix Mayol. Provavelmente, René ensaiava, com o amplificador da grafonola direccionado para a janela. Mario recordava-se de ter assistido à dança de Mayol num cabaré parisiense. Coreografia de Mr. Eugénio para o Alcazar d'Été.

O poeta armara-se de coragem para o encontro, após tê-lo adiado, sob o pretexto de andar atarefado com Carlos Franco e, depois disso, de ter decisões pendentes sobre a publicação de *Orpheu*, de que ainda não abdicara. O que demandava cartas-relatório a Fernando Pessoa e diligências junto das oficinas gráficas. Face a tantas facturas por regularizar, o que lhe consumia a alma, Mario viu-se compelido a delegar em Pessoa a prossecução de tais diligências, ciente, no entanto, de que este não lhes daria curso. Devido à descoordenação entre Mario e Fernando, a proposta de Santa-Rita Pintor para a aquisição de *Orpheu* foi considerada inexequível, desmoronou-se, extinguiu-se. Situação que não afectou Mario, já que o interesse por Santa-Rita, um egocêntrico mediano, nunca fora grande.

A existência de Mario clamava por um acto dramático que o pusesse de novo nos eixos. Talvez o suicídio, na forma tentada, sob o vagão de uma carruagem do metropolitano, ou até uma dose extra de estircnina, que o deixasse inconsciente por alguns dias.

Mario intuía que o seu momento ainda não tinha chegado, embora o pressentisse já. «*De repente, a minha vida sumiu-se pela valeta*», escrevera no final de 1915.

Era frontal nas cartas a Fernando Pessoa: relatava-lhe as crises, confessava-lhe que não tinha cabeça para nada, que evitava o Café Riche, por receio de encontrar, na mesa do fundo, banhada pelo sol de Inverno, Sá-Carneiro, o Mario, o de 1913, radiante, e que, se este se erguesse para o saudar, lhe pedisse justificações para o ar de desmazelo, para a melancolia das manchas peganhentas no fato e para os enxovalhos na camisa. A verdade nua e crua é que, se houvesse uma saída, seria em Portugal.

Mas necessitava de fundos para rumar a Lisboa – mil francos no mínimo. Para o conseguir, só se persuadisse René a devolver-lhe as jóias, os vestidos, a tralha toda. Com a venda desses produtos, agora mais valiosos, devido à inflação, poderia liquidar o *Arlequín*, as contas do hotel e parte da despesa com a recepção a Carlos Franco, e ainda adquirir uns sapatos novos de biqueira e um laço para adornar a camisa. Só então escreveria ao pai a explicar-lhe que Paris estava uma pasmaceira, nem um zepelim a sobrevoar as Tulherias, ou um morteiro a estourar na rua, e que, se ali não sobrevivia com menos de oitocentos e cinquenta francos mensais, em Lisboa faria a festa por menos cem. Redigiu inclusive a carta. O resultado da conversa com René mostrar-lhe-ia o que fazer daí por diante.

O namorado ia tomar o banho de rosas, já pronta a tina com a água quente e as pétalas brancas. Apareceu-lhe num *robe de chambre* acolchoado com odor a alfazema.

– Mario!

– Posso fazer-te companhia?

– Ia tomar banho.

– Permites?

– ...

Mario não queria parecer tão tenso e solene: era essa a postura que ele acreditava transmitir, involuntariamente, de si às pessoas. A ocasião requeria comedimento, sem pedantismo, um toque subtilmente dramático, mas *raffiné*, como se declamasse o «Soneto de Arvers». Só que não. René estava a par do seu interesse por teatro, dado que, por vezes, era ele quem lhe ensinava as técnicas vocais e o processo para atingir o equilíbrio emocional, quase extático – e não se deixaria iludir por tais artifícios. O objectivo de Mario era atingi-lo no coração, com delicadeza quase poética.

– Antes de te vires desculpar pela indecência de me teres deixado sem notícias durante mais de duas semanas, quero que saibas que te amo... só um bocadinho.

– Só um bocadinho? – Mario buscou a sua própria voz, não a de René, que pendurava o *robe de chambre* no cabide atrás da porta e se envolveu num auto-abraço a evocar a solidão partilhada de ambos. – O diabo é que eu te amo também... «só um bocadinho».

Apesar de todas as circunvoluções do amor, estavam irremediavelmente vinculados um ao outro. Não que eles soubessem. Os braços de ambos, sim. De tal modo que acabaram num abraço profundo que, mais uma vez, revolveu o mundo interior de Mario.

Se o amor deles estava destinado a morrer, ou a matar Mario, ou os dois, isso era já irrelevante. O fundamental era a epifania que ali ocorrera: incapaz de abandonar Paris, e o homem que amava, era ele quem se rendia às dívidas e à decadência, como se nada mais tivesse importância.

Mario saiu da Rue de Fleurus consumido pelas inúmeras possibilidades que o amor corrosivo de René lhe revelava. As ruas de Paris, outrora vibrantes na luz indecisa das trevas, eram agora corredores de um cárcere perpétuo que, por onde quer que andasse, convergiam sempre para o interior de si mesmo.

O peso desta liberdade esmagou-o: cansado, reclinou-se na linha doze do metro, na estação de Notre-Dame-des-Champs, alisou o fato

branco-pérola com a mão, ergueu a cabeça, avaliando se os sapatos se alinhavam em perfeito ângulo recto com a via – um derradeiro gesto de ordem num mundo que já não era seu. Anelou, profundamente, pela presença do criado português, não para que este lhe sacudisse o pó do fato e lhe colocasse uma almofada confortável sob a cabeça, mas para lhe pedir audiência no último acto deste seu espectáculo. Cerrou com firmeza os olhos. Poderia, enfim, repousar de todas as ignomínias. A morte avizinhava-se, distante, no extremo do túnel; sentia a sua pesada engrenagem nos trilhos, prenunciando o silvo, o sino, que em breve ressoaria.

CAPÍTULO 22

Quando eu morrer, batam em latas

Mario está sereno.

– Se me pirar, prometes que continuas a comportar-te? – O jornalista esvazia o ponche e deixa o copo de cabeça para baixo.

– Sim, vai, não te preocupes – diz Mario, tragando um último hausto do seu *Gauloise*.

– E então? Que estás a pensar fazer nos próximos dias?

– Vou continuar enfiado neste meu covil.

– Atira-te ao tal projecto de drama paúllico.

– Vai ser a minha prioridade – diz Mario, contemplando o entrelaçado das pétalas numa rosácea do tecto.

– E quando te fartares da empreitada, manda cartas.

– Por falar nisso, pões estas no correio?

– Estas? – Uma mosca aventura-se no cálice onde Mario bebeu ponche.

– Uma carta para Hélène?! Não era caso encerrado?

– Estás a duvidar?

– ...

– Aparece aqui na próxima quarta. Às oito, sem falta. – Mario dá corda ao seu *Lépine*, acerta-lhe os ponteiros. – Não te atrases.

– Que é que estás a tramar? – pergunta Araújo, caminhando para a porta.

– Logo verás.

– Tem juízo! – Araújo recupera a sua sobrecasaca escura e a bengala de pau-santo com castão de prata.

– Só te adianto que vai ser um espectáculo... – Mario coloca o chapéu preto de pelúcia no cocuruto do amigo.

- Ah, dá cá as cartas.
- Adeus – diz Mario.
- Adeus – diz José d’Araújo.

*

Mario não tomou consciência do que ocorreu após o momento em que se estendeu nos carris do caminho-de-ferro da estação de Notre-Dame-des-Champs, mas foi ficando gradualmente ciente das circunstâncias que envolveram aquele gesto de desespero. Mesmo assim, acreditou que, como escapara à morte, teria oportunidade de reestruturar a vida, alterando alguns padrões de comportamento, deixando para trás compromissos que não lhe convinham. Com isso em mente, telegrafou ao pai, a solicitar-lhe os mil francos mensais de mesada que havia considerado antes, alegando a necessidade de manter um nível de vida adequado à Europa civilizada.

– Senhor Mario de Sá-Carneiro – alguém, sacudindo a sineta de cornalina, junto ao umbral da porta.

Tinha muitos planos, como se o alvorecer da morte lhe injectasse uma urgência vital. Por isso decidiu registar num caderno novos compromissos consigo mesmo. Quando regressasse a Lisboa, não deixaria de rumar a Camarate, para saborear o sublime cabrito que Angelina temperava com limão e tomilho! Nunca tal iguaria lhe terá parecido tão apetecível como naquele momento de antecipação. Desejou reunir a família à mesa – inclusive Mimi (com aquele seu feitiozinho). Evitaria querelas sobre os muros derrubados da quinta e os salários dos caseiros, pois em breve o pai enviaria rios de dinheiro para Camarate e os problemas, que agora pareciam intransponíveis, seriam como aquela história da montanha que pariu um rato. Preferia partilhar dichotes e risos, entrelaçando assim a tapeçaria da paz familiar.

– Ouvia-se a navalha a raspar no lavatório – uma voz de mulher.

Mas redefiniria ainda a sua conexão com a natureza. Nada se comparava à serenidade da porta do quarto aberta para o espelho de água com nenúfares e pequenas folhas de carvalho a repousar nele,

e à cadência do repuxo que caía nas bordas, salpicando a gravilha do caminho. E às andorinhas, criaturas que se aninhavam no beiral por cima da janela do quarto dele e o alegravam com o parapeito cagado.

– Boas tardes, como passam? – Conhecia aquela voz!

Mas igualmente preciosa era a camaradagem intelectual: Guisado, cuja amizade fora abalada por causa do acidente de Afonso Costa, um bom rapaz de quem já sentia falta. Recordava-se de como ele lhe alisava, com mil desculpas, a gola do casaco, como se fosse mulher, a desculpar-se porque lhe tinha pisado os calcanhares, ao abraçá-lo. Santa-Rita, também, embora um pouco desmiolado, dado a extravagâncias, não inspirando a mesma confiança dos demais colegas de *Orpheu*. Suspeitava até que algumas pinturas suas fossem cópias de autores estrangeiros, mas, vá-se lá saber porquê, achava-o um tipo porreiro. Decidiu conceder-lhe uma nova oportunidade. E Pacheco, que lhe prometeu resgatar as malas perdidas em Bilbao. Com tantos adiamentos, era já tarde demais. Noutros tempos, não lhe teria perdoado, mas Pacheco era o seu antípoda complementar, e Mario estimava-o. Calmo, sem ser petulante, simpático, sem ser subserviente. Um homem de rara beleza masculina, embora esse pormenor nunca tivesse interferido na relação deles. Ah, se Pacheco o tivesse visitado, Mario teria bebido com ele um *vermouth-cassis* com zesto de limão e jogado à canasta de pernas cruzadas na alcatifa! Os dois teriam deixado cair a tarde do lado de fora, a falarem de *Orpheu* e a moverem as peças no tabuleiro, como duas meninas frívolas. Contudo, Mario permanecia sem notícias dele, excepto pelas cartas-relatório que Fernando Pessoa enviava. Informava-o de que esteve doente e que um assunto de família, uma viagem inesperada, o afastara mais uma vez de Paris. Na correspondência, Fernando Pessoa, ficava sempre aquém-amizade, mais interessado nos múltiplos eus que brotavam de si, como trevos-azedos. Dizia-se que bebia. Ele próprio lhe metera no vício a pinga de Celorico, que agora ele facilmente trocava pelo vinho do Cartaxo, por vezes até pelo de Borba, dependendo do restaurante e da companhia. A amizade com Fernando tinha a complexidade de um amor platónico, subia-lhe à cabeça pelo cheiro, mas nunca o viciava. O vinho, sim.

Mario antevia-lhe as cartas, antes de as abrir. Fernando intercedia por ele junto da Livraria Brasileira – de Monteiro & Companhia. Mario não tinha a certeza se o amigo se recordava dele, quando acordava ou punha o chapéu ou descia a Rua do Carmo ou apreciava as gaivotas na Praça do Comércio. O poeta de *Dispersão* era para Fernando Pessoa um baloiço à beira-precipício, nunca demasiado longe, sempre à margem, na iminência de ser tragado pela terra. Por isso mantinha-o próximo através das cartas, nunca percebendo se, ao recebê-las, o amigo estaria com os pés firmes no chão ou com o céu a coroar-lhe a cabeça. Mario era um projecto de cadáver em curso.

– Espere, vai para o 402?

Não podia morrer, não ainda. Era necessário mandar engomar o *smoking*: a jaqueta, com as lapelas de seda Eri; o laço e a faixa do mesmo tecido das lapelas; as meias. Comprar sapatos também era urgente: uns sapatos para um pé pequeno, embora bojudo, que não lhe magoassem as pontas dos dedos ao calçá-los, mas que lhe acompanhassem as palmas, suavemente, desde o tornozelo até ao hálux. Esperava, na morte, encontrar uma câmara com músicos à esquerda e à direita, um círio aceso num altar construído com o feno dos campos, um odor a bosta, a marcha fúnebre de Chopin a recebê-lo. Teria o paraíso ali mesmo, entre risos, aplausos e apupos, no passo renitente, desajeitado, de um burro. Um animal de olhar dócil e orelhas levantadas, de brocados a forrarem-lhes os cascos, que levasse a cauda para diante dos olhos e trocasse os passos ao caminhar, como se de repente fosse, ele próprio, cair num precipício e o levasse consigo. E o transportasse num caminho forrado de estevas, com alfazema pendurada nos galhos das árvores. Um burro que dançasse como se estivesse num ambiente de luzes e ficasse erecto quando tocassem os tambores. Não um burro qualquer.

«Quando eu morrer, batam em latas», dissera ele dias antes de se enfiar na linha de metro.

Mario levantou-se, caminhou pelo quarto como um fantasma, procurou um aparo e um papel pautado entre as folhas dactiloscritas de *Orpheu* 3.

Caligrafou, a José Pacheco, o seguinte texto, à luz velada de um candeeiro:

Paris – Abril 1916

Dia 23

Meu Querido Amigo,

Na próxima quarta-feira, ou mesmo na véspera, a menos que ocorra um milagre, o seu Mario de Sá-Carneiro tomará cinco doses de arseniato de estricnina. É assim, tal qual – e devo admitir: é com pesar que escrevo esta carta, pelo ridículo que sempre associei às cartas de despedida.

Se me suicido, é por, em mim, inabitar o merecimento e o espírito de magnanimidade, por ter sido incapaz de merecer a existência. Não é raiva nem ódio por mim nem por ninguém. Apenas por me ter colocado numa situação para a qual não vislumbro saída.

Vivo há oito meses no cárcere com que sempre sonhei. Tive dinheiro, hospedei-me no Richmond, vim para o Hôtel de Nice, encontrei-me com o Carlos Franco, tive a sua companhia epistolar e a de Fernando Pessoa, sem a qual a minha vida teria sido insuportável. Conheci José d'Araújo, de quem já lhe dei conhecimento, reatei o contacto com Xavier de Carvalho e Jorge Fernandes. Daria a vida por qualquer deles, se não tivessem sido eles, tantas vezes, a darem a sua vida por mim. Dar a vida por alguém! Perder a vida por alguém ou por si mesmo! Como se, em pleno século de guerra, houvesse ainda lugar para clichés! Este não é, de todo, o século dos lugares-comuns! Por isso, se você me pudesse perguntar «Acaso morrerá por amor?», eu responder-lhe-ia com a mesma verdade com que sempre lhe escrevi: «Morro, antes, por saber que não fui elevado, nobre, elegante, o suficiente, para merecer o amor por mim próprio e o dos meus caros amigos.»

Não estou triste nem revoltado; tudo me corre psicologicamente às mil maravilhas. O meu pai telegrafa-me vales postais com regularidade. Soube há dias que a mulher dele está num transatlântico de regresso a Lisboa, para injectar dinheiro na Quinta. Nas últimas semanas, realizei-me plenamente do ponto de vista sexual. Que me falta, então?

A verdade é que não tenho cabeça para nada e, no fundo, tudo isto é um manicómio. Perdoe-me, perdoe-me!

Hoje vou beber vodka, rum, ponche e Porto e deitar-me nos lençóis de brocado que a Angelina me enviou, os mesmos em que me deitava quando era Menino, onde me masturbei inúmeras vezes, a ver o Sol a nascer por detrás das ramagens. Vou ser feliz pela última vez. Mil anos me separam de amanhã – quando acordar, voltarei a ser o seu Mario de Sá-Carneiro, o mesmo que aqui chegou há oito meses sem malas, com cagadelas de mosca coladas à pele, embora de babuchas novas e penhoar de seda. Anota, pelintra!

Mas hoje, vou ser feliz, sim. Esquecer que fui um Poeta falhado, que a minha métrica é escandalosamente irregular, que não escrevi a Excelente Obra Dramática de que um dia lhe falei e que deixei na gaveta inúmeros projectos de novelas paúlicas. Talvez o amigo os queira utilizar. São seus.

Como sei que o meu querido amigo está a viajar para Paris, por Bilbao, envio-lhe esta carta para o Colón, onde um estafeta lha entregará, com uma outra, que deve dar ao Fernando Pessoa, e ainda uns versinhos que dediquei a ambos. Mas não venha para aqui; quando cá chegasse, encontrar-me-ia no Père-Lachaise, onde quero ser sepultado, junto a Balzac e Molière, meus mestres. Adeus.

O seu, sempre seu

Mario de Sá-Carneiro

29 Rue Victor Massé

Mario permaneceu sentado à secretária até que o óleo de colza se dissipou no receptáculo da lâmpada de Argand e a chama se extinguiu. Sobrescreitou a carta a Fernando Pessoa que referira a José Pacheco e escreveu ainda uma derradeira a Rogério Pérez, a Mimi, ao pai e ao avô José Paulino e a Hélène, detalhando a sua morte próxima, ciente de que os serviços de correios, em tempos de guerra, eram ineficientes e que as cartas só seriam despachadas no início da semana seguinte.

Com a luz do candeeiro extinta, veio-lhe à memória José d'Araújo. Mario não o julgava inepto, ao contrário de Jorge Fernandes ou Xavier de Carvalho. Chegara até a nutrir uma certa estima por ele. Araújo não era um ignorante, embora sem vocabulário e com uma perspectiva

do mundo restrita, algo que atribuía às funções de redactor de um jornal para as questões mundanas, que ele desempenhava com zelo, mas longe do fervilhar modernista. Não lhe endereçou qualquer missiva. O papel de carta havia-se esgotado e Mario não tencionava sair do Hotel para adquirir mais. Não era possível, aliás. Encontrava-se sem recursos financeiros, apesar de, naquela semana, ter recebido uma maquia avultada, proveniente da venda do cordão em ouro da Ama. Essa quantia serviu para pagar dívidas e encomendar um burro em Hautvillers, na região de Champagne, e mandar vir um vestido flamengo para cobrir o animal e folhos coloridos para lhe adornarem a crina. O burro seria acompanhado por um camponês de calças justas, camisa branca, jaqueta curta e *sombrero* cordovês. Precisava de três dias para ter o asno e o seu proprietário à porta do hotel, prontos para as suas cerimónias fúnebres. Isto dependendo da agilidade da alimária e da competência do camponês para a conduzir. Mas, para evitar atrasos, encomendara um jumento novo, ágil, obediente e solene. *A um morto nada se recusa*, declarou ele ao firmar o negócio por carta, anexo um vale telegráfico, conforme requerido.

Mario foi sendo informado da partida do animal, do pasto que lhe foi dado na viagem, das suas horas de esforço e repouso. Esperava-o a missão mais digna e nobre da sua inglória existência asinina: a de transportar a Modernidade sobre as costelas. O esquife onde deveria repousar o corpo farto de Mario de Sá-Carneiro pesaria, à vontade, mais de duzentos quilos. No percurso para o cemitério, o animal não poderia beber água nem comer feno, sob pena de, quando se inclinasse, o esquife se estatelar no chão e a Modernidade ser posta a ridículo.

Dois dias depois, ver-se-ia o resultado de tal decisão.

– Espere... Vai para o 402?

Era José d'Araújo quem o procurava.

– Boa tarde, caro José! – Mario, parado no vestíbulo, pernas à mostra, pés enfiados nuns chinelos de liga, um barrete grego a pender-lhe sobre a orelha esquerda e um penhoar chinês a envolver-lhe o tronco.

24 de Abril de 1916

Está sozinho desde que, ontem, José d'Araújo o deixou. Distrai-se com o operário que lubrifica, dolente, as rodas do *ripert* estacionado defronte à janela. Acena-lhe ocasionalmente. O homem parece observá-lo, pois devolve-lhe o aceno de vez em quando, imergindo num *charriot* para debaixo do calhambeque, enquanto enxuga o suor da fronte e da nuca com a mão espalmada. Mario admira-lhe o contorno das espáduas, sob uma camisa manchada de óleo, lama e combustível. Imagina tais produtos a lubrificarem-lhe, a si, as linhas imaginárias dos abdominais, a aglomerarem-se no peito, transformando-o num vaso de cerâmica, à semelhança dos de Exekias e Euphronios.

O homem volta a mergulhar sob o *ripert* e grita para o seu companheiro, que aparece com uma marreta: «Golpeia com força no eixo. Tem cuidado, estou aqui em baixo. Besta! Muda para o outro lado. Faz o que te mandei.» Para Mario, isso, sim, é o Progresso, o Moderno! Ah, se aqueles homens permanecessem ali para sempre a combater os miasmas da inércia, Mario poderia ficar a observá-los, dia e noite, do camarote privilegiado do quarto andar do Hôtel de Nice, mal-grado as contas por pagar e a audácia da patroa, que já ameaçou racionar-lhe a comida e a bebida! Deseja mesmo deixar a suíte, acercar-se deles, e proclamar que pôr aquele *ripert* em andamento é uma questão civilizacional, um ponto de honra, ainda que o seu destino venha a ser um museu.

São três menos um quarto e o trabalhador espadaúdo, que ainda não almoçou, declara concluída a missão de pôr a geringonça em

andamento. Acorrem ao local correligionários seus, a bordo de um veículo gigante, que, seguramente, circula a mais de vinte quilómetros por hora – pasme-se! – traccionado por uma récua de cinco burros. Vêm equipados com picaretas, roldanas, cordas e chaves de rodas.

Mario não consegue enxergar as mãos deles, mas nota que alguns mecanismos exigem o manuseio conjunto de cinco, seis, sete homens.

A récua aproxima-se, circunda o veículo, retrocede, avança e estaciona. Da carroça que ela fez mover, emergem mais homens do que, à partida, Mario imaginou possível. Homens de várias estaturas, envergando o uniforme da CGO, falando um francês incompreensível. Talvez seja, aliás, um crioulo, salpicado com expressões da região de Bordéus, Borgonha ou Champagne, ou talvez uma amálgama dessas influências com outras de diferentes países. Mario observa-os, extático. O espectáculo de mais de vinte homens a celebrar o Progresso impulsiona-o a concluir o projecto que anunciou ontem, de viva-voz, embora veladamente, a José d'Araújo e, em diferido, por carta, ao círculo das suas relações.

O *smoking* repousa sobre a cama. Os lençóis jazem no soalho, onde se encontra o que resta do projecto de *Orpheu* 3, a «Cena do Ódio», de Almada, dispersa entre os pés do psyché de faia e a latrina, enquanto os demais textos estão esquizofrenicamente entrelaçados entre si, num simulacro de Apocalipse e de um iminente Renascimento, com os pedaços das mentes perturbadas dos seus autores.

Retira do armário o calçado sepulcral, com forro de cetim púrpura: os ilhós dos sapatos são debruados a filigrana, passando por eles atacadores, torcidos, de brocado, rematados por pompons nas cores que mais aprecia: azul, branco e vermelho. Acrescenta os coturnos nas cores da bandeira espanhola; o lenço de tafetá branco, para a lapela, a contrastar com o *smoking*; a *lavallière* branca, igual à de René, adquirida antes da Páscoa na Samaritaine; a faixa branca; calças pretas, como o *smoking*, com debrum lateral do mesmo cetim púrpura dos sapatos; por fim, o casaco com os motivos das calças.

Muito bem, o senhor Mario, sem acento no «a», é um homem de atitude!

Mario abre o *smoking* sobre o lençol nêvo, coloca por cima o casaco e, sobre este, a camisa e, finalmente, a *lavallière*; alinha, em seguida, as calças e depois os coturnos e, por último, os sapatos. Imagina-se a preencher, com os seus cem quilos, aquele conjunto e, de súbito, estremece: como entrar ali? Mandou ajustar as peças, imaginando-se um morto elegantíssimo, não almoça nem janta há cerca de três dias, subsistindo apenas com pequenos-almoços, lanches e ceias, esperando encolher o suficiente para tomar as vestes triunfais. Contudo, não percebeu o perímetro abdominal a diminuir; parece-lhe flácido, mas com a mesma área. Deveria ter rejeitado os alimentos mais cedo, talvez ter prescindido da ceia, embora deitar-se sem forrar o estômago lhe acentue a crise existencial. Terá de adiar, novamente, a morte? Não! Enfaixará o abdómen num espartilho furtado a Hélène; reforçará a silhueta com a faixa branca, sobre a camisa. Não carece de argumentos para se suicidar (o suicídio é, para si, uma questão de racionalidade). Refaz, portanto, a indumentária, retirando as peças da cama pela ordem inversa em que as colocou e acrescentando, sob o *smoking*, o espartilho.

Hoje vai sair. Não o faz há duas semanas. Ver as esplanadas, as ruas cheias de gente, os poios de cães e pombos nos passeios, os candeeiros da iluminação pública, os escaparates das lojas, os *placards* com artigos à venda, os anúncios luminosos dos estabelecimentos. O Progresso e a Modernidade.

Levará sapatos cotiados; coturnos escuros; calças puídas no cavalo, de bainhas descosidas; a camisa de colarinhos gastos, de 1914, de quando era feliz; o casaco engelhado que aguarda por si num cabide atrás da porta; luvas; chapéu! Ah, não pode esquecer o chapéu, dá-lhe um ar de bom rapaz, atinado, com ideias, assenta-lhe como uma luva.

Afasta a orquídea-bambu de marfim, no peitoril, obra de um escultor desconhecido. Em seguida, dá ao gato o coice que todos esperávamos. O felino dá um salto para a janela, esborracha-se na sarjeta, de patas abertas, como um herói.

Na rua, defronte ao hotel, o cheiro húmido da terra evoca o lago de nenúfares infecto e gelado da Quinta da Victória, em cuja água turva outrora afundava os pés, a atirar pedras às carpas. Ali, as obrigações que

tinha eram diferentes das dos Restauradores. Sufocavam-no. Mario levantava-se cedinho para a caminhada da praxe pelos carreiros de hortênsias, nos trilhos dos carros de bois, sob o zumbido dos insectos e o cheiro pungente do estrume. Era vigiado ao longe pelos caseiros. O lago, destino da sua caminhada, era o local onde o avô ensaboava o bigode espesso, à Friedrich Nietzsche. «Não podes ficar aí», repreendia-o ele. «Vais ficar todo molhado e depois tens de ir ao médico.» «Essa é boa», respondia-lhe Mario. «Que se lixe o médico.»

Os proprietários das terras vizinhas congregavam-se junto ao portão, à espera do correio. Ao vê-los, o avô, negligenciando os cuidados de higiene, segurava as calças com um nagalho desfiado junto ao umbigo, abotoava descuidadamente a camisa no pescoço, torcia a gravata e enfiava o casaco, para se juntar à conversa. E Mario, proibido de conversar com os campónios, retirava-se para a cozinha, onde o aguardavam os fritos e os doces de Angelina.

A infância é abstracção.

Entra na loja de quinquilharias onde, um mês atrás, comprou os brinquedos que ofereceu a René. O comerciante encosta a luneta às letras miúdas de um jornal, percorre-as, a coçar a braguilha. Faz anotações na margem da folha, com um aparo que leva ao nariz, à boca e ao ouvido. Uma varejeira invade o estabelecimento, colide contra a parede, restabelece energias no nariz do homem, levanta voo e assenta no jornal. É assassinada com um estampido seco.

Mario inveja-lhe o destino.

«Que estrela maravilhosa», pensa, ao ser atingido pelo brilho de um objecto prateado de cinco pontas que quase o cega. «Ficava a matar na minha lápide, por cima da placa de identificação.»

O lojista estende-lhe um cumprimento, depois de pousar a luneta num título da primeira página:

– O senhor?! Que surpresa! Há quanto tempo...

– Boa tarde.

– A carne está um balúrdio. – O comerciante puxa o fumo de um cachimbo e abre as narinas, dizendo: – E os impostos? Ontem, houve um *meeting* contra o governo, ouviu falar?

– ...

– Mas foi reprimido pela polícia. – E mostra-lhe uma fotografia de jornal onde se vê uma multidão de manifestantes com cartazes e faixas.

– Uma desgraça – diz Mario, indignado.

– Interessa-se pelos brinquedos? – O comerciante pouisa o cachimbo sobre o jornal. – Uma pechincha.

– ...

– São de boa qualidade. Feitos à mão, de madeira, pano e metal. Veja só esta estrela, como brilha. – Gira na mão a estrela de prata.

– Procuro uma estrela, para pendurar no céu – diz Mario, enigmaticamente. – Mas esta é cara. De papelão ou de fazenda já estava bem.

– Que são dois francos? – protesta o homem, sem perceber a desgraça que o cliente deixa a pairar.

– Desculpe – diz Mario, de mãos nos bolsos.

– A mulher que anda contigo – diz, inesperadamente, com um menear de cabeça em direcção à porta – é das que... – Faz um manguito com os dedos. – Estás a perceber?

Mario sente o nó da gravata a comprimir-lhe o pescoço.

– Não te iludas, é uma puta.

O Sol, que, no exterior, se afasta para debaixo das nuvens, deixa na sombra um bonito de madeira com chapéu e colar, argolas, uma girafa, um soldado e um pião.

Ao sair, Mario atira os olhos para o chão, deita os ombros para baixo. Circunda o quarteirão onde René mora, espia as lojas, os eléctricos, os *omnibuses* e os táxis. O namorado tem o génio da sensibilidade, não por ser elegante ou virtuoso. Na verdade, é menos virtuoso do que elegante – tem cabelos castanhos e olhos azuis, corpo curvilíneo, voz rouca, sedutora; sabe como o fazer rir e fazer chorar; é o seu amuleto da sorte, a sua desgraça. Em termos de honestidade, talvez se aproxime mais de uma Capitu que de uma Sultana; e, embora tenha a graça de uma Emma, não deixa de ter a leviandade de uma Lydia. No entanto, junto dele, Mario sente uma desconcertante confiança na

vida... e na morte... Essa confiança que não possui ao lado de mais ninguém. Essa confiança que o faz sentir bem, mesmo quando ele lhe faz mal e o faz sentir mal, mesmo quando ele lhe faz bem. Essa confiança que não lhe dá esperança nenhuma.

Se ao menos o visse pela última vez!

Lá vem ele dos lados do Boulevard Raspail, saltando sobre o meio-fio. Traz uma blusa eduardina de decote baixo, larga nos ombros e estreita nos pulsos.

Mario não quer ser visto. Sai em direcção a um parque com coreto, iluminado pelo querosene. Traz um *Gauloise* apagado na oreilha, pensa na infância, com a sua pirotecnia de sensações e de sentimentos – as luzes do povoado, os assados da avó Cacilda, as festas em honra de Santiago Maior, patrono das Espanhas e de Camarate, os far-dos de palha nas bordas dos caminhos, as carroças com rodilhas de roupa lavada e mulheres descalças por cima, o espelho de água, onde se ia meter com as carpas.

A chuva ensopa-lhe a sobrecasaca e as calças.

Cai-lhe na cabeça a tampa do céu.

Abriga-se num anteparo de ferro forjado onde se guardam ferramentas de jardinagem. Observa-o um gendarme, debaixo de um toldo. Trocam olhares, ambos a fugir da chuva. E jardineiros esfalfando-se nos talhões, arrancando folhas de carvalho, bolotas, bagos de avelaneira. E famílias, homens e mulheres atravessando a Ponte Alexandre III, em direcção a uma rua macadamizada.

Um deles surge das arcadas, indiferente à chuva, encaminha-se para os arbustos, junto a um renque de álamos e tílias. Está na sombra, mas ele vê-o. É um homem de ombros rectilíneos, busto trigonal, braços e mãos afastadas do corpo. Veste um casaco que cai abaixo da cintura, tem as mangas arregaçadas e um lenço ao pescoço. Aparta as folhas encharcadas das árvores com a ponta de uma bengala, como se estivesse a abrir um caminho para deixar escorrer a água.

Entre eles, há um passeio macadamizado, uma cerca de rosas. Mario sente-se conectado a este homem, só por estar, como ele, à chuva. Captou-lhe a atenção a silhueta esguia. Um dia, quis ter um

abdómen firme, capaz de segurar calças estreitas, tal como as daquele homem. A rematar um tronco de um rapaz grácil que nunca lhe pertenceu, mas que poderia ter tido seu. Se tivesse sido belo mais cedo, talvez tivesse evitado tantos infortúnios. Talvez tivesse até encontrado o homem certo para amar e, sendo amado com generosidade, tivesse evitado os desgostos. Mas amou de forma errada – um erro irreparável.

O homem esquiva-se de um landau. Encosta-se a um plátano com um cigarro aceso. Mario passa por ele com o seu *Gauloise* entre os dedos. Pede-lhe para acender o *Gauloise* no *Gitane* dele. Mario aproxima-se o suficiente para perceber um cheiro mordente a burro e a suor. O homem informa-o de que veio de Hautvillers, na região de Champagne, e que está alojado na casa de amigos. Mario analisa-o. Saltam-lhe à vista o casaco com punhos encrespados e as botinas de duraque gaspeadas. O homem tem uma voz grossa, como se tivesse bebido, e um meneio de braços como se estivesse prestes a ser agarrado. Mario nota que o homem também o observa. Falam de assuntos de cavalheiros. Mario descobre que este homem se interessa por indivíduos robustos, mais novos que ele, sobretudo estrangeiros, discretos, para encontros fugazes. Está de acordo. Não terá tempo de construir um novo amor, um amor perene, do qual pudesse falar quando um dia chegasse o momento de falar sobre si. Desabotoa as calças, abaixo do umbigo. As calças encolheram ou o abdómen dele cresceu. Ao homem, isso não importa. A Mario também já nada importa.

Os dois fodem-se à luz frouxa das casas comerciais.

O jumento mandado vir de Hautvillers está a dois passos dali.

26 de Abril de 1916

Sete e meia da manhã. Ou oito menos um quarto.

Quarto andar do Hôtel de Nice. Suíte número 402.

Os hóspedes do terceiro andar debandaram no seu *Cadillac Thirty* e agora está tudo tranquilo. Só a orquídea-bambu de marfim plantada no beiral da veneziana parece acorrentada à terra de um vaso imaginário e respirar como se fosse uma planta. Mario acaba de ingerir a dose letal. Estendido na cama que, ontem, mandou o *valet* fazer de lavado, com a coberta branca que Angelina lhe enviara esticada sobre os lençóis. A cabeça assente num coxim de seda alvo; os pés nou-tro, também alvo. As mãos vestidas com luvas de renda transparente, uma sobre a outra, um centímetro e meio acima do umbigo, sobre o *smoking*. Olhos esbugalhados, como duas cebolas. Os lábios cerrados. Daqui não sairá de novo a poesia.

E ele a desmoronar-se, as pernas unidas sob uma manta de renda fina e a expelir um borborigmo abaixo das mãos, as linhas dos beiços a supurarem já um líquido semelhante a maionese, trazendo as vísceras para fora.

Em que estará a pensar? Quem lhe virá dizer que o burro ainda não chegou ao hotel e que, quando finalmente chegar, virá exausto, necessitando de se recolher a um estábulo, de mastigar o feno que lhe for oferecido, de beber água e de sacudir as moscas diante dos olhos? Só depois, sim, se dirigirá ao número vinte e nove da Rue Victor Massé, para oferecer o dorso ao carroto com o caixão e se dirigir, pelas longas ruas de Paris, ao Père-Lachaise, um labirinto adornado por poetas mortos, mas que ele não conhece, só porque é burro. Talvez Mario não

morra já. Precisar-se-á de agonizar dois dias, dois dias apenas, no lençol de um hospital, rodeado de tubos e seringas, numa atmosfera saturada de álcool etílico. Afinal, talvez o burro chegue a tempo.

José d'Araújo está prestes a comparecer. Faltarão dez minutos. Mas Mario esqueceu o seu *Lépine* rasca na penteadeira, ao lado da correspondência e da previsão astrológica que lhe fizera Fernando Pessoa e, agora que quer ter a certeza de que horas são, não consegue ir buscá-lo. É um espectáculo singular, a morte comunicada pela conjugação dos astros, validada pela leitura de um *tarot* cigano. A vida descrita numa combinação de cartas.

Mas talvez, neste momento, Mario não pense em nada, nem em *Orpheu* nem em Fernando Pessoa. Muito menos no pai, na madrastra, no avô, na Quinta. Em René. Não porque seja incapaz de pensar. Talvez por se encontrar de olhos abertos e uma varejeira a sobrevoar-lhe a cabeça o mantenha numa agonia, como quando ele era pequeno e ia para o espelho de água amputar gafanhotos, e o repuxo, a salpicar-lhe as calças, o arrelviava e o avô o chamava, ao dar pela sua falta, e o castigava, ao vê-lo salpicado.

Nunca ninguém saberá se o último pensamento de Mario ocorreu quando engoliu o quinto frasco de estricnina ou se minutos, horas, depois, ainda vivo ou já morto. Nunca ninguém saberá se, ao manter os olhos abertos, ele realmente consegue ver a moldura de estuque a rodear a campânula do candeeiro por cima de si e este a fazer de estrela, e, se sim, se vê o céu ali mesmo, sobre a cabeça.

Batem à porta. Um toque delicado. Não é, por certo, o *valet*. Alguém toca de novo. É bom que abra do lado de fora, pois Mario, que ainda não é cadáver e vê e ouve e percebe quando o ar se desloca, não consegue sair dali. Se pudesse falar, diria até que os seus cinco sentidos estão mais apurados que nunca. Este estado de letargia pré-morte é o que mais lhe favorece o intelecto. Todos os poros do seu corpo redondo, imenso, capazes de suplantarem, em genialidade, Fernando Pessoa e os modernistas. Por momentos, deseja erguer a cabeça, quer ser espectador do drama de um ser agonizante que se oferece ao mundo. Precisa de público. Sente o estrume de equino. Mas não ouve

um relincho. É da natureza dos jumentos a doçura. Não que o tenha estudado por livros, muito menos que o tenha discutido nas tertúlias. Agora, mais próximo da morte, um pouco mais ainda, o pensamento agita-se-lhe em sentido inverso à sua imobilidade. O líquido pastoso que lhe escorre pela bissectriz dos lábios autonomiza-se do seu próprio corpo. Escorre-lhe até ao pescoço, mancha-lhe o colarinho branco.

José d'Araújo entra, acolitado pelo *valet de chambre*. Mario está deitado na cama, em traje de noite, pronto para um *dîner en ville*.

– Dói-te a cabeça?

– ... não... saias... daqui...

Araújo compreende tudo.

– Socorro!

O *valet* pragueja contra o ascensor avariado. Pressente que encontrará a patroa deitada, corre para o quarto dela. Entra, sem pedir licença. Não se desculpa pela falta de decoro e de profissionalismo. A mulher não tem sequer tempo de o advertir. Os dois retornam ao quarto piso. Confundem-se no aposento. Entram num à esquerda. Saem.

– Chamem a polícia!

Mario tem de ser levado urgentemente para o Hospital Francês.

– Dêem-lhe um copo de leite!

José d'Araújo precipita-se para a esquadra atrás de médico e de transporte. Regressa um quarto de hora depois. Vem com dois agentes.

Mario de Sá-Carneiro agoniza, todo contorcido, enclavinando as mãos, que se soltam da renda transparente.

Anuncia-se aqui o óbito.

São 8h20.

Desvia-se de um parapeito a orquídea-bambu, fecham-se as venezianas e a porta, para que não se dissemine mau cheiro. O morto fica sozinho.

José d'Araújo presta depoimento no posto de polícia. Revela que conheceu por acaso o poeta Mario de Sá-Carneiro. E o comissário: «Explique-se melhor», e ele: «Foi-me apresentado por um amigo comum no Chope Parisienne», e o comissário, acariciando o bigode: «Nome

do amigo», e ele: «Jorge Fernandes», e o comissário: «Profissão», e ele «A minha», e o comissário: «A do amigo comum», e ele: «Comerciante», e o comissário: «Nacionalidade», e ele: «Português, somos portugueses», e assim por diante.

Às onze horas, o agente interrompe o interrogatório. Finaliza apontamentos num caderno de capa azul. José d'Araújo levanta-se. O homem quer que ele o acompanhe de novo à suíte número...

– Ainda não me disse em que suíte está o seu amigo... que Deus o tenha!

– Quarto andar, número 402.

Ninguém mexe no cadáver. Mas interessam o mobiliário, o jogo de canasta, as meias de liga, as cartas astrológicas...

– Não sei para que servem, mas guarde-as.

O comissário negligencia a correspondência que está na mesa, endereçada a José Pacheco, ao pai, a Fernando Pessoa, a Carlos Ferreira e a Hélène. Mas recolhe um bilhete, escrito em francês, onde o poeta declara morrer de livre vontade.

O corpo é tomado de uma cor de pátina, as órbitas projectam-lhe os olhos para fora, braços e pernas abertos, como se estivesse a preparar-se para voar.

As diligências concluem-se pelas onze da noite.

José d'Araújo pretende passar a noite junto ao amigo, na suíte número 402, velar-lhe a alma, certificar-se de que, se respirar de novo, não se assustará com o mau cheiro, ter sobretudo a certeza de que Hélène não o procura. Não lhe será revelada a paixão que Mario teve com René, embora ele desconfie de que algo muito sério se terá passado entre eles. Só um acontecimento muito grave justifica, aos seus olhos, que Mario, de quem se tornou íntimo, mas a cujos escaninhos, no coração, nunca foi capaz de aceder, tenha cometido o atentado mais drástico que alguém comete contra si próprio – o suicídio.

O comissário não permite que pernoite ali. Aconselha-o a ir para casa ou, quando muito, a hospedar-se num quarto afastado, dois ou três pisos abaixo, de preferência, «porque isto vai começar a feder: não sei se aguenta».

– Oiça o meu conselho – repete, por fim, a fechar o caderno –, vá embora. Para quê perder tempo?

José d'Araújo é conduzido pelo braço do comissário, a pesar no seu ombro. Descem o caracol das escadas um atrás do outro. Araújo apoia-se no corrimão. As espirais traçadas no tapete quase o desequilibram. Os dois homens cruzam-se com uma criada que transporta uma salva de prata e taças de cristal reluzentes. Como são belos os cristais, com as suas formas feminis!

O comissário insiste em levar José d'Araújo a casa. Não é necessário. Estamos em Abril, quase a chegar ao Verão. O querosene, nas ruas, desperdiça luz sobre os transeuntes. As robínias bafejam-no com o seu aroma branco-pálido.

Em breve, estará a dormir. Após um banho, diz, sentir-se-á melhor.

Mas o jornalista não consegue adormecer: Mario está sozinho na morte, como esteve na vida. Terá de ser Araújo a tratar das formalidades, fazer valer a última vontade do defunto, levá-lo ao encontro de um certo Balzac, que o poeta referia amiúde, embora para o amigo tal nome não significasse nada. Anotou, aliás, num caderninho, outros nomes que lhe ouvia: Flaubert, Chopin, Molière, Bizet, Wilde, Delacroix... Porquê essa obsessão de se relacionar com estranhos? O falecido tinha um feitio bizarro: quando saíam juntos, cumprimentava os desconhecidos, só porque sim. Talvez por isso se sentisse tão atraído pelas pessoas comuns do cemitério. Quem sabe que ignomínias terão cometido? Porque não é crível que todas essas pessoas tivessem sido sempre puras, santas, sem mácula.

Araújo não o critica, amanhã levará Mario para junto dos seus insólitos amigos.

29 de Abril de 1916

O féretro é enterrado em Pantin, não no Père-Lachaise, um cemitério frequentado pela burguesia, com melhores acessos e um portão largo por onde passam os coches. É escolhido um talhão solitário, à sombra dos cedros, com vista para Paris. José d'Araújo, Xavier de Carvalho, Carlos Ferreira e Jorge Fernandes acompanham as cerimónias fúnebres. Hélène aparece vestida de negro, no momento em que o esquife desce à cova. Infelizmente, já não tem tempo de lhe ver os olhos desorbitados. Nem os lábios roxos, entre os quais foi enfiada uma gaze para conter o líquido com aspecto de maionese que continuou a supurar.

O corpo ficou esquecido durante dois dias no número 402 do Hôtel de Nice. O horrível cheiro da cadaverina e do escatol obrigou a que se tomassem medidas.

Os homens das *pompes funebres* trouxeram um caixão para um corpo mediano. No entanto, Mario tinha inchado tanto que não coube lá. Trouxeram, então, o maior da loja. Mas nem assim. Desconjuntaram o caixão e pregaram ripas de dez centímetros de largura em todo o perímetro, reforçadas por outras de dimensão maior. A cruz de Cristo ficou descentrada, na diagonal, presa por um prego em cada mão, com marcas de marteladas.

Ainda assim, o corpo foi introduzido a custo na caixa, nada garantindo que não estourasse a caminho do cemitério. Por cautela, foi aparafusado ao caixão e amarrado, dos pés à cabeça, com uma correia grossa que a patroa providenciou.

À saída, Araújo combina, para essa noite, um encontro com Xavier e Carlos no Bal Tabarin, um cabaré próximo do Hôtel de Nice onde vai decorrer uma batalha de flores, ocasião para mostrar elegância e bom gosto e participar numa competição perfumada, ao ritmo da música e da dança.

Os três chegam em simultâneo.

Araújo veste um fato de seda amarela com lapelas largas bordadas com flores em tons rosa, laranja e verde, um panamá branco com fitas variegadas e sapatos de couro verde-lima com fivelas em forma de tulipa. Carlos Ferreira, por seu turno, traça camisa de linho verde, com mangas largas e gola alta, colete de brocado, com padrões de folhas e flores, um laço de seda laranja com franjas longas e sapatos vermelhos de pontas redondas e fivelas. Xavier de Carvalho, por fim, enverga um casaco de veludo verde-esmeralda por cima de uma camisa de seda lilás com folhos no peito e nos punhos, gravata-borboleta azul-celeste, chapéu fedora de feltro rosa e botas de couro castanhas com detalhes em forma de lírio.

- É a primeira vez que cá venho.
- Recomendação de Mario.
- Deixemos que os mortos cuidem dos seus mortos.
- Folguemos!
- Mas é necessário pagar a conta do funeral.
- Não foi paga?
- Tive de contrair um empréstimo.
- Dizem que a família Sá-Carneiro está falida.
- Cuidadinho.
- Não...
- Conheço-os de ginjeira.
- E eu também, homessa!

Carlos Ferreira alisa o cabelo com a ponta dos dedos, enquanto observa, no espelho de bolso, um belo colar de pérolas de uma cocote que entorna, atrás de si, uma bebida.

À volta, nas mesas, ressoam conversas em várias línguas. Os copos de champanhe retinam uns contra os outros; as gargalhadas entrelaçam-se, por vezes, com os acordes de um piano.

– Recebi correspondência de Lourenço Marques.

– Tu? Porquê tu?

– A bruxa estará em Lisboa na segunda semana do próximo mês.

– Tenho uma reunião marcada com o presidente da Câmara do Comércio Luso-Francês para essa altura. Mas não sei se posso ir a Portugal.

– A mulher que eu engravidei na Mouraria exige-me que regresse. Já armou um grande escândalo à porta da casa dos meus pais.

– Quer queira quer não, terei de ir a Portugal, caso contrário, perco a massa do enterro. Ainda bem que decidi sepultá-lo em Pantin! O Père-Lachaise era um exagero! Insustentável! E um morto é sempre um morto. Qualquer cemitério serve.

Os três partem ao alvorecer. Dirigem-se a um *ripert* com cheiro a novo.

Um jumento tresmalhado, inútil, mija longamente contra um poste de luz.

Um pouco mais de sol – e era brasa.

Documentos consultados

A Capital, 6 de Julho de 1915 – «Antipathico Futurismo» / *AAVV – Orpheu Edição Facsimilada* / Aristide Bruant – «Nini, peau de chien». 1 partitura / Fernando Curopos – *L'Émergence de l'homosexualité dans la littérature portugaise (1875-1915)* / Jacques Offenbach, Henri Meilhac e Ludovic Halévy – *La Vie Parisienne*. 1 partitura / João Pinto de Figueiredo – *A Morte de Mário de Sá-Carneiro* / Louis Bousquet e Camille Robert – *La Madelon*. 1 partitura / Maria A. da Silva e Fernando Curopos (dir.) – *Paris, Mário de Sá-Carneiro et les Autres* / Mário de Sá-Carneiro – *Cartas de Mário de Sá Carneiro a Luis de Montalvor* / Cândida Ramos / Alfredo Guisado / José Pacheco / Mário de Sá-Carneiro – *Cartas a Maria e Outra Correspondência Inédita* / Mário de Sá-Carneiro – *Correspondência com Fernando Pessoa* / Mário de Sá-Carneiro – *Poesia* / Mário de Sá-Carneiro – *Prosa* / Várias certidões de nascimento, casamento e óbito

Referências históricas

Afonso Costa (1871-1937): presidente do Partido Democrático, primeiro-ministro de Portugal, descontinuamente, entre 1913 e 1917. / **Águeda Maria de Sousa Peres Murinello** (1869-1892): mãe de Mário de Sá-Carneiro, filha de José Leopoldo de Sousa Peres Murinello (1843-?) e de Maria José Torres Barbosa (1847-?). Prima em terceiro grau do marido. / **Albert Gleizes** (1881-1953): pintor francês, teórico, filósofo e autoproclamado fundador do Cubismo. /

Alfredo Pedro Guisado (1891-1975): poeta de ascendência galega, militante do Partido Republicano, colaborador no n.º 1 de *Orpheu*. / **Alice Bailly** (1872-1938): pintora suíça situada na vanguarda artística, conhecida pelas suas interpretações do Cubismo, Fauvismo e Futurismo, pela pintura em tecido e pela participação no movimento Dada. / **Alexis-Félix Arvers** (1806-1850): poeta e dramaturgo francês, célebre pelo seu «Sonnet», no seu tempo considerado por muitos o mais belo soneto alguma vez escrito. / **Ama** / **Ambroise Vollard** (1866-1939): negociante de arte, conhecido por apoiar artistas até então desconhecidos, como Paul Cézanne, Pierre-Auguste Renoir e Pablo Picasso. / **António Ferro** (1895-1956): escritor, jornalista e diplomata português, companheiro de escola de Mário de Sá-Carneiro. Editor da revista *Orpheu*. / **Aristide Briand** (1862-1932): destacado estadista francês, tendo servido onze mandatos como primeiro-ministro de França durante a Terceira República. / **Cacilda Vitorina de Araújo Peres** (1849-1899): avó paterna de Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). / **Carlos Augusto de Sá-Carneiro** (1871-1952): pai de Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), filho de José Paulino de Sá-Carneiro (1849-?) e de Cacilda Vitorina de Araújo Peres (1849-1899). Oficial do corpo de engenharia, com a patente de coronel. Primo em terceiro grau da mulher. / **Carlos Alberto Ferreira**: amigo de Mário de Sá-Carneiro em Paris. Agente comercial na Bélgica e mais tarde cônsul em Nice. Em 1915-1916, morava na Rue Pigalle, em Paris. Publicou, em 1915, uma obra sobre a invasão alemã intitulada *Os Allemaes na Bélgica* (Guimarães Editores). / **Carlos Franco**: pintor e cenógrafo, tendo trabalhado na Opéra Garnier como assistente de Alice Bailly. Também amigo de Pacheco e de Pessoa. Alistou-se como voluntário no início da guerra. Morreu em combate pouco tempo depois do suicídio de Mário de Sá-Carneiro. / **Edgar Degas** (1834-1917): um dos fundadores do Impressionismo, embora ele próprio rejeitasse o termo «impressionista» e preferisse o termo «realista». As suas obras retratam sobretudo o mundo do bailado clássico e o das corridas de cavalos. / **Édouard Mathé** (1886-1934): actor de cinema mudo francês, tendo protagonizado mais de cinquenta filmes entre

1914 e 1924. Apareceu em séries dirigidas por Louis Feuillade, como *Les Vampires* (1915) e *Judex* (1916). / **Erik Satie** (1866-1925): compositor e pianista francês, precursor de movimentos artísticos como o Minimalismo, a Música Repetitiva e o Teatro do Absurdo. / **Félix Del Marle** (1889-1952): pintor, conhecido por ser uma figura notável do Futurismo francês e do Neoplasticismo. Publicou, em 1913, o «Manifeste futuriste à Montmartre», proclamando a destruição de Montmartre. / **Fernando Pessoa** (1888-1935): figura central, ao lado de Mário de Sá-Carneiro, do Modernismo português. / **Francis X. Bushman** (1883-1966): actor e realizador americano, uma das maiores estrelas de cinema mudo das décadas de 10 e 20 do século xx. Conhecido pelo seu porte escultural, o que o contribuiu para que se destacasse na indústria cinematográfica. / **Guillaume Apollinaire** (1880-1918): poeta, dramaturgo, romancista e crítico de arte. Cunhou os termos «Cubismo», em 1911, «Orfismo», em 1912, e «Surrealismo», em 1917. / **Hélène (René) / Henri de Toulouse-Lautrec** (1864-1901): pintor e litógrafo francês pós-impressionista, conhecido pelas suas obras, que retratam a vida boémia do final do século xix, especialmente em redor do cabaré Moulin Rouge, de que era cliente habitual. / **Jane Avril** (1868-1943): dançarina de canção francesa, famosa pelos cartazes de Toulouse-Lautrec, figura icónica da Belle Époque. / **Jorge Fernandes / José Baptista d'Araújo / José de Almada Negreiros** (1893-1970): artista multidisciplinar português, dedicado essencialmente às artes plásticas e à escrita. Participou em *Orpheu*, tendo o seu papel sido determinante para que a revista não se restringisse à área das Letras. / **José Leopoldo de Sousa Peres Murinello** (1843-?): avô materno de Mário de Sá-Carneiro. / **José Pacheco** (1885-1934): arquitecto, artista gráfico, cenógrafo e pintor. Residiu em Paris entre 1911 e 1913 e, de novo, em 1914, em casa de Amadeo de Souza-Cardoso. Em 1915, desenhou a capa do primeiro número de *Orpheu*. / **José Paulino de Sá-Carneiro** (1849-?): avô paterno de Mário de Sá-Carneiro, filho de José Paulino de Sá-Carneiro (1808-1891) e de Mariana Augusta (1812-?). Inspector das Alfândegas de Lisboa. / **La Goulue**, nome artístico de Louise Weber (1866-1929), também

conhecida como «Rainha de Montmartre»: dançarina de canção, tendo sido retratada em obras de Toulouse-Lautrec. / **Luís da Silva Ramos** (1892-1947), conhecido como Luís de Montalvor. Poeta, ensaísta e crítico, director da revista *Orpheu*, para cujo primeiro número escreveu a «Introdução». / **Maria Cardoso (Mimi)** / **Maria José Torres Barbosa** (1847-?): avó materna de Mario de Sá-Carneiro. / **Mathilde de Morny** (1863-1944): também conhecida como «Missy», «Yssim», «Oncle Max» ou «Monsieur le Marquis». Aristocrata e artista plástica francesa. Desafiou as convenções de género da época, usando roupas masculinas. Manteve relações com várias mulheres em Paris, incluindo Liane de Pougy (1869-1950) e Colette (1873-1954). / **Mistinguett** (1873-1956): actriz e cantora francesa, foi, na sua época, a artista feminina mais bem paga do mundo, aparecendo em espectáculos no Folies Bergère, no Moulin Rouge e no Eldorado. / **Pablo Picasso** (1881-1973): pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo, conhecido como co-fundador do Cubismo, ao lado de Georges Braque (1882-1963). / **Paul Gavault** (1866-1951) e **Robert Charvay** (1858-1925): dramaturgos franceses. A sua colaboração mais notável foi «Mademoiselle Josette, My Woman» (1906), peça adaptada mais tarde para o cinema. / **Paul Poiret** (1879-1944): um dos principais costureiros franceses do início do século xx, tendo fundado a sua própria «Maison» em 1903. Rejeitou espartilhos, criou vestidos de cortes soltos. / **Raymond Poincaré** (1860-1934): presidente de França entre 1913 e 1920. / **Regina**: afilhada e herdeira de Mimi, a residir na casa desta, na Rua da Glória e, mais tarde, nos Restauradores. Por morte de Carlos Augusto de Sá-Carneiro, em 1952, é Regina quem herda a Quinta da Victoria, em Camarate. / **Robert** (1885-1941) e **Sonia Delaunay** (1885-1979): artistas co-fundadores do Orfismo, conhecido pelo uso de cores e de formas geométricas. Para fugirem à guerra, fixaram-se em Vila do Conde, entre 1915 e 1916. / **Rogério Garcia Pérez**: estudante no Liceu do Carmo (ou Passos Manuel), perto dos Restauradores, que, por volta de 1905, integrou, com Mário de Sá-Carneiro, um grupo cultural que desenvolveu várias actividades culturais, nomeadamente no âmbito do teatro. / **Santa-Rita Pintor**

(1889-1918): figura mítica da primeira geração de pintores modernistas portugueses. Um dos mais activos impulsionadores do Movimento Futurista em Portugal. Publicou um conjunto de impressões rudimentares, a preto e branco, no primeiro número de *Orpheu*. / **Tomás Cabreira Júnior** (1891-1911): escritor, colega de Mário de Sá-Carneiro, nos liceus do Carmo e Camões, onde ambos estudaram. Suicidou-se na escadaria do Liceu Camões em 1911 com um tiro de revólver no céu-da-boca. / **Xavier de Carvalho** / **Yakov Protazonov** (1881-1945): director e argumentista de cinema russo e um dos fundadores do cinema da Rússia. Dirigiu e escreveu inúmeros filmes, com destaque para *The Song of the Prophet Oleg* (1911), *Departure of a Grand Old Man* (1912) e *The Queen of Spades* (1916). / **Yvette Guilbert** (1865-1944): cantora de cabaré e actriz francesa da Belle Époque. Favoreceu as canções de «Patter», semelhantes a monólogos, sendo muitas vezes anunciada como «une diseuse» ou «uma contadora». Cantava temas como o amor perdido e a pobreza.

Citações de Mário de Sá-Carneiro

«Um pouco mais de sol – e fora brasa» (p. 15) / «ministro lepidóptero» (p. 24) / «insistência malcriada» (p. 28) / «Quem me dera, meu amor, essa boca pequenina» (p. 27) / «Pobre lisonja, a gaze que me encerra» (p. 39) / «Amo-te, oh! formosa, oh! divinal mulher, oh! sol, oh! Fada, oh! Estrela, oh! Estrela minha!» (p. 44) / «Ai, como eu te queria toda de violetas e flébil de cetim» (p. 58) / «Paris está uma coisa ideal. Paris da guerra! Que hora grandiosa!» (p. 59) / «carta de negócios» (p. 60) / «Listas de som avançam para mim a fustigar-me» (p. 63) / «Um vago tom de opala» (p. 72) / «Vende o seu corpo por não ter outra coisa que venda... coitadita!... É infinitamente desgraçada!» (p. 87) / «A rosa para ser rosa deve ser muito cheirosa» (p. 97) / «Se eu tivera uma madeixa do teu cabelo sedoso» (p. 110) / «Se pra me queres é forçoso?» (p. 120) / «Nada me expira já, nada me vive» (p. 130) / «Minha presença de cetim / Toda bordada a cor-de-rosa» (p. 135) / «Aonde irei

neste sem-fim perdido, / neste mar oco de certezas mortas?» (p. 158) / «Custa-me muito a escrever-lhe esta carta dolorosa – dolorosa para mim e para você» (p. 158) / «As grandes Horas! – Vive-las, a preço mesmo dum crime!» (p. 166) / «Meu alvoroço de oiro e lua / Tinha por fim que transbordar... / Caiu-me a Alma ao meio da rua, / E não a posso ir apanhar!» (p. 177) / «Um frenesi hialino arrepiou para sempre a minha carne e a minha vida» (p. 183) / «Quando eu morrer batam em latas» (p. 193) / «É no ar que tudo ondeia, é lá que tudo existe!» (p. 207) / «De repente, a minha vida sumiu-se pela valeta» (p. 215) / «Quando eu morrer batam em latas» (p. 221) / «A um morto nada se recusa» (p. 224) /

Um Pouco Mais de Sol é uma obra de ficção literária livremente inspirada

em fatos verídicos.

